APÊNDICE A[1]

Entrevistas dos profissionais que trabalham com população de rua

PEREIRA, Maria Lucia Santos. [21 jun. 2013]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora[2].

Conte para mim como você foi parar em situação de rua.

Meus pais faleceram quando eu tinha dois anos e dois anos e meio. Primeiro faleceu meu pai, depois faleceu minha mãe. Minha avó não quis, nem sentiu desejo de ficar com os cinco irmãos e distribuiu a gente. Dois foram pra São Paulo, um pra Amargosa, uma irmã minha foi trabalhar em Salvador como empregada doméstica e eu fiquei na casa de vizinhos. Quando minha irmã foi lá me visitar, eu tava péssima. Quase já pra morrer, literalmente, porque não tava sendo cuidada porque era um local muito pobre, o pessoal não tinha nem pra si, imagine pra mais uma boca. Quando minha irmã voltou pra Salvador, duas senhoras, que eram descendentes de italianos, mandaram me pegar e me buscar. Eu brinco dizendo que da minha idade de três anos e da minha idade de quinze, eu tive uma vida de Cinderela. Estudei nos melhores colégios. Eu não tinha brinquedos de presente de Natal, eu tinha livros. Eu adoro, sou fascinada por ler, tem dois livros agora na minha bolsa, por isso eu consigo falar com tanta desenvoltura, eu gosto muito de ler. Mas, com quinze anos essas senhoras faleceram. Minha irmã já estava casada, mas com um marido que não errava um soco no olho dela todo final de semana. Por conta disso, eu fui pro Juizado de Menores, com 15 anos. E no Juizado de Menores, aquelas pessoas que eram pagas para cuidar de mim, não cuidaram. Tanto que no primeiro dia, eu cheguei lá, eu tive que entrar numa briga muito grande com outra mulher que tinha lá dentro porque eu fui pra esse local e eu nem sabia que existia homossexualismo feminino. Lá, eu descobri que tinha e eu tive que brigar e brigar muito. E eu fui pra contenção, dormi uma noite toda de calcinha e sutiã porque eu tinha brigado com essa mulher, eu tinha feito baderna, e as monitoras, que eram pessoas pagas pra cuidar de mim, só se meteram quando eu quebrei a cabeça da dita cuja com a cadeira. Por conta disso, eu fui dormir na contenção. Eu fiquei um ano esperando minha irmã ir me buscar. Todo domingo eu me arrumava bem direitinho pensando que ela vinha me visitar e eu levei um ano

[1] As marcas da oralidade dos entrevistados foram mantidas. Explicações extras foram adicionadas em notas de rodapé ou entre parênteses.

[2] A entrevista com Maria Lúcia se difere das demais por ter sido feita antes da elaboração do roteiro da pesquisa de campo.

pra descobrir que ela não viria porque o meu cunhado não deixava, não permitia. E aí eu conheci as ruas.

Qual foi a motivação para você ter se tornado coordenadora do Movimento Nacional da População em Situação de Rua?

O que me motivou nas ruas foi o ódio que eu sentia, um ódio muito grande, de tudo e de todos. O ódio e fez sobreviver nas ruas. Em contrapartida, naquele exato momento, na minha cabeça a minha família não me queria, Deus tinha tirado o meu pai, a minha mãe, ninguém me ama, ninguém me quer, aquela situação toda, eu conheci o outro lado da rua. Eu, carne fresca na rua, novinha, bonitinha, ajeitadinha, os gaviões tudo querendo pegar. A galera da rua me protegeu de uma tal forma, me acolheu de um jeito, me transformou na mulher que eu sou hoje em dia. Eu nunca fui violentada nas ruas. Nunca. Eu dormia nas ruas com vários moradores de rua, sempre fui extremamente respeitada, não me pergunte por quê, que eu não sei lhe dizer. Eles me ensinaram a cozinhar, eles me ensinaram a me defender, eles me ensinaram que eu podia transformar esse ódio muito grande que eu tinha dentro de mim em alguma coisa melhor, eles me preparam para que eu pudesse viver nas ruas. E eu nunca recebi tanto carinho. Pra você ter uma ideia, quando eu comecei a usar o crack - e não foi com um morador de rua porque a grande parte dos moradores de rua não usa crack, são pessoas que fazem uso de crack e estão indo para as ruas, é diferente – a turma quase me mata. “Mas você é louca, como é que você está usando crack, que num sei o quê”. E eu tinha que fumar escondido, senão o pessoal caía em cima de mim e com força.

E sobre o que a levou a coordenar o MNPR?

A proteção e a gratidão, porque se eles não tivessem me protegido, eu teria morrido ou eu teria entrado na vida de prostituição ou ter começado a roubar. Sei lá o que eu poderia ter feito. Mas eu tive que aprender a lavar carro, eu tive que aprender a vender cafezinho, eu tive que lavar a roupa deles pra ganhar dinheiro. Então, eles me mostraram um outro jeito de ganhar dinheiro que não fosse roubando nem fazendo o uso do meu corpo. É esse lado que vocês não conhecem da população de rua. E aí, um certo dia chegou lá na Ponta Nova, onde a gente dormia, o “Grande”, o nome dele é Antônio Carlos, mas a gente chamava ele de “Grande”. “Gente, o supermercado fez um mutirão e botaram um bocado de coisa fora, o lixo tá bom pra caramba”. E a gente subiu. A gente catava muito lixo e bozó (despacho, oferendas para os orixás). Bozó de hoje em dia que não presta mais. Ah, era muito bom de antigamente, tinha dinheiro, tinha bebida, a gente

bagunçava. Hoje em dia ainda querem que os santos façam trabalho por uma coisa tão merreca. A galinha virou caldo Knorr! Tá horrível! Antigamente era champagne, rosas, dinheiro, a gente fazia a farra, levantava de madrugada pra catar bozó. Mas, tá bom. E a outra coisa que a gente fazia era ir no lixão pra pegar mantimentos. E a gente subiu num mutirão e aquele dia o lixo realmente tava bom. Tinha fruta, tinha Danone, tinha iogurte, tinha comida pra dedéu.

Pra você ter uma ideia, a gente sabia, depois que a gente pegou tudo, que a gente ia ter alimentação pra uma semana tranquilamente, tinha muita coisa. Com esse tanto de verdura, os meninos foram atrás de conseguir uma carne pra gente poder fazer um cozido, um sobe e desce. Foram lá e nós começamos. Um vai correr atrás de água, o outro vai fazer a fogueira. Como eles já tinham me ensinado a cozinhar, eu fui cozinhar. Eu sei que esse dia foi dia de farra, literalmente. Pensa um Natal, foi esse dia pra gente. A gente comeu, logo apareceu dinheiro pra comprar cachaça, a gente bebeu, caiu matando. Quando a gente dorme, de madrugada, duas horas da manhã, mais ou menos, chega o caminhão do arrastão. E aí eles acordaram a gente a base de tapa, cassetete, pegaram toda a nossa comida e jogaram fora, a gente tinha deixado uma boa quantidade de comida feita pro café da manhã e eles jogaram fora, eles chutaram. Eles fizeram uma fogueira com os nossos abacaxis, com as nossas frutas. Aquilo me deu um ódio tão grande. Eu não entendia, eles falavam muito de arrastão, mas eu nunca tinha visto. E aí eles pegaram a gente, botaram a gente dentro da Kombi e levaram a gente quase saindo da cidade de Salvador. A gente teve que voltar andando. A alegria foi que a gente se bateu com um bozó com nove garrafas de “caninha” e a gente veio torando essa “caninha” o caminho todo. Mas, aquilo me irritou. Então, eu descobri que, uns dias depois, ia ter um encontro promovido pelo Conselho de Psicologia para discutir população de rua. Isso foi em 1996. Eu fui pra lá. Chegando lá, tava tudo muito bom, tudo muito bonito, mas eu queria compreender aquilo que tinha acontecido há alguns dias atrás. Tinha lá uma defensoria pública, uma juíza e eu perguntei a ela se aquilo tava certo. E aí, começaram a perceber que eu falava de uma forma diferente e que eu tinha uma intimidade com a galera da rua porque não sei se você percebe, mas a gente tem guetos na rua. Tem os grupinhos da rua e eu conseguia ir em todos os grupos. Eu tinha meu grupo de origem, mas eu conseguia brincar e passear também com os outros grupos. A galera me conhecia. Então, eles começaram a estar me mobilizando para conversar com o pessoal. Aí eu comecei a escutar mais, compreender mais o que é que tinha, o que a gente podia estar fazendo e fiquei sendo um pouco a porta-voz da turma. Mas aí o governo chegou, conseguiu mobilizar uma turma, a gente

conseguiu invadir uns prédios lá em Salvador, mas aí o pessoal foi, começou a oferecer passagem pra muita gente, desestruturou tudo. Nesse meio tempo eu também bebia, tava começando a fazer o uso de drogas, e aí eu percebi que se eu quisesse realmente cuidar deles, entre aspas, eu precisava primeiro cuidar de mim. Primeiro, eu precisava passar pelo processo de recuperação. Uma coisa que eu sempre soube: eu queria estar com a galera da rua. Nesse meio tempo, eu também tinha um cara, que eu não sei o que ele tinha visto em mim, o nome dele é Marcos, e ele achou que ia me curar da minha lombra. Daí ele me "sequestrou", me botou dentro de uma chácara e eu passei 15 dias tomando água de coco e leite, leite, água de coco. Já não aguentava mais tanta água de coco e leite. Fugi. O que eu não bebi em 15 dias, eu bebi em um. Tomei todas. Eu fazia três marés por dia. Acordava pra beber e bebia pra dormir, literalmente. E aí ele me encontrou. Imagine a cena. Um morador de rua de um lado, outro de outro e eu caída lá no meio. Ele arriou pra mim, me acordou e falou assim: "eu desisto, você não serve pra nada". Isso foi em 2000. Eu, ainda meio lombrada, tinha bebido até umas três horas da manhã, levantei, liguei pra Carlita, uma amiga minha psicóloga que até hoje acompanha a gente, e disse a ela: "me arranje um centro de recuperação que eu to indo". Acho que ela quase teve um infarto. Assim, tem 12 anos. E aí eu sabia que eu tinha que me preparar pra voltar. Então, o que me motiva é a gratidão, gratidão por aqueles que me acolheram, por aqueles que me transformaram no que eu sou hoje em dia, que acreditaram em mim, que foram meus pais, minhas mães e meus irmãos. Eu sei que muitos faleceram, mas eu tenho muita alegria porque eu sei que muitos hoje estão trabalhando, estão dentro de sua casa e tudo. Então, cada morador em situação de rua, que chega na sede do Movimento, que, de uma forma ou de outra, a gente consegue tá ajudando eles, é um daqueles que lá atrás fez com que eu fosse hoje o que eu sou.

Planos para o futuro?

Eu tenho um sonho, meio louco. Numa certa feita, eu vi Lúcia Lopes[3] fazendo uma apresentação de um modo de vida bem diferenciado. Uma intersetorialidade muito grande. E eu fiquei louca para conhecer. Infelizmente, quando eu cheguei lá, o governo tinha cortado. Mas eu acredito nisso muito e é mais ou menos assim: o primeiro passo para tirar um morador da situação de rua é dar a ele o desejo de recomeçar. E não é no meu tempo, não, é no tempo dele. Às vezes, a gente quer ser tão bom, tão maravilhoso que a gente quer que o outro mude, quer apressar os passos. E aí a gente tem que se lembrar da crisálida, da borboleta. Se a gente ver a borboleta se esforçando

[3] Professora doutora Maria Lúcia Lopes da Silva, docente da Universidade de Brasília (Unb).

pra sair e a gente tenta ajudar e cortar o casulo para que ela possa nascer mais rápido, ela morre porque ela ainda não está preparada. O processo dela de sair do casulo está fortalecendo as suas asas para que ela possa alçar o voo. Se a gente vai ajudar, ela fica aleijada e ela morre. Então, profissionais que trabalham com a população em situação de rua têm que trabalhar muito a questão da frustração. O que nós precisamos fazer é deixar a porta aberta pra que quando ele quiser voltar, ele encontrar a porta aberta pra poder voltar. Simples. E se Deus me permitir, a gente vai conseguir lá em Salvador, primeiro ter um local de um Centro Pop. O povo acha que Centro Pop é um local pro povo ficar jogando totó e fazendo artesanato. Gente, não é. Quando nós pedimos ao MDS um centro pop não era pra isso, não. Vai jogar totó longe. O processo não é esse. O processo do centro pop é ver a situação. O morador de rua chega pra procurar a gente de duas formas: ou ele chega de cabeça baixa porque ele não olha pra você por se sentir o último dos últimos ou ele chega na arrogância. Todas as duas atitudes é defesa. Não tem que sentir medo daquele que chega com arrogância, nem sentir pena daquele que chega com a cabeça baixa. O centro pop precisa ver o que o morador precisa. “Você vai tomar um banho”. Não é assim, primeiro pergunte se ele quer tomar banho. Eu tenho que aceitar ele do jeito como ele é. Simples. Tem que perguntar o que ele deseja, não é o que eu quero e o que eu tenho que oferecer a ele. Mas também tem que falar a verdade, morador de rua não tem essa de não poder ouvir não, não. Se ele tiver de rango, prepara a comida, dá a comida a ele, pronto, conquistou o primeiro passo. E aí a assistente social ou a psicóloga vai detectar qual é aquele desejo que tá interno. É bebida? Ele vai ser encaminhado para um CAPS AD ou para um centro comunitário ou para os narcóticos anônimos. Mas só isso não basta. A assistente social do centro pop precisa se comunicar com o CAPS AD para ficar acompanhando. O centro pop é o apoio do morador de rua. Qual o segundo passo? O Centro pop precisa ter articulação com capacitação profissional porque mente vazia não pode ficar. Mas só capacitação não adianta. O Centro Pop precisa encontrar um lugar para esse morador dormir de noite, um albergue ou uma república. Depois precisa dialogar com os empresários para conseguir emprego. E depois ajudar a essa pessoa conseguir uma moradia fixa, acompanhar, cuidar do dinheiro.

Qual a diferença entre ser homem e ser mulher em situação de rua?

Toda. Toda diferença porque a mulher é um sexo mais frágil. E ela precisa, muitas vezes, estar do lado e algum companheiro, até sem querer, pra poder evitar violências. Parece que as instituições não conseguem perceber a diferença das mulheres. Por exemplo, com coisas muito

simples: medicamento para cólica, absorvente, um pré-natal, uma alimentação mais digna pra elas, a própria violência que existe nas ruas por parte de algumas pessoas que nem estejam em situação de rua. Então, o homem quando sai de dentro de casa, ele não leva nada. Mas a mulher quando sai de dentro de casa, ela leva toda a sua história, toda a sua família, a sensação de que não deu certo, de que não cuidou da sua família, então ela se destrói muito mais internamente. E o processo de reconstrução interna das mulheres é muito mais difícil que o dos homens porque tem toda a carga feminina. A mulher é muito mais sensível e aí ela se destrói muito mais rapidamente. É muito mais difícil o processo de reconstrução dela porque ela leva toda a sua casa para a rua. E o homem, não, o homem nem olha pra trás. Então a mulher se culpa demais. Porque uma mulher quando está em situação de rua, pra ela o filho que ela não cuidou, a culpa é dela. Se a criança morreu, a culpa é dela, por conta da sensibilidade da mulher mesmo. E a mulher nunca é mulher, apenas. Ela é mãe, ela é amiga, ela é cientista, ela é provedora, menos mulher.

No grupo, é a mulher que faz a comida sempre?

É. Que lava, que cuida, que zela do espaço. A rua é muito machista. A rua é machista demais.

E qual a opinião de vocês - e eu digo vocês no sentido de você representar as mulheres em situação de rua - sobre a imprensa brasileira?

Posso falar mesmo?

Pode.

A imprensa é uma desgraça! A nossa mídia é muito vendida. Ela não apresenta o que realmente é fato, o que tá acontecendo. Ela diz que a população de rua é isso, é aquilo, é aquilo outro. Que é um bocado de marginal. Outro dia mesmo eu fiquei p. da vida. Com toda essa manifestação que está acontecendo, e eu to adorando que isso esteja acontecendo, mas infelizmente existem alguns desordeiros no meio disso, e aí o que o desgraçado do repórter tava dizendo? “Os moradores de rua arrombaram as lojas”. Qual é a prova que ele tinha que foi um morador de rua que arrombou a loja? De que tava fazendo os saques nas lojas? Sabe, eu fico muito puta da vida com isso porque isso me irrita muito porque eles não procuram ouvir os dois lados da história. Eles só olham um lado. E a sociedade termina sendo manipulada pela mídia. A mídia é manipulada e manipula e a sociedade vai na onda. Então se a mídia diz que na população de rua tudo não presta e merece morrer, a sociedade toda vai dizer isso também. E quem é que compra a mídia? São os ricos empresários, que não querem ver a pobreza nas ruas. Então isso me preocupa, isso me irrita.

Como você acha que isso poderia ser melhorado?

Escutar o outro lado. Toda história tem dois lados da moeda. A mídia deveria, no mínimo, ser imparcial. A mídia não pode ter um lado só, ela tem que ter dois lados, ela tem que ser imparcial. Ela tem que escutar tanto a sociedade hipócrita com que nós vivemos, como tem que ouvir também a população em situação de rua, é simples. A mídia sendo imparcial, já vai nos ajudar e muito.

Eu sei que você acompanha tudo o que sai nos meios de comunicação sobre população em situação de rua. E o que você percebe quando o assunto é "mulheres em situação de rua"?

Nada. Você já viu alguma vez falando sobre mulher em situação de rua? Em geral, não sai nada. Na verdade, há alguns dias atrás, eu estive numa conversa com a Comissão de Mulheres dentro do Conselho Nacional da Saúde. E a própria Comissão não percebia as mulheres em situação de rua. A turma do LGBT não conseguia perceber que existe LGBT nas ruas. As pessoas com deficiência não conseguiam perceber que existiam mulheres com deficiência nas ruas. As mulheres negras nem por um momento perceberam que existem mulheres negras nas ruas. Então, já começa de uma invisibilidade daí. A própria sociedade esquece as mulheres que estão em situação de rua. As próprias instituições desconhecem que existem as mulheres em situação de rua.

E como as mulheres em situação de rua se informam das notícias do dia?

Algumas assistem à televisão, leem muito, procuram estar antenadas. A gente lá no Movimento procura deixá-las informadas, avisa elas da necessidade de ler jornal, de acompanhar. Eu me lembro muito do horário político mesmo, a gente sempre desliga a televisão e a gente fez uma campanha lá no Movimento para que o horário político fosse ouvido. Era chato? Era. Mas a gente precisava estar antenada pra saber o que estava acontecendo no horário político. Lá na sede do movimento, você vai perguntar em que vereador votou, a galera toda sabe em quem votou. Pena que o que a gente votou, não ganhou, mas elas se lembram por conta dessa conscientização. Eu acho que as próprias instituições terminam não despertando isso.

As instituições tratam as mulheres da mesma forma como tratam os homens?

Sim. Da mesma forma, mas de uma forma diferente. Tipo: não encoste, se você tá usando determinada roupa é porque você tá querendo ser violentada. São essas pequenas coisas que vão acontecendo que vão martirizando. Mas a verdade é que a grande parte das mulheres que estão em situação de rua não deseja ver o que tá acontecendo no mundo porque ela já traz uma carga

de sofrimento interno muito grande. Então se elas não estão conseguindo labutar com esse sofrimento interno que elas têm, elas não conseguem ver o sofrimento que tem do outro lado. Por isso que se faz necessário que as entidades, o próprio movimento, as próprias assistentes sociais, as próprias pessoas comece a trabalhar nelas a ter esse olhar pra fora porque isso vai ajudar elas internamente porque faz com que elas não focalizem tanto no sentimento que elas têm dentro delas.

Você acha que deveriam existir políticas públicas específicas para mulheres em situação de rua?

Lógico. Por exemplo, eu estive num local e me disseram: “tem a Rede Cegonha”. Ah, tem, mas as mulheres conseguem acessar os postos de saúde pra fazer um pré-natal? Sem documento não consegue. A própria prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. As pessoas imaginam que isso é apenas dar preservativo. E elas se admiram porque as mulheres em situação de rua têm relação sexual. A relação pras mulheres em situação de rua é a única coisa que elas têm. Precisa de ter políticas públicas diferenciadas porque as mulheres precisam justamente fazer exames de Papanicolau, de prevenção, câncer de mama. Então, precisa, sim, dentro da própria política, de ter um olhar melhor direcionado para essas mulheres.

Como coordenadora do Movimento, o que você gostaria de ver numa tese de doutorado em Comunicação sobre mulheres em situação de rua?

Eu acho que é isso de mostrar o outro lado da moeda. A invisibilidade das mulheres. Além disso, a população de rua não é contada dentro do IBGE. A partir do momento que você não é contado dentro do IBGE, você não é reconhecido como uma pessoa que existe. E aí você não tem políticas públicas voltadas pra esse segmento. Nesse ponto, eu trabalharia na tese, se possível, a invisibilidade que acontece por conta dessa inexistência dentro do IBGE. E aí eu acho que o jornalismo poderia estar ajudando muito. Porque a partir do momento que pudesse, dentro do jornalismo, estar trabalhando como é uma pessoa existir, mas não ser contada dentro do IBGE. Como é essa pessoa? Por que essa pessoa não tem registro, não tem rubrica, as rubricas que nós temos orçamentárias são migalhas se comparadas ao que a gente tanto necessita, eu acho que isso daria uma tese muito interessante de trabalhar essa invisibilidade. Só o jornalismo mesmo poderia estar aprofundando porque seria um trabalho de muitas pesquisas. Teve uma fala uma vez dentro de um congresso que essa fala tá gravada dentro de mim até hoje. Uma mulher chegou e disse assim: “Ministra, veja se isso tá certo. A gente nasce, passa por tantas instituições

de assistência social, por tantos locais, centro pop, CRAS, e no final da nossa vida, a gente é enterrado como indigente. Onde é que ficou esses nomes, onde é que ficaram esses prontuários, só porque você não é contado pelo IBGE no final da sua vida, você tem o carimbo de indigente". Eu gostaria de ver uma pesquisa dessa.

MOURA, Rodrigo Acioli. [10 dez.2013]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora. 1h11min.

Rodrigo, você vai autorizar eu utilizar seu nome real ou você prefere um fictício para a pesquisa?

Pode ser o real.

A sua idade?

32

Profissão?

Psicólogo.

Você nasceu aqui no Rio de Janeiro mesmo?

Isso.

Você trabalha com a população de rua há quanto tempo e como você trabalha com a população de rua?

Começou com estágio, em 2005, no Ambulatório da Providência. É um ambulatório voltado para grupos de risco, então a gente atendia ali em São Cristóvão próximo à Vila Mimosa, que é a zona de prostituição né, conhecida aqui no Rio, também na Quinta da Boa Vista, que também é uma área que tinha bastante prostituição, travestis. E a gente estava em um ponto estratégico porque atendia esse grupo de risco, pessoas que tinham... Eram próximas a essas áreas das práticas. O foco principal era a gente atender HIV positivo, né? Mas só por estarem em situação de risco a gente atendia moradores de rua, pacientes soropositivo e pessoas que viviam nesse contexto. Não necessariamente soropositivo, mas que estavam próximas, então... Eu fiquei lá estagiando, depois de um período eu me formei e continuei lá como voluntário. Muito legal o trabalho de lá porque a gente trabalhava com as meninas da comunidade, tinha grupo de terapia para as meninas de rua e eu trabalhava com os meninos que estavam internados em abrigo e o pessoal que era população em situação de rua, enfim toda essa população de risco e vulnerabilidade. Então, por ordem cronológica, primeiro atendia essa população, atendimento clínico, como

estágio. Depois eu me formei e continuei atendendo lá como voluntário. Depois de um tempo que assumi o departamento, eu virei psicólogo responsável lá, responsável técnico do ambulatório e aí onde eu parei de atender, fazer psicoterapia e passei a fazer a parte do acolhimento da porta de entrada. Eu que recebia as pessoas, fazia a primeira entrevista e encaminhava para os psicólogos que atendiam lá. Depois eu saí de lá e fiquei um tempo sem atender, sem ter contato com população de rua.

Em 201, eu retornei para fazer um trabalho voluntário, um trabalho social no centro e de distribuição de quentinhas à noite.

Esse trabalho é ligado a alguma instituição?

Uma instituição espírita, né?. É uma instituição religiosa, mas ligada a uma casa espírita. Trata-se da Casa Espírita Cristã, a casa fica na Rocinha e o núcleo é o Francisco de Assis. O trabalho em si não é um trabalho religioso, assim... Não é de catequizar né, é basicamente distribuição, compartilhar alimentos e conversa. É conversar, é alimentar o corpo e alimentar a alma, mas o trabalho diretamente com a população de rua começou ai em 2011. Me lembro que foi na época do Rock in Rio, do outro Rock in Rio, então foi em 2011 que a gente começou a trabalhar.

Vocês que fazem a comida?

Exatamente. É um grupo... Nessa casa é vinculada ao centro, mas não fica no centro, fica em outro bairro, em uma casa onde as pessoas alugaram essa casa, tem três grupos trabalhando nessa casa, um de segunda um de quarta e um de quinta, o meu é o de quinta. Esse grupo tem, em média, mais ou menos 30 pessoas, 30 e poucas pessoas, onde todo mundo contribui de uma forma, desde gente que não pode contribuir com nada, gente que simplesmente contribui com o trabalho, tem gente que dá um valor X por mês, tem um pessoal que distribui à noite a comida e tem um pessoal que vai à tarde preparar a comida. Então junta todo mundo ai... os 30 e poucos são os que distribuem. E as pessoas que ficam na casa cozinhando são mais o menos de 5 a 10 pessoas que cozinham e ai todo mundo contribui de uma maneira, então tem gente que dá comida, tem gente que dá dinheiro, pessoal divide o dinheiro para pagar faxineira, sabe? É tudo dividido ali. E esse trabalho na rua eu comecei porque estava indo na casa no centro para falar das diversas frentes de trabalho que a casa tem e uma dessas frentes de trabalho era a distribuição e comida, né? E ai me alertou, assim... Opa, que legal, bacana! E vou lá conhecer o trabalho deles e fui fazer uma experiência, passei uma noite lá distribuindo, gostei pra caramba e resolvi voltar.

Muitos políticos criticam que a distribuição de comida faz com que as pessoas permaneçam nas ruas. O que você acha disso?

Olha, tem uma coisa interessante. Eu acho que depende qual a maneira que as pessoas levam esse trabalho, porque dependendo de como você levar isso pode virar uma dependência dos moradores. Tem outra coisa que é superinteressante, um mês atrás, mais ou menos, no trabalho à noite, na Rua do Uruguaiana, tinha muito, muito morador de rua mesmo, mais de 30 pessoas, às vezes mais de 50 pessoas em um local pequeno e a gente foi lá fazer o trabalho. Ao começar entregar as quentinhas nós descobrimos que outro grupo já tinha passado lá, a gente viu os potes lá, as caixas de leite. Fizemos o trabalho e na hora que estávamos terminando o trabalho chegou um outro grupo, e eles começaram atender as mesmas pessoas. Aí você já conta três grupos em um curto espaço de tempo. E a gente saiu dali e foi um pouco mais a frente e a gente viu outro grupo chegando. Na noite, a gente contou naquela região 5 grupos, entende? Então quer dizer, existe sim... Ali a gente já identificou um problema, de repente essa falta de comunicação entre os grupos dessas instituições que, às vezes, poderiam fazer um mapeamento da cidade e de repente fazer um atendimento, para atender aquele grupo só uma vez na noite. Isso pode criar uma dependência, toda noite tem gente aqui, então isso concentra as pessoas ali. Nosso grupo tem essa preocupação... Nosso grupo é dividido de três a cinco grupos na mesma noite e cada um vai para um lado da cidade. Dividimos o centro da cidade em duas áreas, aí tem a região da Lapa, tem a região ali do Estácio, Cidade Nova e a região da Tijuca. Então, assim, dependendo, o número de pessoas que tem na noite se espalha pela cidade, a gente procura rodar bastante mesmo para não criar essa dependência, por que daí um pouco é assim: “vocês vão voltar amanhã?, vocês vão voltar na semana que vem?” Não sei. A gente só pode dizer isso: A cidade é grande e outras pessoas precisam ser atendidas. Nessa brincadeira a gente começa a descobrir grupos de moradores de rua que nunca foram atendidos na vida. Eles falam: “Cara, nunca veio gente aqui”. Os excludentes e os excluídos né, eles estão em áreas assim, que ninguém nunca foi e isso traz uma preocupação muito grande porque a gente procura a região da cidade para também não ser uma área residencial, para também não criar conflitos com os moradores dali, para realmente não ter essa problemática. Você pode estar atendendo uma área onde você vive e aquela população te identificar e começar a criar dependência com você também. Vai começar a bater na sua porta, então para não gerar esse tipo de dependência, a gente costuma ir para uma área não residencial. Você pode perguntar a Tijuca, a Tijuca é residencial? Também é uma área

residencial, mas tem o comércio ali, é por ali que a gente atende. Mas existe essa preocupação, sim.

E é só a população de rua que pega comida?

Não. Existe... É interessante, o que a gente vai dizer como população de rua, né?

É, o que você entende por "morador de rua"?

É a pessoa que mora na rua. Começamos também a perceber que existem aquelas pessoas que não são moradoras de rua, elas estão na rua por algum motivo. Às vezes, é muito interessante, no centro da cidade a gente vê isso, às vezes são pessoas que moram muito longe que não tem tempo de voltar para a casa, como elas levam três ou quatro horas para chegarem em casa, elas já amanhecem ali. Então, estrategicamente, elas escolhem um lugar na cidade para poder dormir e acordar cedo para poder chegar cedo no trabalho. Então, não sei se posso considerá-los moradores de rua.

Então vamos prosseguir... E na Psicologia, atualmente, você também atua com esse público?

Bem, a Psicologia começou lá atrás com o estágio e depois como voluntariado e como responsável técnico do ambulatório. Mais na frente, em função do curso que foi divulgado no fórum de população de rua[4], eu me interessei, me inscrevi no curso e comecei a participar e por eu ser na época colaborador do Conselho Regional de Psicologia, dentro da comissão dos direitos humanos, depois eu vim saber que essa comissão aparecia dentro da comissão de políticas públicas, eu me inscrevi no curso e ai veio o convite, um pedido. Quando o conselheiro geral soube que eu estava participando desse curso, eles lembraram que não existia um representando do conselho no Fórum da população de rua e pediram pra eu representar o conselho. E aí que eu voltei, ai eu comecei a representar o CRP nessa discussão, e ai comecei dar outro olhar também. Antigamente eu atendia, depois passei a fazer trabalho voluntário na rua e depois passei a ter uma visão mais política da situação, que, junto com o trabalho na rua, mudou muito a minha visão, meu olhar.

O que mudou?

[4] Trata-se do Curso de Extensão "Cotidiano da população em situação de rua: violação de direitos, políticas e metodologia de atendimento", promovido pelo Núcleo de Direitos Humanos da Universidade Federal do Rio de Janeiro em parceria com o Fórum de população em situação de rua. O curso, que aconteceu de 26 de abril a 5 de julho de 2013, às sextas-feiras, das 8h às 12h, no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ, Campus Praia Vermelha, foi direcionado a profissionais de formação superior e média que atuavam com a população em situação de rua. Outros entrevistados citarão esse mesmo curso.

Primeiro que a gente passou a fazer certas identificações na rua, né? Por que é assim, qual a população de rua, né? De onde eles vêm? Antigamente, a gente não tinha noção da política pública com relação essa população, a gente fazia as indicações normalmente para os abrigos, para os hotéis populares, né? E ai, quando a gente passa a conhecer ... é interessante o quanto a nossa escuta começou a mudar também para eles. Quando eles passavam a trazer os discursos, as histórias que eles passavam nos abrigos, as histórias que eles tinham com recolhimento, né? E ai começa a balançar um pouquinho: "Vem cá, eu estou aqui, não só entregando comida, mas também naquele bate-papo, naquela conversa", às vezes tentava incentivar para que ele volte pra casa, incentivar para determinados serviços que os governos, cada um em sua esfera, disponibilizam para retirada de documentos e essas coisas todas. A gente passou a conhecer a parte de burocracia disso também e a gente começou a entender o quanto era difícil para eles, então, começou a bater uma certa dificuldade na hora de atender, porque, poxa, eu recebo informações pelo trabalho, pela políticas públicas que existe uma questão muito delicada com relação ao Abrigo de Paciência, por exemplo, e aí, quando eu vou atender eu vou incentivar essa pessoa a procurar um abrigo se eu agora sei como é? Vou incentivá-los a procurar um serviço social se eu sei que vão ter dificuldades também? Então, começou a ter um certo desconforto na hora de atender essa população. As pessoas que trabalham comigo na rua não sabem dessas informações, eu sei...

Só sabe por causa do curso?

Porque eu fiz o curso, participo das reuniões abertas e dos seminários né? E ai começou a causar um desconforto interno, mas eu também não posso misturar as coisas. Às vezes são discussões, conversas políticas, são sobre as instituições que eu não posso abrir para qualquer pessoa, às vezes, por fazer parte disso, a gente vai em um seminário na Câmara e a gente descobre que tem uma pesquisa disso e daquilo outro. Então, a gente fica ali em uma situação um pouco delicada, né? Mas, isso fez mudar um pouco meu olhar sobre isso também.

E quais são os desafios de se trabalhar com esse público?

Olha, tem duas coisas ai que eu acho super bacana. Eu costumo dizer que não é a gente que ajuda: a gente que acaba sendo ajudado. Isso dentro do olhar da Psicologia. As histórias que a gente conhece são desde histórias de superação de pessoas que estiveram na rua e conseguiram sair dela e diversas histórias que a gente descobre o motivo pelo qual a pessoa foi parar na rua, às vezes se descobre que foi por problemas com drogas, por problemas familiares e algumas

pessoas optaram por estar nas ruas. Você começa a encontrar aquelas pessoas com transtorno mentais na rua e, então, você começa a conhecer histórias muito interessantes. Teve um senhor que saiu andando da Bahia...

E veio parar no Rio de Janeiro?

Exatamente. Ele desceu foi até o sul e está retornando ao Rio de Janeiro. Ele contou que está há muitos anos caminhando, andando pelo Brasil, estava no Rio algumas semanas. Teve até a história de atropelamento que ele sofreu na estrada e teve a perna amputada, hoje ele tem uma perna mecânica, na verdade uma perna mecânica não, ele tem uma prótese e continua a andança dele pelo Brasil. Desde pessoas que fugiram de uma situação de violência... É, a gente encontra de tudo, então essas histórias mexem também, alguma histórias são emocionantes né? E eles fazem a gente rever certas questões do nosso dia a dia. Lá no ambulatório, antigamente, mexeu muito na minha forma de atender no consultório... Tem muita gente que necessita de atendimento psicológico, atendimento médico, necessita muito mesmo e por não ter dinheiro não pode fazer um tratamento. Então, isso fez mudar um pouco meu olhar para o atendimento profissional também, a relação com o dinheiro, com o cobrar, isso mudou bastante também, né? O respeito com o cliente, independente qual seja a classe social dele, credo ou religiosidade, não importa e a importância de se atender na mesma maneira. Isso foi dentro do consultório que mudou dessa maneira. Quando a gente vai fazer um atendimento e você olha no olhar das pessoas e o olhar é de agradecimento, você sente uma flechada no coração. Eu costumo dizer que a primeira vez que a Júlia[5] foi para a rua fazer a distribuição, foi o atendimento mais bonito. Ela atendeu uma menina de rua que era muda, e ela estava com fome e ferida, então, assim, além de entregar comida, o pessoal conversou com ela porque ela ouvia, né? Ela só balbuciando, não se comunicava. E o pessoal fez o curativo nela e tudo mais, e na hora em que a gente foi em embora, eu digo para você que se ela falasse, ia estragar a cena, o olhar que ela teve de gratidão, sabe? Que ela olhou para a gente com aquele olharzinho... Ela olhou pra gente assim, botou a mão no coração e fez assim [*um símbolo de coração*] para a gente, cara! Fez muita gente ficar emocionado no dia. O olhar dela... Por isso que eu te falo, a gente também é ajudado, né? A gente vai lá para ajudar, contribuir e acaba recebendo essa energia de volta. Moradores que pedem para fazer... "Ah, posso fazer uma prece?" Ai pede para a gente participar, fizemos uma roda e damos a mão. Se perguntar qual prece que eles sabem fazer "ah, eu sei fazer o Pai nosso"

[5] Júlia é a esposa do entrevistado.

então faz o Pai nosso. É muito engraçado, às vezes, eles pedem “ah, quero fazer a minha prece” e eles fazem uma prece agradecendo e pedindo pela gente, pedindo “Deus, por favor, ajude essas pessoas e o trabalho que eles fazem”, então essa retribuição é muito bacana também.

Dentro do conselho [*de Psicologia*], as minhas experiências vem dai devido à mudança, e ai a preocupação que eu devia ter com a forma que esses moradores de rua são atendidos, porque fazendo o curso, eu fui perceber que alguns psicólogos não se conheciam, faziam o trabalho mas não tinham essa experiência de troca, e aí que vem uma preocupação com o conselho também para garantir que essas pessoas sejam bem atendidas. E é ai que entra o conselho orientar e fiscalizar, não só na luta pelos direitos da sociedade, mas para também garantir que essas pessoas tenham atendimento de qualidade. Então, assim, vamos conversar, vamos nos reunir, vamos discutir essa prática porque também existem as violações das instituições, como o psicólogo deve se portar diante dessas circunstancias e se as pessoas estão sendo melhor atendidas.

OK, então você mudou a forma de atender, a sua visão sobre esse público, mas também deve existir alguma dificuldade para trabalhar eles, não?

Tem alguns grupos que são muito receosos. Eles não aceitam a sua aproximação por causa da violência que eles já sofreram na rua, eles são muito desconfiados também. Então... Problemas de agressão foram poucas as situações, eu nunca fui agredido. Mas eu já vi olhar de medo, de quando a gente se aproxima, alguns já fizeram movimentos para poder assustar né? Já pegaram uma colher e tentaram vir para cima para poder afastar a gente, alguns são muito reativos, outros brigam, reclamam, xingam e a gente respeita. Se a gente não consegue conversar, a gente se afasta, mas alguns a gente consegue converter, não fazer amizade, mas passamos a ser reconhecidos. Então, tem histórias de a gente passar lá uma vez e o cara renegar, se afastar... Duas, três vezes e, na quarta vez ele, olha a gente, vê que já conhece, dá um tchauzinho e aceita. Na quinta vez ele já chega lá e fala: “ah, tem gente ali!”.

Existe alguma diferença no seu trabalho na forma de lidar com mulheres e homens em situação de rua ou não?

Existe um cuidado diferente, sim. Tem certas coisas ao lidar com uma mulher que por ser homem eu não estou acostumado e como esse grupo também tem mulheres, por exemplo, a gente sempre leva um kit de primeiros socorros e nesse kit de primeiros socorros passou a também ter *mods*? Passou a ter *mods* também. Procura saber se ela precisa de *mods*. Então tem produtos femininos para a higiene pessoal feminina que são coisas que não fazem parte do mundo

masculino e que eu não sabia de forma alguma. Então, a relação também mudou um pouquinho né? Eu não preciso me preocupar com isso. Existem aquelas mulheres que vivem na rua e vivem sozinhas, então a gente também se preocupa em pedir para uma mulher atender para que ela não se sinta ameaçada e fique com medo da gente. Não só um grupo de homens né, existe uma mulher também no meio, existe essa preocupação na hora de abordar a pessoa. De acordo com o cenário, a gente faz ligação "ah vamos lá, vai dois homens e uma mulher ou vai duas mulheres".

Quando é mulher sempre vai mulher?

A gente sempre procura ter, pelo menos, uma mulher junto. Não é uma regra.

E, no caso, de você for sozinho atender uma mulher, como é que é? Como é que você fala com ela nesse sentido?

A gente costuma fazer o seguinte: primeira vez que eu estava atendendo sozinho, por questão de segurança, vai no mínimo duas pessoas. Se a gente vai atender uma mulher, mas só tem homem no grupo, a gente não chega e encosta, a gente nunca encosta na pessoa, é preciso que a pessoas estique mão. Dê abertura. A gente fica em uma distância considerável e que fique em uma posição para que ela não se sinta ameaçada, que ela veja o cenário todo, veja onde estão as nossas mãos. A gente tenta falar primeiro: boa noite. A gente nunca encosta. A gente acredita o seguinte, se a gente foi abordar a pessoa e a pessoas não acordar, ela está em sono profundo, ela também necessita do sono para poder recarregar as energias e continuar a vida dela no dia seguinte, então o sono também é reparador. A gente tenta uma, duas, três vezes e, se não acordou, a gente não insiste mais. Se ela acordar, a gente também mantém essa distancia para que ela possa se sentir segura. Ela tem todo o direito de olhar para a gente, de reconhecer e dizer se quer ajuda ou se não quer. A gente se apresenta, vai com uma colher na mão para mostrar que estamos distribuindo quentinha, então reconheceu? Reconhecer. Aceita? Aceito. Entrega e oferece uma água e, aí, eles mesmos começam a permitir a aproximação, conversar mais um pouquinho, uns pedem abraço, outro pedem aperto de mão e vai de acordo com o momento.

Tem alguma situação que envolva mulher em situação de rua, tirando essa que você citou da menina que não falava, que marcou o seu trabalho?

Tem uma coisa que me chamou muito atenção, fora essa menina que agradeceu sem falar, que agradeceu com olhar, né? ... A gente... Uma vez, sem querer, vimos um grupo de morador de rua, a gente parou o carro e quando a gente foi descer, a gente estava no meio de uma Cracolândia e se a gente tivesse visto isso antes, pelo menos naquele dia, a gente não pararia. Mas foi

interessante, porque, depois, eles falaram “é da comida, é da quentinha”? E a gente falou: é! Naquele dia, a pessoa que comandava aquela Cracolândia ali deu um berro tão alto que mandou todo mundo parar de fumar e respeitou a gente, para a gente ter a oportunidade de fazer o trabalho. Isso foi muito interessante, ele gritou: “Atenção! Chegou a comida, respeita ele, respeita ele! Apaguem tudo” e as pessoas iam obedecendo. E aí a gente começou a fazer o trabalho e as pessoas estavam fumando ainda crack. Uma visão que me chamou muito a atenção foi uma mulher grávida fumando, barrigão, desde criança estava fumando, ver a criança fumando, mas também ver mulher grávida fumando, sabe? E a gente queria dar uma atenção maior a ela, mas também não podia porque a consciência dela estava alterada naquele momento, a gente queria oferecer um produto para ela poder cuidar a gestação dela e poderia gerar outros frutos no futuro, essa cena me marcou um bocado. Também existem aquelas pessoas, em outra cena, em que uma mulher ficou super preocupada com a nossa aproximação pensando que a gente levaria o filho dela.

Tem muito disso?

Existe realmente essa história. Existem pessoas que, de fato, chegam ali e oferecem dinheiro e levam a criança, aos poucos a gente descobre as coisas, mas não é nada... “Não deixa eles chegarem ai não, eles querem comprar seu filho”... Esse tipo de coisa, né?. Mas elas percebiam, elas sentiam confiança na gente, percebiam que a gente não queria comprar o filho, que a gente não queria levar. Foi um momento ali de alguns minutos de discussão, mas em conversa conciliadora para poder se aproximar. Esse medo que a gente vê no rosto, de a gente levar o filho dela, ver a mossa grávida fumando crack e essa cena da menina agradecendo com o olhar foram as mais marcantes pra mim.

Para a gente terminar essa etapa de população de rua, qual é a sua opinião sobre o recolhimento compulsório?

O meu consultório fica aqui em Copacabana, só nessa reta aqui, já tive duas experiências visuais. Uma equipe à noite trabalhando e uma equipe trabalhando durante o dia. Essa equipe da noite, quando estava passando, todos os moradores de rua, toda a molecada de rua correu. Foi muito interessante que do meu lado tinha um menino de capuz, cabeça baixa e ficava me olhando. A figura desse garoto me chamou a atenção e quando os carros do acolhimento, do recolhimento passaram, esse menino tinha uma pedra no capuz, levantou o capuz e arremessou no carro e páh, fez uma barulheira, ele saiu correndo no galope assim, foi embora muito rápido, tinha mais uns 4

ou 5 carros, todos pararam, o que saiu de segurança... Só homem atrás do garoto, correram Copacabana inteira e voltaram com ele e botaram dentro de um carro todos as pessoas e os seguranças, colocaram dentro do mesmo carro e continuaram. O que aconteceu lá dentro a gente não sabe, a gente imagina o que pode ter acontecido.

O que você acha que aconteceu?

Bem, pela brutalidade em que o menino foi colocado lá dentro, a gente acha que vai apanhar. Vai no mínimo tomar uns cascudos ali dentro, né? Bem... esse é mais forte. A história que aconteceu durante o dia era um carro onde tinha provavelmente outras pessoas ali dentro, tinham mulheres também. Olhando de fora parecia assistente social, psicóloga, ali o atendimento era outro, era mais afetivo. Eu posso dizer assim, as experiências que eu tenho com relação ao recolhimento são as coisas que eu vi na rua. Estar de madrugada fazendo um atendimento com esse trabalho social, de ver essa equipe do governo passando, moradores de rua correndo, fugindo, todos escondidos e perguntando se eles já teriam ido embora. Então, eles contam que tem gente que é legal, tem gente que não é às vezes eles são obrigados a entrar, é longe pra caramba e têm que voltar sozinhos. Então, eu ouço histórias ruins sobre esse serviço, infelizmente. Tem as pessoas que gostam, que tenha histórias boas, mas infelizmente ou conversando com eles ali na rua, as histórias não são boas não. Tanto que eles fogem quando eles parecem, né?

Então você é contra?

Como a coisa acontece eu não gosto, não.

Teria alguma outra solução?

Eu acho que para você levar a pessoa, a pessoa vai se ela quiser. Acho que é aquela coisa, você não é obrigada a levar. Você oferece um serviço. É um cliente. Você oferece o serviço e se a pessoa falar assim: eu quero ir, então que ela seja bem-vinda. Se ela falar eu não quero ir, então tudo bem. Deveria funcionar dessa maneira. Outra coisa, se eles levam para algum lugar, para algum tipo de serviço, deveria ser de qualidade. Então eu me questiono, se o local que dizem que não é de qualidade, então por que levam para lá? Segundo, oferecem a possibilidade da aceitação? Quer ou não quer ir? Se não quiser ir tudo bem, respeita a decisão da pessoa e deixa ela ali. Então, eu acho que assim, a forma do acolhimento é acolhimento sim, de verdade, acolhimento de acolher, tem que ser de uma forma muito mais afetiva do que profissional, não repressora, não agressiva, se está levando para algum lugar esse local deve ser um local adequado, e a pessoa que está sendo acolhida ela tem que ter direito de escolha.

Agora a gente vai passar para a parte do jornalismo. Na sua opinião, qual é a função do jornalismo?

Eu considero, já disse isso para algumas pessoas, tem duas profissões que eu acho super bacanas que eu acho que são parecidas em determinado aspecto que é a de psicólogo e jornalista. Eu acho que o psicólogo e o jornalista eles têm a capacidade de ouvir histórias, de conhecer pessoas, de conhecer situação e, agora, o que a gente faz com essas informações? O psicólogo, quando adquire essas informações no consultório, tem o dever de segurar essas informações e utilizá-las a favor de quem procura atendimento. A gente não pode compartilhar essas histórias até mesmo por respeito a quem procura, são situações delicadas, pessoais e íntimas, a gente tem que reter as informações. O jornalista tem uma oportunidade de compartilhar essas informações e de alguma maneira informar a sociedade. E agora... É ai que tá, eu não sou da área e não sei se eu vou falar da maneira correta, mas como a pessoa compartilha isso, né? Eu sei que também existe uma visão de mercado, notícias que vendem e notícias que não vendem. De repente, a notícia que você vai dar, ninguém vai se interessar, então, da maneira com que a notícia vem, às vezes, eu acredito que vem para poder chamar a atenção, é a mesma coisa sensacionalista, né? No fundo, no fundo a gente não gosta de notícia sensacionalista, mas às vezes a gente tem. Infelizmente é a maneira de as pessoas verem a notícia. Eu acho uma profissão super delicada, acho que tem que ter um respeito muito grande de saber o que eu vou fazer com essa informação, às vezes eu posso ajudar muito com essa informação e às vezes eu posso atrapalhar. Às vezes, a gente vê pessoas que compartilham a notícia e sofrem consequências.

(...)

É que eu fiquei pensando naquela coisa do formar e informar. Eu não sei se é muito a função da mídia... É, eu imagino assim, é função da mídia informar, agora não sei se é função da mídia formar opinião, fazendo com que as pessoas formem opinião. Eu acho que as informações chegam através da mídia sob ferramentas, que são informações que a pessoa, pegando essas informações junto com outras informações, ela forma uma opinião. Então, talvez as informações venham para ajudar a formar opinião, e o que me preocupa é quando já vem uma opinião formada vindo da mídia, entendeu? Ai sim, você entrevista pessoas que tem opiniões formadas. Então, eu acho que ela tem que ter esse poder de peneirar as informações, se ela se interessa pelo assunto, ela deve ouvir isso, mas também ouvir outras partes e se ela não se importa com esse assunto ela deve ir lá e repetir? Não, então é melhor não falar nada. Ela não está dizendo o que

ela acha, ela só está reproduzindo uma informação e aqui vem a questão dos posicionamentos pessoais.

Você acompanha as notícias que saem sobre população de rua?

Tem um caso no trabalho que às vezes essa notícia aparece e a gente já foca a atenção, né?

Há quanto tempo e em qual veículo?

Posso falar no Facebook e nas redes sociais? Outros jornais que a gente não tem acesso, a gente começa a ver as notícias por ali também, são amigos de militância, amigos de trabalho, a gente está na mesma área, eles acabam compartilhando "teve uma notícia que saiu no jornal X, Y, Z de São Paulo, do Rio, de Salvador, não importa". Eles acabam compartilhando essas notícias via rede social. No meu dia a dia, por eu ser assinante de um determinado jornal, que no meu caso é O Globo, na minha casa eu assino O Globo, então as informações que chegam através dele são as primeiras informações que eu tenho e por chegar sempre em casa tarde por causa do trabalho, não passar mais perto da televisão, geralmente não vou dizer que é infelizmente ou felizmente, mas as emissoras que tem a melhor qualidade de imagem, e mais criticadas também, a maioria das informações a gente vê pela Globo ou Globo News, né? Bandeirantes está começando a aparecer agora também, a gente vê esses canais tradicionais e, às vezes, as informações que a gente vê ali são as mesmas informações que a gente vê no dia a dia no trabalho. Então, eu não sei, por que também a notícia chega daquela maneira. Se existe uma podagem ou uma certa censura na preparação da matéria, se as pessoas dizem que as pessoas são compradas, não sei, não vivo ali dentro, eu não sei dizer. Eu não vou formar minha opinião pelo o que eu ouço, não só pelo o que eu ouço, tem que ter a vivência, né? Mas eu acho assim, às vezes eu vejo uma notícia que não tem muito a ver, às vezes, por exemplo, as pessoas vão colocar a notícia na televisão e o lugar aparece lindo e bonito e as informações que a gente tem são completamente ao contrário, então a gente percebe que parece existir uma tendência nas matérias, eu tenho uma... Uma vez eu recebi em uma mídia social, eu tenho muita notícia sobre violência na Lapa, então uma jornalista postou na internet "quem aqui já foi assaltado na Lapa?", "quem conhece gente que já foi assaltado na Lapa?, que quero fazer entrevista com essas pessoas". Bem, ela escolheu um público, provavelmente essas matérias ali são sobre pessoas assaltadas na Lapa, em nenhum momento ela perguntou "e aí, alguém aqui frequenta a Lapa há muitos anos e nunca foi assaltado? Alguém aqui frequenta a Lapa e nunca viu assalto?" Então, assim, eu vejo que não tem a conversa dos lados, então...

Você notou alguma diferença na cobertura jornalística desse tema nos últimos anos?

Eu percebi, eu percebi que antigamente os assuntos ligados à população de rua eram mais voltados para documentários, para matérias específicas, por exemplo, Globo Repórter... Porque, assim, esses programas, cada semana, tem um tema diferente, então sempre tinha o tema que era a população de rua, volta e meia, né? “Ah, por que as pessoas vivem na rua, por que eles param na rua?”, então eram matérias sobre a população de rua, hoje em dia vemos notícia de recolhimento, de acolhimento, o fato de a população de rua estarem sendo associados aos usuários de crack também, então a população de rua passou a chegar por outro caminho, por outro viés, por notícias policiais, por notícias de política, né? Mas antigamente pelo o que eu lembro eram só matérias específicas, matérias sobre... Não sei como eu posso chamar, não investigativas, mas eram matérias...

E em veículos de comunicação diferentes, você nota a diferença?

Olha, assim eu não consigo te responder, o que eu posso te dizer é o seguinte: a diferença da televisão e do rádio. Eu percebo, parece que talvez por estar falando no rádio, estar ali ao vivo, tem as possibilidades e medir as palavras dele, de elaborar melhor, qual vai ser a melhor maneira que a notícia vai ser dada. No jornal as pessoas vão elaborar, preparar a matéria, no rádio eles estão ao vivo, então tem a possibilidade... Eu já vi algum jornalista dando a opinião pessoal dando um outro olhar para aquilo, né? Eu vejo uma diferença muito grande, claro, até por serem mídias diferentes, mas da maneira de como a notícia é passada em programas gravados e em programas ao vivo no rádio.

Você se lembra de uma notícia que você consumiu recentemente sobre esse assunto?

Bem, felizmente sempre me lembro da associação com o crack, é o que mais tem aparecido. A última talvez tem a ver com o crack.

E você se lembra de uma notícia cujo foco era uma mulher em situação de rua?

Eu estou fazendo uma força aqui, agora, mas eu não me lembro e foi até interessante você falar isso porque o que a gente já ouviu de casos de violência contra mulher na rua, de abuso sexual na rua, isso e me lembro de ter ouvido falar. Eu já ouvi muitas histórias na rua sobre isso, mas eu não lembro. Já vi o pessoal falar sobre a lei da Maria da Penha, a lei disso e daquilo outro e tal, mas se discutir a violência contra a mulher na rua eu não lembro, não.

Sobre essas notícias que você se lembra, você concorda ou você discorda com a forma com que o assunto é tratado?

É difícil falar sobre isso até porque eu conheci os dois lados. Vou falar da seguinte maneira, aquelas pessoas que não convivem com esses assuntos, eu percebo que elas tem uma visão muito florida da situação, elas falam “caramba! Eles estão fazendo isso né, que legal!”, então, eu vejo que eles, de fato, só tem um lado da história. Mas também pela questão da pessoa, do interesse dela por essa história, por isso eu acho interessante o jornalismo passar os dois lados da história.

Então você nem concorda e nem discorda?

Eu acho que vai mais para discorda.

E o que poderia ser melhorado?

Contar o outro lado da história também. Você está certa, eu discordo. Eu acho que poderia ser feito de uma melhor maneira, eles poderiam ampliar a discussão.

Em quais pontos a imprensa erra em relação às notícias sobre a população de rua e sobre, especificamente, a mulher em situação de rua?

Eu acho que ela erra quando ela chega, quando a informação já chega de maneira que é uma forma de julgamento, eles já dão uma resposta fechada, é isso isso isso e acabou, sabe? A culpa é disso. Já dão uma resposta, sabe? Acho que já está errado. Quando eles já chegam dando um diagnóstico fechado, eu já não gosto. Aí é que está, aí é uma conversa de uma pessoa só. Não existe a troca e a possibilidade da discussão.

Você já foi entrevistado alguma vez em função com seu trabalho com pessoas em situação de rua?

Não. Eu já tive oportunidades de ser chamado para falar sobre.

Qual que era a pauta?

Ah, mas ai era dentro do sistema conselho de psicologia. Era para poder compartilhar essas histórias, essas informações com o estudante de psicologia, com o consultório de psicologia, fora isso, nunca tive a chance de falar sobre o assunto.

Você acha que mídia e população de rua tem um relacionamento bom?

Olha só... Não sei. Eu acho que pode ter é... Essa população é tão carente, sabe? Quando elas percebem a aproximação de certas pessoas, de certos grupos, necessitam compartilhar, falar, então, alguns quando veem uma pessoa, um profissional chegando, alguns vão querer chegar, vão querer conversar sobre a sua história. Existe a possibilidade de ter uma relação muito bacana, eu não sei se todos os moradores de rua, toda a população de rua, eles têm acesso às informações depois para opinarem se fizeram um bom trabalho ou se fizeram um mau trabalho,

da próxima vez não sei se vão querer falar com eles ou não. Então, não sei se eles têm acesso a essas informações ou não, acho que esse seria um bom medidor para saber se essa relação depois ia se estreitar ou se ia afastar.

O que poder ser feito para diminuir a quantidade de pessoas vivendo nas ruas?

Essa é uma pergunta delicada porque assim... Por que diminuir? Eu costumo dizer que é o seguinte: o que faz a gente trabalhar com essa população? O que marca a gente? O que choca a gente? Tem aquelas pessoas que olham para o morador de rua e falam assim: “essa pessoa está sujando a minha cidade, essa pessoas está enfeiando a minha rua, eu quero ela fora daqui, pra onde ela vai eu não sei, mas quero a minha rua limpa, eu quero a minha rua bonita”. Tem aquela pessoa que olha para o morador de rua e se sente desconfortável. Se sente mal pra caramba, aquele é um ser humano e está naquela condição. Então, nós somos incomodados e ficamos incomodados de uma maneira, ou é o incomodo pensando na beleza da cidade, daquela rua ou é um incômodo do coração mesmo, dos sentimentos. E, às vezes, nós temos o desejo de que aquela pessoa saia dali, nós vamos pensar que aquela pessoa se sente incomodada, ou largar aquela pessoas que tem um empatia por aquela situação, né? Eu acho que um pensamento natural é assim: “Poxa, eu gostaria que essa pessoa não estivesse na rua, mas o que é melhor para ela?” A gente não sabe. Por que ela está ali, a gente não sabe. Eu tenho história de atendimentos de pessoas que dizem: a rua pra mim é muito mais segura do que a minha casa. Na rua eu tenho relações afetivas, em casa eu não tenho. Então, quem disse que se eu tirar ela da rua eu vou levar ela para um lugar melhor e ponto?. Agora eu te confesso o seguinte, eu fico pensando isso justamente porque pelas condições que eu conheço que os abrigos e as instituições não têm... Em geral, não são instituições de qualidade. Então, é assim... Hoje em dia eu nem sei se me sinto a vontade de ligar para algumas instituições.

Tá, então vamos mudar a pergunta. O que pode ser feito para melhorar a qualidade de vida das pessoas que estão em situação de rua?

Indiscutivelmente, para melhorar a qualidade de vida delas, é elas serem vistas, serem identificadas. Eu mesmo, antes de trabalhar com essa população, eu passava por lugares e eu não via a população de rua, mas eles estavam ali eu é que não enxergava, já teve casos de eu tropeçar em morador de rua. No início do trabalho voluntário, eu olhava e “ih, tem gente ali”, daí eu olhava, chegava perto e era um saco de lixo, daí, às vezes, eu estou andando na rua e falo “ih, tem saco de lixo” e quando eu vou ver é uma pessoa. Então, essas pessoas, elas se misturam,

parece uma camaleão mesmo, elas se misturam no cenário, ainda mais à noite, onde as pessoas estão tão sujas que quando elas estão encostados nas árvores o tronco e as pessoas são uma coisa só. Então, só o fato de essas pessoas serem identificadas, serem percebidas, o tempo ou o cruzamento do olhar, o olho no olho de você olhar aquela pessoa você identifica aquela pessoa e parece uma coisa já fenomenal. Tem aquelas pessoas que quando você passa na rua, você só olha no olho dela e faz assim, balança a cabeça e ela faz assim para você, isso pra mim já é um reconhecimento. Isso já melhora a qualidade de vida daquela pessoa.

E de que forma que a mídia pode contribuir para isso?

Eu acho que... Eu vou dizer duas coisas, tá? Sobre duas matérias que eu vi na televisão, dois jornalistas que passaram a noite na rua para poder ter essa experiência, não vou dar nome aos bois. Uma foi a matéria que saiu no Globo Repórter, com aquele repórter que passou uma noite na rua. Ele foi preparado para a rua. Existia um mecanismo de defesa ali, qualquer coisa, se alguma coisa errada acontecesse ele tinha algo para ele, talvez tivesse roupa, tinha telefone, a impressão que eu senti é que ele estava muito protegido ali. E eu vi uma matéria, não sei se saiu na internet, era na Bandeirantes, aquele Rafinha Bastos, eu já vi matéria completamente diferente, sabe... Eu gostei mais. Ele foi pra rua... a impressão... No Globo Repórter, dava a impressão que existia uma equipe por trás dele ali. E a do Rafinha Bastos parecia que era ele e mais um cara com uma câmera na mão lá, parecia que era isso né. E ele foi relatando já conversando com as pessoas e ele ia falando sobre a sensação dele ali na rua, ele foi pedir dinheiro, ele foi pedir comida, ele foi rejeitado, depois ele colocou a roupa normal e foi conversar com o cara que tinha rejeitado ele, foi conversar com o cara que tinha ajudado ele e ali parecia ter uma coisa mais de real... Naquele momento, ele esquecia que era morador, acreditava na pessoa, não é um mendigo ou um morador de rua, era uma pessoa né. Então eu acho que vale a pena, se você for parar para pensar como a mídia poderia ajudar, poderia se reconhecer nessas pessoas, conseguisse fazer de uma maneira que mostrasse pra quem tivesse vendo o programa ou a matéria de que são pessoas como nós ali, pessoas que, às vezes, estavam na mesma situação que a gente está hoje e por alguma dificuldade, algum motivo qualquer parou na rua, isso mostra que nós também um belo dia podemos estar naquela posição e que aquelas pessoas ali um dia podem sair daquela situação e podem estar do nosso lado no trabalho, no lazer, não importa. Então, passar a reconhecer essas pessoas, reconhecê-las enquanto seres humanos, mostrar que em um belo dia a gente ou um ente querido pode estar naquela situação. Alguém pode surtar um

belo dia, pode passar por uma crise mundial, não sei... Pode ser demitido, pode não sei, perder a casa, adquirir algum transtorno mental e acabar ali. A gente pode ter um amigo que vai passar por uma situação de rua, você está andando na rua e descobre “opa! Esse cara eu já vi na minha vida social”, então, a gente conhece as histórias da rua né, então assim, é mostrar que as pessoas são gente como a gente e que o trato com eles deve ser diferente. Acho que só de as pessoas passarem a passar na rua e reconhecerem aquelas pessoas “ah é o mendigão”, não! É o olhar, é saber olhar, é dar bom dia, boa tarde e boa noite, isso já vai fazer uma diferença danada.

De forma geral, a mídia colabora, é indiferente ou prejudica o trabalho dos profissionais que trabalham com a população em situação de rua?

Bom, eu acho que é um papel que pode tanto ajudar quanto atrapalhar. Ultimamente, eu vou dizer que talvez tenha atrapalhado por aquilo que eu te falei, por ser uma visão única. Às vezes, pelo menos nas matérias que eu tenho visto, já vivem fechando diagnóstico e muitas pessoas acabam comprando, absorvendo essa ideia, então que acho que ai atrapalha porque às vezes dá só uma visão da história.

E mídia ajuda ou atrapalha a população em situação de rua e por quê?

Não sei, ai eu acho que... Bem não vou pensar nas pessoas que trabalham no Consultório na Rua, no Consultório de Rua eu não sei a visão deles sobre isso, eu estou pensando nisso agora. Hoje eu estou em um trabalho social, né? Recebo críticas de pessoas que perguntam por que eu estou ajudando, se é um trabalho assistencialista e tudo mais, eu recebo umas críticas. É muito legal, é muito legal, “mas você não está contribuindo para essas pessoas na rua?”. ‘Deixa a prefeitura fazer o seu trabalho e levar para os abrigos”. Eu falo pô, a informação que eu tenho é outra, né? A informação que eu tenho é de muito mais transmitir afetividade para essas pessoas, coragem, força, fé para que elas possam entender que apesar dessas conturbações todas aí, elas precisam confiar no ser humano, né?

Acho que a mídia poderia ajudar mais daquela maneira né, de passar para as pessoas um olhar mais humano fazendo com que as pessoas não julguem se estão certas ou se estão erradas. Mas as pessoas precisam entender, eu acho que pode haver diversos motivos para elas estarem ali. Algumas sim necessitam de ajuda e outros não necessitam de ajuda, algumas pessoas conseguem se virar, mas outras não, mas acho que de repente passar... não é mostrar o lado bonito da história não, eu acho que é passar os dois para que as pessoas possam construir os dois lados e terem seu

julgamento. Deixem as pessoas verem o lado bom e o lado ruim e terem uma opinião pessoal sobre aquilo.

Você acha que da forma com que as matérias são passadas, acaba disseminando preconceitos, estereótipos, por exemplo, ao associar morador de rua com o crack?

É, isso é fato, a gente vê que não é verdade, a gente vê que nem todo morador de rua usa crack, geralmente a gente vê que são os usuários que vão para a rua e, aí sim, acabam convidando um morador de rua, mas esse é um exemplo bom do quanto atrapalhou a visão dos moradores de rua.

A última pergunta: se você fosse jornalista, como é que seria uma matéria ideal, qual pauta fosse escolheria para tratar e de que forma você trataria essa matéria?

Eu acho que primeiro eu ia fazer um levantamento das leis, leis como um todo, nem estou falando das leis voltadas para moradores de rua não, seria desde código cível, código penal, essas coisas todas, tudo o que qualquer coisa que tenha a ver com essa demanda. Direito de ir e vir, permanecer, a questão do atendimento, os maiores índices de violência. Eu faria uma compilação, eu acho que eu estudaria as leis, falaria sobre os direitos de qualquer cidadão, e aí eu estou colocando o morador de rua como cidadão. Eu iria analisar o porquê que eles estão ali, o porquê que eles chegaram ali e a maneira como eles são tratados. Isso é pra que eles pudessem entender que eles também têm direitos, que ele também tem direito à cidade e que eles também têm direito às leis, eles também têm direito à saúde, eles também têm direitos à educação. A gente não pode pensar: “aí, coitadinhos”. Existem pessoas boas e pessoas ruins, pessoas com boa índole e pessoas com má índole, então não pode também botar a mão no fogo por qualquer pessoa tanto para população de rua como para população que não mora na rua, mas eu acho que eles aprendem a gostar, falar deles enquanto cidadão comum, que eles têm os seus deveres seus direitos também, eu começaria por aí.

Isso você nunca viu na mídia?

Só nas conversas, só nas discussões fechadas entre os profissionais que atuam com a população de rua, só e são sempre discussões fechadas.

Então é isso. Algo mais que queira dizer?

Sobre o abrigo de Paciência. Uma vez teve um evento lá na câmara de vereadores que tinha o secretário, o subsecretário e tinha um ex-funcionário do abrigo de Paciência. Um falou que tinha isso e outro falou que não tinha isso, então foi a palavra de um contra ao outro. Isso acontece lá, eu falei não acontece, isso acontece, eu não, não acontece. Ninguém falou que um está mentindo

ou o outro está mentindo, um falou que é A e outro falou que é B, e ficou nessa, nesse ping-pong. E aí, quem está falando a verdade? Mas assim, por isso que eu falo muito das relações, é como eu percebo as pessoas pelas falas delas, das falas e que é compatível das pessoas que trabalham essas discussões e até lá dentro também. Algumas pessoas não querem levar isso a fundo porque é o trabalho delas que está em jogo também. Os próprios moradores do abrigo de Paciência, eles reclamam, mas na hora de oficializar a reclamação, eles não oficializam porque eles moram lá e têm medo de perder aquele espaço. Eles falam isso, e que o problema não é espaço em si, é a gestão, as pessoas que estão lá. Mas olha só, eu não conheço essas pessoas, eu ouço histórias sobre elas, então é aquela coisa, sabe... Por isso que eu falo do cuidado com essas informações que a gente tem, essas informações pessoais de julgamento nosso, porque a gente fala a gente não está ali, vivenciando, sofrendo na pele. Para isso poder ir à frente, vocês precisam denunciar, levar provas. Mas quem tem coragem de levar as provas? Essa é que é a grande dificuldade.

Ok. Obrigada.

NASSER, Julia Horta. [10 dez.2013]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora. 35 min.

Sua idade?

Tenho 32 anos.

Profissão?

Psicóloga.

Trabalha com a população de rua há quanto tempo?

Um ano, um pouquinho mais de um ano. É um trabalho voluntário, eu atendi como psicóloga voluntária no ambulatório da Providência em 2005. Eu fiquei um ano fazendo estágio lá e depois fiquei mais seis ou setes meses como psicóloga voluntária e lá a gente trabalhava com população em situação de rua também, além de outros públicos, né? Depois comecei a trabalhar em consultório e agora como supervisora de um grupo de terapia na casa de abrigo.

O que é isso?

A casa de apoio é vinculada ao ambulatório da Providência, que internava população em situação de rua, homem, HIV positivo para tratamento. Eu fui supervisora de um grupo de terapia que durou 6 ou 7 meses, e aí esse projeto foi fechado lá na instituição que eu trabalhava e agora eu

faço trabalho voluntário com a população em situação de rua, entregando comida, água, roupas...Eu comecei em 2012, em setembro de 2012.

E quais os desafios de se trabalhar com esse público?

São tantos, né? Eu acho assim, não tem um... É muito difícil de falar. É assim... Vamos lá, a gente trabalha com uma população heterogênea e o trabalho que a gente faz é um trabalho muito restrito, eu acho. Mas como é um trabalho em que eles confiam e que a gente consegue chegar até eles de outra forma que não seja vinculada aos serviços públicos da prefeitura, eles dão uma enxurrada de demandas que a gente não consegue atender.

Como, por exemplo?

Como, por exemplo: eu quero voltar para minha casa. Como, por exemplo, de um atendimento psicológico naquele momento. Como, por exemplo, dinheiro. Como, por exemplo, "poxa, me leva pra um tratamento agora? Preciso me tratar. Quero fazer um tratamento agora, você me leva?". Assim, você sente que eles querem conversar, que eles querem... Sabe assim?

O que você faz?

A gente não tem o que fazer. A gente não tem uma Kombi ou um local em que a gente possa levar essas populações naquele momento e ai, o que se faz? Então lidar com a nossa frustração de não conseguir ajudar quando a demanda vem é complicado. Então, a gente encaminha, eu, por exemplo, encaminho para o Consultório na Rua. A gente não pode ajudar e resolver aquela demanda naquele momento e eu acho que isso é um grande desafio, principalmente porque a gente está trabalhando com pessoas em risco né, dependendo do lugar que você está.

Já sofreu alguma situação de risco? Teve medo?

Não. Eu nunca senti medo. Eu já fiquei apreensiva, mas não era um medo de paralisar. Se colocar, por exemplo, que você está atendendo um grupo muito agitado onde começa briga entre eles, confusão entre eles e você tem que manter o prumo ali pra não piorar a situação, e a gente ter até que intervir, enfim... Mas nunca nada de risco aconteceu. Nunca. Em um ano de trabalho, se vê que eles brigam entre eles, mas quando viram pra gente muda. Muda o tratamento e a gente fala que quem não é pra ser atendido que vá embora, que vá embora mesmo, eu não quero nem papo, vire as costas e vá embora.

Existe uma diferença no seu trabalho na forma de lidar com as mulheres em situação de rua?

Eu acho que por ser mulher... Não tem uma diferença em relação à forma de abordagem, mas elas se identificam com a gente. É muito interessante, porque quando a gente está atendendo, elas vêm procurar as mulheres do grupo para falar dessas coisas e para pedir. “Você sabe né? Coisa de mulher, mas eu estou precisando disso”. Sabe? “Eu estou precisando de um absorvente”, “estou menstruada, toda suja, tem uma muda de roupa pra eu trocar?”, então assim... Por ser mulher, elas procuram mais a gente por entendermos mais das demandas delas na hora do trabalho.

E quais são as queixas que você mais escuta no trabalho além dessas?

Todos eles, não só as mulheres, de uma forma geral, quando você dá oportunidade de eles falarem durante 5 minutos, você vai escutar todos os tipos de queixa que eles imaginarem. Por que é a possibilidade que eles estão tendo de falar pra alguém sobre aquilo que passa com eles. Então assim... Tem uma coisa que é do discurso de todos, que eu acho que também inclui as mulheres nessa história que é a questão do recolhimento compulsório, que é a questão do que eles fazem, o que a população de rua sofre ou que precisam de ajuda em determinadas coisas, isso passa por todos... As mulheres, eu já ouvi as mulheres falando como que é difícil ser mulher e estar ali.

Como assim?

Pela questão da higiene, tem a questão dos abusos sexuais em que elas falavam que ser mulher na rua é difícil, ser mulher na rua é ser mulher de todos, então, se você não consegue se fixar onde aquele grupo te respeite, você é obrigada... é estuprada, sim! Você passa por situações sérias, né? Então isso eu já ouvi, a questão da gravidez, ser mãe na rua, daí você pega aquelas moradoras que não são usuárias de drogas e se preocupam com essas questões. Você encontra umas que querem enxoval, que te pedem roupinhas de bebê, que estão querendo montar um enxoval, que discute com você o nome da criança, sabe? Elas discutem o nome do bebê, qual o nome que você vai dar para o seu bebê? “Ah, pensei nisso porque aquilo, mas o meu marido quer não sei o quê”. Quando você consegue atender as que não estão alcoolizadas ou quando não estão, elas querem tratar dessas questões...Assim, então eu acho que tem uma demanda que é particular delas sim.

E como é que fez depois que tem o bebê?

É uma questão séria né, porque ai foge um pouco desse trabalho voluntário, mas você sabe que você não pode deixar na rua...Entra outro estatuto que é o da criança e do adolescente e daí a gente fala de uma estrutura de serviço onde não tem abrigamento de famílias.

Aqui no Rio de Janeiro não existe?

Não existe abrigamento de famílias, e aí vai fazer o que? Vai separar? A criança vai ficar para um lado e para outro e o pai para outro? Que solução então que você dá para essa situação? A gente sabe que pelo menos o Consultório na Rua tenta, vem tentando no debate das mães do crack, que na maternidade, de jovens na rua, usuários ou não de drogas, que é feita pelo Fórum e pela Secretaria de Atenção Básica Hospitalar do Município discutindo essa questão, eles falam que eles tentam desde, eles acompanham essas gestantes já. Eu já fiz atendimento com família, bebezinho de dois meses.

Teve alguma situação marcante nesse seu trabalho voluntário que envolveu alguma mulher em situação de rua?

Tem. Foram duas. Acho que, de uma forma geral, quando a gente consegue fazer um atendimento bem sucedido, o olhar deles de gratidão, o obrigado pelo reconhecimento na nossa estética básica né e o olhar deles de gratidão, isso não tem preço para esse trabalho que a gente faz.

Como você imagina a sua vida se você fosse uma mulher em situação de rua?

Não sei. Como é que eu ia imaginar a minha vida sendo moradora de rua, sendo uma mulher moradora de rua? Acho que pra eu chegar naquela situação, acho que eu teria que estar em uma situação de desespero completa e absoluta de pensar também que eu perdi toda a possibilidade de tentar fazer tanta coisa diferente para estar ali né, e... Nossa senhora.

Nunca tinha pensado?

Nunca tinha pensado. Nunca tinha pensado nessa possibilidade, apesar de saber que isso pode acontecer com qualquer um. Eu acho que a primeira coisa que eu ia fazer se eu fosse eu ia procurar os veículos que eu sei que funcionam, né?! Assim, ia bater lá no Paulo Estevão[6] para tomar um banho (risos), sabe? Para conversar com alguém, com alguma assistente social que me ajudasse, talvez... Eu aí procurar lugares onde eu pudesse manter um nível de higiene. É tão engraçado, é a primeira coisa que me passa na cabeça, né?

[6] Instituição religiosa que fornece alimentos, roupa e banho para pessoas em situação de rua na cidade do Rio de Janeiro.

A higiene?

A higiene.

Você é a favor ou contra o recolhimento compulsório?

Sou contra. Completamente contra, acho um absurdo, acho que é uma as maiores situações de violação de direitos que a pessoa pode passar, acho que não é assim que você vai conseguir resolver ou ajudar aquela população, fazendo como eles fazem com aquele tipo de abordagem, abordagem social não existe, né? Então eu sou completamente contra a forma como é feita. Do recolhimento compulsório, a abordagem social tipificada lá no decreto que existe, que vai para o psicólogo e com assistente social e que tenta criar um vínculo com eles para um possível encaminhamento no futuro, eu acho bacana. Mas o recolhimento compulsório e a forma agressiva e tudo mais, turbulenta, onde eles pedem o saco que eles têm as coisinhas deles que pode ser meia dúzia de papel, aquilo eles jogam fora de uma forma, acabam com todos os vínculos, a pessoa deixa de ser cidadão, eles jogam fora os documentos, aquilo é um absurdo. Tem que parar o mais rápido possível.

Agora a gente vai passar para a parte do jornalismo. Em sua opinião, qual que é a função do jornalismo?

Informar né, trazer a informação. Basicamente isso, é trazer informação, informação real.

Você acompanha as notícias que sabem sobre população em situação de rua?

Acompanho. Acompanho, eu leio...

Em qual veículo e há quanto tempo?

Eu sempre li jornal, hoje em dia com a internet não leio mais impresso. Ai quando eu leio, leio em G1, leio no Isto é! Tudo que se pode ler online eu leio, o que é publicado no Facebook de amigos, que as pessoas sabem que tem coisas interessantes de artigos que eles leem e enfim... Eu gosto também, leio e acompanho, mas assim, mas o que eu vejo é isso, estou o dia inteiro fora de casa, aí quando eu chego está passando o Jornal da Globo e eu assisto também...

Você notou alguma diferença na cobertura jornalista nos últimos anos?

Sim, notei, tem uma coisa que eu acho que... Acho que desde 2011 né, essa história da epidemia do crack, como isso foi vinculado, e como justificativa para esse recolhimento dessa população. Eu acho assim, tem uma intensificação do assunto tema crack, intensificação... Você vê tantas notícias vinculadas, né? Aumento... Eu vi uma vez no jornal da manhã, me arrumando para trabalhar, na tv, a primeira reportagem foi: “Aumento do número de moradores de rua na Zona

Sul", duas reportagens depois aparece: "Aumento da criminalidade... Não sei o que". Ai depois aparece o Edson Pires falando sobre o censo que eles estão fazendo... Você vê aquela coisa sendo construída, para poder construir mesmo o imaginário na sociedade que é isso que tem que ser feito, então é nítido assim. A coisa da epidemia do crack, um dia começaram a massacrar a cabeça das pessoas e não adianta mais você conversar, você conversa com pessoas de senso comum que não acompanham e você vê o discurso reproduzido.

Você na notou alguma diferença na cobertura jornalística entre veículos de comunicação diferentes?

Em geral eu vejo sempre do mesmo jeito, sempre tendenciosa. Eu não sei se são os veículos que eu leio. Não sei se eu estou tendo que ler outras coisas, mas eu acho que na grande mídia, o que é veiculado, eu não vejo diferença, não.

Você discorda ou concorda com a forma como a mídia tem tratado o assunto?

Discordo.

Por quê?

Discordo...

O que poderia ser melhorado?

Eu acho que uma coisa que tem que ser discutido muito é que, cada vez mais, precisa de uma campanha de conscientização para a mudança dessa visão que a sociedade tem de uma forma geral sobre a população em situação de rua. Vou dar um exemplo, no dia em que eu estava aqui com a equipe de assistente social do CREAS [*Centro de Referência Especializado de Assistência Social*], uma senhora parou a assistente social e ficou falando: "É um absurdo, eles deixam a cidade suja, é um absurdo esses meninos estarem aqui! e etc e tal". Então assim, eu acho que a mídia poderia muito ajudar nessa conscientização, nessa mudança que as pessoas têm da população em situação de rua. Na verdade a mídia constrói e reforça.

O que poderia ser melhorado?

A forma de contar história, né? Contar a história verdadeira (risos). Enfim, eu acho que a mídia poderia ajudar muito nessa campanha, por exemplo. A gente vê a mídia muito inserida a serviço do... Enfim, de alguém ou de alguma coisa como forma de validação dessas ações. Ela poderia ajudar ao contrário, ela poderia ajudar informando a sociedade, informando toda a população em situação de rua sobre os direitos, enfim.

Você lembra-se de alguma notícia que você consumiu recentemente cujo foco era mulheres em situação de rua?

Mulher não. Mas a última que eu li, apareceu até na Folha, que eu até publiquei no Facebook, que foi uma coisa que eu achei um absurdo que foi aquela manifestação em Florianópolis, anti-mendigo.

Você já foi entrevistada alguma vez em função do seu trabalho?

Não.

Você acha que a mídia e população em situação de rua tem um "bom relacionamento"?

A mídia não ignora o assunto, ela cobre de uma forma assim... A grande reportagem, por exemplo, que teve população em situação de rua que o Globo Repórter fez.

O que você achou?

Eu achei muito ruim. Eu achei muito ruim porque só mostrou um lado, eu achei que forçou muito na questão da droga, né? Achei que eles mostraram apenas um lado da história que existe. Não gostei daquela matéria não, achei fraca. Já vi umas três ou quatro no Profissão Repórter sobre o crack, eles já fizeram uma série, né? E cada ano eles mostram e tentam mostrar as mesmas pessoas é... Enfim... Daí mostra a comunidade terapêutica, eu acho que não mostra os programas do governo, não mostra que funciona, não mostra que existem políticas de adição de danos, por exemplo, sabe? Que é outra forma de se tentar fazer vinculação com essa população... É quase impossível de se vencer, das pessoas sair, entrou naquela e vai ficar naquela, dai mostra Cracolândia, sabe? Eu não acho que tem uma boa relação.

Teria algum caminho para melhorar esse "relacionamento", esse tipo de cobertura?

Acho que a mídia podia ajudar tanto, né? Na divulgação do que funciona, acho que a mídia poderia ajudar na divulgação real das coisas que acontecem, porque não é pauta. Não é pauta da mídia, né? Não é pauta da mídia o Abrigos de Paciência, por exemplo. Todo mundo sabe o que acontece, todo mundo sabe dos horrores que acontecem no Abrigos de Paciência e não é pauta. Todo mundo sabe o que acontece na questão das mães do crack, que quando a mãe, a mulher dá entrada no hospital e vê que ela é usuária de drogas, que está em situação de rua, que é usuária de drogas, imediatamente, aquela mãe é obrigada a logo que sair levar aquele bebê para a vara, ela perde a guarda. Se a família não estiver junto, a criança é colocada para a adoção, assim, passa pelos tramites, mas rapidamente aquela criança, aquele bebê recém-nascido é colocado para adoção. E é adotado rapidamente, sabe? E nada se faz por essa mulher. Nada se faz por essa

mulher! Resolvem o problema da criança e essa mulher? Né? Isso não é pauta. Eu acho que a mídia sim, podia verdadeiramente, fazer e falar sobre essas relações todas de direito que acontecem.

O que pode ser feito para diminuir a quantidade de pessoas vivendo nas ruas ou melhorar a qualidade de vida das que vivem nas ruas e como a mídia pode contribuir para isso?

Eu acho que como a mídia pode contribuir é colocar verdadeiramente a pauta da população em situação de rua e falar verdadeiramente do que acontece, falar verdadeiramente da situação e da violação de direitos que acontecem nos próprios serviços e sabe-se que as maiores violações de direitos acontecem nos serviços prestados a essa população. Melhorar a retirada, a retirada da pessoa, ela não tem direito de ficar? Ela tem direito de permanecer. Não sei se é para retirar a pessoa dali, mas é oferecer um serviço onde ela possa ir, quando ela quiser efetivamente, se ela quiser mudar, ela tem direito de permanecer. Eu acho isso, ir e vir e permanecer. Então, eu não sei se... A gente tem que fazer coisas para convencer, retirá-la dali, mas eu acho que a gente tem que oferecer um serviço de qualidade decente para quando elas quiserem sair dali.

A mídia ajuda ou atrapalha os profissionais que trabalham com a população em situação de rua?

Eu acho que a mídia a-tra-pa-lha, por reforçar esse imaginário social de quem é o morador de rua e de quem é essa pessoa que está em situação de rua. Ela poderia ajudar, sim, mas com essa mudança de perspectiva.

E o profissional?

Para o profissional. Eu já vi assim, por exemplo, a gente trabalhando e pessoas virem para brigar com a gente: “porque é um absurdo vocês fazerem isso e etc e tal, é um absurdo vocês ajudarem essas pessoas, vocês tem que ensinar eles a pescar e etc e tal”. Enfim, é a reprodução do discurso que está dentro e existe nesse imaginário. E eu acho que a mídia trabalha nesse sentindo. Isso eu vejo dentro do meu trabalho como psicóloga voluntária. Se falar dos serviços prestados, aí tem que falar com pessoas que trabalham nesse serviço. Eu já vi, por exemplo, o promotor Rogério Pacheco falando que o comentarista do RJTV, Rodrigo Pimentel, falou que o MP só atrapalha as ações da prefeitura em relação ao tratamento dos usuários de crack, então eu acho que isso seria um bom exemplo para falar um pouco que, às vezes, a mídia pode atrapalhar enquanto que o MP está lá em uma tentativa de dar a garantia de direitos dessa população, né? Então eu acho que

sim, a mídia mais atrapalha, às vezes, do que ajuda. E sim, acho que ela poderia ajudar se ela mudasse um pouco a forma dela de mostrar e colocar as coisas.

Em relação à população de rua, tem alguma situação que você pode falar em que a mídia não atrapalhe?

Não sei, não consigo me lembrar. Não... Estou pensando, deixa eu pensar. Um exemplo concreto?

Pode ser exemplo concreto ou "ah, quando a mídia fala sobre esse assunto eu acho que ela está colaborando"...

A mídia amiga (risos). Não, mas eu acho que quando... É porque eu estou tentando lembrar de algum documentário, de alguma coisa, de alguma reportagem, eu não consigo...Talvez o exemplo que o Rodrigo tenha dado do Rafinha Bastos, né? Mostrando ele nessa perspectiva acho que de uma forma real, não como foi feita na reportagem do Globo Repórter. Talvez isso seja uma forma da mídia mostrar uma forma positiva realmente o que se passa com essa população. Eu acho que ela pode ser amiga e ela é amiga quando ela coloca eles na pauta.

A última pergunta. Se você fosse uma jornalista qual matéria escreveria sobre esse público? Ou sobre as mulheres?

Acho que a maternidade. O que é estar grávida e ser mãe na rua. Acho que essa seria. Acho que seria essa: o que é ser mãe e mulher na rua, dificuldades...

Ok. Obrigada!

FERRARI, Raphael Varotto. [30 dez.2013]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

Vai autorizar usar o nome real ou prefere um fictício?

Real

Idade?

31

Profissão?

Policial Civil, escrivão.

Grau de escolaridade?

Superior completo, Direito, com pós-graduação em Direitos Humanos, Segurança Pública, Cultura e Cidadania e estou fazendo Didática em Ensino Superior pela UERJ.

Local de nascimento?

Rio de Janeiro/RJ

Qual a relação do seu trabalho com a população em situação de rua?

Quando eles são conduzidos e apresentados à delegacia pela Polícia Militar, pela Força Nacional, pela Guarda Municipal. A gente se atém aos aspectos formais de uma ocorrência.

E por qual motivo você fez o curso na UFRJ?

Porque essa temática me interessa. Sou professor de Direitos Humanos da Academia de Polícia. Esse assunto não faz parte do conteúdo programático. O curso de formação da Academia tem 840 horas. Depois do curso, eu tentei inserir pelo menos duas horas sobre população de rua, mas ainda não consegui.

Se você conseguir inserir essas duas horas, o que você vai tratar?

Sobre essa dinâmica. O que vai levar a pessoa a uma situação de rua, qual a rede acolhedora para que quando uma pessoa se deparar com uma ocorrência, saber dar o encaminhamento adequado e não apenas o trato criminal, que é o que a gente faz atualmente. Chega, vai para a cela, espera ser recolhido para o sistema prisional, tchau e benção.

Quais ocorrências aparecem aqui?

Furto, subtração de cobre (metal) de cabos públicos, arruaça, bebedeira, confusão, prática de sexo. As denúncias geralmente chegam via disque-denúncia ou associação de moradores.

As atuais políticas municipais são suficientes para atender a população de rua?

Não existe política para essa população, é tudo pirotecnia para agradar a opinião pública.

Você sente medo deles?

Não, mas eu acho que eles são meio desagradáveis porque eles vêm com umas abordagens assim... “me dá aí 2 reais, me dá seu prato de comida”. Mas isso já é uma reprodução da abordagem que eles sofrem.

Quais os desafios de se trabalhar com esse público?

Entendê-lo. Saber de que forma a pessoa chega a esse ponto. Vem gente aqui inteligente, articulada. Eu me recordo que todas as vezes em que houve caso de furtos, elas tinham pra quem ligar pelo menos para dizer: “estou preso”.

Existe alguma diferença (no seu trabalho) na forma de tratar/lidar com as mulheres em situação de rua ou é exatamente o mesmo tratamento dispensado aos homens?

Não, é o mesmo. Aqui são duas celas. Na cela da esquerda ficam os homens e a da direito as mulheres. O clube do Bolinha e o clube da Luluzinha.

Quais as principais ocorrências com mulheres em situação de rua aqui?

Briga, furto de material de cobre. É raro pegar uma coisa mais violenta porque com a Ocupação da Força Nacional aqui na cracolândia do Catete, eu acho que esse público mais agressivo foi para espantado a Lapa.

É a favor ou contra o recolhimento compulsório?

Esse recolhimento que é feito eu sou contra. Mas eu não sou contra eles serem encaminhados para algum órgão para receberem tratamento assistencial, não.

Como deveria ser feito, então?

Olha só, o espaço é público. Então, assim como o comerciante não pode se apropriar daquele espaço para exercer uma atividade econômica sem uma autorização da Prefeitura, eu também não acho correto que uma pessoa se instale ali e passe a morar ali. Agora, tem que ser dado um encaminhamento correto. Não é pegar a pessoa e levar para um campo de concentração, que nem aquele de Santa Cruz, como dizem que é, ou largar na Avenida Brasil. Isso não existe. Agora, tem que falar: "meu amigo, você precisa se enquadrar, você precisa cuidar da sua saúde, você precisa arrumar um emprego". Emprego tem, a gente está vivendo em pleno emprego. O maior reflexo disso é a empregada doméstica. Hoje em dia é difícil você conseguir uma empregada doméstica, uma diarista. Amigos comerciantes dizem que cozinheiros estão em espécie de extinção porque está muito difícil de conseguir. Então, têm oportunidades. A grande questão é como fazer o resgate dessa pessoa, né? Mas eu não acho correto nem ficar no meio da rua, nem ser recolhido à força. Tem que ser uma saída consensual, tem que ter uma oportunidade, tem que parar de beber, de usar drogas. Não é possível que a pessoa não queira um dia ter um lar, uma família. O que deveria ser feito lá na infância, tem que ser feito agora.

Sobre jornalismo... Na sua opinião, qual é a função do jornalismo?

Informar corretamente a população. Não o que esses grandes veículos de mídia fazem, né?

Como assim?

Manipulam. Quem fez a revolta na França são jovens, aqui são vândalos.

Você acompanha as notícias que saem sobre população em situação de rua?

Sim, eu leio. Leio jornal desde os nove anos.

Qual jornal?

O Globo. Impresso só O Globo, mas pela Internet eu leio muito os blogs do Milton Temmer, do Garotinho, Folha de São Paulo, Estadão, O dia. Televisão eu vejo muito pouco.

Você concorda com a forma com que o assunto de população de rua é mostrado nesses veículos?

Não, as notícias apresentam sempre os estereótipos, com aquele negócio favorável à remoção. Sempre com essa tônica: tem que remover, tem que remover, tem que remover. É tendenciosa, entende?

Você notou alguma diferença na cobertura jornalística de assuntos relacionados à população de rua?

Não.

Você se lembra de alguma notícia que consumiu recentemente sobre este assunto?

Da Lapa e do Globo sobre o acampamento de pessoas em situação de rua na Praia de Botafogo.

Do que se tratava essa reportagem?

Eles montaram um acampamento improvisado e atacavam os pedestres.

E foi apontada alguma solução?

Não, sempre com aquela velha retória de “vamos reforçar o policiamento”.

Você concordou ou discordou com a forma com que o assunto foi tratado?

Eu achei legal ressaltar a ocupação. Tipo assim: não pode isso, mas a associação de que, invariavelmente, eles estão ali, na verdade, para praticar crimes, eu discordo. Eu não acho que há essa relação, não.

Você se lembra de alguma notícia que consumiu recentemente cujo foco era a mulher em situação de rua?

Especificamente não.

O que poderia ser melhorado nas coberturas jornalísticas sobre esse tema?

Acho que o aumento da população de rua. Às vezes, que há um êxodo também. Essa constatação é como morador, não como policial, não. Às vezes eles reprimem em Copacabana, eles correm tudo para cá no Catete. Eu estou desde pequeno aqui e vejo isso. Aí fica muito cheio de mendigo, menino de rua.

Retratar as redes, ainda que de alguma forma que não seja plena. Essa falência institucional dos órgãos que tratam das questões é muito ruim. Por exemplo, falaram do acampamento, mas deram as opções? Não! Isso não é jornalismo.

Você já foi entrevistado alguma vez em função do seu trabalho com a população em situação de rua?

Não.

Você acha que a população de rua tem conhecimento do que a mídia publica sobre eles?

Eu acho que não. Eles não têm acesso a nada, vão ter acesso a jornal?

O que pode ser feito para diminuir a quantidade de pessoas vivendo nas ruas?

O capitalismo ser menos predatório, né? A riqueza é uma só. A partir do momento que você começa a concentrar em poucas pessoas, realmente outras ficam afastadas do acesso aos serviços, etc. Então, eu acho que uma distribuição de renda. Não dessa forma que o governo PT faz, mas que as instituições bancárias tivessem uma margem de lucro menor, que o sistema financeiro fosse menos agressivo.

Isso resolveria a situação?

Se começar agora, vejo num cenário daqui uns dez anos porque é sistêmico, é global, não é uma causa só, são várias causas, né? Não dá para ver de uma maneira isolada. O problema é complexo. Tem uma série de questões envolvidas.

De que forma a mídia pode contribuir para isso?

Eu acho que informar bem a população, acompanhar os políticos, acompanhar as políticas públicas. Não tem esse acompanhamento, principalmente falando em relação ao Globo, que é o jornal que eu leio. Por exemplo, não tem um acompanhamento, não tem um controle do que é o orçamentário. Denunciaram que há um acampamento no canteiro central, mas também denunciaram as mazelas no sistema de atendimento? Eu não vi isso.

Se você fosse jornalista, qual pauta gostaria de abordar?

A própria falência dos órgãos que são criados para tratar dessa pauta que não funciona, né? A gente viu a variedade de profissionais que havia no curso [da UFRJ], sempre com essa queixa de não ter verba, não ter planejamento.

FERREIRA, Selma Maria de Souza. [30 dez.2013]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

Vai autorizar usar o nome real ou prefere um fictício?

Real

Idade?

53

Profissão?

Policial Civil, comissária de polícia.

Grau de escolaridade?

Superior completo, formada em Letras.

Local de nascimento?

Rio de Janeiro/RJ

Trabalha com a população em situação de rua há quanto tempo?

Tenho experiência de voluntariado há 18 anos. A gente fazia um trabalho em uma comunidade de Nova Iguaçu através de um grupo espírita. Uma vez por mês, ia médico, enfermeiro, assistentes sociais, várias pessoas de várias áreas para dar assistência a essas pessoas. Não somos ligados a ONG, não somos ligados a nada. Eu sou extremamente contra o nascimento das ONGs porque elas arrecadam dinheiro do governo e não fazem nada, a grande maioria. A gente chama de caridade anunciada. A bíblia pede: você faça sua caridade sem anunciar pra ninguém. Aqui, na delegacia, muitos casos, chega a investigação policial: uma lesão corporal, um furto e o envolvido é um morador de rua e isso vem no texto do registro da ocorrência. E aí, você começa uma caçada para saber quem é o morador de rua. Às vezes ele chega aqui ferido, por brigas de rua, brigas de faca. O crack está assolando a população de rua, antes isso não existia, era o alcoolismo. Um fato que eu constato e afirmo é a falta de políticas públicas. Qual é o trabalho que tem que ser feito? Por que essa população de rua migra? Porque ela não tem condições dentro do seu meio. Não se cria condições para os pobres de baixa renda ficarem no seu local. Não tem o que vestir, não tem o que calçar, passa fome, os filhos nascem, aí eles vão para a rua. Não interessa para o governo fazer políticas públicas para esse público.

E o que você recebe na delegacia sobre mulheres em situação de rua?

Elas têm um grande problema que é o sexo. Elas engravidam porque não há uma política de anticoncepcional, de uma distribuição, de um preventivo, de uma ligadura de trompas. Para não proliferar mais a população de rua, para dar menos sofrimento para essas mulheres e para as crianças, deveria haver uma política. Um exemplo: uma senhora que já estava com nove filhos, eu tive que pedir para um parente, que é médico para ligar as trompas dela. A mãe fica desesperada para prover aquela criança, para dar o leite, a comida e ela comete delitos. Ela perde a noção. Eu sei que isso não justifica. Uma coisa que eles perdem muito na rua é a autoestima. Perdem. Eu chegava desses trabalhos voluntários fedendo, sem nenhum problema, mas eles queriam abraçar, chorar. Graças a Deus conseguimos recuperar muita gente. Eles sofrem também com a indiferença das pessoas. Se diz que o mundo está cada vez mais globalizado, mas ele está

cada vez mais selvagem. Você é uma moça direitinha, bem vestida, bem assídua. Se você colocar um traje de mendigo, você vai ver. Tem até uma tese sobre isso de um professor que se vestiu de gari. Não precisa ser mendigo.

As atuais políticas municipais são suficientes para atender a população de rua?

Não. Não interessa. Quanto mais desenvolvido um país, menos você vê população de rua.

Você recebeu treinamento para trabalhar com esse público?

Não, a gente faz o curso na academia de polícia, mas nada foi falado. Só o crime em si foi falado. Isso a gente aprende na prática. A pessoa em situação de rua chega aqui, ela chega numa situação ruim, de humilhação. Ninguém vem até uma delegacia para ver se você é feio ou bonito. Todo mundo chega numa delegacia numa situação de sofrimento porque foi roubado, porque sofreu um acidente. 99,9% é isso. Eu tento dar o melhor de mim para que a pessoa se sinta melhor.

Você sente medo deles?

Não.

Quais os problemas e gratificações ao se trabalhar com esse público?

Eu acho que existem muito mais gratificações. Quando a gente abraçava essas pessoas, elas diziam: “nossa, muito obrigada”. E eu dizia: “obrigada a você por me permitir exercer a caridade”.

Existe alguma diferença (no seu trabalho) na forma de tratar/lidar com as mulheres em situação de rua ou é exatamente o mesmo tratamento dispensado aos homens?

Não. Eu trato todos iguais. Até porque é a minha parte doutrinária. Pode ser um bandido na minha frente, mas eu trato todos iguais.

Quais as principais reclamações das mulheres em situação de rua na sua área?

Violência dos homens porque elas saiam de casa porque eram agredidas. Elas não tinham apoio da família. Uma série de somatórios, que ela fugia de casa. Como não tinha onde cair morta, ia para a rua.

Alguma situação marcante no seu trabalho que envolva alguma mulher em situação de rua.

Ali debaixo do viaduto dos Marinheiros, na Praça da Bandeira, ficava uma família inteira. Todo mês a gente saía à noite. Nós chegávamos com fralda, comida, mas o principal que a gente fazia era levar o pão espiritual, que eles necessitavam mais. Tinha uma moça com um nenê, tava frio, e nós conversamos com ela. Eu juntei minha função policial com minha função social. Eles estavam sem documentação nenhuma. Um era carroceiro e tinha sido atropelado. O cara do carro

fugiu, não deu a mínima, e ele tinha anotado a placa. Eu disse que ele não podia ficar lesionado naquela situação e a pessoa do carro, que estava errada, não podia fugir sem prestar socorro. Então, nós fomos à delegacia. Eu cheguei em casa de manhã naquele dia. Ele era marido dessa moça. Registrei e pedi para transferir a investigação para a Delegacia do Catete. Na mesma hora, eu tirei uma cópia do RG dele e da esposa. Foi registrado. Um dia, nós voltamos nesse grupo. Um ano depois, eu encontrei com eles fora da situação de rua. Ela trabalhando, ele também, eles morando numa casa direitinho. Eu ajudei, mas não gravei a pessoa. Quando ele me encontrou na rua, perguntou como é que eu tava, me abraçou. Daí ele contou a história, disse que foi procurado por essa pessoa que o atropelou. Essa pessoa estava passando por um momento difícil da vida, justificou o ato e deu emprego para ele e para a esposa dele. Isso me marcou muito.

Como você imagina que seria a sua vida se você estivesse em situação de rua?

Eu te juro que eu nunca me imaginei nisso. Eu sempre fui muito batalhadora. Eu vim de uma família pobre. Minha avó morava numa favela em Belém do Pará. Minha mãe é analfabeta. O meu pai ficou órfão aos 12 anos e levava porão de navio. Eu não me vejo nisso porque a minha família é muito lutadora. A gente não senta na porta para chorar. Infelizmente, existem as pessoas mais fracas que não têm essa força. Eu tenho essa força, por isso eu faço esse trabalho de ajudar.

É a favor ou contra o Choque de Ordem?

Eu sou a favor com ressalvas, desde que eles tenham uma estrutura melhor. Eles não vão ao âmago da questão. São situações paliativas, que não resolvem.

Sobre jornalismo. Na sua opinião, qual é a função do jornalismo?

Eu acho que é um serviço de utilidade pública porque as pessoas tem que saber dos fatos, é muito importante. Até para nós, em cima disso, fazermos um trabalho. Muitas coisas começaram via denúncias de jornal.

Você acompanha as notícias que saem sobre população em situação de rua?

Eu vejo.

Em qual veículo?

Globo News, Band, no rádio a Band News, internet, globo.com. Eu sou muito antenada com tudo o que está acontecendo.

Há quanto tempo?

Desde sempre.

O que você acha da cobertura jornalística sobre pessoas em situação de rua?

Eu acho satisfatória. Eu acho que atualmente tem bastantes projetos importantes sobre isso que o jornalismo está dentro para que as pessoas tenham uma visão melhor do que está acontecendo. Por meio de documentários e reportagens, que eu vejo bastante, esses projetos jornalísticos colocam os ângulos que você nunca viu e levam às pessoas a uma reflexão.

Você se lembra de alguma notícia que consumiu recentemente sobre este assunto?

Semana passada. Juntou um padre e um pastor evangélico e ex-viciados em crack vieram para atender a população de rua em São Paulo, na cracolância.

Você se lembra de alguma notícia que consumiu recentemente cujo foco era a mulher em situação de rua?

Não. Eu lembro que nessa reportagem apareciam algumas, mas com foco em mulher, não. Inclusive, é a primeira vez que eu vejo alguém se preocupar com esse tema.

Você concordou ou discordou com a forma com que o assunto foi tratado?

Concordo. Eles levam os fatos, mostram os ângulos e você forma sua opinião.

Você já foi entrevistado alguma vez em função do seu trabalho com a população em situação de rua?

Não.

Você acha que mídia e população de rua tem um bom relacionamento? Por quê?

Eles não ligam, não têm acesso.

O que pode ser feito para diminuir a quantidade de pessoas vivendo nas ruas? Ou melhorar a qualidade de vida delas?

Combater o problema no foco, ou seja, aos lugares de origem de onde a população de rua vem, da baixada fluminense, do interior do Estado. Tem que ver o foco e combater os focos de pobreza.

De que forma a mídia pode contribuir para isso?

Eu acho que ela, indo até esses locais e entrevistando essas pessoas. Ir até a casa daquela avó, mãe, marido que perdeu uma pessoa para a rua.

Se você fosse jornalista, qual pauta gostaria de abordar? Ou: Qual notícia gostaria de fazer para publicar em um jornal, site ou na TV?

Essa que eu acabei de falar. Eu iria nos focos de onde eles saem. Eu faria uma reportagem investigativa sobre isso.

LIRA, Renata Verônica Côrtes de. [12 fev. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

Vai autorizar usar o nome real ou prefere um fictício?

Pode ser o nome mesmo, pra mim não tem problema. Eu acredito que não tenha problema de ser o nome verdadeiro porque o status que nós temos e as informações que nós temos, são dados oficiais, dados que foram, como eu posso dizer? Dados que foram sistematizados, entregues às autoridades, né? São informações colhidas *in loco*, nós somos de um grupo que foi constituído por uma lei, então assim, tem toda uma institucionalidade no que nós vamos apresentar pra você, então se tiver alguma informação ou outra a gente te avisa, mas eu acredito que não.

Você tem quantos anos?

37.

Advogada, né? Local de nascimento?

Salvador, Bahia.

Você trabalha, têm contato, com a população em situação de rua há quanto tempo?

Eu acho que contato com população de rua mais a partir do Mecanismo mesmo do trabalho, foi a partir do Mecanismo.

Desde que ano?

A gente está aqui desde julho de 2011. Porque... e na verdade mais especificamente mesmo, a partir dos recolhimentos compulsórios né que foram ocorridos aqui no município do Rio, por que o grupo ele tem um mandato de o espaço de privação de liberdade, então, em tese, a população de rua não seria o nosso foco de trabalho, mas como eles têm sido recolhidos compulsoriamente e levados a locais com características análogas a espaços de privação de liberdade, como se fossem prisões, né? Então, a gente tem também trabalhado com essa população, tentando monitorar esses espaços, os quais eles estão sendo levados. O meu trabalho anterior, ele era, antes do Mecanismo, ele era muito focado na litigância internacional, eu trabalhava em uma organização que trabalhava com casos enviados para a comissão interamericana. Então, tinham muitos casos: casos de trabalhadores rurais, casos de tortura no sistema prisional, mas com população de rua, não. Ainda não tinha tido uma experiência tão próxima, né?

Agora eu preciso que você me explique tudo sobre esse Mecanismo Estadual de Prevenção e Combate a Tortura do Rio de Janeiro - MEPCT/RJ, né? Quem financia, como é que funciona, onde funciona, quem pode procurar, quem vocês ajudam, a quem pertence.

A lei ela criou o Mecanismo, mas ela também criou um comitê. Ela cria, na verdade, um sistema estadual de prevenção e combate à tortura e dentro desse sistema existe um comitê do Mecanismo. O comitê é o órgão político, composto pelo tribunal de justiça, assessoria pública, ministério público, conselho de direitos humanos, conselho da comunidade, cinco organizações da sociedade civil para preencher essas vagas. São dezesseis órgãos, vamos dizer assim, e dentro eles cinco da sociedade civil. A Organização de direitos humanos da sociedade civil, esse órgão é o órgão político, é o órgão responsável por fazer a interlocução com as autoridades. Assim, de forma bem... é, como eu posso dizer... é responsável por correr atrás de cumprir as recomendações que são feitas. O Mecanismo é o órgão operacional, ele vai fazer o monitoramento de mais unidades de privação de liberdade. Qualquer unidade, qualquer espaço de privação de liberdade e aí os mais comuns que são as unidades prisionais, mas também delegacias, também abrigos, hospitais, comunidades terapêuticas, qualquer local. Se a gente souber que na UPP né, como já aconteceu, em algumas UPPs têm espaço em que as pessoas são privadas para irem pra investigação, averiguação etc., ainda não aconteceu, mas esses espaços também são considerados espaços de privação de liberdade. Então, existe uma discussão, uma tentativa de também poder estar monitorando esses espaços, porque eles também são análogos a espaço de privação de liberdade. Então, o mecanismo faz o monitoramento nesses espaços, elabora um relatório sobre o que foi visto ali e apresenta para o comitê que vai, então, trabalhar politicamente aquele documento.

Mas vocês chegam sem avisar?

Sim, nenhuma visita é avisada.

E vocês têm carros pra se locomover, como que é?

Nós pertencemos administrativamente a Presidência da casa, no caso a Assembleia Legislativa né, somos administrativamente é... subordinados ao presidente da casa, hoje, o deputado Paulo Melo, que é presidente da Assembleia Legislativa. Mas, eu digo administrativamente... como os trâmites burocráticos, né? Pagamento de salário, assinatura de ponto, esse tipo de trâmite mais burocrático né, mais... de pertencente ao RH né, ao recursos humanos, entã, nós tínhamos que estar ligado a algum gabinete e nos ficamos ligados ao gabinete de presidência, independente de

quem seja o presidente, nós somos ligados burocraticamente, administrativamente, ao gabinete da presidência. Devemos obediência enquanto funcionários da ALERJ, de forma como um todo, mas não estamos subordinados ...

É ALERJ, né?

É ALERJ, que é a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Mas não estamos subordinados politicamente a nenhum gabinete, né. A nenhuma comissão, a nenhum gabinete. Nosso trabalho, ele é autônomo né, independente, melhor dizendo e não autônomo, independente politicamente de qualquer gabinete ou comissão da ALERJ. A comissão de direitos humanos, ela faz parte do comitê, então ela trabalha muito em parceria com o Mecanismo, porque aí, o que acontece... o Mecanismo, muito embora esteja dentro da ALERJ e subordinado a presidência, ele hoje não tem nenhuma estrutura. Não temos nenhuma estrutura. Não temos um carro...Não temos um telefone, não temos sala né, não temos... nada!

Papel?

Nada! É só fruto da nossa vontade de trabalhar. Porque assim, o grupo, essas seis pessoas que já trabalhavam há muito tempo na área de direitos humanos, ou seja, já estava todo mundo acostumado a trabalhar em organizações e movimentos dos quais vocês não tinha recurso e tinha que ir na cara e na coragem né. Então é muito assim que a gente trabalha, por essa vontade nossa, nós criamos alguns canais, e conversas, e aberturas de diálogos e portas para o mecanismo mostrando a constitucionalidade dele e mostrando a importância. E o trabalho é sério, então nós vamos conseguindo, por exemplo, o núcleo de direito humanos da Defensoria Pública, ele faz parte do comitê, então ele conhecia o trabalho e sabe da dificuldade de estrutura. Então, logo no início em que não tínhamos nenhuma estrutura, a comissão de direitos humanos da OAB nos cedeu uma salinha como essa aqui que você está vendo, para que ficássemos lá na OAB, até que conseguíssemos uma estrutura. Ficamos durante um tempo na OAB, depois desse tempo na OAB, houve algumas mudanças e eles precisaram da sala também pra outros enfim... outros fins né... e ficou mais apertado, digamos assim, o tempo que nós iríamos dispor da sala. Então, em conversa com o grupo, o, até então, Henrique Guelber, coordenador aqui do núcleo disse: “Olha, a gente tem uma salinha lá no núcleo, que os estagiários usam, que a gente usa pra pesquisa e se vocês quiserem se reunir por um tempo ali a gente pode ceder pra vocês. É essa a sala aqui que você está vendo.

Então vocês atendem aqui mesmo?

É, a gente não atende aqui porque é difícil essa coisa do atendimento. A gente não trabalha com esse atendimento de receber pessoas, como você pode ver aqui, é um monte de cadeira para o pessoal ser atendido núcleo, a gente não faz muito esse atendimento. Quando precisa fazer um atendimento, a gente marca aqui ou marca na comissão de direitos humanos, no espaço que a comissão de direitos humanos tem na ALERJ, a gente pede a salinha deles emprestado também para que as pessoas possam ir até a ALERJ conversar com a gente ou em qualquer outro lugar que a gente entenda que é possível.

E quem procura vocês? Eu me lembro naquele seminário da Câmara Municipal, que um dos moradores em situação de rua da plateia reclamou... "Onde é que vocês estão que a gente não conhece esse trabalho tão importante?". Depois daquele seminário, houve uma maior procura, como é que foi?

Não, ninguém me procurou depois daquele seminário e eu deixei dados e tudo né, mas ninguém procurou a gente, não. Agora o que acontece, o nosso trabalho, Suzana, ele é feito muito dentro das unidades prisionais. A gente vai para as unidades prisionais, a gente entra, a gente vai lá conversa com os caras, pede pra ver a cela, entra vai lá dentro conversa com ele, vê a situação de banheiro, de cama, de lixo. Então, a partir desse contato com eles, a demanda chega através dos familiares por telefone, por e-mail, as pessoas vão conhecendo a gente e vão fazendo esse tipo de contato. A gente recebe muita denúncia de outros órgãos que trabalham com o sistema prisional e que não conseguem entrar né. Vez por outra a gente recebe uma denúncia de uma organização que trabalha com adolescente, sabe... que está havendo alguma tortura em alguma unidade pra internação de adolescente ou uma mãe que vai visitar um filho e que fica sabendo do que está acontecendo procura, por exemplo, a comissão de direitos humanos da ALERJ, que já passa a denúncia pra gente. A gente tem procurado em todo o relatório que a gente... temático que a gente faz, a gente tem procurado a mídia para fazer divulgação, para apresentar o relatório para que as pessoas irem conhecendo o nosso trabalho. Mas é um órgão muito recente, ele começa em 2011, então agora a gente começa a ter uma projeção maior quando a gente fala que a gente vai lançar um relatório, mas assim, mais do que dois jornalistas para cobrir, né. Não é um público que tenha interesse pelo o que eu estava dizendo, é um público invisível e que não há interesse, das pessoas estarem divulgando em que condições desumanas que eles estão lá vivendo. Então, é muito complicado, mas a gente procura estar sempre presente nos espaços, por isso que a gente faz questão de divulgar o nosso trabalho, de ir nos locais, apresentar, ir para uma mesa,

conversar, colocar nossa experiência... para que aos poucos as pessoas vão conhecendo mais o nosso mecanismo. Mas, em geral, é... parte deles lá de dentro e a família procura a gente.

E o mecanismo tem a expectativa de se tornar independente administrativamente de qualquer órgão?

O mecanismo está vinculado a Assembleia Legislativa, os recursos dele vem todo da Assembleia Legislativa. O pagamento dos nossos salários ele é feito pela Assembleia Legislativa, ou seja, pelo Estado. E... não há necessidade, digamos assim, inicial, de que a gente tenha mais recursos do que a Assembleia consegue nos dispor. Nós temos a informação de que há um projeto de Prevenção e Combate à Tortura Estadual, que prevê um orçamento de R$ 400.000,00 para a promoção do combate à tortura. Esse valor está disponível na ALERJ para que seja gerido, nós temos procurado pessoas e condições e descobrir como é possível estar fazendo a execução desse valor que já foi divulgado na mídia e que existe para o combate a tortura. Nós não temos acesso a esse valor, nós recebemos o nosso salário e ao longo desses anos temos tentado gerir, tentar saber como se executa esse valor e aí esse valor poderia servir para comprar o carro para o Mecanismo e ficar determinado que aquele veiculo seria destinado à locomoção da equipe para as visitas, poderia ser destinado para a publicação de cartazes para se fazer uma campanha, folder para se fazer uma campanha, cartão, enfim... uma série de elementos que poderiam estar ajudando no nosso trabalho. Mas, infelizmente, até o momento, nós não conseguimos, a gente está buscando.

Na sua opinião, as atuais políticas públicas do município são suficientes para dar conta desse público em situação de rua?

Olha, eu acho que a gente tem pouca informação do Mecanismo, né. A gente tem procurado atender essa população muito pelo o que diz respeito aos locais para onde elas estão sendo enviadas. Partindo desse espaço mesmo, desse lugar pra onde eles são levados, o que nos parece é que, não, as políticas elas não dão conta. Primeiro que elas não dão conta no sentindo de que ainda há um descompasso entre o que a pessoas que efetivamente moram na rua né, e que sente que ali é o local dela é... sente... é o que as políticas preveem em que as pessoas não podem ficar na rua e que as pessoas tem que sair dali, tem que procurar uma forma de ir para um abrigo e que no abrigo seria a melhor solução e eles estariam ali protegidos. Essa condição meio paternalista, que se coloca, talvez a gente possa dizer que as políticas ainda são muito paternalista no sentido de que não dialogam com quem realmente está na rua e saber exatamente quais são os desejos e os anseios dessas pessoas, né? Pelo menos é o que me parece. Quando a gente visita um abrigo,

por exemplo, um abrigo para a família, a gente já visitou abrigos que são destinados para a família, mães com três, quatro, cinco filhos , com o companheiro ou sem o companheiro, ou uma mãe, o filho e o companheiro, em alguns desse abrigos, o que me parece é que é isso: que eles são levado para ali para ficar protegidos de algum perigo da rua, mas que, na verdade, a gente visualiza que não é isso. Eles estão sendo retirados para não serem vistos. Eles estão sendo colocados isolados e os locais são extremante isolados. Assim, teve um... esse abrigo para a família que eu fui , que a gente fez uma visita é... pra gente chegar lá, a gente ficou com medo, que a gente passou por uma estradinha de barro com mato do lado, mato do outro, a gente falou: "gente, será que é aqui mesmo né, será que não é"... Difícil, e a gente ficou imaginando como que uma pessoas sai dali, como que quem trabalha chega nesse lugar? A equipe técnica do abrigo como que chega? Se tiver que dar um atendimento médico pra alguém como que faz?

Que abrigo que é esse?

Eu tenho que olhar na lista, eu não vou lembrar o nome desse abrigo, mas a gente tem nos relatórios, eu posso te passar. E, então, a impressão que eu tenho é que é isso, é que é sempre uma política que vem sempre em descompasso com o que essas pessoas realmente anseiam. Na verdade, ela vem em compasso com o que essa ideologia higienista que paira sobre a gente já há muito tempo né, que a gente precisa limpar as ruas, tirar da vista essas pessoas para parecer que está tudo bem e parecer que as pessoas estão muito bem encaminhadas na vida. E que na verdade não é nada disso, né?

Esse último relatório da contagem da população de rua que foi feita aqui no Rio, o que você achou dele?

Que é um mapeamento para saber exatamente onde agir, onde... bem, para você fazer o recolhimento compulsório você precisa mapear, né... Para você trabalhar com a população de rua você precisa mapeá-la. Concordo. Mas para fazer o recolhimento compulsório também. Nos locais por onde nós passamos, e que se vê, por exemplo, muitas pessoas usando crack, dai há um tempo você percebe que uma operação é designada para aquele local. As operações elas não são aleatórias, as operações elas têm uma previsão, elas são elaboradas, elas são pensadas e elas precisam contar com o mapeamento.

Sabendo se essas pessoas tem algum mandado de busca para elas, e isso vai totalmente de encontro ao que se prega né, porque " olha, as pessoas então consumindo crack, elas precisam de tratamento, mas quem precisa de tratamento não precisa ser sarqueado, não precisa saber se ele

tem mandado ou não...Isso serve para você conseguir eliminar alguns... você tira alguns que você já não precisa dar esse pseudo tratamento que se diz e você já consegue encaminhá-los para o sistema prisional. E os que ficam para o tratamento são encaminhados, por exemplo, por uma prisão de Paciência, local o qual a gente já esteve algumas vezes e já percebeu que não há qualquer condição de qualquer tipo de tratamento e verdade seja dita... Nós temos tido acesso a muitas equipes que trabalham, equipes que trabalham em Caps, nesses núcleos de atendimento psicossocial e as pessoas são completamente engajadas, interessadas, estão discutindo também essa política, mas o número ainda é muito reduzido. A rede extra-hospitalar, a rede substitutiva ainda é muito pequena pra atender realmente a quem precisa de algum tipo de tratamento, nem que seja ambulatorial no Caps, e mesmo que alguém precise de alguma internação né... Por um surto, por algo assim, as possibilidades ainda são muito poucas né, o que nós percebemos é que essas pessoas são retiradas do centro da cidade e levadas lá pra longe, por exemplo, por uma abrigo de Paciência porque mesmo que elas saiam né, porque não é uma prisão, elas podem sair, mesmo que elas saiam, até elas conseguirem chegar de novo no centro da cidade é um dificuldade...

São quantos quilômetros mesmo?

Cinquenta, né? É mais ou menos isso. A primeira vez que a gente foi, a gente se perdeu. A primeira vez que nós fomos fazer visitas em abrigos de crianças e adolescentes, nós fomos em três equipes, três vans saíram da central, cada van tinha pelo menos 5 ou 6 pessoas de organizações e ONGs que fazem monitoramento, Conselho Regional de Psicologia, Conselho Regional de Serviço Social, integrante do mecanismo, da OAB, da comissão de direitos humanos, organizações da sociedade civil, grupo tortura Nunca Mais. Dividimos em três equipes e fomos e nós nos batíamos, assim, nos lugares a van de um encontrava com a van de outros. Partimos para três abrigos que se localizava na mesma região da cidade...Mas que não eram no mesmo local, eram três abrigos distintos e até acharmos, a gente se perdia e encontrava a van: “Olha a van do outro grupo passando”. Até que a gente achou...

E o que vocês encontram nesses locais que acolhem essas pessoas em situação de rua?

A gente costuma se dividir e ver coisas diferentes. Assim...porque a gente tem ido aos abrigos desde o Rio+20, porque já existia uma informação de que as ruas, obviamente, iam ser... Iam tirar todas as pessoas que estavam ali morando na rua para que a cidade ficasse mais protegida, mais bonita para estar recebendo esse grupo todo que viria para o Rio para as Conferências do

Rio+20. Então, o trabalho, ele foi durante a Conferência Rio+20 e um pouco depois né, para gente ir percebendo como que estava essa entrada. No... No, que é um pouco essa nossa experiência com recolhimento de adultos, mas a gente também, anteriormente, já tinha começado a ir nos abrigos por causa do recolhimento compulsório de adolescentes. No que se refere à condição dos abrigos para adolescentes, eu posso dizer que os que eu visitei, não eram tão ruins. A estrutura não era tão ruim, mais ou menos assim como um colégio interno, você tem uma estrutura que é, de certa forma, isolada, que é disciplinar e... Mas tem menos grades digamos assim do que uma prisão. Tinha piscina, tinha lugares que a gente visitou que tinha piscina, campo de futebol, área comum para os adolescentes circularem, mas o que nós encontramos nesses lugares foram muitos adolescentes que não conseguiam conversar, eles não conseguiam falar direito, porque eles estavam muito medicados. Isso ficou nítido assim, que eles estavam muito medicalizados. Inclusive, teve uma das experiências que a gente pegou um garoto que estava dormindo e ele estava dormindo e ficou dormindo o tempo todo, não tinha quem o fizesse acordar, ele muito provavelmente estava super dopado. E a informação que deram é que pai dele tinha levado ele, então, o que acontece? As pessoas têm também a ilusão de que esses locais vão realmente resolver né? Os pais, a família está preocupada, está sofrendo, e olha que um usuário na família, com certeza, é um usuário excessivo de drogas na família porque todo mundo tem um usuário de drogas na família, todo mundo consome drogas, só que drogas ditas lícitas, mas entendendo que tendo um usuário de uma droga ilícita de forma excessiva na família que seja uma coisa que... Que toma conta da família toda né, aquilo ali absorve toda a família e as pessoas têm a ilusão de que se levar o seu filho para um abrigo daquele, ele vai efetivamente receber um tratamento e dali a dois ou três meses ele vai sair dali ótimo. Quando, na verdade, ele pode até deixar de sentir a falta de determinada droga e passar a sentir falta de outra porque ele começa a ser da mesma forma medicado e remédios traja preta pra ficar né... e os ansiolíticos da vida e etc. Nessas visitas, nós fomos com pessoas que tinham qualificação para, por exemplo, pegar o prontuário e olhar e dizer: “olha, essa dose está muito além do que é possível, né?” A gente tomou esse cuidado de que pessoas que podiam ter acesso aos prontuários né, não era eu, eu não consultei, eu sou advogada, então a gente não pode chegando e pedindo os prontuários, eu estava em um grupo que estava a Tania, que é psiquiatra e integrante do grupo Tortura Nunca Mais, é uma psiquiatra reconhecida, trabalhou com o sistema prisional, faz pesquisas na área de manicômio judiciário, então é uma pessoa super reconhecida no Rio, já tem publicações na área

e estava no grupo em que eu estava e ela teve acesso aos prontuários e ela disse: “Essa dosagem, ela é muito além do que é possível para o adulto, quem dirá para um adolescente e as informações é de que era um psiquiatra para todas essas instituições em que nós visitamos. Porque elas todas eram administradas pelas Teslu e a Teslu tinha um psiquiatra que circulava pelas instituições.

O que é a Teslu?

Teslu uma organização que administra, administrava, até onde a gente sabe, naquela época administrava os abrigos. Houve uma denúncia de toda essa precariedade que foi encontrada nos abrigos de responsabilidade imediata da Teslu, mas óbvio que do município também, inclusive, colocando que o presidente da Teslu era um ex-policial militar com uma série de processos de auto e de resistência, uma série de processos e que era quem administrava todo esse grupo de abrigos, que recebiam adolescentes que estavam vindo da rua. Então, foi tudo muito estranho e até a gente conseguir e aí o TCU, o Tribunal de Contas, TCU não, mas o Tribunal, também apresentou inúmeras falhas, né? Hoje já não é mais a Teslu né, devido a essas ondas de denúncias e de apresentações de falhas, a Teslu não tem mais a execução, não pelo menos de todos os abrigos. Cada vez que a gente vai visitando, a gente vai descobrindo. Que agora é o Viva Rio que institui uma organização que é chamada de Viva Comunidade que tem tomado conta dos abrigos.

Vocês receberam treinamento para trabalhar com o público em situação de rua?

Foram experiências nossas, experiência do nosso trabalho. Nós não visitamos, procuramos não visitar abrigos, locais específicos sem que tenham profissionais específicos na equipe, o Mecanismo, por prerrogativa legal, ele... ele pode convidar os especialistas, digamos assim, em determinados assuntos para acompanhar. Então, se a gente vai em um abrigo, a gente procura ter alguém do Conselho Regional de Serviço Social, o Fábio que é integrante do Mecanismo é assistente social. Se a gente vai visitar um manicômio judiciário, nós procuramos na equipe, se por possível levar ou um psicólogo ou um psiquiatra ou alguém do Conselho Regional de Psicologia, né? Do Conselho de Enfermagem... então, a gente é... como nem todas as especialidades nós temos bastante informação, a gente pesquisa muito, corre atrás de se informar, sabe como é que é né... e como a gente não tem muitas informações procura levar sempre alguém também.

Vocês sentem medo desse público?

Não. As pessoas costumam perguntar se a gente tem medo de entrar nas unidades prisionais, se lá que, em tese, está o mal do mundo né, que todo mundo acha que lá dentro só tem bicho, só tem monstro. Em hipótese alguma a gente se coloca em uma situação que sinta medo. O que acontece, às vezes, é você sentir que o clima está tenso porque eles estão tensos com alguma coisa, então, a gente procura ter mais cuidado, porque, óbvio, a gente não sabe que conversas foram feitas antes da nossa chegada, mas a gente tem um pouco mais de cuidado. Mas não temos medo, muito menos das pessoas, da população de rua, de forma nenhuma.

E quais são os desafios de se trabalhar com essa população de rua? Os problemas, gratificações...

Eu, pessoalmente, trabalho há pouco tempo assim... Eu não saberia te dizer... Eu acho que os desafios são desafios como outro qualquer assim... Eu tinha mais experiência com pessoas encarceradas, digamos, e maior desafio de trabalhar com essa pessoa é o estigma, né? Talvez este seja também um desafio que a gente encontra com a população de rua. O estigma, é isso, é uma parcela da sociedade invisível né, como eles já diziam e tudo é mais difícil para você conseguir desenvolver com essas pessoas porque o que a gente pode produzir de avanço em política, o que a gente pode produzir de avanço na execução né, do que está previsto, nesses programas que estão previstos para essas pessoas é sempre mais é... Como é que eu posso dizer, é mais complicado, mais difícil porque essas pessoas são invisíveis, não se percebe a necessidade de trabalho com a população de rua. Não há interesse...É todo um trabalho de convencimento. Eu acho que o desafio de trabalhar com a população de rua não é a população de rua especificamente, mas é o que se tem de ideia que seja a população de rua. Com essas pessoas especificamente, o nosso trabalho não imagino ter qualquer desafio. A gente não vai, por exemplo, pra rua sentar e conversar com essas pessoas saber o que está acontecendo porque isso não diz respeito ao mandato do Mecanismo. No momento em que as encontramos nos locais, a gente senta e conversa e discute: “E aí, como é que está, como é que está a situação aqui, como é que fica, no que você acha que a gente pode estar colaborando”. Esse tipo de relação é muito tranquila, eu acho que o desafio é você conseguir convencer os outros de que essa não é uma população invisível e que ela tem possibilidade de dialogar e colocar seus interesses também.

Existe alguma diferença no trabalho de vocês na forma de lidar com mulheres e homens em situação de rua?

Não.

Vocês escutam queixas diferentes? Reclamações diferente, específica de mulheres em situação de rua?

Olha, eu não... Esse abrigo que eu visitei que foi para mulheres não havia queixas específicas quanto a gênero, digamos assim. As reclamações são as mesmas. Nas unidades prisionais, a gente consegue identificar outras necessidades específicas quando você entra em uma unidade feminina e elas dizem: "Olha, eles distribuem um pacote de absorvente, com doze absorventes, para uma cela que tem sessenta mulheres e fazem isso uma vez a cada quinze dias". Quer dizer, se elas não recebem visitas e se os familiares não levarem, você imagina o caos absurdo que é conviver dessa forma, com cinquenta mulheres em um mesmo local com um pacote de absorvente. Então, assim... Esse tipo de queixa específica das mulheres, a gente não ouviu nesses abrigos de algo mais específico, que, de certa forma, abala ainda mais e tem a ver com a integridade física e psíquica dessa mulher também.

E alguma situação que marcou o trabalho de vocês que envolva uma mulher em situação de rua?

É porque assim, não é que eu não acho que não exista né e que não aconteça, mas é que realmente o nosso mandato na verdade, talvez se fosse em... Não sei se... Talvez futuramente um outro grupo que compunha o Mecanismo não entenda da mesma forma. Há de se pensar também que a composição nos leva a crer que é importante também ir visitar abrigos, é importante também monitorar esses espaços, mas não é algo prioritário, algo que é esteja prioritário, esteja estabelecido prioritariamente na lei do Mecanismo. Se você for olhar a lei, ela não coloca especificamente esse tipo de lugar, mas ela diz que são lugares análogos também à condição de privação de liberdade. Então, assim, não é algo que seja essencial do mandato do mecanismo ou então não é um público realmente que nós trabalhamos no dia a dia, a gente podia te dar inúmeras informações a respeito da população encarcerada, mas a população de rua realmente não é o nosso foco, não é o foco do nosso trabalho.

Sua opinião sobre o recolhimento compulsório?

Recolhimento compulsório como se apresenta, seria com o intuito de recolher essas pessoas e interná-las compulsoriamente. Bem, eu, o Mecanismo também, mas falando enquanto Renata, eu sou totalmente a favor da Lei da Reforma Psiquiátrica que entende que o ideal é que a pessoa conviva em sociedade; é pensar um projeto terapêutico no qual ela possa ser inserida na sociedade, então eu sou totalmente contra a internação. Sei que existem alguns casos necessários, em casos de surto, e talvez a pessoa precise passar alguns poucos dias passando por um

medicamento, tendo acesso a um medicamento, uma proximidade maior com os profissionais, com os técnicos, mas sou totalmente pela Lei 10.216 que fala da desinstitucionalização. Por isso, a gente vê um crescente número de casos de comunidades terapêuticas, de clínicas psiquiátricas se fortalecendo de uns tempos pra cá , eu não concordo. Eu acredito muito mais na filosofia que você precisa ter uma relação externa, você precisa ter uma relação com o fora, que não adianta você recolher a pessoa durante três meses em um local fechado e depois do nada ela volta à vida real como se tudo fosse ser o que aconteceu lá dentro daquele mundinho. Mas, eu estive em uma comunidade terapêutica em que o rapaz estava segurando um saco e conversando com a gente, segurando um saco e conversando e, de repente, ele vira e fala: “Nossa! Não aguento mais segurar essas pedras!”. E eu: “como assim?”. Eu achei que ele estava tipo, com alguma roupa suja, com alguma coisa dele no saco, que ele estava conversando com a gente e que depois ele ia lá levar sei lá! Era um local de pessoas que eram adictas, então assim, tinha muitos funcionários da Petrobrás, baixo escalão, mas um pessoal que precisava de tratamento porque era alcoólatra. Então, em visita nesse local, tinha esse rapaz segurando esse saco o tempo todo conversando, conversando, até que ele disse que eram pedras, e então eu: “Você fica segurando, carregando pedras o dia inteiro pra lá e pra cá?” E ele: “é, quando eu saio, quando eu vou no banco, quando eles me levam no banco ou me levam pra eu fazer algum exame, eu vou com meu saco, eu levo meu saco de pedras porque eu tenho que me lembrar de todo o mal que eu fiz pra mim e pra minha família carregando um saco de pedras”. E ele dizia isso convicto, e já estava convencido de que ele tinha que carregar aquele saco de pedras, muito embora ele já se sentia assim: “Ai! Não aguento mais carregar!”. Mas ele conseguiu me relatar como e porque ele tinha que segurar aquele saco de pedras. Então, assim, não acredito e não tenho nenhuma formação na área de saúde mental, tenho, na verdade, uma admiração, justamente por trabalhar com o sistema prisional, eu acho incrível que alguém pense desinstitucionalização, eu acho que é uma ideia que podia ser levada para o sistema prisional. Eu sou assumidamente abolicionista, então eu acho que a gente precisa pensar maneiras de, aos poucos, diminuir o número de presídios, pensando em outras alternativas, cuidando da origem dos problemas para não cada vez mais encarcerar mais a população. Então, pra mim, o recolhimento compulsório ele é completamente, ele reproduz, parece que as pessoas não conhecem a história né, como que é que a sociedade se monta né, parece que as pessoas caem do céu, parece que não sabem que se repetem né, que os fatos se repetem né, que o recolhimento é mais um limpeza higienista que está acontecendo no Rio de

Janeiro, como já aconteceu há anos atrás, entendeu? Então, esquecem do que já aconteceu, apagam o passado, apagam as consequências e repetem, de novo. Para além do absurdo de você internar compulsoriamente é a repetição, a ideologia que traz de volta esse tipo de política, né?

Então, a gente vai passar para a segunda parte que é a do jornalismo. Na opinião de vocês para que serve o jornalismo na sociedade?

Desliga do gravador! (Risos)

Não! Agora é que eu quero ele ligado! (Risos)

Eu costumo dizer... Eu sou advogada, mas eu digo o tempo todo pra ales aqui brincando: "Gente, advogado, jornalista e médico não valem nada! Pelo amor de Deus, que isso?!". Eu fico brincando aqui dizendo isso – e olha que eu sou advogada, mas imagina, né? Eu fico brincando que são três categorias que arrasam as pessoas pra não dizer outra coisa, mas pra que serve o jornalismo foi a sua pergunta. Imagino eu, que o pessoal aprende na faculdade, pensando também que os advogados aprendem... Mas enfim, eu acredito que o jornalismo serve para nos informar, para trabalhar na busca pela...informação real, a fonte primária, né? Eu acho que o jornalista, ele pode ser crítico, eu acho que não é problema em discordar de alguém, então, por isso, não acho que o jornalismo deve deixar de ser crítico, mas eu acho que as notícias elas precisam ser dadas exatamente como aconteceram, né? Para daí então cada um então possa construir a sua crítica a partir então das informações reais. Então, eu imagino que o jornalismo deveria servir pra isso né, que informação e é real quando se diz que parece clichê, mas é verdade, informação é poder, né? É clichê, mas é poder. Informação é poder, então o jornalismo tem em suas mãos muito poder. Agora, é isso, como se utiliza né, a partir de posse dessa informação, como que ela vai ser utilizada que tem sido esse questionamento.

Você acompanha as notícias que saem sobre população de rua?

É... eu acho que a gente tem acompanhado mais ultimamente por causa dos recolhimentos, né? Então, quando sai alguma noticia que houve recolhimento de população de rua , a gente presta bastante atenção porque a gente se programa e em reunião a gente fala: "Oh gente, saiu uma notícia, recolheram tal... Vocês viram a matéria, recolheram e tal... Vamos visitar esse local? Vamos ver como essas pessoas estão?". A gente se comunica se a gente acha que foi de forma muito truculenta, pra onde foram... As pessoas nos procuram de forma imediata. Acho que agora a gente tem prestado mais atenção de 2011 pra cá, eu pelo menos presto mais atenção, né?

E em qual veículo você acompanha?

Ah, mais internet, né?

E você se lembra de alguma notícia cujo foco era uma mulher em situação de rua?

Olha, vou ser muito sincera com você, a única notícia que eu lembro, aqui do Rio nem tanto, que eu lembro nem sei em que estado foi, mas era uma senhora que se travestia, se colocava como se fosse alguém em situação de rua, mendigava, pedia dinheiro e que depois se arrumava e ia pra casa dela. Virou uma polêmica como se ela fosse a pessoa mais horrível da face da terra assim.

E você, em geral, concorda ou discorda com a forma em que o assunto é tratado?

Eu pelo menos sou bem desfavorável com a linha editorial dos os grandes veículos de imprensa, os mais conhecidos e, obviamente, assim, não sendo a favor da linha editorial deles, qualquer matéria relacionada sobretudo a essas pessoas que estão sempre em situação de risco e propícias a serem alvo desse tipo de política, com esse caráter punitivo, com esse caráter de exclusão, eu não...em geral eu não gosto, eu acho que eles são muito fascistas, não concordo. Assisto as matérias ou leio as matérias e digo: “Nossa!”.

E o que você acha que poderia ser melhorado na imprensa quando o assunto é pessoas em situação de rua, mulheres em situação de rua?

Eu acho que a imprensa poderia, primeiro, procurar as pessoas, primeiro conversar. Bem, talvez não consiga efetivamente conversar com alguém em situação de rua por qualquer motivo, mas eu acho conversar com as pessoas que trabalham efetivamente com o tema, entendeu? As pessoas que estão no dia a dia, as pessoas que chegam e que se aproximam. É que é assim, você do nada sentar em uma praça e tentar conversar com as pessoas, ela não vai confiar em você e eu dou a ela toda a razão, mas alguém que faça esse tipo de trabalho, que tenha uma aproximação e que possa te levar para conversar com alguém, alguém que diga: “Não, eu vou com você e vou te levar, aí você vai conversar com esse morador e você vai saber dele”. Acho que falta pra imprensa é saber buscar a fonte primária mesmo, né? É ir buscar a informação ali onde está nascendo né, de onde ela está surgindo e não fazer hipóteses mirabolantes sobre o que poderia ser a vida de um morador de rua.

Você já foi entrevistada em função do seu trabalho com população de rua?

Olha, eu acho que a gente já foi mais entrevistada a respeito do sistema prisional. Sobre recolhimento acho que não. A grande maioria não, mas o mecanismo já deu entrevista sobre isso.

E você se sentiu confortável com a imprensa?

Eu nunca fico confortável com a imprensa. Eu sempre acho que... Eu sempre acho que vai editar, porque assim, vai editar e vai cortar e já colocaram várias coisas que eu não falei...Então... eu dou entrevistas, mas.... eu sei que é necessário, eu sei que é preciso, eu sei que a gente precisa colocar nossa versão, mas eu sinceramente tenho a preocupação de saber se realmente essa versão é a que vai ser apresentada. Isso já aconteceu várias vezes, jornalista ele tenta... Acho que, de certa forma, tem gente que quer fugir do assunto e cabe ao jornalista conseguir a notícia que ele quer. Isso eu acho tranquilo, acho legítimo para um jornalista, porque tanto pode ser eu que posso estar falando algo desse público que a gente sabe que ninguém, ninguém quer ter notícia né, da população de rua ou do sistema prisional como pode ser alguém que tenha uma informação que seja necessária para todo mundo e está fugindo de transmiti-la. Então, eu até acho legítimo que de certa forma ele faça você voltar ao assunto e dizer: "Não, mas olha só, eu estou te perguntando efetivamente sobre esse assunto aqui e queria que você por favor, e se você não puder você me diz, que quero que você seja mais específico". Eu até acho que isso é legítimo, mas cabe à pessoa dizer: "Olha, sobre esse assunto eu não trato!"

Quando você dá entrevista para algum veículo jornalístico, você gosta do resultado?

Poucas vezes eu gostei do resultado! (Risos). Não gosto porque as palavras são manipuladas...Outro dia disseram que o espaço está propício a monstros, a criação de monstros! Eu falei: "Olha, eu não sou desse tipo e nunca falaria uma coisa dessas. Isso é muito absurdo!" Sabe? Que eu disse que o espaço está propício para a criação de monstros. Eu sou totalmente contra. Sou totalmente contra a esse tipo de argumentação, entendeu? "Que não pode estar cheio porque o espaço é propício..." Não, gente! Não é nada disso.

O que poderia ser melhorado na relação entre mídia e população de rua?

Olha, eu vou tirar por mim, quando eu tenho que escrever sobre alguma coisa que eu não conheço eu pesquiso, eu converso com pessoas. Então, eu acho que falta um pouco disso ao jornalista. O jornalista, me desculpe dizer, ele sequer vai no Google. Ele que tudo triturado. Ele quer tudo pronto. Se você der um relatório do Mecanismo de cinquenta páginas para um jornalista, ele vai dizer: "Não eu não quero esse relatório, eu quero que você me dê dois parágrafos sobre o que é o seu relatório. Então, eu acho que falta na mídia esse trabalho de pesquisa. Acho que tem uma série de fatores que influenciam, problemas na profissão, o tempo... reconheço tudo isso, mas acho que o que falta, e aí não seria só junto a população de rua, é a pesquisa. Falta trabalho de investigação, de averiguação, acho que falta isso, de aproximação.

O que pode ser feito para diminuir a quantidade de gente vivendo nas ruas ou melhorar a qualidade de vida daquelas que querem permanecer nas ruas e como a mídia poderia contribuir para isso?

Vontade política, mudança de paradigmas, construção de uma nova cultura, do que é entender a pessoa ali na rua e eu acho que a mídia podia ajudar a demonstrando, por exemplo, que as pessoas têm o direito de ir e vir e ficar onde elas quiserem.

E a última pergunta: se você fosse jornalista, qual matéria você gostaria de divulgar?

Eu acho que o foco da minha matéria seria na possibilidade de se viver na rua. Demonstrar que existem pessoas que vivem sim na rua, que é possível viver na rua a partir do momento em que as pessoas não estigmatizem, não descriminem o modo de viver daquele outro. É possível. Eu acho que em se tratando de morador de rua, eu ia querer mostrar para as pessoas que é possível, que não atrapalha ninguém e que não prejudica ninguém, não agride ninguém, não agride a cidade já que se pensa nesse projeto de cidade para os outros, a gente não pensa para gente, a gente pensa para o outros. Eu acho que o foco da minha matéria ia ser essa. É possível viver na rua, não está mal, não está ruim e ter acesso a todos os serviços, né? É possível.

SILVA, Patricia de Oliveira da. [12 fev. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

Então, a entrevista é com a Patrícia de Oliveira da Silva, você vai autorizar utilizar o nome real ou preferem um fictício?

Pode ser o nome mesmo, pra mim não tem problema.

Patrícia, você tem quantos anos?

Eu tenho 39.

Grau de escolaridade?

Eu estou terminando o segundo ano do segundo grau.

Local de nascimento?

Rio de Janeiro.

Há quanto tempo tem contato com a população em situação de rua?

Eu particularmente há uns 18 anos. É por que é uma história bem longa, mas assim, vou dar uma resumida...É que assim, meu irmão ele sobreviveu à chacina da Candelária. Meu irmão foi um dos sobreviventes né, da Chacina da Candelária, que aconteceu aqui no centro da cidade, na

igreja da Candelária, que foi praticado pelos policiais militares. Isso foi em 1993. E a maioria dos meninos eram meninos em situação de rua.

E ele estava em situação de rua?

Na época estava. Ele tinha 18 anos quando ele sobreviveu.

Mas só ele ou a família toda?

Não, só ele. É por que ai já é outra história bem longa. Na realidade a chacina não ficou bem explicada o porquê teria acontecido, né? Coisa que até hoje, fez 20 anos o ano passado, e não ficou claro. Porque dizem que foi por causa de assalto né, e os policiais resolveram dar um susto nos meninos e o susto foi matar os meninos, né? Mas não ficou muito esclarecido. Alguns policiais foram condenados, outros não. Na época, tinha um tenente que ele foi absolvido né, e por que alguns policiais não foram condenados? Porque entre a palavra de um menino de rua e de um policial militar, o que prevaleceu no tribunal do júri foi a palavra dos policiais militares e não dos meninos de rua. Tanto que os outros meninos, os outros meninos que sobreviveram, a maioria não quis levar adiante, né? E aí meu irmão levou adiante, teve que ir embora do Brasil, ele mora fora do Brasil até hoje por que ele sofreu um segundo atentado depois e ai, é isso.

Ele sofreu ameaça depois?

Ele sofreu ameaça, não. Na realidade tentaram matar ele de novo por que ele levou quatro tiros no dia da Candelária e, depois, um ano depois, ele levou mais quatro tiros por policiais militares também.

Mas isso não foi aqui no centro?

Foi aqui no centro da cidade.

Então ele ficou marcado e teve que ir embora?

É. Ele foi embora por isso. Ele que possibilitou a criação do Programa de proteção à testemunha, porque antes não existia. Na época não tinha o programa que pudesse possibilitar uma pessoa realizar um testemunho. Como ele testemunhou e sofreu um segundo atentado, então o governo na época resolveu criar o Programa.

Foi por causa dessa história? Saiu na mídia isso?

Saiu na mídia, foi amplamente divulgado...

Como é o nome dele?

Vagner dos Santos. E porque... como foi uma chacina mundialmente conhecida né, então assim, a mídia internacional as autoridades pressionaram muito.

E aí, a partir desse fato que aconteceu com seu irmão, como você passou a ter contato com a população de rua?

A gente tinha perdido o contato. Depois da chacina que a gente se reencontrou e aí, eu comecei a participar de reuniões, atividades, manifestações e não era só eu, era o grupo das mães, o pessoal do Vigário Geral, porque eram chacinas muito próximas e aí eu comecei contato com a população em situação de rua.

Era trabalho voluntário?

Sempre foi voluntário.

Agora eu preciso que você me explique o Mecanismo Estadual de Prevenção e Combate a Tortura do Rio de Janeiro - MEPCT/RJ.

Então, o mecanismo ele foi criado, a partir da lei do protocolo do protocole facultativo em 2000, a lei foi elaborada em 2010. É a lei estadual 5778/ 2010, e aí o grupo de organizações, com a vinda de alguns integrantes do Comitê de Prevenção e Combate à Tortura da ONU em audiência pública ajudou a elaborar esse projeto de lei, que foi aprovado, e tem a autoria do deputado Marcelo Freixo com dois coautores: um ex-presidente da Assembleia Legislativa e o Luiz Paulo. Então, foram três deputados que apresentaram esse projeto de lei ele foi aprovado e instituída a lei no dia 30 de julho de 2010. E aí, depois, começou o edital para o mecanismo, que é uma chamada pública para o mecanismo. Várias pessoas se inscreveram, foram 150 currículos, de 150 caiu para 115 e de 115 foram eleitos pelo comitê que é um órgão que foi criado por essa lei. Foram eleitas seis pessoas: eu, o Renata, a Fabio, Taiguara e a Vilma. Depois, a Vilma teve um problema não pode ficar e entrou a Vera, então são seis integrantes do mecanismo, e a Bel. No primeiro mandato éramos quatro mulheres e dois homens, agora teve uma mudança de novo porque os quatro primeiros ficariam quatro anos, e os quatro membros, no caso, ficariam dois anos.

É por votação?

É...

Vocês já tiveram algum tipo de problema em alguma visita?

O único problema que a gente teve uma vez foi com a polícia civil, quando tinha carceragem, que foi a carceragem Grajaú, que na época o delegado não deixou, não permitiu a entrada, mas logo depois ele teve um escândalo e foi afastado. Inclusive algumas visitas que a gente fez, mesmo depois que começou o recolhimento compulsório, alguns diretores de unidades

reclamavam do aumento de pessoas em situação de rua ou que eram usuárias de crack que eram levados para os presídios. Então assim, antes tinha... eles tinham que passar pela delegacia também para se sarquear...

O que é sarquear?

Saquear é ver se tem antecedente criminal, se tem mandado de prisão como acontecia com criança e adolescente, mas aí o Ministério Público e a Promotoria começaram a bater... tem parado, mas tem acontecido. A última operação que teve ali na Maré, eles ficaram ali no Batalhão da Maré e foi montado uma mini-delegacia dentro do batalhão da Maré...Foi véspera de feriado, foi dia 19 de novembro...

E o que vocês encontram nesses locais que acolhem essas pessoas em situação de rua?

Primeiro que o tratamento é sempre esse, assim, por exemplo, nesse que eu fui, lá de Paciência, tinha uma menina que ela estava lá e que assim... era o quinto dia dela lá, mas que todos os dias ela chorava porque ela queria falar com a mãe dela e a direção não permitia ela falar com a mãe dela.

Por telefone?

Por telefone e ela assim, ficou implorando para poder falar com a mãe dela. Até a gente conversou, a assistente social conversou com a diretora...

Por que não deixavam?

Não, porque não é permitido e porque era celular e não pode ligar para celular. Então assim, se a mãe dela quisesse ligar ou se a mãe dela não tivesse crédito ou não tivesse telefone em casa, também não poderia ligar. Então, isso também acaba complicando o relacionamento, e depois de conversar muito, muito mesmo com a diretora a diretora foi e ligou pra mãe de menina e a menina ficou muito mais calma, porque ela queria ir embora, ela queria ir embora, no caso dela a mãe dela tinha levado ela para ficar ali. Ela queria tratamento, então a família dela levou, mas ela não queria ficar longe da família, né? Fora isso, a estrutura também é ruim, porque assim, você está ali, você acaba no tratamento né, mas a estrutura é assim, como se você estivesse no presídio, as janelas são todas de grade, a porta fecha à noite, eles trancam a porta e ficam trancado ali, então isso também acaba impedindo a pessoa de sair, tá entendendo? E aí como é que você está em um tratamento, você não pode botar o pé pra fora depois de certo horário, **você não pode ver televisão, você tem que ver o programa que eles escolhem, tem toda uma burocracia...**

E quais são os desafios de se trabalhar com essa população de rua? Os problemas, gratificações?

Não tem vontade política...A população de rua, pelo menos no Rio de Janeiro, ela aumentou muito do ano passado pra cá com as remoções também.

Nas favelas, né?

E ainda com as obras das Olimpíadas para a cidade olímpica, então muita gente acabou perdendo a casa, porque a prefeitura do Rio, ela vai desapropriar porque tem que desapropriar e acaba não indenizando algumas pessoas, nem todo mundo, mas essa população também aumentou muito por causa disso. Então é uma coisa que é bem... São famílias...

Existe alguma diferença no seu trabalho na forma de lidar com mulheres e homens em situação de rua ou é a mesma?

É a mesma.

Atualmente quem é responsável pelo recolhimento compulsório aqui no município?

Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social.

Não é a Secretaria de Ordem Pública?

Também. Oficialmente é a Secretaria de Desenvolvimento Social e quem é responsável é o vice-prefeito, Édson Pires.

Então, a gente vai passar para a segunda parte, que é a do jornalismo. Em sua opinião, para que serve o jornalismo na sociedade?

Jornalista tem código de ética e nunca é utilizado o código de ética do jornalismo. Vou citar um exemplo: normalmente, quando uma pessoa moradora de comunidade é assassinada pela polícia, vem sempre aquela notícia: “Polícia mata vários bandidos”. Ele não procurou a família, ele não procurou ninguém para saber, mas ele já diz que é bandido. Ele já julga, o pré-conceito dele julga. Agora, em algumas emissoras, eles falam “supostamente”. Mas isso, depois de brigas mesmo, né? Porque, antigamente, há uns vinte anos atrás, faz uns vinte anos atrás, o sindicato dos jornalistas do Rio de Janeiro, eles tinham umas oficinas, que eu até cheguei a participar de umas oficinas e que perguntavam, convidavam várias pessoas da população mesmo pra perguntar: “O que você acha que o jornalista quando vai noticiar uma matéria deve falar, deve fazer?”. Então, assim, tinha essa preocupação. Então isso mudou, mudou muita coisa. Posso dizer que mudou muita coisa.

Você acompanha as notícias que saem sobre população de rua?

Algumas coisas, sim.

E qual veículo?

Jornal O Dia, O Globo, de vez em quando, o Extra...

E você notou alguma diferença na cobertura do tema nos últimos anos?

Olha, que teve uma diferença foi só quando o promotor Rogério Pacheco entrou com uma ação contra o prefeito, então saiu três semanas seguidas falando aquilo, mas fora isso...

E você nota alguma diferença de um veículo para o outro?

Depende muito do jornalista. É mais o jornalista do que do veículo.

Você se lembra de alguma notícia que consumiu recentemente sobre esse assunto?

Recentemente, foi só em novembro, quando teve o recolhimento, né? Até porque o próprio promotor ele... como tem essa ação contra a prefeitura, todo mundo começou a procurar ele e... Ele não sabia que as pessoas estavam sendo levadas para o batalhão, então começou aquele burburinho.

E, em geral, você concorda ou discorda com a forma com que o assunto é tratado?

Discordo. É, essa semana, ontem, ontem, saiu um senhor lá em Jacarépaguá, ele tem problemas psiquiátricos e amarraram ele no poste, porque assim, ele está em situação de rua e amarraram ele no poste até o bombeiro chegar. Querem amarrar todo mundo...

O que poderia ser diferente nessas matérias?

Eu acho que, primeiro, os jornalistas deveriam se colocar no lugar do outro. Ele iria conseguir melhorar muita coisa se ele pensasse: poderia ser eu, poderia ser a minha família. Como ele iria receber isso? Acho que ele mudaria muita coisa. Acho que ele fazer esse exercício já seria um bom começo.

E tem alguma parte que a imprensa acerta quando se trata desse tema?

90% erra, principalmente se for a grande mídia. Raramente, se acertar é porque assim, é um jornalista que vai procurar, mas é muito relativo. E também tem muito editor que acaba cortando para colocar sempre aquilo que ele acha que é o certo. Assim, eu já ajudei a fazer algumas matérias que nunca foram ao ar, o editor fica falando: “Não, esse tipo de matéria não pode ir ao ar”.

Você já foi entrevistada em função do seu trabalho com população de rua?

Já. A pauta era... a primeira entrevista foi referente à eleição do membros do Mecanismo. Mas assim, em relação ao trabalho mais direto de visitação ao abrigo, não...

E as suas respostas foram influenciadas ou norteadas pelo jornalista?

Sim.

Você gostou do resultado da notícia?

Poucas vezes. Acrescentam coisas que você nem falou! Mas já gostei de entrevistas que dei para jornalistas conhecidos. Jornalistas que eu conheço há dez anos.

Mas em qual veículo, por exemplo?

Folha de São Paulo, alguns jornalistas do Jornal O Dia, Brasil de Fato.

Você acha que a mídia e a população de rua tem um relacionamento bom?

Nunca, jamais.

Pra você, o que pode ser feito para diminuir a quantidade de gente vivendo nas ruas ou melhorar a qualidade de vida daquelas que querem permanecer nas ruas e como a mídia poderia contribuir para isso?

Primeiro eu acho que precisa de vontade política, sem vontade política, não vai acontecer. Os ciganos montavam seus acampamentos onde eles queriam....Hoje em dia, acho que se vier cigano aqui pro Rio de Janeiro, acho que ele vai ter limites: "Oh, vocês podem ficar ali".

E a última pergunta: se você fosse jornalista, qual matéria você gostaria de divulgar ligada a população de rua?

Pra mim seria fazer uma matéria seria um centro de referência da memória da população de rua.

O que teria nesse centro?

Ah, teria tudo. A história do passado, tudo.

MAIA, Carla Beatriz Nunes. [23 jan. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

Vai autorizar usar o nome real ou prefere um fictício?

Real

Idade?

50

Profissão?

Advogada/ Defensoria Pública/Subcoordenadora do núcleo de Direitos Humanos da Defensoria do Estado do Rio de Janeiro

Local de nascimento?

Rio de Janeiro/RJ

Trabalha com a população em situação de rua há quanto tempo?

Há cerca de 4 meses.

De que forma a defensoria trabalha com esse público?

A defensoria começou esse trabalho sem nenhum vínculo com nenhum outro órgão, apenas de aproximação em relação aos Direitos Humanos porque também é função do núcleo monitorar os locais de abrigamento da população de rua, então, a partir desse trabalho, chegou ao conhecimento do Ministério da Justiça e a ministra se interessou, foi celebrado um convênio e foi disponibilizada uma verba, o que fez ampliar ainda mais esse trabalho. Então, paralelo a esse monitoramento, foi desenvolvida a pesquisa de campo, foi criado o software. E através dessa pesquisa, está se coletando, ainda temos muito ainda o que pesquisa, está se coletando o perfil desse morador de rua, se ele usa drogas, que tipo de drogas, há quanto tempo ele está na rua e identificando, assim, muito bem. Tem digital, até registra se tiver alguma cicatriz, para que não tenha como se confundir porque muitos deles não têm documento, então a gente teve esse cuidado de fazer essa identificação bem específica para que esse trabalho tenha peso.

Qual o objetivo desse trabalho?

A partir desse perfil que a gente tenta traçar, a gente vai poder sugerir políticas públicas em determinado sentido ou em outro sentido que for cabível a necessidade dessa pessoa. A gente tem observado que há necessidade de banheiro público para essas pessoas, principalmente as mulheres. Isso já é uma coisa que a gente vem identificando só pelo acompanhamento.

E esse trabalho existe na defensoria há quanto tempo?

Esse trabalho já tem cerca de dois anos.

As pessoas podem se comunicar com a defensoria por meio do e-mail do NUDEDH, né? Como funciona?

Esse e-mail tem acompanhamento, diariamente é vistoriado para que seja atribuído o procedimento específico. A demanda que for, pode ser uma demanda de documentação e aí a gente manda para o outro procedimento e providencia o que for necessário. Às vezes é um encaminhamento para abrigo, uma denúncia.

E quem não sabe escrever? Quem não tem acesso à Internet?

Ele pode vir à defensoria. Em regra, aqui só se atende através de marcação, agendamento através do 129. Aqui, especificamente, para morador de rua do NUDEDH não precisa de agendamento. Ele tem acesso de segunda a sexta, rua México, número 11, 15 andar, como tem sido feito.

Quais as principais queixas que vocês recebem?

Os abrigos nem sempre tem vagas. Como a demanda para o abrigo é maior que o número de vagas disponibilizadas, o que vem ocorrendo? Eles prevêm mais ou menos o período, até porque o abrigo não tem um caráter permanente, então o que que ocorre, naquele período o morador de rua nem sempre tem para onde ser transferido. E aí eles nos procuram pedindo para ser encaminhado. Isso tem sido reiteradamente observado. A gente tem conversado a respeito, provavelmente isso vai ser alvo de uma ação. Por acaso eu estou começando a participar de um grupo de trabalho, que já está documentado uma denúncia a respeito de moradores de rua do Largo do Machado que estão sendo espancados, agredidos fisicamente por alguns alunos de jiu-jistu, MMA, de uma academia do Largo do Machado. Isso já está sendo operado, já está sendo oficiado, enfim, parece que está ocorrendo.

As atuais políticas municipais são suficientes para atender a população de rua?

As atuais são melhores que...Eu vou ser sincera, até me surpreendi. O que que ocorre? Os abrigos municipais, eles ainda não conseguem atingir o objetivo pelos quais eles foram criados. Qual o objetivo de um abrigo de morador de rua? Abrigar num primeiro momento, acolher, acolhimento mesmo, e fornecer condições daquele cidadão se reinserir na sociedade com cursos, estágios. Existem já trabalhos nesse sentido. Tem um abrigo, se não me engano, em São Cristóvão, são tantos que eu não me recordo exatamente. Eles estão fazendo um trabalho tão exitoso. Os ex-abrigados criaram um vínculo afetivo com a direção. Eles se reinserem, formam a família e constantemente ou eventualmente retornam e levam sua família e querem rever os funcionários. Muitos ex-abrigados se tornam funcionários de abrigo. O objetivo é esse. Mas ainda está muito distante porque esses abrigos que conseguem atingir essa meta tão almejada para o trabalho são exceções. Existe um termo de cooperação celebrado entre o Ministério Público Estadual e a Prefeitura do Rio de Janeiro em relação a isso com todas essas exigências. Está tudo previsto em um TAC. Isso ainda não chegou ao objetivo tão esperado, mas já está bem melhor do que foi.

Tem políticas públicas voltadas para mulheres em situação de rua?

Eu desconheço, vou ser bem sincera. Talvez você consiga essa informação no NUDEM.

Você recebeu treinamento para trabalhar com esse público?

Não, eu não recebi treinamento. Na Defensoria Pública, eu, pessoalmente trabalho atendendo público, por opção eu fiquei 18 anos no interior, onde a gente tem um contato muito mais direto com o público assistido, até porque nem sempre tem estagiário e lá é outra realidade. Então, eu optei em vir trabalhar aqui. Eu sabia quem seria o destinatário do meu trabalho. Então, o meu treinamento foi a minha experiência, a minha prática com pessoas muito humildes, que são muito semelhantes ao morador de rua. As pessoas no interior são semi-analfabetas ou analfabetas, elas têm uma formação acadêmica muito pequena ou nenhuma. Isso me facilitou, mas normalmente não há treinamento.

Você sente medo deles?

Medo, medo eu não sinto, não. O que ocorre é muito interessante. Uma vez eu estava num abrigo, a gente estava colhendo os dados junto com os estagiários porque tem muita gente para registrar e aí um abrigado me falou que estava fazendo curso de informática. Eu acabei travando uma coisa mais próxima dele e passei o computador pra ele fazer. Ele fez, ficou todo feliz, falou para o professor dele e depois, lá mais pra frente no corredor, ele me encontrou e falou: dra, posso falar uma coisa pra senhora, a senhora não vai ficar chateada? Eu fiquei pensando no que ele ia falar porque no meio do trabalho é tudo tão mecânico, é tanta gente, que você não tem tempo para fazer uma coisa assim. E ele disse: “olha, eu vou vencer!”. Eu acho que eles sentem que a gente quer ajudar.

Quais os desafios de se trabalhar com esse público? Os problemas e gratificações?

O desafio é que eu percebo que com a globalização é cada vez mais temeroso esse aumento, é previsível até o aumento da população de rua. Por exemplo, nós temos aqui um comitê de subregistro que tem tudo a ver com a questão do morador de rua, que é um comitê em nível nacional, estadual e municpal, visando a erradicação da falta de registro, porque muitos não têm acesso à bolsa família. Inclusive, a pessoa não consegue se internar no hospital se não tiver o documento, então, uma juíza que participa conosco do comitê estava dizendo que outro dia ela conheceu um morador de rua que tinha faculdade. Então, o desafio é esse. A economia cada vez mais numa postura individualista, egocentrada. A globalização causou isso. Eu moro no Leme, na minha rua tem vários moradores de rua, eu já cumprimento ele, no Ano novo eu dei feliz ano novo porque não tem mais como você fechar os olhos e pensar que isso não corresponde mais à

minha realidade. É minha realidade, ele mora na minha rua. Ele cuida de carros na minha rua. O desafio que eu ia dizer pra você é viabilizar os direitos, viabilizar o exercício dos direitos que já estão à disposição deles. Esse é o meu desafio hoje, dia 24 de janeiro. Eu acabei de mandar para a assessoria de comunicação, existem dois benefícios que podem matar a fome, podem evitar que um morador de rua hoje morra de fome daqui a um mês, daqui a dois meses. Existe um benefício previdenciário que não precisa ter tido contribuição. Além do deficiente, o idoso com 65 anos ou mais, tem direito, mas como é que a gente vai efetivar o exercício desse direito? Eu tô tentando uma aproximação com o INSS, um convênio para que a gente crie um canal direto, como nós estamos já fazendo com o Detran. Em fevereiro ou março deve ser inaugurado um posto-piloto do Detran no Méier só para morador de rua, para novos documentos, segunda via, enfim. Porque esse público, até para ajudá-los, é difícil. Eles não têm onde guardar o documento. A eles, falta mais que o mínimo existencial, até para ajudá-los é difícil. Nossa proposta hoje é essa colocar o banner na entrada do núcleo dizendo o benefício: se você se enquadra nessa situação, nos avise. E a gente vai criar um canal e direcionar, não pode ser qualquer um do INSS. Esses funcionários do Detran que vão atendê-los, eles vão ter que ter um treinamento específico porque a gente está acostumado a lidar com o ser humano, com pessoas humildes, mas nem todo mundo está. Então, eles vão precisar de treinamento porque essas pessoas vêm com uma carga de revolta, uma desconfiança muito grande. Eles são muito desconfiados. Várias vezes eu pergunto: você usa drogas? Aí eles ficam com medo de internação compulsória e eles perguntam: “dra, pra quê a senhora quer saber isso? Não vão me internar não, né?”. O nosso grande desafio é dar esse mínimo direito, esse benefício é um salário mínimo, com um salário mínimo ele come.

Existe alguma diferença (no seu trabalho) na forma de tratar/lidar com as mulheres em situação de rua ou é exatamente o mesmo tratamento dispensado aos homens?

Vou ser sincera com você. Tem diferença, sim. Eu tenho mais pena da mulher. Eu sou mais solidária à mulher. É horrível falar isso, parece até um machismo meu às avessas, mas eu sou mais solidária, eu dou mais atenção, sim.

Em relação aos banheiros públicos, na região do Largo do Machado e na Lapa, onde têm várias pessoas em situação de rua, colocaram alguns banheiros para homens, sendo que existe uma demanda de banheiros principalmente para mulheres, como você mesma disse. Por que isso?

Essa iniciativa foi da administração da prefeitura. O que você está falando é interessante, eu já vou pedir para oficiar, então, imediatamente para ver o que se pode fazer. O que a gente vem pensando é, se não for possível fazer administrativamente, vamos ter que fazer uma ação judicial. Talvez não tenham pensado porque ainda o número de mulheres ainda é bem menor.

Alguma situação marcante no seu trabalho que envolva alguma mulher em situação de rua.

Em situação de rua especificamente, não. O que me marcou foi um caso foi de uma mulher que veio aqui acompanhando o marido totalmente surtado com três filhos bem pequenos e ela nos relatava que quando ele surtava, ele batia nela. Eles moravam em Caxias e nos acessos dele, ele fazia com que toda família andasse com ele e ele só queria andar, andar, andar. E ela acabou batendo aqui nessa situação praticamente de rua porque ela tinha que ficar o dia inteiro andando com três crianças.

É a favor ou contra o recolhimento compulsório?

Boa pergunta. Se o recolhimento compulsório for feito de forma civilizada, respeitosa e ser for uma pessoa que está visivelmente entregue ao vício, seja de crack ou de outra coisa qualquer, naquele estado ela já não responde por ela, daí ela provavelmente vai perecer, eu sou a favor, sim. Se for nessa condição. Da forma como acontece, de forma alguma. Eu não estava aqui, houve um recolhimento compulsório, o núcleo moveu uma ação. Quem trabalha com direitos humanos é totalmente contra. Eu tenho muito receio, esse ano que é ano de Copa do Mundo.

Como você imagina que seria a sua vida se você estivesse em situação de rua?

Eu já pensei nisso. Inclusive eu comentei que se eu tiver com a minha barriga roncando, eu vou fazer alguma coisa. Talvez eu não vá usar da violência porque não é da minha natureza até onde eu sei, mas eu vou fazer alguma coisa para suprir a minha fome. É totalmente compreensível algumas atitudes.

Sobre jornalismo: na sua opinião, qual é a função do jornalismo?

A função do jornalismo é divulgar com a maior veracidade possível os fatos que ocorrem na sociedade para, a partir das informações corretas, as autoridades, a população, agir ou não agir de determinada forma.

Você já foi entrevistado alguma vez em função do seu trabalho com a população em situação de rua?

Não.

Você acompanha as notícias que saem sobre população em situação de rua?

Sim.

Em qual veículo?

No O Dia. Esses dias saiu uma matéria bem interessante sobre um trabalho que estava sendo feito na Polônia a respeito de recuperação de usuários de droga que são moradores de rua. O Brasil sofre de um mal muito grave, tem muita demagogia contaminando as políticas públicas. Isso eu tenho observado. Todos eles que eu entrevistei até hoje usam algum tipo de bebida.

Algum além de O Dia?

Às vezes, eu olho um pouco na Internet.

Há quanto tempo?

Desde que eu comecei aqui, há 4 meses.

Notou alguma diferença na cobertura jornalística desse tema nos últimos anos?

Não, por enquanto. Talvez a imprensa escrita seja mais detalhada, até porque o formato permite.

Você se lembra de alguma notícia que consumiu recentemente sobre este assunto?

O secretário de segurança fez um trabalho de recolhimento dos moradores de rua e ele declarou que a questão dos moradores de rua não é de segurança, é de social. Eu achei muita coragem, justamente porque nós sofremos desse mal de demagogia em excesso. Ele disse o que é verdade. Pra quem trabalha nessa área, sabe. O sujeito não foi morar na rua por opção. Alguns, raríssimas vezes, moram na rua por opção, mas a maioria não. Um exemplo, isso eu tenho observado, um sujeito deficiente não consegue ter acesso ao Loas, um benefício que se paga ao deficiente, porque não tem documento. A família não tem como sustentá-lo, então, manda pra rua. Ele é uma vítima da falha do sistema. O sistema é falho, não dá a condição para ele ter a documentação dele para ele poder exercer o direito que está lá o esperando. Isso é difícil pra gente, mas tem que encarar.

Você se lembra de alguma notícia que consumiu recentemente cujo foco era a mulher em situação de rua?

Não, não me lembro.

Você concordou ou discordou com a forma com que o assunto foi tratado pela mídia?

Eu acredito que a cobertura é muito generalizada. A imprensa generaliza muito e aí as pessoas ficam com a ideia deturpada em função no do que ele vê na mídia.

O que poderia ser melhorado?

Uma imprensa mais independente.

O que pode ser feito para diminuir a quantidade de pessoas vivendo nas ruas do Rio de Janeiro ou melhorar a qualidade de vida dessas que vivem nas ruas?

Ampliação do número de abrigos e melhoria das condições de abrigos porque eles reclamam muito. Já deveria ter melhorado bastante. Para diminuir a quantidade de gente, eu vim pra cá com um sonho e eu vou tentar dar um passo desse sonho. Vamos começar agora um projeto para a melhoria do ensino básico. A Constituição garante o ensino básico gratuito. De primeira a oitava série, só que ele não tem qualidade no nosso Estado. Esse sonho que talvez se concretize, tem 80% de iniciar em março, vai atua nesse sentido de dar um ensino de qualidade. Isso pode realmente influenciar essas pessoas.

De que forma a mídia pode contribuir para isso?

Divulgando as condições dos abrigos para que, assim, os responsáveis por essas conduções se vejam obrigados a desenvolver o trabalho deles da melhor forma possível. A maioria das pessoas sai para as ruas por questões familiares, não por problemas de drogas, isso está na nossa pesquisa. Então, o que a mídia poderia fazer seria divulgar tratamentos gratuitos de psicologia, de terapia para que as pessoas, antes de saírem de casa, tentassem uma terapia familiar. Talvez. É uma pergunta interessante. Exigiria uma reflexão.

Se você fosse jornalista, qual pauta gostaria de abordar?

Eu visitei outro dia o presídio Esmeraldino Bandeira, Já é um outro trabalho que a gente faz, monitoramente carcerário. Nesse presídio, um presídio-modelo, presídio industrial, os presos fabricam pão, eles fazem pão, os pães que a gente come eventualmente nas lojas de conveniência são feitos por eles e a gente nem sabe. Esse trabalho é descontado na pena deles, eles têm disciplina exemplar para poder manter esse trabalho. Nesse mesmo presídio foi instalado uma academia de luta livre, jiu-jitsu que um ex-detento dá aula como voluntário e tem sido um sucesso. O desempenho é perfeito, a disciplina deles é maravilhosa. Em vez de aumentar a agressividade deles, diminuiu sobremaneira. Esse é um trabalho que ninguém sabe, só eu sei por que eu fui lá. Tantas coisas que eu venho constatando em pouquíssimo tempo que eu estou aqui. A sociedade acha que o cara está preso e acabou e não é assim. Mas se o filho ou o parente de alguém tiver uma fraqueza qualquer de caráter e for parar lá, ele vai querer que o sujeito seja bem tratado. O cárcere por si só já é difícil de suportar, não precisa relembrar a Idade Média.

BRAGANÇA, Clara Rafaela Prazeres. [30 jan.2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

Posso usar seu nome real ou você prefere um nome fictício?

Pode, pode. Pode usar meu nome real.

Sua idade?

27.

Profissão?

Advogada, coordenadora do Núcleo e Defesa da Mulher Vítimas de Violência.

Você nasceu aqui no Rio de Janeiro mesmo?

Nasci. Na cidade não. Eu nasci no estado, eu nasci na cidade de São João de Meriti.

Como é que funciona aqui?

A gente trabalha com mulheres vítimas de violência doméstica, qualquer tipo de violência, violência física, violência psicológica e tudo esse âmbito doméstico e o círculo de violência que se desenvolve dentro do âmbito doméstico nas relações afetivas mais próximas, as pessoas mais próximas da mulher. E eu tenho não só a mulher esposa, mas também a mulher mãe, a mulher filha, a mulher que de alguma forma se insere dentro dessa família e que é vítima dessa violência. Eu não trabalho só com mulheres vitimas dos seus maridos ou dos seus companheiros, mas mães que são vítimas dos seus filhos, irmãs que são vítimas dos seus irmãos, do seu padrasto, da madrasta, enfim... todo um âmbito de relação familiar mesmo.

O que seria essa violência, um exemplo?

A gente vê muito no caso de idosos. A pessoa vai envelhecendo e já começa a não ter mais as atividades que fazia, mas ainda tem a aposentadoria e, às vezes, o filho quer gerir na vida, não quer deixar sair de casa ou acha que a pessoa já está maluca e começa a desrespeitá-la, acha que vai controlar o dinheiro, acha que vai controlar o patrimônio, acha que ela tem que se subordinar ao que ele entende que é certo. Às vezes tem uma questão de dominação, por exemplo, vai morar na casa da mãe porque não tem onde morar e hoje a realidade das pessoas mais velhas estão, sim, sendo a base familiar, inclusive financeira, e vai morar na casa da mãe e acaba tenho um problema de agressão verbal e, depois, se a mãe tenta enfrentar, parte para a agressão física ou as vezes fica só na agressão psicológica “você é um velha maluca, você não pode falar nada, você não pode dar opinião, cala a sua boca, aqui quem manda sou eu!”. E toda a vulnerabilidade da

mulher que já é por si só frágil, fica ainda mais fragilizada tendo em vista essas condutas, né? De um filho, de um marido que coloca ela como um ser que não têm direitos ou de dar opinião.

O que o Núcleo faz?

A ideia do Núcleo é o atendimento integral da mulher. Muitas vezes, esses episódios de violência advêm de uma subordinação financeira. Então, eu não só peço uma medida para que o juiz retire o agressor do lar, ou afaste-se do lar, ou mantenha-se distante cem, duzentos, cinquenta metros da vítima, não só faço isso, que é uma medida de urgência para resolver o problema naquele momento, como também faço as medida próximas e que podem gerar, por exemplo, a ação de alimentos. Muitas vezes, ele quer sair de casa mas ela não pode, porque se ele sair ou ela sair de casa não terá pra onde ir, ou ainda que tenha não terá como se sustentar. Então, é preciso fazer uma ação de alimentos, uma pensão alimentícia para os filhos e às vezes para ela, porque às vezes ela se submete ao círculo de violência porque financeiramente ela não tem como se manter, então é preciso resolver essa questão. Às vezes, a violência surge de uma diversidade, por exemplo, a guarda não está regulamentada, então ele brigam porque ele fala que vai pegar e não pega a criança ou então pega a criança e devolve depois do horário que tinham combinado e dai começa a discussão "é meu filho também, você não se mete e isso e aquilo" e essas situações não regulamentadas geram conflitos e ainda mais em casais que já tem o hábito de ter conflitos, e regulamentar a guarda das crianças, fixar pensão alimentícia, fazer o divórcio, fazer a ação do reconhecimento de solução da união instável porque às vezes não tem casamento, então não tem como ter divórcio, é uma relação de companheirismo de longos anos. Fazer uma ação de integração de posse, as demandas que são atreladas e causadoras da violência também são resolvidas aqui, então eu poderia tutelar integralmente, além disso, eu ainda tento reinserir a mulher na sociedade de forma a ela conseguir se reestruturar, então eu tenho o encaminhamento para organismos para ela encontrar trabalho, para apoio psicológico para ela e para os filhos, se tem documentação faltando, às vezes chega aqui e "ah, ele ficou com todos os meus documentos, rasgou, botou fogo", e aí a gente manda a segunda via de identidade, segunda via de casamento para restabelecer nela a dignidade perdida para que efetivamente ela consiga começar uma nova vida. Isso sem precisar se submeter novamente ao círculo de violência, porque, às vezes, a violência é por falta de opção, então a gente deixa que essa submissão não seja por falta de opção, acompanhando integralmente todo o procedimento que a gente faz. Então, se a gente fizer um encaminhamento para um setor de psicologia, a gente vai acompanhar para saber como está

sendo e se ela não for, a gente vai saber e ai a gente vai ligar e vai perguntar: Olha, o que está acontecendo? Por que você não está indo? Você precisa da nossa ajuda? A situação melhorou, não melhorou, qual a situação atual? Essa é a função do Núcleo.

Você me disse que nunca fez nenhum atendimento à mulher em situação de rua. Por quê? Elas também passam por tudo isso que você falou, né?

E, às vezes, muito pior! Muito pior, porque no caso, não é um ambiente doméstico, é mais vulnerável ainda, na rua...Embora não haja um ambiente doméstico, não é entre paredes, mas há a intenção de se ter um local, alguma coisa que se pareça com uma casa, um local que se possa deixar as coisas. Há sempre a intenção de achar um lugar que tenha algum vínculo, né? E naquele lugar sempre se desenvolvem relações familiares, e eu acho que inclusive essas relações familiares são muito propícias para as violências justamente por causa da questão das drogas que na rua também tem um apelo muito maior, né? A veiculação da droga na população de rua, me parece ser mais uma causadora dessa violência. E por que essas mulheres não chegam aqui? Isso é até uma pergunta que eu me questiono, não só não chegam aqui como também não chegam em outros Núcleos. A gente não vê um morador de rua, por exemplo, entrando com uma ação de consumidor, embora ele possa ter celular né. Às vezes, ele tem até uma conta em banco né, o nome dele está negativado, porque ele não move uma ação contra a empresa de cartões de crédito que restringiu o nome dele indevidamente, ainda que não seja, aquilo em que ele está é um estado de inacessibilidade estatal. O Estado ainda não chega, a dignidade é distante demais. A gente tenta se aproximar, né? Existe na própria defensoria a Campanha do Sub-Registro para a gente tentar dar dignidade para essas pessoas, porque o primeiro passo é dar essa dignidade.

É, mas para eu entrar aqui, eu tive que mostrar meu RG na portaria. E se uma mulher não tiver o documento, ela pode entrar?

É... Poderia, porque eles fazem contato com a gente e, às vezes, elas nem querem se identificar lá embaixo e a gente autoriza a subida sem o documento, mas já é uma forma de bloquear, né? Porque elas não têm documento, então, assim, a gente já falou na portaria... até tentou para que isso não seja um empecilho para a mulher chegar, mas já é alguma coisa, né. Já é um bloqueio inicial e é um prédio comercial, se chega uma pessoas, às vezes, é... mal cheirosa, mal vestida, rasgada, será que ela vai se sentir bem aqui? Lá na portaria? Aqui certamente, quando ela chegar aqui em cima ela vai se sentir bem, mas lá embaixo como será que ela vai ser olhada, sabe? Com esses olhares selvagens como ela já está acostumada? E a gente como defensoria fica muito

preocupado, muito atento com essas questões, né? Eu tive a oportunidade de trabalhar no Núcleo da Rocinha e lá foi uma experiência muito importante pelo seguinte, como eu estava dizendo, há fases de evolução e de inserção dessa pessoa na sociedade, dentro da esfera estatal. A primeira fase, eu acho que é aquela questão do documento, de ter um nome, de ter uma identidade, de ter uma carteira de trabalho. Esse primeiro direito é base, é o que primeiro chega e é o primeiro que tem que chegar mesmo. A gente já está conseguindo, de alguma maneira, mas depois que você dá esse direito básico, aí você tem que complementar mostrando os outros serviços e as outras possibilidades. Para que eu tenha a pessoa aqui, eu preciso que ela conheça essa possibilidade.

Exatamente. É uma hipótese da falta de procura desse público que sofre dessas questões diariamente e reclama diariamente desses problemas, seria falta de conhecimento desse Núcleo?

Como poderia ser melhorada essa questão?

O que a gente tem procurado fazer são palestras, informativos, ir a escolas, ir a hospitais, em centros de referência, nas UPPs que aqui no Rio tem, que são unidades pacificadoras, a gente vai tentando para a pessoa entender que isso existe, que ela tem e que ela pode, contra com esse organismo estatal para ajuda-la. Agora, na miséria absoluta, no estado de indignidade em que essas pessoas estão, é realmente muito difícil esse acesso, porque elas se escondem porque são escondidas.

E você acha que tem cobertura midiática suficiente acerca dessa rede de serviços?

Nosso trabalho é todo voltado para a população carente, como que a população carente ainda não nos conhece totalmente se a gente está a 60 anos fazendo esse trabalho e se a gente faz esse trabalho com tanto empenho, essa é uma questão em que a gente se pergunta diariamente e a gente vai atrás, cada vez a gente vai mais atrás do conhecimento do empoderamento, é uma questão que a gente repete diariamente, como que eu empodero a população, como eu faço a população chegar até mim? E a mídia é um dos canais para que isso aconteça, certamente, mas também é a panfletagem na rua, também é nas escolas, nos centros comunitários e onde as pessoas estão, na defensoria itinerante, proativa que corre atrás, que vai, que chega, que vê qual é a necessidade e que faz a campanha que a gente fez e que faz uma campanha permanente contra o sub-registro, que é uma coisa que atinge diretamente a população de rua. Eles não têm documento, não sabem quem são, não sabem quem é o pai e por isso não têm direito nenhum e não conseguem um trabalho e não conseguem ter a isenção no ônibus porque é idoso, mas tem que ter documento! Sem documento ele não consegue fazer nada! Então a gente tenta o tempo

todo chegar nessas pessoas e dar essas pessoas o mínimo de dignidade que elas merecem, mas não é uma atividade fácil, é uma atividade incessante, contínua e mesmo assim ainda insuficiente.

O que seria o Pacto de Enfrentamento a Violência Contra a Mulher?

Então... O pacto pelo qual o Estado, isto em todas as esferas, assume a responsabilidade pela erradicação da violência. O melhor estado seria onde a gente não precisasse ter um Núcleo de Defesa contra a violência a mulher, porque a necessidade de ter um Núcleo de Defesa da Mulher e uma lei protetiva que é a lei Maria da Penha, elas são frutos de uma sociedade culturalmente é... "involuída", que ainda não entendeu que a mulher tem que ser colocada em um mesmo patamar. É uma deficiência cultural, ter que ter um núcleo em defesa da mulher é por si só um atestado de que a gente ainda não compreendeu que ela tem que ser no mesmo lugar. Ter um núcleo em defesa à discriminação racial também, em defesa da diversidade sexual também, então assim, são todos núcleos que visam compensar uma desigualdade social que já é formada e a gente se compromete a enfrentar isso de forma até chegar a erradicação, até o fim, até quando isso não for mais necessário.

Isso funciona para mulheres em situação de rua?

Formalmente ela é uma lei para todas as mulheres. Agora, materialmente, pela própria realidade do Núcleo a gente não tem atendido mulheres de rua, então eu digo que materialmente que não, porque se existem mulheres de rua sofrendo violência e não tem um núcleo especializado a entrada de mulheres que compõem a população de rua, então materialmente não, embora formalmente "o sol nasce para todos, né?" Mas...

E teria alguma estratégia, alguma ideia para mudar isso já que elas não chegam até o Núcleo? Para que o Núcleo chegue até elas?

Quando eu recebi o telefonema da Dr. Carla, falando que você vinha, eu disse pra ela: "Carla, vamos conversar sobre isso, né?". E ela falou: "vamos!". E eu disse: "o que você acha de a gente fazer uma ação social à noite?". A gente fez em setembro de 2012, a gente fez uma ação social da Cinelândia só para moradores de rua. Não sei se ela te deu essa informação, não sei se ela lembra disso, mas.... a gente fez uma ação social só para moradores de rua e foi à noite, a vida ativa deles é à noite, é impressionante. E aí a gente fez uma ação social e nós fomos muito bem recebidos. E ai eu sugeri a Carla que a gente fizesse não para por a medida naquele momento, mas para que elas conhecessem a gente. "Olha, a gente trabalha lá nesse lugar e tal e se vocês

quiserem ir...", como a gente vez nesse dia. Nesse dia, a gente também deu oficio de gratuidade e tal, mas muito mais a gente informou "olha, faça essa coisa, vai em tal lugar, você precisa fazer isso, isso e isso" e dar ali o caminho das pedras, os endereços, esse empoderamento mesmo e aí eu falei pra Carla, "vamos fazer isso à noite, de novo?". E ela falou: "Vamos!".

Em sua opinião, as atuais políticas públicas municipais são suficientes para dar conta desse problema da população em situação de rua?

Eu acho que o estado de um tempo pra cá, pelo menos, tem se debruçado sobre esse tema e isso é um ponto positivo. Já não estão tão invisíveis assim, eu acho que até pouco tempo atrás, a invisibilidade era muito grande e não ser invisível já é muita coisa né?. Já é um primeiro passo. E aí você tem um programa desse , que seja da Defensoria, que seja um programa estatal, você já começa a ver que isso seja a pauta, né? E a gente consegue na justiça mesmo que, olha pode até oferecer para ir para o abrigo, mas ele não é bandido, ele não está sendo encontrado em situação de flagrante delito para ser levado para a delegacia como era em até pouco tempo atrás, então que acho que... Suficiente? Não, não é. A gente tem muito que evoluir e se a gente não tiver consciência de que a gente tem muito para evoluir, a gente está sendo hipócrita. E eu, diante da realidade, não posso dizer que é suficiente porque não né, mas eu vejo que a gente está começando a subir degraus de uma escada para realmente não aceitar que uma pessoa viva nessa condição, porque começou a incomodar, começou a incomodar e as pessoas começaram a tomar providências com o numero de abrigos de rua. Acho que o número de abrigos aumentou, hoje o Ministério Público parece que se importa mais com a questão da fiscalização dos abrigos, a Defensoria comparece mais, a Defensoria fez um programa de atendimento ao sub-registrado, o Tribunal de justiça também tem, então, esse assunto começa a ser debatido e começa a pesar. Bom, tem que tomar providencia, é um problema social que tem que ser resolvido e sobre essa perspectiva eu acho que está positivo, está começando a caminhar, mas é só o começo porque o que você tem ainda é: muita falta de instrução, muita violência, muita maldade com os moradores de rua, pessoas que perdem completamente a dignidade, completamente a dignidade, então não aceitar a se conformar com essa situação e tentar mudar de alguma forma, acho que é um começo, como a gente está aqui pensando: "O que a gente pode fazer para as mulheres virem até aqui? Por que nunca se pensou nisso?" Acho que isso... colocar esse assunto em pauta é um começo, agora suficiente está muito longe de ser. Quando a gente começa no pouco a pouco fazer isso, a população se entende portadora de direitos, cresce e é isso que a gente tem que fazer

com a população de rua a longo prazo, né? E eu sou muito otimista e sei que muitas pessoas acreditam porque realmente querem mudar a realidade, né? Como você, você poderia estar se dedicando a qualquer outra coisa e está se dedicando a uma causa como a sua, porque é muito simples você ser aquela pessoas que já viveu aquilo, né? Eu nunca sofri violência, mas eu consigo me sensibilizar pela causa do outro e eu acho que isso é muito rico, sabe?. Embora eu nunca tenha passado, o fato de eu ver já me sensibiliza, já me faz estar no lugar do outro.

Empatia, né?

Exatamente, essa é a palavra e é o que está em falta na nossa sociedade, falta muito na nossa sociedade, então eu parabenizo você, extremamente, pelo seu trabalho, por você estar estudando isso... É uma forma de a gente pensar junto, porque quando você vem aqui e traz essa demanda eu já começo a pensar porque que população de rua não frequenta este Núcleo? E realmente esse é o efeito imediato da sua pesquisa, tem um efeito imediato, tem um efeito que vai ver depois na construção da tese e tal, mas o efeito imediato é que você já está botando um monte de... está espreitando todo mundo e vamos lá, vamos colocar isso em pauta, isso é muito legal, você estar se dedicando a isso, isso já me faz gostar de você extremamente porque eu sou uma apaixonada pela causa do ser humano e isso é muito importante.

Quando um mulher, seja ela de rua ou não, é detida ou abordada, ela pode ser revistada por policiais homens?

Não.

A sua opinião sobre o tratamento que a mídia dá sobre essas questões?

Essas questões não são tão interessantes, a verdade é essa né, essas questões não são tão interessantes pra mídia, né. As boas ações, as coisas positivas de informação elas não são tão interessantes pra mídia, né? A Mídia informativa, ela tem um espaço muito pequeno, a mídia de empoderamento, ela tem um espaço muito pequeno, então, a gente fica realmente muito prejudicado por ter uma mídia que só se preocupa com interesses patrimoniais e não com interesses existenciais. É difícil a gente conseguir que uma ação nossa seja veiculada em jornais em televisão e divulgada sem que isso entorte para o lado financeiro, voluntariamente fazer isso em prol da população... a gente não tem essa possibilidade, embora a gente faça contato e se disponibilize a dar entrevistas, a divulgar, a ir atrás e se colocar à disposição, enfim... da TV, dos jornais, das revistas. A gente tem um retorno muito pequeno ainda e esse retorno muito pequeno não porque é a Defensoria, é que é um reflexo da postura que a mídia trata as questões que são

verdadeiramente importantes mas não são levadas em consideração. O que da ibope? Dá ibopefalar que a Defensoria está atuando em prol da população e que a população não está conhecendo ou divulgando um trabalho que a gente está fazendo ou da ibope falar que o bandido tal foi preso? E vamos meter o cacete nele. É isso que dá ibope, não importa se o cara é uma pessoa, se ele tem uma história de vida, o que ele fez para estar ali, isso ninguém quer saber, isso não dá ibope. O que dá ibope é mostrar a cara dele e puxar o pescoço e mostrar bem a cara dele na televisão, isso dá ibope... é fazer novelas que discutam a vida no Leblon. Não dá ibope fazer uma novela falando de uma população de rua, discutindo essa causa, sabe... então, a gente fica realmente muito chateada com a postura de uma mídia absolutamente interesseira e inoperante e ineficaz. Pra quê conscientização, educação, se eu tenho esse espetáculo, que é a capacidade de atingir milhões de pessoas ao mesmo tempo. Por que eu não aproveito isso para dar a essas milhões de pessoas informações que tornem elas pessoas melhores, que deem a elas mais dignidade, porque certamente um morador de rua as vezes ele não tem nem um prato de comida, mas a televisão ele assiste e se você perguntar pra eles quem é o Vagner Montes, ele vai te dizer, agora se você perguntar pra ele onde é o hospital mais próximo, talvez ele não saiba. Onde é para ele tirar uma identidade, ele não sabe porque isso não tem interesse em divulgar, acho que a mídia peca muito e atrapalha quando poderia ajudar. Eu acho que às vezes o mal que você faz é pelo bem que você deixa de fazer, eu nem te digo assim, que a mídia me atrapalha diretamente, mas ela deixa de me ajudar. E se ela deixa de me ajudar, ela deixa de fazer um bem muito grande, porque enquanto eu estou fazendo um trabalho de formiguinha, ela tem total possibilidade de me ajudar. Então, eu acho que o mal que ela faz, que ela deixa de ajudar esses profissionais é o bem que ela deixa de fazer, pra toda a população. A nossa intenção é altruísta, não é de autoformação; é de realmente conseguir fazer com que isso chegue na pessoa e a gente sabe que se a gente pudesse utilizar esses mecanismos ia ser muito melhor.

LOUZADA, Laila Oliveira. [2 fev. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

Você vai autorizar eu utilizar o seu nome real ou você prefere um fictício?

Pode ser o real.

Qual é a sua idade?

30 anos.

É enfermeira, né?

Sim.

Você fez superior completo de enfermagem?

Sim

Nasceu em qual cidade?

Corumbá, Mato Grosso do Sul.

Há quanto tempo você teve contato com população em situação de rua?

Eu participei de um projeto de extensão lá em BH, eu fiz faculdade na UFMG de enfermagem, e lá eu tinha o projeto de extensão que era com mulheres em situação de rua que viviam em um abrigo da prefeitura, uma residência na verdade. E, então, elas já estavam em processo de saída da situação. E eu fiquei durante três anos e meio, durante três anos participando desse projeto como bolsista, e aí eu fui pro Rio fazer a residência depois que eu me formei, aqui em saúde da família, aqui na Fiocruz. E comecei no ano de 2010, em setembro de 2010, um trabalho que se chamava Estratégia de Saúde da Família para a população em situação de rua. Depois, em 2012, passou a ser Consultório na Rua, e, então, eu ajudei na implantação desse serviço. Durante três anos eu trabalhei nele, totalizando mais ou menos uns seis anos de trabalho com população de rua.

E você trabalhava no Consultório na Rua da Lapa? Como que o nome de lá mesmo?

Era no centro da cidade. É Consultório na Rua Centro e esse serviço começou da Estratégia de saúde da família e o projeto Consultório de Rua, então, eram as duas estratégias juntas. Tanto a Estratégia de saúde da família quanto o Consultório de Rua, é uma equipe ampliada com profissionais tanto da saúde da família como profissionais da saúde mental e aí a gente atuava, a gente atua... Eu estou saindo, eu saí de lá agora em dezembro e então nesse processo de falar no presente, mas em 2010 a gente começou mapeando na área do centro, a gente atua na área do centro inteiro, né? E aí identificando quais os pontos de maior concentração da população de rua, quais os diferentes horários e também vendo que tipo de profissional poderia atuar melhor em cada religião de acordo com as demandas com o perfil e tudo mais. Então, a gente atuava no início das 9h da manhã até às 10 da noite e, depois, a gente foi vendo que a nossa atuação era muito mais eficaz até às 8h da noite. Nesse processo todo, a gente foi estabelecendo uma base fixa onde a gente não atuava somente na rua, mas um serviço que pudesse atender e acolher a população.

Ah, tá. E esses dados, que você comentou, ficavam só internamente ou vocês divulgavam?

Então, quando a gente implantou o serviço, durante um mês, a gente fez esse levantamento que era pra fazer um diagnóstico situacional do território. É... No início tinha uma equipe que ficava no centro e outra em São Cristóvão e depois a gente se juntou. Então, a gente tem um documento, assim, de diagnóstico tratando dessas duas áreas separadamente, centro e São Cristóvão, que foi ponto de partida para as primeiras metodologias do trabalho. A gente divulgou isso para... Não em site tudo mais, mas assim, discutiu com a coordenação de área né, que é a da prefeitura e a central, porque como era um serviço muito novo, a Secretaria da Saúde não sabia o que fazer e como fazer, então a gente que construiu as bases do trabalho com essa população. E, aí, a gente fez esse diagnóstico, a gente sistematizou novos dados, depois de um ano, tem no blog do Consultório na Rua, e aí já com uma coisa mais epistemológica mesmo, qual o perfil do público assim... Que tipo de doença apresenta os principais agravos, as principais doenças.

Quais são as principais doenças e necessidades?

Então... De agravo, o maior agravo que a gente se depara é o uso de alguma substancia e a gente, dentro de terminado momento, faz uma avaliação da porta de entrada desses vícios. De todos que chegavam, 90% mais ou menos, utilizavam alguma substancia: álcool ou outras drogas. Mas, maios ou menos em torno de 40% me falava disso como um problema... Então, a gente foi considerando esses que falavam como um problema (mais ou menos 40%) como o uso abusivo de álcool e drogas para nortear um cuidado específico em relação a isso. Então, o uso de algo e drogas são maiores é... Uma coisa muito presente, depois as doenças respiratórias, a gente tinha e muito na população de rua, aí dentro das doenças respiratórias, a tuberculose e as DSTs e o problema de pele, são situações muito corriqueiras... E uma coisa muito específica da população de rua é o fato de ela se acidentar muito também, tinham muitas situações assim de curativos, mas não de curativos crônicos, mas agudos mesmo, e por conta de espancamentos, atropelamentos, briga na rua, então tinham muitas situações curativo e problemas ortopédicos mesmo em função da violência.

E que tipo de atendimento que vocês faziam além de curativos? O que um profissional fazem dentro de um consultório vocês faziam nas ruas, é isso?

É, a gente atuava em três frentes de trabalho... Em que a gente dividiu específico dessa forma assim, que no caso o trabalho na rua, a equipe toda ficava na rua fazendo uma aproximação, vendo as necessidades, o acolhimento na própria rua; outra frente que era o trabalho na sede que iam estruturar essa base, e a gente tinha sempre uma parte da equipe presente nessa sede que

faziam o acolhimento e os atendimentos lá; e o outro trabalho, a gente trabalhava com a rede, então, quase todos os usuários que necessitavam de um atendimento hospitalar, ou uma consulta especializada, realização de exames fora da nossa unidade, a gente também acompanhava com uma estratégia de construir redes, fortalecer vinculo, de falar do acesso da população a outros serviços. Então, a gente organizava o nosso dia e nossa semana, a gente tinha várias reuniões durante a semana, é... Reunião geral no início da semana que era para falar das situações organizativas mesmo e das demandas, mas ligadas mesmo a própria Secretaria de Saúde e rodas de educação permanente com discussões de temas que pudessem subsidiar as práticas. Isso logo no início da semana, na segunda-feira, e na quarta-feira a gente fazia planejamento de saída para a rua e avaliação de território. Ali, a gente tinha cada pedaço do nosso território de acordo com esse perfil, a gente tinha agentes de saúde que eram muito esforçadas.

Então, acontecia a visita à rua de médicos, enfermeiros, psicólogos, psiquiatra, assistente social a partir desse planejamento. Semanalmente iam os técnicos (os agentes de saúde) iam todos os dias e lá eles faziam o cadastro do usuário, que é a primeira aproximação. E, na verdade, o cadastro não é só o preenchimento de ficha, mas se ele se interessar poderia fazer esse cadastramento e ali a identificação das demandas das necessidades dele, da dinâmica que ele tem e apresentava o serviço como uma possibilidade de ele ter acesso à saúde. Então, esse agente encaminha o usuário ou acompanhava ele até a sede se houvesse alguma necessidade mais urgente ou a gente poderia fazer um acompanhamento na própria rua deles, somente ali, de forma mais processual mesmo.

E como é que funciona, por exemplo, o atendimento às mulheres grávidas?

É, isso é... Assim, depois de certo tempo, o serviço se estabeleceu e depois de um ano praticamente as pessoas já tinham o serviço como uma referência, então, mesmo que a gente não tivesse encontrado aquela pessoa, a gente tinha muito mais facilidade de abordar e os outros todos já sinalizavam a gente como equipe de saúde e tudo mais. Então, já existe uma referência na rua com o consultório na rua, a gente disponibiliza o serviço o tempo todo para ele ir lá todos os dias se ele quiser das 9h da manhã até às 8h da noite. Isso facilita o acesso, porque não tem nenhuma barreira estabelecida, nem documento, nem moradia, nem nada para dificultar esse acesso. Mas a gente também conta com os outros moradores de rua que ele convive no território; e aí a gente tenta marcar consultas e atendimentos mais próximos para ele vir mais rápido. Nunca marcamos uma consulta daqui uma semana, é sempre imediato, porque é nessa resposta rápida

que ele vai ter confiança em você e aí, se tiver que ir para outro lugar, uma consulta com especialista, a gente tem que ir necessariamente junto nesses casos graves né, que existe toda uma ideia que o SUS não apoia e ele não é acolhido realmente nos serviço. Se a gente não acompanha, ele não tem acesso, então essa estratégia funciona muito porque mesmo ele tendo uma dinâmica de território, sendo recolhido, mesmo ele indo com os abrigos por onde ele vai, ele fala do serviço. Várias vezes ele foi recolhido pela assistência social e foi para um abrigo lá em Paciência e ele chegou lá e falou que ele tinha um tratamento que estava sendo realizado no centro e aí a gente foi guiando mesmo com esses abrigos. Depois que criou o Consultório na Rua lá em Paciência facilitou esse processo. Para dar conta dessa dinâmica toda dele, a gente foi atuando de várias formas, tanto facilitando o vínculo dele e o acesso dele na unidade, tanto com parcerias no território cuidando dele por colegas, pela família, com a rede também. A gente várias vezes já fez contato com o choque de ordem, enfim... Uma coisa meio bizarra assim, mas... A gente sabe que ele vai ser recolhido e a gente diz "por favor, esse usuário está fazendo tratamento e necessita ficar próximo ao serviço social"... são estratégias para alimentar toda essa dinâmica que, às vezes, causam ruptura.

Eles precisavam de vocês como uma ponte para ter acesso ao serviço do SUS, é isso? Se eles chegassem lá sem documentos e tal, não receberiam atendimento?

A população de rua é assim, eles acessam muito mais a emergência do que a atenção básica né. Quando chegam nas emergências por uma situação de violência, situações de maior risco, aí eles conseguem entrar, mas ser acompanhado efetivamente é difícil. Então, é assim, têm barreiras enormes das instituições. Eles chegam pra fazer o cadastro da saúde da família, cobram primeiro um comprovante de residência, é um entendimento equivocado, o que que é um território? Então, o Consultório na Rua é um serviço que possibilita instrução sobre o acesso da população de rua, uma possibilidade de criar redes, de sentir território de outra forma, cuidado de outra forma. Eu acredito que o Consultório na rua veio para qualificar o SUS.

E como é que funciona o acompanhamento das meninas grávidas?

É, eu era a gerente do Consultório na Rua. Então, quando a gente montou o serviço... No primeiro ano de serviço, a gente tinha acesso das grávidas mais na rua. A gente se encontrava com as mulheres, as gestantes mais avançadas na gestação e a gente começava a fazer o atendimento de aproximação e tentava logo fazer o pré-natal no outro dia ou no mesmo dia levando ela para o serviço. Mas, a adesão ao pré-natal era muito difícil porque se tinha uma ideia

de que se elas fossem para o serviço, elas perderiam o filho, elas se sentiam ameaçadas na verdade com a presença do serviço de saúde desse acompanhamento e também com nunca tiveram um pré-natal antes enfim, total desconhecimento da importância do acompanhamento. Então, assim, a gente só conseguiu, de fato, fazer um acompanhamento sistemático com as grávidas depois que o serviço se estabeleceu na rua e que ele se tornou referência para essa população, né? E aí a gente melhorou os indicadores de conseguir captar o primeiro trimestre, então, esse ano de 2013, a gente teve uma melhora enorme de captação, tem o dado agora... Tem como até mandar depois, uma quantidade de mulheres... se eu não me engano foram 24 mulheres em mais ou menos 50%. Pra população de rua, isso é alto. Foi assim que começamos o primeiro trimestre que mostra uma atuação de certo acompanhamento de atuação in loco e ela procurando o serviço desde a primeira desconfiança de estar grávida... E, aí, a gente foi criando estratégias que foram aumentando a captação da gestante para o agente de saúde saber quais são os sinais, quais tipos de perguntas são importantes para se fazer para uma mulher com gravidez, levar o teste de gravidez que podia ser feito na rua. Então, com orientação, isso facilitava na própria rua fazer o teste; a gente já diagnosticava e já encaminhava para o pré-natal, marcava as consultas do pré-natal lá. De acordo não só com o protocolo do manual do Ministério da Saúde, mas a gente foi fazendo de acordo com cada caso mesmo... Situações, por exemplo, de usuárias de crack e tudo mais ou mulheres que a gente tem dificuldade de encontrar no território a gente marca uma vez por semana desde o início do pré-natal, que quanto mais contrato ela tiver com a equipe, mais a gente potencializa ela para lidar com isso, com a gravidez e a gente vai estimulando ela rede e as possibilidades dela ter o filho, então...

Vocês levavam os medicamentos para as grávidas também, por exemplo, ácido fólico?

Fazendo o teste de gravidez, as técnicas de enfermagem, agente comunitários já detectando na rua, falam “Oh, possivelmente é gravidez mesmo, procura um posto”. Eles levando ela no serviço já na primeira consulta é prescrevido... Sulfato ferroso, ácido fólico, fazer os exames de rotina, é marcado esses exames com maior rapidez, faziam os testes rápidos de sífilis, HIV na primeira consulta e aí marcava o ultrassom também e tentava inserir profissionais nossos desde a primeira consulta do pré-natal ou logo em seguida, no caso, a assistente social e o psicólogo. Então, a gente foi criando uma certa rotina disso assim, porque ficar grávida na rua é uma situação grave que a gente considera...Na verdade , a mulher na rua ela está muito mais exposta, vulnerável que o homem e a ainda grávida a situação complica um pouco e aí é assim..

Geralmente, não tem documento nenhum, já tem histórico de perder filho e tudo mais, tanto de abortamento como também perder para a adoção. Então, são situações práticas assim... difíceis de lidar... Às vezes não tem risco biológico, mas é de alto risco, sim, e exige da equipe muita articulação, uma maternidade também, fazer algo e inovar ali e criar estratégias de vinculação dela com o filho, é muito difícil...

Geralmente o homem, o pai de criança, ele está junto da mulher?

O pai da criança pode não estar, mas ela sempre tem um parceiro, é fato... É difícil encontrar uma mulher 100% na rua e essa é uma estratégia de ela se proteger na rua, então ela acaba tendo sempre alguém que ali... Uma relação, às vezes, de muita violência, medo, submissão... A gente pouco fala disso no serviço também, porque existe uma dificuldade de como abordar isso, sabe? A gente se sente muito limitado de problematizar mesmo as relações de gênero, é difícil demais porque grande parte das mulheres que estão no serviço expõe situações de violência até de uma forma muito naturalizada "ah, eu já fui espancada tantas vezes, me bateram e os meninos fizeram isso ou aquilo, meu parceiro me estuprou...". Tem situações de o homem utilizar da mulher como uma mercadoria mesmo... Ela utilizava daquilo pra se manter na rua, né?

Uma estratégia de segurança dela, né?

É, é uma estratégia de segurança, então, até que ponto a gente podia interferir ela mantendo uma confiança com a equipe, porque se interfere de um jeito que vai romper... Então isso era sempre muito complicado, a gente discutia os casos, apostava na pessoa, a gente tinha que dar voz a ela, vendo com ela alternativas, mas era muito difícil... Não dava pra ter expectativas em relação a... "Olha, de repente, ela vai largar aquele cara que bate nela todos os dias...". Então, assim, a situação das mulheres é bem pior mesmo que a dos homens, essa é minha percepção ... O que a gente mais sabe fazer está ligado a essas ofertas... ou o pré-natal ou preventivo enfim... Mas falar da violência, falar do cuidado, falar do que representa ser mulher na rua a gente se sentia limitado.

E em relação aos cuidados com alimentação das mulheres grávidas, vocês também atuam?

Não... A gente tem todo um conhecimento macro da rede, das ofertas, mas a questão da alimentação não aparece como uma demanda para a gente, porque isso aparecia mais no início do serviço, quando eles não entendiam muito bem qual era o papel do Consultório na Rua. Depois que eles perceberam que era um espaço de cuidado e que a gente não ia ofertar alimento, isso não vinha como uma questão e mesmo também porque isso não era... No centro da cidade

não era uma questão assim.. Não tem tanta privação assim, não é como nos territórios com menos ofertas de comércio, feira... Enfim, o centro da cidade é muito rico de possibilidades pra esse tipo de coisa, então, eles sempre sabem se virar. Só que a mulher, o trabalho enquanto sobrevivência dela, grande parte está vinculado a ser profissional do sexo, isso era muito presente, e aé elas apresentavam fonte de recursos e de sustento...Teve alguns casos que a gente conseguiu chamar o parceiro e falar dessas questões de riscos e de pensar outra forma, outro plano, algum projeto que pode se construir a partir dessa gravidez. Algumas saíam da situação de rua, procuravam junto com o parceiro um quarto, por um tempo saíam do trabalho da prostituição. Isso já aconteceu em alguns casos e aí a gente notava a importância mesmo do pré-natal e da equipe de conseguir articular com ela porque, geralmente, era possível de se construir, através da gravidez, outra possibilidade de ela estar na rua e construir novos projetos. Claro, tem caso com uma ou outra que não desejava o filho, ela sumia e abandonava o pré-natal, mas várias começaram a se organizar a partir do contato com a equipe e começaram a sair da rua.

E depois? Geralmente, elas conseguem ficar com o filho?

Olha, então, assim... É assim, a gente está passando por um momento muito difícil de intervenção da justiça com essas mulheres. Tem uma determinação da juíza de que moradora de rua ou usuária de droga não tem condições de assumir a maternidade, de ter filho, então... Os nossos dados do ano passado, acho que foram mais de 20 gestantes, duas a gente tem a ciência que perderam seus filhos para a justiça. A gente começou a perceber que teve pioras, as assistentes sociais da maternidade têm convocado a vara da infância, mesmo que a mulher apresente documento, fale com a família é enfim... tente mostrar uma certa organização, as assistentes sociais, na verdade, se sentem muito ameaçadas com a juíza. Então, eles já apresentam o caso para a vara de infância, pelo menos é dessa forma que a gente tem visto, e nem fazem contato com a gente e já vão levando como se não estivesse nada sendo acompanhado, então assim... Mesmo que ela não perca o filho, pelo menos convocado durante parte do tempo tem sido...Todas elas têm a mesma determinação que é: se chegar uma mulher usuária de droga, essa maternidade tem que acionar a vara da infância pra verificar se ela tem condições ou não de ter o filho.

E como é que identifica se é usuária de droga, só pela aparência?

Também. Pela aparência, pelo o que ela diz, pela inconsistência das informações, às vezes ela não fala algumas coisas, não consegue mostrar um comprovante de residência, então é tomado

pelo preconceito também... A mulher chega suja, negra, enfim... Um monte de motivos e situações que acabam levado para isso... A gente vivencia isso. A gente está lá, o Sebastian, as assistentes sociais tem vivenciado isso tudo na pele e o esforço que tem de construir um cuidado com o pré-natal direto com ela, de repente quando chega lá na maternidade é um risco enorme de isso tudo se perder assim... Mas, pelo menos pra mim, não está claro como é que eles escolhem, fica meio obscuro quando a agente conversa com a maternidade...

E essas mulheres que não têm residência, não têm nenhum tipo de vínculo familiar, mesmo que não percam a guarda do bebê, essas crianças ficam em abrigos?

É. Isso, vai para um abrigo até que a família, a mãe, mostre uma organização suficiente para dar conta de manter o filho. E é assim... A gente já teve três ou quatro, uns três casos disso assim, de que foi para o abrigo e nesse momento a gente teve que atuar junto quando a gente também achava que tinha condições dela ter a guarda e de ir semanalmente, de tentar construir... de acordo com o desejo da mulher, ela se organizar em um quartinho ou sei lá, optar por alguma referência familiar, que dê conta de cuidar e esse lugar não seja também a rua. É difícil também você acreditar de que ela não vai voltar com o bebê para a rua...

E, em geral, elas querem ficar com o filho?

Geralmente querem o filho.

E quais são as principais reclamações das mulheres em situação de Rua?

A parte ginecológica mesmo de preventivo, DST, essas situações todas são muito demandadas por elas, a gente está fazendo o preventivo, estar sabendo se está ou não com alguma infecção é bem comum. Porque as outras doenças respiratórias, doenças de pele, drogas... isso é geral. E, aí, a gente cria uma regularidade de coleta de preventivo. O Sebastian ficou com uma referência tanto pro pré-natal como pré- atendimento. Então, elas estabeleciam uma confiança grande. Agora, ele criou um grupo de gestantes que ajudou a adesão do pré-natal, então assim, um grupo de 12 ou 13 mulheres que ali acontece de tudo... Ganham o enxoval da criança, tem contato com os direitos da mulher, é muito dinâmico o que ele faz junto com a assistente social do serviço.

Em sua opinião, as atuais políticas públicas para atender esse povo, elas são suficientes para dar conta dos problemas?

Não. Tem uma política nacional para a população de rua muito recente, de 2009. Há pouco tempo que a população de rua tem sido alvo de discussão. Acho que, por mais que a política nacional aponte para soluções intersetoriais, que deem conta de necessidades de saúde, educação,

moradia, lazer e tudo mais e a população de rua precisa surpreender as medidas da própria população. Eu acho que o processo de construção da política nacional foi muito bonito, do próprio Movimento nacional de ter falado da necessidade de construir políticas que não seja só de abrigamento, só da assistência social, mas que seja ambas, o mas que ela fale disso, a gente não conseguiu avançar muito né? Existe, de fato, a política de assistência social, mas ela é muito precária nos municípios aqui no Rio. Por exemplo, não existem espaços para convivência e construção de cidadania mesmo e o que existe são abrigos e abrigos todos fora da tipificação; pavilhões que deveriam ter no máximo 50 pessoas, chega no abrigo de Paciência ter 400 pessoas. Então foge completamente dos padrões. Agora muito recentemente com o Consultório na Rua que isso aparece com mais força... A gente tem muito a construir, primeiro eu acho que a saúde como ponto de partida é uma boa forma de silenciar a política publica para a população de rua, porque o conselho de saúde que o SUS coloca tem que ser ampliado? E aí eu acho que a saúde tem uma potência sim de estimular as outras secretarias para pensar com cuidado. Só que ela é limitada no sentido de que precisa que os gestores deem voz a isso. É um risco muito grande o Consultório na Rua se tornar um serviço específico e que, em vez de ampliar o acesso, a gente ficar só nesse nicho... Porque fica muito fácil, quando constrói o Consultório na rua, os outros serviços todos cruzam os braços: “ah que bom, não falamos desse público ai, mas eles já têm um serviço específico”. Então, é um papel do Consultório na Rua construir rede. Necessariamente, a gente tem que levar, estimular o debate e a ampliação do acesso dos outros serviços.

Você recebeu treinamento para trabalhar com esse público?

Não, eu não tive treinamento nenhum não. A gente teve um curso introdutório, não para trabalhar com a população de rua, a gente teve para trabalhar na saúde da família.

Você acha que tem que ter um treinamento específico para esses profissionais que vão lidar com a população em situação de rua?

Com certeza, inclusive, agora, o Ministério da Saúde está fazendo um curso à distancia para formação dos trabalhadores da população de rua. Vai ser o primeiro curso que vai instrumentalizar mais os trabalhadores.

Já passou por alguma situação de medo com esse público?

Não, já passei, mas assim, não é a sensação primeira que me toca quando eu vejo um morador de rua. Quando eu estou assim, sozinha, andando, sem estar no trabalho pode até ser que isso

apareça, mas no trabalho a sensação maior é de aproximação, de ir atrás, de estabelecer o contato e não de distanciar.

E quais são os principais desafios, os principais problemas e as principais gratificações de trabalhar com esse público?

Então, o desafio maior, acho que é a gente conseguir construir um cuidado que seja singular. Quando eu atuava como enfermeira, eu me sentia mais desafiada com a população de rua, era de fazer o exercício diário, constante, de cada um, de construir novas práticas, de não ter respostas. É uma população que é difícil de você saber o que você vai fazer... Eles te desafiam pela diversidade que é, pelo fato de não ter protocolo que dê conta. E, aí, ao mesmo tempo que isso é um desafio, isso é uma potência e a gente lá no serviço trabalha com essa perspectiva. Se sentir desafiado não é se sentir limitado, é se sentir potente, se sentir capaz de possuir novas práticas e que esse exercício constante qualifica o cuidado. Então, assim, quando eu comecei, o primeiro paciente que eu atendi do Consultório na Rua era um hipertenso e diabético e nesse paciente não conseguimos avançar em nada da primeira consulta, porque a rotina que tinha de consulta de enfermagem para ele não se adequava ao modo de vida dele: hábitos alimentares, sono, hidratação, repouso, nada disso era compatível com as respostas que o protocolo sinalizava como ponto de atuação. Então, eu fiquei assim "tá, ele como o que está disponível no dia, sem regularidade nenhuma, não dá pra elaborar dieta a partir disso, sono, à noite não pode dormir porque está exposto a violências, é durante o dia e sono picado, a medicação, ele não tem como armazenar, a insulina, não tem como manejar com a insulina". Então, assim, são vários desafios e ele tinha transtorno mental também, é tudo muito junto, então, o maior desafio é esse de conseguir enxergar o sujeito e não a doença separadamente, os protocolos. E esse pra mim foi o maior desafio.

Teve alguma situação marcante no seu trabalho que envolveu alguma mulher em situação de rua?

Teve uma situação, a que mais me desafiou, foi uma situação de uma adolescente que vivia com um grupo de outros adolescentes e que o parceiro dela... Ela era espancada diariamente e sempre muito.... Agredia assim, na nossa presença... e o agente de saúde ía todos os dias lá. Eles moravam dentro de um buraco em um viaduto ali perto da rodoviária e um caso de tuberculose que teve dentro desse buraco foi a possibilidade que a gente teve de fazer contato com o resto do grupo. Todos os usuários de crack também, de droga pesada mesmo. E a gente fez um vínculo

com o paciente de tuberculose, que era amigo dessa menina, e esse rapaz começou a levar a namorada todos os dias lá no serviço e eles foram criando uma rotina de todos os dias irem da rodoviária para a Cruz vermelha, da rodoviária para a Cruz Vermelha e os dois também estavam com tuberculose... Fizeram o tratamento, mas, no final do tratamento da tuberculose, a gente percebia a situação de violência dela, mas a gente não conseguia abordar isso. Até que um dia ela foi e estava com um o olho roxo e um edema enorme na cabeça, braço quebrado, estava toda acabada mesmo e foi junto com ele. Daí, a gente chamou ela para a sala com toda a equipe e falou: "olha, o que você está percebendo, como é que a gente pode fazer, você consegue perceber que precisa de ajuda?". E ela chorou muito, falou que precisava e a gente pensou em uma estratégia de ela ir para um abrigo, enfim de tudo. E aí ela assim: "mais eu não vou consegui me libertar, ele não vai me deixar ir para um abrigo". "Ah, a gente pode inventar que você precisa ir por conta desse trauma, a gente fala com ele"... Tentamos criar uma estratégia para a gente proteger ela e ele deixar ela ir para um abrigo e, enquanto isso, a gente criar uma relação mais próxima com ela especificamente, porque ela ía sempre só com ele. Foi um atendimento por mais de uma hora, tenso, a gente vendo que ela ia morrer, a gente falou assim "ela não vai sobreviver mais, vai chegar um dia que a gente só vai saber a notícia que ele matou ela". Depois de um tempão, ela falou assim: "Não tem jeito, essa é minha escolha e eu não quero a ajuda de vocês e eu prefiro morrer do lado dele". E aí que a gente se sentiu assim, super limitado mesmo, o que a gente fazia naquela situação, porque não dava também para acionar a polícia ou o conselho e eu saí desgastada daquilo. A gente só chamou ele pra conversa e falamos assim: "Oh, a gente não vai suportar mais isso também, a gente vê essa situação se repetindo todos os dias". E ele também não deu importância para isso. Aquele atendimento, para mim, marcou no sentido da gente conseguir falar mais sobre violência, sabe assim, de criar estratégias enfim... Não sei, trazer a tona a situação de violência... Nesse caso da Suelem, ela mostrou pra gente o quanto que a gente não tem muito recurso.

De repente, se naquela situação houvesse um conjunto de forças, poderia salvar essa menina, não poderia?

Pois é, poderia, eu acho que é isso. Eu acho que a gente tinha que conseguir, só que é um público tão estigmatizado que a gente se sente isolado.Quando a gente começa a atender a população de rua, porque logo de antemão as pessoas querem tirar da rua, querem, querem prender, é vagabundo, é doente, então a gente está muito na contramão dessas respostas imediatas.

Primeiro, porque a gente acha que a rua pode ser sim uma possibilidade de vida, porque existe vida, existem pessoas vivendo ali. Então, não é a gente tirar da rua que a gente vai dar conta de responder aos problemas, a gente está muito na contramão disso, mas ao mesmo tempo situações como essa... Mas tem coisas talvez que a gente não vai encontrar resposta. Eu acho que a coisa foi tão grave que ela precisava até fazer uma tomografia pra ver, toda roxa, toda inchada e ela não quis nada. Eu acho que ela quis ir la só mostrar pra gente isso sabe, não quis nem deixar que a gente fosse junto com ela pra emergência pra fazer sabe os exames, nem engessar o braço.

Como é que você imagina a sua vida se você fosse uma mulher em situação de rua?

Ah, olha... Esse tipo de questionamento no início do trabalho com a rua eu fazia muito de me colocar no lugar e aquilo me trazia muito sofrimento. E no passar do tempo, eu fui conseguindo diferenciar, ter certa distância para ter condições mesmo de lidar e não atuar na frente do emocional e nem na identificação. Eu, pelo menos, não acredito que é na identificação “ah, eu só posso entender” a dor do outro se eu tiver vivenciado aquela dor, só posso lidar com usurários de crack se eu tiver experiência com drogas, não acredito que seja por aí. Esse tipo de reflexão de se colocar no lugar dessa forma, de estar na rua, de viver isso tudo, de ver a prostituição, não me potencializa enquanto cuidadora. Na verdade, ela me faz fechar os horizontes, ela coloca os meus valores, as minhas expectativas, a minha forma de ver o mundo como a direção e não é isso que tem que valer aqui na relação com o outro. Eu acho que ser um pouco mais parceiro, é manter certa distância disso e escutar o outro, ver com ele as direções a partir das vivências dele e ver que possibilite o cuidado da situação.

E você é a favor ou contra o recolhimento compulsório?

Eu sou completamente contra o recolhimento compulsório, eu acho que ele produz absolutamente nada a não ser mais violência, mais segregação com a ideia deturpada na sociedade que seja atender essa população, eu sou contra.

Agora a gente vai passar para a segunda parte das perguntas, que é a parte do jornalismo, tá? Na sua opinião, para que serve o jornalismo na sociedade?

Eu acredito que é uma ferramenta constante de informação, de veiculação de informação, de promover o debate, de estimular a discussão sobre algumas práticas, acontecimentos, enfim... Fazer com que a sociedade construa novas ideias, novas formas de pensar as relações. O jornalismo é uma ferramenta pra isso.

Você acompanha as notícias que saem sobre população em situação de rua?

Algumas, mas acaba que a gente acompanha sim.

Em qual veículo?

A televisão e jornal impresso.

Isso desde quando?

Ah, desde que eu comecei a trabalhar com população de rua né, desde BH, desde 2004/2005.

Você nota alguma diferença na cobertura jornalística de um veículo para o outro?

É que eu já vi todas as formas nos dois tipos de... Eu acho que na televisão é mais apelativo assim...

E do tema da população em situação de rua, você notou alguma diferença de 2004 pra cá na forma de tratar o assunto?

Ah, notei. Eu percebo o seguinte... Primeiro, que de 2004 pra cá, até falar do crack, pouco se falava da população de rua. Não tinha muitas notícias, ninguém se atentava muito para isso. Com a situação do crack, veio à tona muito fortemente e sempre associada a ideia de perigo... aquele sujeito, morador de rua como vagabundo, perigoso. É essa a imagem que passa e que a ideia é de recolher mesmo, de tirar, de buscar fazer alguma coisa, diminuir os riscos para a sociedade.

Você se lembra da última notícia que você consumiu sobre esse assunto?

A última notícia que eu li no jornal não foi de recolhimento, foi de uma menina americana que ficava na Lapa e dava curso de inglês.

E você se lembra de alguma notícia cujo foco era uma mulher em situação de rua?

Não, eu não lembro.

Em geral, você concorda ou discorda com a forma com que o assunto é tratado?

Discordo.

Por quê?

Eu acho que é sempre tratado de uma forma muito estigmatizada, superficial, pouco se fala deles como usuários de drogas, como usuário de crack. Já tem várias entrevistas e as matérias sempre saem com esse viés assim. A última que foi do jornal O dia, a matéria seria “O raio x dos usuários de crack”, e aí a gente conseguiu mudar o nome da matéria, dai ele mudou lá “Crack não é a principal droga das ruas”. Pelo menos ele ia falar de droga como a droga mais consumida mesmo. Mas, assim, um esforço enorme, porque o que quer ser vendido a imagem é a parte do crack, tem que ter uma força política por de traz. E então... Não é a verdade, não é mesmo assim, a gente no centro da cidade tem pouquíssimos usuários de crack, a gente tem algumas áreas, na

Central do Brasil, 15 usuários, na Gamboa, mais uns 10. Então, não é aquilo que é mostrado, existem umas cracolândias mesmo que é la na linha do trem, mas ai são outras coisas, ali são 400 no Rio de Janeiro. A gente tem um levantamento com mais de 7 mil pessoas em situação de rua, então é muito por baixo sabe, então a pesquisa do crack aponta isso, fala disso também. Mas, as reportagens elas só retratam a população de rua como uma sujeira, como um mal para a sociedade e não trazem um motivo e acabam não mostrando que na verdade é o sistema que não funciona.

O que poderia ser melhorado?

Olha eu acho meio difícil sair matérias que é um tema tão complexo... que até para a gente que trabalha tem um certo tempo para entender melhor, é difícil uma matéria realmente representar a realidade. Parece sempre que é perigoso ou da caridade assim, aquela ideia romântica né, de fazer o Natal. Teve aí agora no final de ano o coral da rua e aquela coisa de que a ele quer se salvar, ele quer sair rua. Eu acho que primeiro é reconhecer que a rua faz parte dessa sociedade e que ela sempre vai existir. A questão é a gente conseguir lidar com ela de uma forma mais inclusiva, de enxergar como parte do nosso todo e não como algo distante. Todo mundo se relaciona com a rua, fazer mais pontes com a rua, não ver como uma alienígena, alguém que está fora, que não dialoga. Não, eles sentem a mesma coisa, eles têm experiências parecidas... Se as matérias conseguissem criar mais pontes do que mostrar como um mundo alheio, acho que a gente teria mais resultado.

Tem algum ponto que a imprensa acerta quando noticia a situação de populações de rua?

Eu acho que a partir do momento que fala mais da população de rua, ela possibilita mais interessados, tanto pro bem como para o mal, é... Pesquisadores, eu acho que de uns tempos pra cá tem aumentado o número de pesquisas, de estudos referentes à população em situação de rua e que isso ajuda a gente a pensar novas práticas, enfim... Eu acho que isso é bem interessante, eu notei de 2004 pra cá um aumento, nossa senhora, muito grande mesmo de textos, publicações, então, trazer isso para a mídia, isso estimula e estimular a reflexão na sociedade, só que a grande parte é para aumentar o preconceito, estigma, o medo, a necessidade de tirar ele da rua, de afastar, de ir pra abrigo. É isso que a mídia reproduz quando traz as matérias.

Você já foi entrevistada sobre o seu trabalho com a população em situação de rua? Qual era o assunto?

Foram várias do crack, e eu nunca falava do crack, porque eu não sei falar do crack mesmo.

A pauta era o crack e o que a população de rua tinha a ver com isso, quantos usuários de crack, mas a grande maioria das vezes é isso, quanto usuários de crack, o que tem sido feito em relação a isso, quantas já saíram da situação de rua, quantos já foram internados. Já teve matérias muito direcionadas a atender uma demanda... Dialogar com esse interesse da sociedade, da internação, do abrigo, da medicalização e outras entrevistas que eu dei foi em relação à experiência do Consultório na rua. Quando o Ministério lançou o Consultório na Rua, tiveram algumas iniciativas da mídia de quer entender o que era, daí trazer de uma forma bacana até como uma estratégia de cuidado e considerando a rua como um território de vida, foi possível a gente falar sobre isso.

No geral, você de sentia confortável dando essas entrevistas?

Não, porque, assim, demorava muito para poder fazer a pessoa entender, sabe...elas vinham com essa expectativa de que é isso que eu quero falar, fazendo discussões mesmo... "Então, você vai querer que eu responda isso? Não é isso". Teve uma abordagem que... Uma entrevista que eu fui preparada para gravar, vou gravar porque se esse cara falar qualquer coisa.... Não sei a gente fica meio ameaçada. A assessoria de comunicação da prefeitura que sempre solicitava, eles não falavam diretamente, então, já vinha lá do secretário como indicação "olha você vai falar com o jornal tal", dai sempre acontecia isso. O que dava pra fazer pra escapar eu fazia...

As suas repostas eram influenciadas pelos jornalistas? Eles tentavam nortear a sua resposta?

Tentavam, só que eu tinha esse cuidado. Sobre a prefeitura, por exemplo, então, isso direcionava muito, eu não podia falar mal explicitamente do Abrigo de Paciência, mesmo a gente sabendo a violência que é falava na necessidade de se construir abrigos. Isso era um problema do município, mas não dava pra explicitar as ações de recolhimento de uma forma muito aberta, mas, pelo jornalista, ele queria eu falasse abertamente, escrachasse a prefeitura, mas por ser da prefeitura eu não podia falar disso.

Em geral, você gostava do resultado das notícias?

Não. Essa última que eu consegui mudar o tema da abordagem, que eu torcia era para no momento não falar nada sabe... Porque eles nunca conseguiam entender do que se tratava, outros não entendiam, eles eram outras forças ali, eles entrevistavam outras pessoas que respondiam o que eles estavam esperando e aí o que saia era aquilo. Teve uma matéria sobre usuários de crack que eles me ligaram e eu falei assim "olha, passei a bola", mas saiu a matéria: "Anjos da

cracolândia". Aí, assim, nossa senhora, não entenderam nada sabe, a jornalista se emocionou, chorou, um fiasco total.

Você acha que mídia e população de rua tem um relacionamento bom?

Não.

O que poderia ser feito para isso melhorar esse "relacionamento" entre mídia e população de rua?

De repente o jornalista entender melhor antes de complicar...Talvez o jornalista antes de ter a urgência da matéria, pelo menos selecionar pessoas afins sabe, ter o certo contato com a temática, não precisa ser com população de rua, mas se ele vai fazer uma matéria de saúde de população de rua que ele entenda, que ele saiba do SUS do que a gente tá falando, é muita informação, entendeu? Enfim, que tenha mais proximidade com essa questão dos direitos sociais,... Que não é qualquer um que aparecer lá "ah você vai fazer uma matéria sobre", que o cara fez sobre automóvel ontem e hoje vem falar sobre população de rua, sei lá muito complicado né e não ser tomado pela urgência. Teve uma matéria que a jornalista fez contato e ela tinha uns 20 dias para publicar, e aí ela teve tempo de estudar a coisa sabe, de ler, de estudar, eu mandei o blog, ela entrou em contato, eu mandei os indicadores e acabou que nem foi a gente que deu a entrevista. Eu lembro que ela tinha um tempo, então isso facilita também.

Como a mídia poderia ajudar a diminuir a quantidade de gente nas ruas ou melhorar a qualidade de vida dessas que vivem nas ruas?

Primeiro, não respondendo a essa coisa da internação, do recolhimento compulsório, não sustentando ainda mais a violação dos direitos e não tratando a população de rua como marginais. Se conseguissem mostrar, por exemplo, não é um público homogêneo, falar que é super heterogêneo, que tem várias situações, são situações singulares, e que essa singularidade que vai dar efeito. Se a gente conseguir construir políticas e se conseguissem falar mais das pessoas e não do estereótipo... Não tirar uma foto da Cracolândia e filosofar em cima daquilo,... Aquilo ali só da ibope assim, não produz nada sabe, fazer link com o que está se produzindo, o porquê de estudos, trazer a academia pra ter esse tipo de matéria... Eu acho que problematizar mais do que necessariamente chocar as pessoas, porque chocar por chocar não produz nada nas pessoas, você consegue estigmatizar e chocar mais.

A mídia ajuda ou atrapalha os profissionais que trabalham com a população em situação de rua?

Atrapalha muito, porque a gente tenta descontruir... Assim, na verdade, o Consultório na Rua não, porque no Consultório na rua, a gente já tem méritos nisso, ai que a gente consegue desconstruir as coisas que a mídia faz. Então, ali no contato com a população, a gente consegue, mas o resto dos profissionais de saúde... Quantas vezes eu tive que ir em um hospital e falar que o paciente tinha que ser internado e eles ficam falando "não, mas o problema dele é social, o problema dele é o crack, tem que ir pra uma internação psiquiátrica", e eu falava: "que dia que você conversou com o morador de rua para saber se o problema dele é o crack?". "Ah, mas é assim". É o que escuta sabe, é o que está na mídia mesmo, então só atrapalha.

E agora é a última pergunta, se você fosse jornalista, qual a matéria você gostaria de divulgar sobre esse assunto?

Eu gostaria de divulgar o trabalho do Consultório na Rua (risos). Eu gostaria de divulgar a posição do Consultório na Rua como é que esses profissionais ocupam. A forma como a gente consegue desconstruir um monte de paradigmas, um monte de ideias que se tem de população de rua, através de uma visão mais ampliada de saúde, de cuidados ampliados, eu acho que é isso que eu gostaria que fosse falado, entendeu?

Ok. Obrigada.

CONCEIÇÃO, Sebastião. [4 fev. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

Sebastian[7], você vai autorizar utilizar o seu nome real ou você prefere um fictício?

Real.

Sua idade?

Trinta e oito anos.

Enfermeiro, né?

Enfermeiro.

Você fez superior completo?

Fiz.

Nasceu onde?

Teresópolis, RJ.

Trabalha no Consultório na Rua há quanto tempo?

[7] O entrevistado prefere ser chamado de Sebastian.

Três anos, desde o início, em setembro de 2010.

Antes você já tinha trabalhado com população de rua?

Não, eu tive uma experiência em Teresópolis como conselheiro tutelar, trabalhei com adolescentes. Não com morador de rua diretamente.

Qual é a sua função no Consultório na Rua?

Fico na supervisão de equipe. A função é atender os pacientes, né? Temos agentes comunitários que estão sempre na rua e ele que é a ponte do usuário até a unidade. Ele vai na rua, aborda o usuário e vê qual é a demanda daquele usuário. Quando o usuário pode chegar na unidade, ele traz o usuário até a unidade, quando o usuário não pode vir, ele agenda com alguém da equipe, um enfermeiro, um médico, assistente social para estar indo na rua para fazer a avaliação daquele usuário... Ali, a gente vê o que vai fazer, se vai pedir uma internação ou se vai pedir coletagem, ou se vai fazer algum plano terapêutico. É assim que funciona o nosso trabalho.

Se algum paciente precisa de atendimento, mas se recusa a recebê-lo?

No caso tem um psicólogo que pode fazer, procurar uma abordagem mais próxima desse usuário e a gente vai tentar o tempo todo a fazer com que ele tenha consciência e que ele precisa do atendimento. Entendeu? Mas, já tivemos caso de o paciente estar inconsciente, de a gente ter que assumir aquele caso e tomar medidas cabíveis para ajudar para que ele não viesse a morrer. Tivemos vários casos, paciente usuários de drogas ou praticamente em coma, a gente teve que ser responsável por ele naquele momento e assumir ele enquanto pessoa.

E o grupo de mulheres grávidas? Como é que funciona agora em 2014?

O grupo de mulheres grávidas funciona toda a última quarta-feira do mês, né? A gente tem tido um quantitativo de doze e quatorze mulheres. Aqui elas são orientadas de como é o cuidado dela com o bebê, alimentação saudável, prática de exercícios físicos também, tem todo um preparo e a equipe trabalha nesse projeto. São enfermeiros, médicos, assistente social, psicólogos, então é uma equipe multidisciplinar que vai acolher aquela gestante e diminuir o máximo os riscos daquela mulher durante a gravidez dela.

Elas é que vêm até aqui, tem o dia marcado ou vocês vão lá procurar?

Elas que vêm até aqui e a gente vai até onde elas estão. O agente comunitário vai, sempre lembrando né: “fulano de tal tem consulta com o enfermeiro Sebastian e com o doutor Jean Vargas tal, tem o grupo tal dia”... É sempre assim, porque elas esquecem muito também e muitas também são usuárias de drogas, né?

Quantas, mais ou menos?

Ah, umas oito! A maior parte é usuária de alguma droga.

E quais riscos da mãe que usa droga? Quais os problemas que podem surgir durante a gestação?

Os riscos durante a gestação são muitos, né? Má formação, pré-eclampsia, vários riscos né, até mesmo aborto. Já tivemos várias gestantes que abortaram, tivemos também gestantes que perderam, tiveram aborto no finalzinho da gravidez, então os riscos são inúmeros, né? A gente não pode nem dizer quais são porque são muitos.

Vocês tentam fazer essa mãe parar com o consumo de drogas?

Não. A gente não pode fazer a mulher parar de usar droga. A gente vai informá-la e orientá-la com relação aos prejuízos que a droga pode trazer enquanto gestante, enquanto mãe, né? E ela vai, dentro do limite dela, abrir mão da droga ou não. Pelo menos se ela conseguir diminuir já é um grande avanço ... Se, de repente, ela abre mão das drogas que são piores né, como o crack e começar a usar drogas que são menos piores como a maconha, já é um grande avanço. Então, a gente trabalha assim, dessa forma.

E aquelas que querem parar com qualquer droga em nome do bebê, mas a dependência não deixa?

Então, a gente faz um trabalho com psicólogo, médico, enfermeiro, tudo junto para tentar ajudá-la da melhor forma possível. Tem a equipe que vai apoiá-la né, aqui a gente trabalha com plano terapêutico, a gente pega cada pessoa, a gente entende que... um plano que a gente fez para a usuária A não vai caber na usuária B, então a equipe se reúne de terça a quinta-feira no horário de 17:30 pra montar os planos terapêuticos, estudar o caso, aprofundar, em cima daquilo a gente vai montar um plano para que ela possa ter as melhores condições durante o pré-natal dela.

Se ela quiser ser internada...

Se ela quiser ser internada, vai ter que partir dela, a equipe vai levar articulação pra ela, pode ser internada, mas assim... tem que partir dela. Essa demanda de internação tem que partir dessa maneira, dar autonomia pra ela decidir.

Sábado e domingo funciona aqui?

Não funciona.

E se elas precisarem de vocês?

Elas têm o nosso telefone. Elas já chamaram a gente várias vezes e final de semana e a gente foi atendê-las. O agente comunitário dá o telefone do enfermeiro, dá o telefone do psicólogo, a gente tem muito esse vínculo com as usuárias. Eles chamam a gente qualquer horário, e madrugada, já teve várias ligações... É bem assim... Esse trabalho é um trabalho que ele acaba te contaminando de certa forma...Tem que ter muita paixão... A gente vive ele o tempo todo.

E... as mulheres grávidas na rua conseguem ter uma alimentação saudável, uma vida saudável, um sono tranquilo?

Então, a gente procura ver o local em que a mulher está e vê um região de apoio pra ela, por exemplo, uma igreja evangélica, uma igreja espírita, a gente vai levar, articula com o pastor ou articula com um padre pra, de repente , ela possa ter um tempo pra descansar, uma alimentação, entendeu?

Só entidade religiosa que faz esse acolhimento?

É, tem muita ONG também que faz esse tipo de atendimento, o programa tem muitos parceiros, né? Muitos parceiros.

Então, vocês conversam uma vez no mês durante esse encontro?

É, uma vez no mês, na última quarta-feira de cada mês na parte da tarde. Damos uma orientação e procuramos ouvir delas o que elas estão achando daquele processo.

E elas, em geral, querem o bebê?

A grande maioria quer o bebê, sim.

Até essas dependentes?

Até as dependentes, muitas delas até conseguem parar de usar a droga devido ao processo de gravidez.

E elas são mães de primeira viagem ou têm vários filhos?

Aqui varia muito, tem mulheres que é o primeiro; outras que já é o oitavo... A gente teve até um gestante chamada V., não sei nem se posso citar o nome dela..., que ela já teve oito filhos, aquele era oitavo filho dela, ela tem sete e aquele era oitavo. E ela vivia na rua há vinte e dois anos. Aquele filho mexeu tanto com ela, que ela voltou pra casa. Hoje ela está na casa dela e foi uma gravidez muito complicada, durante a gravidez descobriu-se um câncer, então foi todo um processo, ela teve que ser encaminhada pra outros lugares, de atenção secundária, atenção terciária e o agente comunitário, enfermeiro, psicólogo estavam acompanhando ela por todo esse processo. O tempo todo ela nos ligava , ela tinha o nosso telefone e ela nos ligava, ela pedia que

a gente estivesse junto com ela e acabou que com um parto seguro, uma cesárea, o bebê hoje está muito bem e hoje ela quer eu batize o bebê dela. (Risos)

(Risos) Ah, e você vai batizar?

Vou, vou batizar, acho importante participar também desse processo de cidadania.

Na sua opinião, as atuais políticas publicas municipais são suficientes para dar conta desse problema dessas mulheres nas ruas?

Eu penso que não, porque as políticas são criadas, muitas das vezes, de cima pra baixo, então é uma política que não comporta, que não alcança todas as classes sociais. Eu acho que... o tempo todo que eu estou nesse trabalho, eu sempre penso de empoderar essa população para que eles venham assumir papeis de protagonistas na sociedade. Eu sempre penso em um morador de rua sendo prefeito ou vereador para que eles comecem fazer política de baixo pra cima e acho que isso vai contemplar todas as pessoas. Eu sonho o tempo todo com isso. (Choro)... Sonho o tempo todo com isso. De políticas que possam suprir as pessoas de forma integral, que as políticas de governo não contemplam todas as pessoas.

Você recebeu treinamento para trabalhar com esse povo?

Bom, (Risos), eu vim de Teresópolis e lá não tem tantas pessoas de rua, então cai aqui no serviço de paraquedas. É assim, ... eu tinha muito medo da população, tinha muito preconceito, eu lembro que eu nos primeiros meses, tive muitos conflitos comigo mesmo, pensei em sair pensei em abandonar tudo. E, a partir do momento que eu saí do papel de supervisão, porque eu era enfermeiro supervisor, saí da supervisão e deixei que o agente comunitário me supervisionasse, eu comecei a crescer muito como pessoa e enquanto profissional porque o agente comunitário já tinha um manejo da rua, já tinha a esperteza da rua, ele conhecia a rua. Então, eu deixei que ele começasse a me supervisionar e, a partir desse momento, eu fui pra rua com eles, eu consegui apertar a mãe dos usuários, eu comecei a fazer vínculo, comecei a crescer juntamente com o usuário de rua também. Então, pra mim foi um processo muito delicado e difícil sabe, eu tive que aprender abrir mão de várias coisas que eu acreditava. Tive que me despir de várias coisas que eu acreditava. O agente comunitário me ajudou em muita coisa. Quando eu penso nesse início, eu penso que eu não estaria aqui hoje, não estaria perto da população se eu não me deixasse passar por esse processo.

E, agora, você é uma peça muito importante aqui. A Laila me explicou que se esse trabalho existe é porque as mulheres confiam em você...

Quando eu me formei enfermeiro eu não tinha muita experiência com o pré-natal, com as mulheres grávidas, e assim, eu até me recusei várias vezes de assumir o programa de pré-natal aqui da unidade. Eu não me sentia capaz de estar com essas mulheres, né? E a partir do momento que eu assumi, eu quis me aprofundar mais no processo, eu quis estudar mais, eu quis fazer mais cursos pra que eu pudesse dar uma assistência de qualidade, porque eu não queria fazer um trabalho de qualquer jeito. Eu queria fazer um trabalho, que eu pudesse ter as mulheres próximas de mim, que eu pudesse diminuir o número de mortes de bebês, eu queria fazer um trabalho que eu pudesse dormir em paz, chegar em casa, colocar a cabeça no travesseiro e descansar. Então, hoje eu ainda não sou um enfermeiro muito bom no pré-natal, mas eu tenho trilhado esse caminho, tenho procurado trilhar esse caminho. Cada dia um pouco.

Você acha que seria importante você ter recebido um treinamento pra trabalhar com esse público?

Eu penso que não. Eu penso que a nossa prática se faz no dia a dia. Tem muita gente aqui, que entrou e tinha treinamento e tinha experiência que ao final do processo não conseguiu alavancar, parou ali. Eu penso que quanto menos você entender do assunto, né? O que pinta aqui é muito mais boa vontade de querer fazer e acontecer, entendeu? Não é nenhuma capacitação, não é nenhum treinamento que vai te fazer ser um bom enfermeiro ou um profissional para trabalhar com a população, tem que ter muita boa ação, tem que ter boa vontade, tem que ter várias coisas que não é só o treinamento.

Você, agora, depois que passou essa sua fase, sente medo deles ainda?

Não, não tenho medo mais dessa população, não. Medo nenhum, assim, ele me ensinam muito mais do que eu ensino para eles, o tempo todos eles me ensinam alguma coisa. Eles me ensinam, sabe, às vezes eles vem pra cá relatando assim: “Sebatian, eu almocei em um restaurante popular e lá tinha como sobremesa laranja, então eu trouxe essa laranja para você”. Então, eles dão aquilo que eles não têm, isso me faz crescer como... Saber que é uma laranja que eles poderiam estar consumindo, deixando pro horário da janta, que não tem nada pra eles comerem, e eles trazem pra mim, então é uma coisa eu me marca demais esse trabalho.

E quais são os desafios de se trabalhar com esse público?

Bom, eu penso que o maior desafio que a gente traça hoje, não é nem com os usuários é com a própria rede, a rede não está pronta para trabalhar a saúde dessa população, porque a própria Rua é uma unidade de atenção primária; então tem coisas que vai ter que ser encaminhado pra uma

atenção secundária, para uma atenção terciária e, muitas das vezes, é aí que a gente bate de frente com um monte de coisa, porque o usuário precisa de internação, tem aquele processo de briga o próprio Consultório na Rua via brigar com a atenção secundária para que aquele usuário seja internado. Então, eu acho que isso é uma dificuldade muito grande para a própria equipe, porque a equipe faz todo um trabalho na unidade, daí quando precisa da atenção secundária ou terciária ela trava, então é muito desgastante pra gente. Eu penso assim: quem trabalha com essa população teria que ficar um tempo, acho que de repente um prazo de um ano ou dois anos, sair um pouco e depois retornar, porque o trabalho é muito desgastante, né? E assim, como gratificante, eu acho que é o usuário terminar o tratamento de tuberculose de seis meses e depois retornar pra você e falar que conseguiu esse tratamento devido a tua postura profissional. Acho que isso é muito gratificante, porque o tratamento pra tuberculose é um tratamento muito complicado porque os medicamentos são agressivos para o estômago, tem vários efeitos colaterais, então o usuário nosso, de rua, que está morando na rua sem ter uma alimentação ideal, sem ter onde dormir, concluindo um tratamento pra tuberculose, pra gente, é um grande sucesso, né? E hoje a gente tem um trabalho pra tuberculose pra essa população que tem sido visto como um modelo para o Brasil, né?

Aqui no Rio de Janeiro?

Aqui no Rio de Janeiro.

Como que é esse trabalho?

É um trabalho que a gente aborda os usuários na rua e ele está tossindo ou ele está relatando que está com pneumonia, dor no peito, é feito pra ele o exame do escarro, o raio-X e, aí, quando vem o diagnóstico de tuberculose, ele fica aqui no programa com a gente, é orientado do diagnóstico no início do tratamento que são seis meses, que o tratamento é bem difícil e que os remédios têm muitos efeitos colaterais para esse usuário. Ele é orientado a não desistir do tratamento e caso tenha algum efeito colateral, que ele nos procure. Então, ele tem todo esse acesso à equipe. E hoje, a gente tem uma parceria com a superintendência alimentar e todo usuário nosso que tem tuberculose, ele pode se dirigir com um ticketzinho até o restaurante popular para estarem se alimentando, né? Esse processo começou em 2012. E quando ele ia pra lá, ele podia tomar um café da manhã e ele podia também almoçar. Então, ele tinha de segunda a sexta alimentação e café da manhã isso trouxe um ‘boom’ no nosso programa de tuberculose né, porque eles reclamavam que os remédios eram muito fortes e não tinham alimentação, então com isso ajudou

bastante. A gente teve uma dificuldade, no finalzinho de 2012, quando começou a obra no restaurante popular que agora só oferece um lanche e não é o suficiente ainda, mas já ameniza um pouco. Isso já foi um grande avanço.

Essa alimentação de segunda a sexta só é oferecida a pessoas com tuberculose?

Nesse momento só tuberculose, lutamos também pra que seja para pacientes com HIV, que também o tratamento é bem difícil, pacientes com hipertensão, diabetes, então a gente vai lutar para que outros usuários também do nosso programa tenham onde se alimentar. Mas assim, o paciente com HIV, hipertensão e diabetes, a gente tem uma ponte com igrejas evangélicas, igrejas católicas, então, tem toda uma parceria também fora da unidade.

E onde que é esse restaurante popular, qual que é o preço da refeição?

Fica na Central do Brasil, bem do ladinho do Santander Brasil e o preço, o café da manhã se eu não me engano é R$ 0,25, e o almoço é R$ 1,00 e pra esses usuários com tuberculose é tudo de graça. Foi um trabalho difícil porque os próprios funcionários do restaurante popular não queriam que essa população transitasse pelo restaurante popular, e eu lembro que a gente teve que ir pra esse local e fazer várias reuniões para sensibilizar essa equipe. Eu lembro de ter feito três encontros, inclusive, para sensibilizar o pessoal do restaurante popular, que, antes, o usuário chegava e na porta mesmo eles eram empurrados pra fora do espaço e, a partir dessas reuniões de sensibilização, a gente conseguiu que o usuário fosse bem recebido na unidade. E hoje esse problema que eu tinha, já não tenho mais. Existe aí um grande avanço também.

Mas existe todo um critério pra essa doença não se espelhar, eles vão com máscaras, como é que é?

Eles são orientados a entrar no espaço com máscara né, e tem um espaço que é onde ele comem.

É isolado?

Isso.

Existe alguma diferença no seu trabalho na forma de lidar, de receber as mulheres e os homens em situação de rua?

Existe. Aqui a gente tem que tratar cada usuário de uma forma muito particular, né? A gente trabalha aqui com todos os tipos de usuários. Tem usuários com transtorno mental grave, tem usuário com HIV, tem usuário que ele está com HIV e não quer que ninguém saiba, ele não quer nem que os demais funcionários da equipe saibam que ele tem o HIV, então tem que ter todo um sigilo, né.

E vocês não contam?

Se ele pedir pra não contar a gente não pode contar, a gente respeita esse direito dele, sabe, a gente não conta. E tem usuário com transtorno mental que tem que ter outro tipo de abordagem, tem que saber chegar nesse usuário. São três anos que eu estou com a população e, assim, tem usuários meu com tuberculose que já tenho um vínculo com esse usuário, já conheço esse usuário, que ele entra na minha sala, que eu tenho que fazer com que ele entenda que é importante que ele não abandone o tratamento, que ele se mantenha durante os seis meses. Ele chega aqui, eu tenho que falar com ele de forma bem forte, bem firme e alertá-lo de que se ele não tomar o remédio, ele vai morrer. Agora eu nunca faria isso com um usuário que fosse novo, com um usuário que chegasse a primeira vez, eu nunca faria isso, tem toda uma maneira de receber esse usuário novo, tem que ser de uma forma mais acolhedora, entendeu? Mais amigável. Eu não posso dizer morte para esse usuário que chegou pela primeira vez, entendeu? O antigo eu posso até falar porque eu já tenho um vínculo, ele vai respeitar que eu fale, que ele me vê como um parceiro dele, como um amigo dele, então ele vai respeitar que eu fale dessa forma mais médica, mais forte, mais firme. Às vezes, um usuário novo não vai aceitar que eu fale dessa forma com ele, então há uma forma diferente, sim.

E as mulheres?

As mulheres é a mesma forma, né. As novas eu vou tratar de uma forma e as mais antigas eu trato de outra forma.

Com quem é mais fácil lidar, com homem ou com a mulher?

Eu penso que não tem essa diferença. Não vejo essa diferença, não. Com relação às patologias, é mais difícil de trabalhar com transtorno mental do que um paciente que não tem transtorno, isso eu diria.

E quais são as principais reclamações das mulheres em situação de rua?

Uma minoria reclama que o marido está agredindo, né? Uma minoria reclama. Uma maioria é agredida, mas se cala, então não diz nada. Elas falam muito de é... elas, mulheres, já perderam filhos para a justiça e gostariam de ter aqueles filhos mais próximos. Elas sofrem bastante, muito. Sofrem demais. Essas mulheres assim... Se eu disser do que elas reclamam, elas reclamam de muito pouco. Por aquilo que elas passam, elas reclamam muito pouco. Reclamam de dormir pouco, de dormir muito tarde, reclamam de andar muito atrás do marido, né? Que eles não param né, são flutuantes em um território, então elas andam demais. Às vezes, você vê que a gestante

está com um edema nas pernas e você fala para que ela tenha repouso e ela fala: “ah não posso ter repouso porque meu marido anda demais, eu tenho que andar atrás de alimentação, andar atrás de uma sombra, andar atrás de uma água”. Então elas não param, então isso elas reclamam, mas se eu pudesse comparar essas mulheres com a população de mulheres em geral, eu diria que elas reclamam muito pouco. Muito pouco, aquilo que elas passam... sofrem o tempo todo. Muitas delas são violentadas, sofrem agressão, mas elas não falam, entendeu? Muitas das vezes você até questiona “ esse roxo no teu braço foi o quê?” ela fala: “eu cai”, “machuquei”, eu “bati em algum lugar”, dificilmente elas falam que foi o marido, parceiro dela. Até porque na rua a mulher que não tem um homem do lado ela é violentada o tempo todo, né? Sexualmente, psicologicamente, o tempo todo ela é violentada. Mas a que tem um marido, um homem na rua é visto como o protetor daquela mulher, então, muitas delas passam por humilhações, por sofrimento porque é muito melhor ter aquele homem do lado dela do que ficar exposta todos os dias às violências.

Vocês têm alguma parceria com o NUDEM, o núcleo da Defensoria Pública, que atente qualquer tipo de violência contra a mulher (psicológica, física, sexual)?

Não, a gente não tem parceria, conhece o serviço, mas a gente não tem parceria.

A defensora responsável disse que nunca havia atendido mulheres em situação de rua lá...

Eu penso também que essas mulheres que estão na rua, quando elas procuram algum órgão pra fazer a denúncia, elas também acabam ali naquele espaço sofrendo algum tipo de humilhação também, né? Às vezes por parte da polícia, às vezes por parte do guarda municipal. Quantas vezes que a gente já viu um guarda municipal, um policial querendo bater em mulheres de rua pelo simples de ela estar ali a rua, entendeu? Então, às vezes, pra ela essa violência que ela sofre por terceiros é pior que a violência que ela sofre com o próprio marido ou com o companheiro dela. E aí, de certo, elas pensam, elas associam a Defensoria com a guarda municipal e a Defensoria não tem nada a ver... E as mulheres que estão lá na rua, por mais que elas estejam na rua, elas têm uma certa vaidade, então, elas não vão querer entrar em um lugar público sem um batom, sem pentear o cabelo, sem ter um cordão e um brinco, né? São mulheres vaidosas e a gente trabalha muito isso no pré- natal, que tem o dia da beleza.

O que é o dia da beleza?

É um dia que elas vêm pra cá, em que a equipe cuida do cabelo dela, cuida da unha e ela sai daqui poderosa, valorosa. A gente teve no final do ano o primeiro desfile de moda do Pop Rua né, em que elas desfilaram em um tapete vermelho e, assim, o público que estava presente era era

o pessoal de rua, então, eles aplaudiam essas mulheres, essas mulheres se sentiam poderosas no tapete vermelho, então foi muito legal, muito gratificante. Elas ficaram lindas, maravilhosas...

Tem alguma situação marcante no seu trabalho que envolva alguma mulher em situação de rua?

Tem uma situação marcante que... essa mulher, ela me ensinou a amar o pré-natal, o programa de pré-natal, porque antes dela eu queria evitar o máximo participar do pré-natal. Eu tinha muito preconceito, eu achava que essa mulheres não deveriam ter filhos, que a justiça deveria pegar todos os filhos delas e essa mulher ela me ensinou muito sobre o pré-natal. Moradora de rua, eu lembro que o agente comunitário trabalhava com ela e ela sempre foi orientada pelo agente comunitário, nunca quis vir ao serviço, eles sempre falavam assim: “Sebastian, tem uma usuária gestante na ocupação X e ela não quis vir até o serviço”. O tempo todo eles me falavam isso né, até tentei fazer várias visitas pra ela, mas não consegui porque ela não se encontrava no local e em determinado momento do pré-natal dela, com cinco meses, ela chegou no serviço em uma demanda espontânea. Parecia que ela tinha ficado grávida antes, nessa mesma ocupação e estava esperando gêmeos, e um tiro fez com que ela abortasse os dois bebês e ela não acreditava que pudesse ser mais mãe n, que estivesse esperando outra criança. Mesmo com uma barriga de cinco meses, ela não acreditava que pudesse ser mãe de novo né, e eu lembro que eu conversei com ela e ela falava: “Não estou grávida...”, “mas, Anastácia, olha a tua barriga, é uma barriga imensa, uma barriga de gestante, o bebê já deve estar mexendo”, “mas eu não posso engravidar, não consigo engravidar, eu não estou grávida”, “e por que você está com essa barriga?” Ela não conseguia explicar. Eu lembro que ela deitou na maca e quando eu coloquei o aparelho na barriga dela pra ouvir o coração do bebê, o coração começou a bater, era de uma forma muito emocionante porque os olhos dela se encheram de água. E eu fiquei muito emocionado, comecei a amar o pré-natal a partir dali... Ali ela começou acreditar que pudesse ser mãe de novo ... ali ela começou acreditar que ela pudesse gerar novamente uma vida. E aquela gravidez mexeu muito com aquela mulher sabe... Depois daquele dia, ela vinha pra unidade todos os dias e, às vezes, eu estava em uma consulta, eu tinha que parar a consulta pra ela deitar na maca e escutar o coração do bebê dela. Isso me marcou muito, e isso me fez amar esse programa de pré-natal com essa população, eu comecei a respeitar mais as mulheres, comecei a ter menos preconceito, comecei a pensar sabe... ela tem direito de ser mãe, sim, independente de estar na rua ou em qualquer lugar, ela tem que ser mãe, ela tem esse direito né? Porque a Anastácia usava todos os tipos de drogas

possíveis né, e ela começou a reduzir o uso de drogas, ela começou a se tratar, começou a se valorizar, ela vinha na unidade todos os dias, ela sempre tinha dúvidas, ela perguntava sobre a alimentação, o que ela poderia fazer. E, infelizmente, durante o pré-natal, ela teve uma pré-eclampsia porque ela não conseguiu reduzir a droga em um índice que pudesse ser favorável pra ela, teve uma eclampsia, ela morreu mas o bebê está bem hoje. (Choro). O bebê está morando com a mãe dela né, mas ela faleceu.

Qual era a idade dela?

Ela tinha vinte e quatro anos. Sempre que eu penso no pré-natal, eu penso nela sabe, ela me ajudou com muita coisa, ajudou a crescer profissionalmente falando sabe, onde ela estiver eu penso que ela está bem.

E o bebê, você conhece?

O bebê se encontra hoje em Campo Grande, é uma menina linda, está bonita, está grande, está forte, é a carinha da mãe...

E a justiça pega as crianças dessas usuárias de drogas? Mesmo elas querendo cuidar da criança?

Algumas mulheres chegam na maternidade sem documento e, mesmo querendo, a gente teve vários casos aqui no próprio Consultório na Rua, assim... posso dizer que doze casos, duas perderam o bebê. Mas, assim, essas dez não perderam porque teve uma equipe de profissionais daqui do Consultório na Rua que correu atrás de documentação para essas mulheres, que correu atrás de uma mãe que pudesse acolhe-la depois que ela tivesse o bebê. Então de doze casos, duas perderam o bebê, duas que a gente não conseguiu muito fazer essa ponte de documentação, de alguém que pudesse ficar com a mulher e com o bebê. Aí chegou na maternidade sem documento o próprio, a assistente social da maternidade já aciona a vara né, já chega e já leva o bebê. E tem mulheres que nem podem olhar para o bebê.

Não podem nem dar mamá?

Contato nenhum com o bebê. O bebê já é retirado.

E se ela quiser recuperar essa criança depois?

Eu acredito que não consiga. Já vai direto pra doação. A não ser que ela... depois que ela tenha o bebê, que ela tenha toda uma estrutura com familiar, financeira, pra trazer de novo esse bebê. Dificilmente, a gente conseguiu uma vez uma gestante de um transtorno mental... ela foi acompanhada o tempo todo pela equipe né e... o tempo todo ela dizia que uma voz pedia pra ela

matar bebê, mesmo gestante, mesmo grávida. Aí, no caso, teve o momento em que o bebê nasceu, ela ficou um tempo com o bebê e ela fez uma consulta aqui de puericultura e a equipe notou que a criança tinha assaduras, não estava bem tratada, não estava bem cuidada e a gente viu que essa mulher estava... o transtorno dela estava em uma fase ruim. Teve que tirar o bebê dela, a gente tirou o bebê dela, a própria equipe tirou o bebê dela com a ajuda da justiça. E abrigou esse bebê em um abrigo para crianças recém-nascidos e essa criança ficou ali uns dois ou três meses. Depois, a gente notou que ela tinha condições de voltar o bebê pra ela, a gente levou o bebê de volta pra ela. Aí foi uma história de sucesso, mas também assim... desses bebês que são retirados das mães, foi a única que a gente teve sucesso. Mas também estivemos em parceria o tempo todo, a gente negociou isso com a justiça, então, foi bem fácil de conseguir isso.

Vocês acabam fazendo um trabalho que vai além da saúde, né?

Além da saúde, vai além...A população, ela tem muitas especificidades. Tem que se enquadrar no perfil dessa população. Vários casos que não se enquadram com usuário normal né, usuário que mora em uma casa, tem uma boa alimentação... nossos usuários são bem diferentes, tem que ter uma estratégia pra essa população que pudesse comportar aquilo que eles passam.

E vocês dão enxoval também para o bebê?

Não. Durante o pré-natal as mulheres são acompanhadas, a gente encaminha ela pra maternidade e lá é acolhida pela maternidade. Bom, eu estava falando que ela gestante é acompanhada no pré-natal, quando está no terceiro trimestre da gravidez, a gente encaminha ela para a maternidade e lá ela conhece toda a unidade, onde ela vai ter o bebê, conhece a equipe e nessa unidade, nessa maternidade, ela recebe o enxoval também. É lógico que a gente tem algumas parcerias de ONGs, igrejas que nos doam alguns enxovais, mas é uma quantidade muito pequena. Não tem como dar pra todas elas, e assim algumas gestantes que a gente avalia que precisa de mais enxoval, a gente vai dando pra essas mulheres. Mas é lógico que todas elas precisam do enxoval. Assim, umas das coisas que a gente tem feito também no pré-natal, que tem dado muita adesão no programa, é que a gente tem dado muitas roupinhas para criança no início da gravidez. As mulheres veem aquelas roupinhas, principalmente quando sabem o sexo do bebê, elas veem aquela roupinha então, aquilo ali parece que já faz parte, porque ela começa apensar no bebê já naquela roupinha, então aquilo ali dá uma adesão muito grande no pré-natal da gente. Um sapatinho, uma calcinha, alguma camisetinha, então elas olham aquela roupinha e parece que elas já começam a ver o bebê ali dentro, elas começam a guardar aquela roupinha, elas começam

a trabalhar melhor a higiene delas, autoestima delas. A maior parte das gestantes, no final da gravidez, já consegue alugar um quartinho ou começa a se aproximar da família, pra conseguir na família algum lugar pra deixar o bebê, então esses casos tem tido muito sucesso aqui pra gente.

Você é a favor ou contra o recolhimento compulsório?

Eu sou contra né, porque tiram da pessoa os direitos de ir e vir, né? Que é um direito constitucional. Eu sou contra, acho que a gente tem que ter o respeito da pessoa pra ela ir e vir pra onde ela quiser, entendeu? Nesse momento, o recolhimento não está tão bruto, mas, em 2012, se eu não me engano, foi um momento muito difícil porque eles chegavam aqui bem machucados, foi um momento bem violento, agora não está tão violento, não. Mas eu penso que próximo, de repente, da Copa, talvez a violência aumente, né? Porque vai aumentar a quantidade desse recolhimento de forma mais bruta próximo da Copa.

Agora a gente vai pra segunda parte de perguntas. Na sua opinião, qual é a função do jornalismo, pra que ele serve?

Pra divulgar as informações, né? Divulgar, esclarecer, orientar a população de forma geral.

Você acompanha as notícias que saem sobre pessoas em situação de rua?

Acompanho. Muitas delas.

Desde que você começou a trabalhar aqui?

Foi mais de uns dois anos pra cá. Hoje em dia, é um assunto que me interessa. E, assim, tem coisas ali que não são verdade, pelo o que eles alegam que o maior motivo de o pessoal estar na rua é o uso de drogas e nem sempre é uso de drogas. Às vezes é violência que a pessoa sofre na casa dela, muitas das vezes é o tráfico de drogas no local que não quer mais que a pessoa fique naquele local. Então não é só o uso de drogas que leva o pessoal pra rua, são outros motivos também.

Em qual veículo você acompanha essas notícias?

Jornal, televisão, rádio, Internet...

Você nota alguma diferença na cobertura jornalística sobre esse tema nos últimos dois anos?

Noto. Tem aumentado, tem sido mais divulgado. Parece que hoje a imprensa já olha pra essa população querendo... porque parece que tem algum lucro, né? Então eles já tem mais informações, tipo, há três anos, dificilmente saia uma reportagem com moradores de rua, hoje em

dia, sai em vários... vários canais de televisão sai a mesma notícia com essa população, então, tem um número muito grande de notícias hoje sobre essa população, parece que a mídia está ganhando alguma coisa, assim.. para estar divulgando tanta coisa. E também é... pelo Brasil que vai sediar a Copa do Mundo e por acontecerem nos grandes centros né, talvez também seja por isso o motivo dessa divulgação, entendeu?

E você nota alguma diferença na cobertura desse tema de um veículo para o outro?

Assim, parece que a impressa a... a televisão parece que se aproveita muito disso... Às vezes as matérias são bem sensacionalistas, saem nos programas de domingo mais pra audiência mesmo, né? Tem um motivo ali, para os canais de televisão. Parece que o jornal já é uma matéria mais apropriada daquela realidade, entendeu? A televisão não, a televisão é mais sensacionalismo, o jornal é diferente.

Você de lembra de uma notícia que você consumiu recentemente sobre população de rua?

Lembro, teve a Record, que foi o coral de Natal do pessoal de rua.

O que você achou?

Eu achei que foi bem legal. Mas... não também... porque pegaram o pessoal de rua, deram um banho e colocaram roupa nova e o pessoal cantou no coral de Natal. Acho que faltaram algumas outras coisas ali, né? Faltou saber o motivo que ela aquelas pessoas estavam pra rua, explorar mais aquilo também, depois daquele coral, outras coisas faltaram nesse noticiário, mas foi uma matéria bem interessante.

E você se lembra de alguma notícia cujo foco era uma mulher em situação de rua?

Não, não lembro. Porque na rua a quantidade de mulheres é muito pequena se comparada com a quantidade de homens, por isso que os homens aparecem mais que as mulheres. A mulher além de ser pouca quantidade, ela não sobressai tanto quanto o homem, o homem se sobressai muito mais que as mulheres nas ruas.

Como assim?

Por que pela quantidade de homens que tem e pela mulher ficar muito sobre a proteção de um homem. A mulher ela é meio que, tipo fantoche na mão dos homens na rua. O homem direciona ela pra onde ele quiser. Se ele quer que ela apareça, ela aparece, se ele não quer que ela apareça, não aparece, então é meio que assim... por o homem assumir mais destaque na vida nas ruas, por isso tem muitas mais matérias com os homens, não com as mulheres.

Em geral, você concorda ou discorda com a forma em que o assunto é tratado na mídia?

Eu sou meio que é... imparcial, né. Eu não concordo, nem discordo. Acho que eles deveriam abordar outras coisas que não abordam, entendeu? Mas eu penso que isso que eles transmitem através da impressa é importante porque fala de uma realidade, né? Agora, cabe a nós enquanto pessoas que veem essas reportagens concordar ou não. Não dá pra concordar com tudo, tem muitas coisas que a gente tem que desacreditar. Hoje eu acho que falta informação pra sociedade começar a ver essa população com outros olhos também, porque, às vezes, a população recebe uma notícia e meio que ela concorda com aquilo sabe.... sem ter outro tipo de informação, sem escutar os problemas de rua, entendeu? Eu tenho essa visão hoje porque eu vejo a mídia e também pego uma parte da minha população, então, eu coloco tudo em um certo equilíbrio e vou tirar a minha conclusão daquilo ali, a sociedade ouve só um lado da história, o lado do pessoal de rua.

Você já foi entrevistado alguma vez em função do seu trabalho?

Não, é a primeira vez. É a primeira vez... Parece que é um trabalho pouco divulgado também porque esse trabalho surgiu de uma briga muito grande da prefeitura né. Onde um grupo pequeno queria o trabalho e o maior não queria o trabalho, né? Acabou que o grupo pequeno era um grupo muito inteligente e conseguiu trazer o trabalho pra realidade, e assim... o trabalho só veio existir porque o pessoal designado a fazer esse trabalho é um pessoal muito valente. Foram seis meses em que a gente ia pro serviço e a gente não sabia se ia sair daqui com trabalho: a gente chegava empregado e não sabia se ia sair daqui com carteira assinada, né? Porque uma parte falava que o trabalho ia acabar e a gente, mesmo sabendo que o trabalho ia acabar, a gente se preocupou com a população de forma geral, o atendimento manteve a qualidade.

Você acha que mídia e população de rua tem um relacionamento bom?

Mídia? Não. Não tem, porque... primeiro que eles não ouvem a população de rua, parece que eles ouvem a história de terceiros né, alguém fala da população de rua e a mídia pega e divulga, né?. Eles não pegam o pessoal de rua e entrevista, entendeu? Não acolhe... eles não fazem esse tipo de trabalho, então não é uma relação boa.

E mídia e os profissionais que trabalham com a população de rua, tem um relacionamento bom?

Não tem... eu penso que a mídia quer ouvir aquilo que vai dar ibope, não aquilo que é verdade.

E o que poderia consolidar um relacionamento melhor entre esses públicos?

Acho que a informação. A gente vai ter agora no final do mês o bloco Pé na Rua, que é um bloco composto por moradores de rua, que é um bloco que grita a causa na rua, né?

Vai desfilar na Sapucaí?

Vai desfilar aqui... na Lapa, vai desfilar na Lapa, da Cruz Vermelha até a catedral. É um bloco que grita a voz da rua, né? O morador de rua, ele compõe samba, ele pega no pandeiro, ele samba. O morador de rua é rainha de bateria, então, tudo eles fazem nesse bloco e esse bloco vai gritar a voz deles, uma voz que muitas das vezes é abafada é esquecida. Eles vão estar gritando da Cruz Vermelha até a Catedral, falando dos direitos que são inerentes a eles, e eles estão afim de que esses direitos aconteçam na prática e na realidade.

Em sua opinião, o que precisa ser feito para diminuir a quantidade de gente vivendo nas ruas ou melhorar a qualidade de vida destas que estão aí?

Penso que políticas de baixo pra cima, políticas que comtemple toda a população. Como eu falei, é uma política que não contempla todo mundo, se fosse uma política que viesse de baixo pra cima a ter a cara da rua e ia comportar toda a população. A gente vê aqui, no centro mesmo, vários prédios da prefeitura que estão abandonados, que não estão despencando né, e que poderiam ser doados pra essa população, poderia estar servindo de casa pra essa gente, né? Essa gente hoje está ocupando o centro da cidade porque o centro da cidade é o lugar que oferece mais oportunidade de emprego, é o lugar que oferece maior oportunidade de melhoria de vida, de qualidade de vida porque a maior parte vem das periferias, né? E na periferia a pessoa passa fome, não tem muitas unidades de saúde, aqui no centro tem tudo, então, isso atrai essa população pra vir aqui pro centro, ter uma melhor qualidade de vida.

De que forma a mídia poderia contribuir pra isso?

Poderia contribuir ouvindo essa população, que não ouve, né? A população de rua teria que ser ouvida, entendida e divulgar aquilo que elas falam, não distorcer aquilo que elas falam, que essas pessoas tem uma sabedoria que é uma coisa incrível... mesmo sem ter muito acesso ao que acontece no país e no mundo, elas falam de tudo, sabem expor, são bem esclarecidas. Qualquer tema que você coloca pra eles, eles começam a discutir, são discussões que trazem um crescimento muito grande pra gente que tem uma cama pra dormir que tem uma televisão pra assistir, tem dinheiro pra comprar jornal, isso traz um certo conhecimento pra gente que tem tudo, né. E faz com que a gente que tem tudo olhe pra eles não como aqueles que precisam de

tudo, mas como aqueles que tem o conhecimento grande e precisam ter uma voz na sociedade pra divulgar aquele conhecimento.

E agora a última pergunta: se você fosse jornalista qual matéria você gostaria de divulgar?

Eu divulgaria a matéria que falaria que essa população deixou de ser invisível, entendeu? Por que a população de rua hoje é uma população que é invisível. A sociedade passa por elas, as vê na rua suja, maltrapilhas, doentes e não faz nada. Eu queria divulgar uma matéria que falasse que a sociedade olhasse pra essas pessoas enquanto pessoas cidadãs, não enquanto pessoas invisíveis. Eu gostaria que elas tivessem mais visibilidade na sociedade, que elas fossem vistas como cidadãs com direitos e deveres também e que as pessoas as respeitassem como cidadãs e tivessem liberdade de ir e vir pra onde elas quisessem, entendeu? Eu gostaria que isso fosse divulgado, mas isso ser divulgado isso tem que acontecer na teoria, mas também na prática, e isso não acontece.

Obrigada.

MUÑOZ, Jorge Vicente. [7 jan.2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

Vai autorizar usar o nome real ou prefere um fictício?

Real.

Idade?

84 anos. Nasci em 1929.

Formação?

Em Filosofia, mestrado na Fundação Getúlio Vargas em Filosofia da Educação.

Profissão?

Aposentado

Local de nascimento?

Argentina. Moro no Brasil há 46 anos.

Como começou o seu trabalho com população de rua?

Trabalhei como pesquisador de uma ONG Nova Pesquisa e Assessoramento em Educação. Fui o criador dela. A gente dava supervisão em trabalhos populares com as camadas populares, na época chamavam de educação popular, educação de base. Foi assim que eu conheci o trabalho com população de rua. Uma vez fui convidado para uma supervisão e apresentaram uma experiência em São Paulo, na baixada do Glicério. Ouvi falar num seminário que eu estava

supervisionando que era sobre diversos tipos de trabalhos populares, aí apareceu uma experiência com população de rua e eu fiquei muito interessado porque achei que trabalhar com essa população era muito produtivo, então me aprofundei naquilo que a pessoa apresentou e era em São Paulo. Era um trabalho que estava começando na baixada do Glicério. E aí comecei a ir, ver, participar dos trabalhos e entender melhor, depois acabei sendo o supervisor do trabalho. Era um trabalho ligado a um grupo de religiosas, que era muito ligado a trabalhos sociais. O trabalho era muito simples... andando pela rua, encontrávamos o pessoal dormindo na calçada, tentávamos um contato, conversávamos. E elas conseguiram uma casinha muito antiga no Glicério e usaram para receber o pessoal. E foram se organizando para ter um alimento. Não era para dormir, nada. Era para ter contato, tomar um banho se precisasse, esse tipo de coisa. Mas as religiosas tinham uma percepção de como se devia trabalhar e isso que me chamou a atenção. Então, ao mesmo tempo, iam abrindo espaço para que eles ocupassem o espaço. Ia fazendo com que eles começassem a participar da casa, da limpeza. Havia plantão, mas tudo de forma muito lenta. Até que criaram a comunidade do Glicério. E aí deram um passo mais político. Uma vez por ano, faziam uma passeata para a população de rua reivindicando política pública, moradia.

Faz quanto tempo?

30 anos ou mais. Então, como eu era um educador de base, ou seja, aquele que não está trabalhando diariamente com população de rua, então, eu ia estudando, examinando, como que era a população de rua, então, fiz uma primeira publicação com o depoimento de algumas pessoas que moravam na rua. Foi provavelmente uma das publicações pioneiras no Brasil.

Então, por causa das publicações, comecei a ficar mais conhecido. Comecei a ser chamado pelo Médico sem Fronteiras, que, quando veio para o Brasil, queria trabalhar com população de rua. Eles fizeram uma seleção de uma equipe com educadores, psicólogos, assistentes sociais. Era um grupo de umas sete pessoas, mais ou menos para fazer um trabalho de população de rua aqui no Rio. Me chamaram para formar a equipe. A equipe já estava escolhida, mas não sabia nada de nada. Eu acompanhei eles durante uns dois anos. A partir da experiência que eu tinha em São Paulo, das publicações, de participação em seminários, inclusive nacionais, eu comecei a ser conhecido e ser chamado. Depois a Prefeitura de Angra dos Reis me chamou porque tinha população de rua lá, queriam fazer um trabalho bem positivo de construção. Depois em Rezende, Volta Redonda, Barra Mansa. Aí, então, à medida que eu ia trabalhando, uma pessoa que dirigia também o Médico Sem Fronteiras, que foi a pessoa que me chamou, teve essa ideia de todo

mundo aderir os diversos trabalhos que já existiam com população de rua de igreja, centro espírita para se encontrar e começar a trocar experiências. Porque cada um trabalhava por conta própria e nem sabia da existência do outro, ao mesmo tempo que estavam enfrentando problemas comuns. Grande parte desses trabalhos eram bem assistencialistas. Dar comida, dar roupa, não davam um passo maior na tentativa de resgate de inserção dessa pessoa na sociedade. Aí que nasce, primeiramente, a rede, que depois passou a ser o Fórum Estadual de População de Rua. Hoje em dia sou membro.

O que o Fórum faz?

O Fórum Estadual de População de Rua é uma instância que luta com várias frentes, primeiro fornecer oportunidades para que os diversos trabalhos que existem no Estado do Rio de Janeiro tenham oportunidade de aprofundar a proposta, que possam ir além. Uma das preocupações do Fórum é de que maneira você pode melhorar a qualidade dos trabalhos que estão sendo feitos. Muitas vezes, eles me chamam para coordenar as equipes de trabalho até que se forme uma equipe boa que possa levar para frente os trabalhos. A ideia do Fórum não é do governo, é da sociedade civil. Uma das ideias do Fórum, também, era criar uma palavra que não fosse só do governo, das secretarias, porque a própria mídia se acostumou, quando se trata da população, de ir ao governo, nunca vai ao Fórum. Já fui chamado para dar entrevista para a TV em Volta Redonda por causa do Fórum, mas quero dizer, na minha interpretação, na cabeça da mídia, dificilmente se consulta o Fórum. Por exemplo, que nos últimos dois ou três anos as notícias sobre o crack. Então, o interessante que se tratava de crack e de população de rua como se fosse um sinônimo. E não é só a população de rua que usa crack. Então, como poderia haver uma discussão sobre isso? O governo dialoga com quem? É como se os únicos usuários de droga é a população de rua.

O senhor é contra o assistencialismo?

Eu não utilizaria o termo contra porque acho que pode ser muito dicotômico: contra e a favor. Na minha cabeça, como se deve trabalhar com população de rua? Esse trabalho visa o que? Que a população de rua tenha comida? Que tenha roupa? E fica por aí? Ou vai além disso? Precisa visar o resgate da pessoa para que retomem verdadeiramente sua cidadania, que até tem, mas está esquecida. O assistencialismo, na verdade, para na hora da comida. Tenta devolver uma certa dignidade, mas, por exemplo, lutar por habitação, políticas públicas, emprego, educação, isso não faz muito parte do assistencialismo.

Do que tratam suas obras?

O primeiro livro, “Cadernos de Educação Popular”, foi para mostrar ao mundo aquilo que todo mundo esquece ou desconhece com o depoimento deles, por isso era fundamental que eles dissessem o que era morar na rua. Tem outro que chama “Os Valores da População de Rua”, que é praticamente uma pesquisa sobre quais valores existem na população em situação de rua. A minha preocupação sempre foi mostrar que existe esse segmento popular que é mais excluída, porque nem se fala deles; e mostrar caminhos para poder fazer um trabalho de resgate. As duas coisas para mim sempre foram fundamentais. Houve outras publicações.

As atuais políticas municipais são suficientes para atender a população de rua?

Praticamente não tem. Me incomoda quando falam que vão fazer alguma política pública. O modo de fazer é mais institucional, tal secretaria faz tal coisa. As políticas públicas, pelo menos até agora, não nascem de um diálogo entre sociedade civil e governo. Não nascem. Uma política pública que pode contar com a palavra do próprio morador de rua? Nem pensar! No lugar do abrigo, poderia existir outro tipo de equipamento que possibilitassem mais diretamente o resgate deles, voltar a acreditar, voltar a ter esperanças. Isso não existe.

Você sente medo deles?

Não, nunca senti. Muitas vezes você vê casal. Às vezes, tem garotada que é diferente. Meninos e meninas de rua, mas o adulto não é de assaltar, muito pelo contrário, eles até estranham. O público passa do lado deles como se passassem do lado de um poste elétrico, ignorando totalmente.

Quais os desafios de se trabalhar com esse público?

Eu acho que há um primeiro desafio que não é simplesmente trabalhar com população de rua, porque esse desafio se coloca no dia a dia para cada um de nós. Saber ouvir o outro. Saber ouvir minha filha, saber ouvir quem discorda de mim, mas saber ouvir, não aquele de maneira formal: "tá, agora fala você". "Você já falou, agora falo eu". Isso não é saber dialogar. O diálogo é sentar, trocar ideias e encontrar caminhos juntos. Eu não estou colocando meu pensamento como superior ao seu. Tem que ouvir, dialogar, escutar de coração aberto. O que é interessa não é se você ganha ou eu ganho, o que interessa é que o morador de rua possa sair beneficiado desse intercâmbio.

Existia, nas suas pesquisas, alguma diferença na forma de tratar/lidar com as mulheres em situação de rua ou era exatamente o mesmo tratamento dispensado aos homens?

Eu tive a sorte de poder conhecer tanto homens quanto mulheres. Agora, o que as mulheres reivindicaram sempre é que esse machismo, essa dominação existente na sociedade, dessa relação homem X mulher, na rua isso era muito mais cruel. Por exemplo, o cara se acha o dono da mulher. E, muitas vezes, era melhor ficar com um cara. Mulher de rua sozinha, dizia uma aluna, todo mundo quer ser dono dela. Muitas vezes, elas têm um companheiro para se defender. Então, na verdade, a situação da mulher era muito difícil.

O senhor é a favor ou contra o recolhimento compulsório?

Eu acho que todo trabalho deve ser processual. Deveria haver uma sequência: primeiro abordagem, mas não uma abordagem com polícia, uma abordagem, apenas. Do modo como trabalhava o Médico Sem Fronteiras, por exemplo. Caminhávamos, parávamos, conversamos com um, com outro, já sabíamos os nomes, iam criando laços, vínculos. Eu destacaria três momentos importantes: primeiro, estabelecer vínculos, isso é fundamental. Relações não de superior para inferior, mas relações de quem quer fazer a caminhada junto. Eu vejo a importância de Centros de Referência ou Centros Pop, ou seja, de locais onde se faz primeiro um trabalho de abordagem, cria vínculos, convida a pessoa para que possa frequentar um lugar onde ele não vai ser discriminado, onde ele pode ver o jogo do Brasil na Copa, onde possa tomar um banho, tomar uma sopa. À medida que ele passa a ser frequentador desse local, essa casa passa a ser uma referência para ela. Aí, sim, os educadores sabem acompanhar esse pessoal e fazê-los participar das coisas, você vai criando vínculos, aos poucos o João, a Maria vai querer deixar a rua. O terceiro passe é um tipo de trabalho, um processo de amadurecimento, de decisão dessa pessoa. E ele que quer deixar a rua.

Alguma situação marcante no seu trabalho que envolva alguma mulher em situação de rua?

Se você ler a primeira publicação com os depoimentos, você vai ver que uma mulher é marcante, no final da publicação. Essa mulher era muito interessante, que pensava as coisas, e que dialogava com você. Eu tinha um respeito enorme e um carinho por ela. Uma vez estávamos caminhando juntos em São Paulo uma noite, então, a comunidade do Glicério que ela frequentava, certamente fazia uma proposta diferente, que não era para pedir dinheiro, o que eles chamavam de acharcar. Ela era capaz de estar com fome, e me disse: “Jorge, posso te acharcar”

Eu disse “pode”. Era ajuda com dinheiro para comer alguma coisa. Uma coisa que me chamou a atenção também aconteceu foi a frequentar a comunidade deles, onde eles passavam horas e

horas, assistiam televisão. Era um lugar tranquilo pra eles. Uma coisa que sempre me chamou a atenção foi o respeito que eles tinham pelos gays. Os gays não eram discriminados. Nunca vi. Eram colegas como outro qualquer. Às vezes, faziam qualquer brincadeira com eles. Naquela época, eles eram muito discriminados, condenados, nem falam com gays nas ruas.

Outra coisa que me chamou a atenção foi a solidariedade deles. Isso não quer dizer que não tenham brigas. Alguém estava doente, iam ao telefone público e pediam socorro, ligavam para o bombeiro para que viessem socorrer quem estava passando mal. Muitas vezes, conseguiam um sanduiche e davam metade para aquele que não conseguiu nada.

LEVY, Virgínia Lima dos Santos. [13 jan. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

Vai autorizar usar o nome real?

Sim

Idade?

28

Profissão?

Psicóloga

Grau de escolaridade?

Superior completo

Local de nascimento?

Rio de Janeiro/RJ

Trabalha com a população em situação de rua há quanto tempo?

Quatro anos e alguns meses, no Caps Ad-Centra-Rio. (Centro de Atenção Psicossocial-Alcool e Drogas)

Como funciona o trabalho do Caps para quem não conhece?

Bom, é um dispositivo da saúde mental, só que é específico para álcool e drogas, então é a substituição da política anterior que era de asilamento. Então,em vez da pessoa ficar isolada da sociedade, ela vem para o Caps, que é um local que ela frequenta, mas ela também está no mundo. Se ela vai trabalhar, a gente tá acompanhando esse processo dela voltar para o mercado de trabalho, se ela vai estudar, se ela vai voltar para a família.

Qual é o seu trabalho aqui?

É mais de entrevista mesmo, no sentido de consulta individual. No atendimento, a gente vai acompanhando. Em alguns casos, até acontece de a gente precisar ir até algum local junto. Uma pessoa pode estar muito comprometida e precisar que num determinado momento e precisar que a gente vá junto com ela para pagar um aluguel, por exemplo. Ou, então, ela pode precisar da nossa ajuda para fazer algum curso, algum contato, para entrar no mercado. O Presunick (rede de supermercados da cidade do Rio de Janeiro) tem um programa de receber pessoas com problemas mentais, mas recebe outras pessoas também. Tem a TV Pinel, também.

O que é esse Pinel?

É um hospital psiquiátrico, que há algum tempo está em processo de virar um Caps. Lá, eles têm uma TV que eles fazem programas e passa no canal comunitário, que é aberto. Aí, eles têm algumas bolsas de capacitação, também. Alguns dos nossos pacientes estão lá. Eles passam dois meses, aprendem coisas de som, operar câmeras e recebem uma bolsa.

Vocês sabem quais são os pacientes que procuram os serviços do Caps e que moram na rua?

Geralmente, a gente procura saber, não só pela ficha inicial, mas porque a gente não pode pensar na questão da droga falando só de droga, a gente precisa saber mais da pessoa, sobre as outras questões na vida da pessoa. A gente acaba sabendo.

Esse Caps é mantido pela Prefeitura?

Não, aqui é do Estado. Eu sou funcionária do Estado, mas não sou estatutária. O Estado faz processos seletivos, mas que não geram direito de você ter estabilidade.

Na sua opinião, as atuais políticas municipais são suficientes para atender a população em situação de rua?

Não.

Por quê?

Até eles trazem muito...assim...é comum ter gente que pede encaminhamento para abrigo e não quer ficar depois no abrigo porque diz que lá é pior, que tem área de traficante, que eles ficam jogados, que a alimentação não é boa. Não é um, nem dois. É muito comum, muita gente diz que, às vezes, é melhor ficar na rua que ficar no abrigamento e que as abordagens também não são adequadas.

O que eles dizem sobre as abordagens?

Agora tem menos coisas de apanhar, mas tem um pouquinho de ser obrigado, não ser só abordado e oferecer o serviço. Dizem que são obrigados a ir para algum lugar e, em pouco tempo, ele vai embora, e que ninguém encaminha para lugar nenhum onde ele possa trabalhar ou fazer alguma coisa da vida, só ficar jogado dentro do abrigo.

Você recebeu treinamento para trabalhar com esse público quando você veio trabalhar aqui no Caps?

Não. Aqui não existe muito a preocupação por ser este público. Até pela questão de aqui ser de saúde mental. Também porque a gente acredita que um morador de rua não é igual ao outro, mas também acho que poderia ter alguma coisa mais específica. Eu fiz o curso (de Extensão, da Universidade Federal do Rio de Janeiro) exatamente por isso. Eu vi que era sobre metodologia com a população de rua e eu vi que a gente não tem esse olhar só para o morador de rua.

Aqui a gente discute, por exemplo, quais estão em situação de rua que começaram a estacionar carro aqui na nossa rua e, às vezes, eles vão pegar esse dinheiro e só usar droga. Então, está mexendo muito com o nosso trabalho isso. Isso é uma coisa que a gente tem discutido muito de uns oito meses pra cá e começar a olhar mais pra essas pessoas estão ficando na nossa rua.

E o que você aprendeu no curso da UFRJ que serviu para o seu trabalho?

Bastante coisa. Tem coisa assim que parece que eu tinha visto enquanto estava junto com eles, mas não tinha percebido. Até o modo de chegar das pessoas. A Maria Lúcia (uma das palestrantes) explicou que aquele que chega muito gritando, mas aquele que chegou humilde demais, também está escondendo alguma coisa dele. Isso muda o jeito da gente lidar com as pessoas e foi bem rico, assim, pra eu poder desenvolver meu trabalho como psicóloga, porque tinha algumas pessoas que eu me lembro claramente que tinham essa postura de chegar falando baixo, aceitando qualquer coisa e isso não tava ajudando elas no tratamento. Elas estavam deixando de lidar com as questões delas por aceitar qualquer coisa que a gente desse.

Você sente medo deles?

No início, a gente fica um pouco mais apreensiva, até por a gente estar sendo feito de bobo, de você achar que a pessoa está ali com você, mas hoje em dia, não.

Como assim, feito de bobo?

É porque eles falam muito assim: “vou contar uma historinha para a psicóloga, vou entrar lá na sala e contar uma história”. Até isso é engraçado: quando a gente entra aqui, a gente tá mais como psicóloga pra fazer recepção e tudo, e aí, depois a gente passa a fazer grupo terapêutico,

que faz parte da política desse núcleo. Tem grupo de psicoterapia, grupo focal na questão da droga e tem outros grupos em que eu trabalho com vídeo, fotografia, jogos e algumas outras coisas. Então, a partir do momento que eu passei a conviver mais em grupos, eu tive mais notícias disso, de que, às vezes, entrar na sala do psicólogo é ir contar uma historinha pra ele pra conseguir o que eu quer: tomar banho, almoçar aqui, um encaminhamento para algum lugar. Então, o medo inicial era um pouco isso, será que eles não estão me enrolando um pouco? Estando mais em grupo, não. Já tem um ou outro que já olha e já ri, já cria uma empatia nessa troca. O trabalho funciona. Um já disse também: "ah, eu não te assaltaria aqui, mas não me encontre na rua".

Eles dizem isso?

Dizem! E tem outros que dizem: "mesmo se eu encontrar na rua, eu não vou assaltar porque essa pessoa é minha terapeuta".

E o que você faz quando descobre que algum paciente está mentindo pra você?

Geralmente, eu procuro não resolver isso em grupo, eu tento resolver com a pessoa. Mas também não funciona eu chegar acusando, tentar botar uma coisa moral, dizer "você está mentindo", mas tentar trabalhar com a pessoa mesmo.

Existe alguma diferença (no seu trabalho) na forma de tratar/lidar com as mulheres em situação de rua ou é exatamente o mesmo tratamento dispensado aos homens?

Eu nunca me preocupei em fazer alguma coisa diferente, dentro da minha linha de atuação na Psicologia, eu já procuro atender todas as pessoas da mesma forma, porque tem linhas que classificam as pessoas e agir de acordo com essas classificações. Tem outras linhas que acreditam que você tem que ver no caso a caso mesmo. De modo geral, a saúde mental tende a ver isso mesmo.

Como funciona essa classificação?

Pode ser classificação em termos de doenças, diagnósticos, situação social da pessoa. É mais de acordo com o diagnóstico, só que no diagnóstico, muitas vezes, em saúde mental pede pra você olhar uma lista de sintomas e ver em qual lista daquela a pessoa se encaixa mais, não quer dizer que a pessoa tem uma alteração cerebral que gerou aquilo. Então, você pode ter um esquizofrênico completamente diferente de outro esquizofrênico. Até por isso eu não me preocupo tanto em pensar em um modo de tratar as mulheres e outro de tratar os homens, mas o modo de tratar cada um que aparece mesmo.

Quais os desafios de se trabalhar com esse público? (problemas e gratificações)

Pra falar assim é difícil. Eu gosto muito desse trabalho. Eu por acaso fiz uma prova para a Saúde e tinha duas unidades de saúde mental no concurso, mas eu gostei muito daqui até por essa coisa dos grupos terapêuticos, desse outro modo de trabalhar com a população atendida. Você não ter que atender só dentro do consultório. Até porque é ruim você estar nessa posição de: o médico vai julgar o que eu faço, eu vou ter que seguir exatamente o que ele fala. Quando você consegue trabalhar em grupo, você faz um vínculo diferente. Uma coisa que eu gostei muito. Acho que difícil é você ficar vendo o tempo da pessoa e também as escolhas da pessoa. Você não tem que definir o que a pessoa vai fazer da vida, você vai ajudar no que é o sofrimento dela, mas, às vezes, é difícil ver a pessoa levando muito tempo, se afundando, se afundando. E até pela carga de coisas mesmo, você passa um dia em que você fala com 12 pessoas que vão te contar coisas tristes, é difícil.

Você absorve essas coisas tristes?

Levar as coisas pra fora, acho que com todo mundo acontece. Você está lá num sábado e se lembra de alguma coisa que a pessoa falou. Faz parte até. Eles estão elaborando e você também fica tentando elaborar aquelas coisas, faz parte do trabalho, você pensa sobre o caso e não é naquela hora que você está atendendo. Psicólogos dizem: psicólogo deveria ter psicólogo para não ficar assim...é bem recomendado isso, durante a faculdade toda. Como uma pessoa contou pra mim: "eu termino de atender o cara, eu queria que ele estivesse ou com a família dele ou num abrigo ou ter outra escolha. Eu saio, tá chovendo e ele tá com risco de tuberculose e ele está lá na chuva sentado. Como é que isso não vai mexer comigo?".

Quais as principais reclamações das mulheres em situação de rua na sua área?

Varia muito. Uma coisa que eu tenho visto é que as mulheres em situação de rua conseguem sair mais rápido da situação de rua que os homens.

Por quê?

É uma coisa que eu até gostaria de prestar mais a atenção. Eu não sei. Das pessoas que eu atendi, elas conseguiram mais rápido ficar no emprego onde elas começaram e conseguiram mais facilmente se inserir em algum local, alugar quarto e ir indo, ir indo.

Qual é o perfil das mulheres em situação de rua que você atende?

Mais jovens. Tem uma senhora mais velha. Ela tem o perfil bem diferente, ela é muito culta, o pai dela era uma pessoa importante de partido política, ela fala muitos idiomas. Na situação dela é que ela não faz um esforço pessoal porque ela se acostumou com as coisas vindo pra ela. As outras, de modo geral, são mulheres mais jovens que têm envolvimento com prostituição, está relacionada com uso de drogas. Vejo mais pessoas que não tem segundo grau. Nas mulheres, é raro ver uma pessoa em situação de rua com nível superior.

Alguma situação marcante no seu trabalho que envolva alguma mulher em situação de rua?

Tem uma que foi mais marcante, mas não fui eu que a atendi. A avó não conseguia ter ela dentro de casa, mas a avó vinha aqui muitas vezes e ela fazia questão de ficar em situação de rua na calçada do prédio da avó. Ela não entrava, não queria ficar dentro de casa porque dizia que a avó tinha muitas regras, mas de algum modo, ela queria ser olhada e ser cuidada por essa avó. Tem um rapaz que tem uma academia de ginástica próximo que acabou ajudando mais ela, fazendo mais ela vir aqui, mas ela passa muitos períodos vindo, muitos períodos não vindo ainda, mas ainda está em situação de rua.

Que tipo de droga ela usa?

Crack. Ela é mais crack, apesar de só se falar em crack, no caso da população de rua, tem muita gente que usa cocaína.

A diferença de preço é grande entre cracke cocaína. Eles dizem como conseguem dinheiro para comprar a droga?

Tem essa questão de eles guardarem carro. Tem o guardador oficial da prefeitura, mas ele não fica o tempo inteiro, então esse é um serviço deles e o outro é de ir buscar a droga para outra pessoa. De modo geral, não vejo ninguém contando que está sem usar drogas há três meses porque não teve oportunidade. Ou a pessoa tá com alguém que tá ajudando e arruma o dinheiro ou na rua ela consegue dinheiro para usar droga.

Como você imagina que seria a sua vida se você estivesse em situação de rua?

Eu já me perguntei muito isso até porque tem um pouquinho de escolha ou a outra opção, às vezes, também é muito ruim. A pessoa tá apanhando, tá sendo abusada, e então prefere a situação de rua, mas também tem coisas que poderiam ser trabalhadas de outra forma, mas que dentro daquele contexto familiar não são. De repente, a pessoa mora com alguém que quer que ela desligue a luz e a televisão às dez horas e a alternativa que a pessoa tem é ficar na rua. Parece

que não sobra uma terceira alternativa, que seria de ela estar dentro de uma casa e poder conversar outras regras.

Pode acontecer comigo, mas acho que eu iria tentar sair mais rápido, porque alguns já estão há muito tempo em situação de rua e quando a gente mostra alguma oportunidade, eles têm muita dúvida, principalmente usuários de drogas relatam muito isso. De repente, eu começo a ter uma vida melhor, daí eu vou, uso drogas e estrago tudo. Eles têm muito esse medo de começar e estragar tudo. Eu tenho essa impressão de que eu não iria ficar achando que era melhor não me arriscar e tentar sair rapidamente, mas eu não sei, não tem como saber, eu não passei por isso.

Hoje em dia, qual o caminho para quem está em situação de rua e quer sair?

É difícil. Bem difícil mesmo.

Dos pacientes que você atendeu, como eles conseguiram?

Eles coseguiram vindo aqui. Uma especificamente, ela chegou a ficar com os rapazes que estavam aqui na rua por um tempo, só que quando a gente oferecia coisas, ela aceitava. Aceitou um abrigo. A gente não deixou de ouvi-la. Se ela disse que tal abrigo era muito ruim, a gente tentava outros lugares, outras alternativas, ela vinha, ela tentava, ela procurava. Os locais de saúde mental estão preocupados há mais tempo em ser integral, em pensar em todas as perspectivas. Aqui, a gente procura ter contato com o CRAS, com várias outras coisas, até procurar alguém Presunick para saber dessa história de eles empregarem pessoas com transtornos mentais e verificar se eles empregariam pessoas daqui também. Nos locais de saúde, algumas pessoas estão conseguindo coisas. Eu não sei como está sendo na Assistência Social porque eu não tenho contato com alguém que procura só a Assistência Social ou algum outro lugar específico.

Aqui no Caps tem Assistente Social?

Tem assistente social, professor de Educação Física, farmacêutico, terapeuta ocupacional, médico clínico e psiquiatra, técnicos de enfermagem.

A pessoa que procura o Caps passa por todos esses profissionais?

Aqui é um local de saúde mental, mas tem outras coisas. É álcool e drogas, mas a gente não tem foco em dizer: "as pessoas vão parar de usar drogas". As pessoas vêm para um local de saúde mental para tentar lidar com o sofrimento deles. Se alguém me diz que quer parar de usar cocaína, mas não quer parar de usar a maconha, eu trabalho com esse sofrimento que ela está tendo com a cocaína, por mais que ela possa repensar esse uso de maconha quando ela repensar

as questões da vida. Dentro disso, isso não é uma intervenção só dos psicólogos, é de todos os profissionais porque a metodologia é essa, que a gente não tem o olhar de um profissional sobre o outro.

E onde estão as famílias dos pacientes?

Eles têm família, mas são desvinculados. Um deles que fica aqui na rua e os irmãos dele moram há duas ruas daqui, no Botafogo. Aqui tem muita gente que não vem de família pobre, embora tenha muita gente que venha de família bem pobre. Até tem um desses que está em situação de rua que diz: "não aguento esse grupo, esses caras são playboyzinhos. Ah, meu pai não me deu um carro, então vou usar drogas. Comigo não foi assim, eu estou em situação de rua desde que eu tinha cinco anos. Minha mãe não podia me orientar porque ela era desorientada também, ficava bebendo". Isso até isso gerou algo a ser trabalhado no grupo porque uma das pessoas lembrou dele pequeno, ali enquanto ele tava melhor, não tava em situação de rua, esse outro playboyzinho como ele descreveu, quando ele chegava de moto, ele lembra daquela mulher com aquelas crianças que o outro disse que era a mãe dele. Tá aí uma diferença de perfil que é bem grande.

É a favor ou contra o recolhimento compulsório?

É bem complicado. A forma como tá sendo feito, acho bem complicado. E a ideia de recolher também. Pelo aspecto teórico, recolher não pode funcionar porque se a pessoa tá numa situação de perda de autonomia, não vai ser você obrigando ela a alguma coisa que ela vai recuperar sua autonomia. Quando ela não tá escolhendo se ela vai para algum lugar, se ela vai parar de usar droga, se ela vai tentar um abrigo, ela está sendo humilhada também. Então, ela deixa de ser escrava da droga para ser escrava de alguma outra coisa. Tem gente que está há trinta anos indo em grupos de Narcóticos Anônimos . É bom para a pessoa parar de usar drogas, mas será que ela está readquirindo a autonomia, será que ela tá conseguindo seguir a vida dela do jeito que ela quer, do jeito que ela planeja ou será que ela está deixando de ser escravo de droga para virar escrava de grupo? Por outro lado, recolhimento também, não vejo muita gente que foi recolhida e depois teve um segmento de tratamento. Tem gente que diz "já fui internada não sei quantas vezes, mas só dessa vez é que eu tô interessada", tem uma coisa pessoal mesmo. E também usam muito assim: "ah, por que antes se recolhia as pessoas porque eram vadias, estavam pelas ruas, eram loucas. Agora porque elas usam crack". Usar crack não faz com quem uma pessoa não tenha capacidade de pedir ajuda. Vem pessoas aqui que usam crack espontaneamente.

Agora, sobre jornalismo. Na sua opinião, qual é a função do jornalismo?

É difícil saber, assim, porque tem essa coisa de informar, de levar a informação, mas me passa ainda coisa negativa de que jornalismo é ser passado aquilo que está sendo financiado.

Você diz no sentido de manipulação?

Isso.

Você acompanha as notícias que saem sobre população em situação de rua?

Procuro acompanhar por ser meu trabalho, mas algumas vezes me incomoda.

Em qual veículo?

Vejo mais site e televisão.

Quais sites e canais?

Eu vejo o que as pessoas veem e mandam via Facebook, mas aparece muita coisa no G1, por exemplo. TV, a gente brinca porque tem essa coisa de Consultório na Rua, e a gente diz que o Caco Barcelos faz Consultório de rua porque ele fez nove programas sobre isso e foi o que eu mais acompanhei.

Você gostou?

Não.

Notou alguma diferença na cobertura jornalística desse tema nos últimos anos?

Eu já vi um programa, acho que era na Record ou na Bandeirantes, que estava mostrando melhor as alternativas de saúde que existiam. Agora o Caco Barcelos, que achei bem curioso porque ele fez oito programas dizendo que era muito bom internar e o nono dizendo que não era.

Qual era o tema do programa Profissão Repórter?

Eu não sei. O programa disse que a pessoa tinha que ser internada mesmo, que a saúde não dá conta, aí faz umas coisas, por exemplo: aqui é o local de tratamento que não é emergência, por isso é que não tem uma ambulância para buscar a pessoa no lugar, porque quem busca com ambulância, é o bombeiro. A gente orienta as pessoas aqui também, de que se elas estão numa situação muito ruim de surto, ela pode nos procurar, mas ela também pode procurar a emergência. Aí ele vai num Caps e fala: "Ah, vocês não têm ambulância para buscar a pessoa? Ah, que absurdo". Não é absurdo, é porque a política é construída de um modo que a pessoa não fique estigmatizada. Então, tem locais em que ela vai pra emergência e tem outros locais, com uma cara melhor, com outros tipos de atividade para ela olhar para as coisas que ela vai fazer no

mundo. Se aqui fosse um local com ambulância para buscar e a pessoa ficar internada, aqui ia ser internação, então não ia ser o que ele se propõe a ser.

Depois ele pega o menino, por exemplo, você é um menino que está na rua, imagina a quantidade de coisas que você já viveu nessa rua, de violência, de tudo. Alguém vai lá, te pega e te joga numa van, te joga num lugar trancado, você não vai gritar? Você não vai espernear? Aí ele vira e fala: "olha o que o crack faz com a pessoa". Não é o crack! Se eu fosse levada assim, eu também ia gritar, também ia espernear.

Até o Jorge Amado, em Capitães de Areia, mostrou isso. A menina está internada no hospital, mas pra os meninos que estão em situação de rua, ela tá presa, então eles se juntam para salvar a Dora do hospital. Ela tá internada, mas na cabeça deles ela está sendo presa, mas não é porque eles usam drogas. Então, tem muita coisa atribuída a crack e não se olha para essas pessoas. Tem um paciente que foi entrevistado, abordado pela Globo mesmo, onde desmontaram a Cracolância, na Avenida Brasil, e ele falou: "quem disse que eu uso crack só porque eu estou aqui?". E isso não foi ao ar, ele chegou aqui contando. Eu acredito no que ele falou mesmo porque ele é muito articulado. Ele pode não ter outro lugar pra ir. E aquelas pessoas que estão ali atrás, estão no bar, elas são melhores que eu também. Tem gente que fica o dia inteiro bebendo, bebendo.

Nota alguma diferença na cobertura jornalística desse tema em veículos de comunicação diferentes?

Não posso dizer que algum canal cubra melhor que o outro. Às vezes, tem um programa melhor, às vezes tem um pior. A Futura tem procurado a gente e outros lugares para chamar profissionais do particular e do público e tem debate ao vivo também. Parece que tá tentando pelo menos mostrar todos os lados.

Você se lembra de alguma notícia que consumiu sobre população de rua recentemente?

Tem uma que fica reverberando, porque eles conseguem trazer uma pesquisa que tinha sido feita dizendo que só 5% da população em situação de rua tem um envolvimento com criminalidade, que eles trabalham e que menos de 50% consomem álcool e drogas. Eu tinha achado ótimo porque isso tira um pouco do preconceito com relação a essas pessoas que, às vezes, impede um tratamento. Eu achava que ia contribuir bastante pra isso. Só que eles ficaram muito revoltados porque disseram que não, que a maioria usa pelo menos álcool, sim, e que esse tipo de notícia ia

fazer com que as pessoas olhassem pra eles como pessoas vagabundas e não doentes. Eles preferem ser vistos como doentes.

O pessoal de saúde mental sem ser álcool e drogas, se organiza, tem movimentos pra ser visto como uma pessoa que tem um transtorno, mas que pode ser inserido na sociedade. O pessoal de álcool e drogas tá tentando não ser visto como vagabundo, aí procura ser visto como doente. Para eles avançarem, para querer ser visto como cidadãos, ainda demora.

Você se lembra de alguma notícia cujo foco era uma mulher em situação de rua?

Uma notícia especificamente, não. Nesses programas, eu lembro que aparecem algumas mulheres. Eu lembro que tinha uma que o pai ficava procurando por ela, ela aparecia, depois sumia de novo, mas nada assim que focasse alguma questão de ser mulher.

Em geral, você concorda ou discorda com a forma com que a mídia trata esse assunto?

Em geral, eu discordo.

Do quê e por quê?

Discordo porque parece que tá sempre mostrando que independente de serem usuários de drogas ou não, que a melhor coisa que você pode fazer pra uma pessoa que tá em situação de rua é você ir lá, tirar ela e obrigar a não estar na rua. Só que obrigar a não estar na rua não é uma ajuda na minha opinião. Tem um monte de outras coisas que você poderia fazer com essas pessoas, oferecer cursos, oferecer um local pra eles ficarem por escolha própria, oferecer coisas de saúde, coisas de trabalho, um monte de outras coisas que tem que fazer que não é só dar o abrigo ou obrigar a ficar no abrigo porque você cria na pessoa uma resistência porque ela está sendo obrigada.

O que poderia ser melhorado nessa cobertura jornalística que você acompanha?

Procurar mais pontos de vistas diferentes. Me parece mais uma coisa muito de senso comum. Talvez procurar não só profissionais, mas as pessoas na rua também. As pessoas em situação de rua aparecem quando ela fala o que a pessoa já imaginou que tem que ser naquela entrevista, como esse caso que eu contei. O rapaz trouxe uma coisa super nova. Um bom profissional, poderia ter olhado o que ele falou e dizer: opa, tem um negócio aqui diferente que eu não planejei, mas pode ter muita informação aqui que a gente nem imaginava.

Você já foi entrevistada alguma vez em função do seu trabalho?

Teve uma vez que vieram acompanhar o grupo, do canal Futura. Era um programa que eles queriam fazer sobre tratamento de álcool e drogas.

E você se sentiu confortável com a imprensa?

Dá um pouco de vergonha. A gente combinou que alguns pacientes que quiseram, como seria aquele grupo. Eu falei um pouquinho, mas ainda não foi ao ar.

Suas respostas foram influenciadas pelo repórter?

Não. Era mais para saber como o grupo funcionava, se ajuda, por que trabalhava daquele jeito. Mas fala-se muito que você fala, depois vai alguém e faz um corte no que você falou que não tem nada a ver.

Você acha que mídia e população de rua tem uma boa relação?

Poderia ser melhor.

Como?

No sentido de aproveitar o que aparece o que as pessoas falam. Eu não sei como é que funciona exatamente, mas a minha impressão é que eles saem com um roteiro e aí eles buscam o que se encaixa naquela pauta. Talvez se eles tivessem só um tema e fossem recolher o que eles encontram do tema e depois montar com o que eles recolheram, talvez fosse mais rico.

As pessoas que estão assistindo podem ver vários primas e pontos de vistas melhor do que ver ela ver os mesmos problemas, falando as mesmas coisas.

O que poderia ser feito para diminuir a quantidade de pessoas vivendo nas ruas do Rio de Janeiro ou melhorar a qualidade de vida delas?

É difícil pensar nesse macro, porque psicólogo pensa no micro. Pra mim, ver com cada pessoa, mas tem um monte de outras coisas que poderiam ser feitas.

Como a mídia poderia contribuir para isso?

Informar tudo o que tem de possibilidade. É muito comum você falar: “ah, você tem que internar”. Aí as pessoas acabam procurando lugares particulares horrorosos e não sabem que ali naquela região tem algum outro que é bom.

Seus pacientes têm acesso às notícias?

Sim, são informados, mesmo os que estão na rua. Eu vejo muito essa coisa de jornal. Tem um grupo aqui que se propõe a discutir notícias de jornal, mas não é por isso. Tem pessoas que se preocupam, param diante de algum lugar para ver televisão ou jornal mesmo. As pessoas estão em situação de rua, mas isso não quer dizer que elas não têm acesso a dinheiro nunca.

E a relação entre mídia e profissionais que trabalham em população de rua, como é?

Acho que é pior. De repente, com população de rua talvez eles tenham uma dimensão: “ah, ele me pagou um salgado e tudo bem, eu falo o que eu quiser”. Com profissional não tem isso. Incomoda a gente se a gente ver que estão falando uma coisa que vai atrapa;har. Se dizem "tem que internar todo mundo", uma pessoa que não quer ser internada, mas quer fazer tratamento, pode desistir de procurar tratamento.

Se você fosse jornalista, qual pauta gostaria de abordar? Qual assunto do município você acha importante e não é visto na mídia?

Sobre as pessoas que usam crack, ficam três dias só na rua e voltam, trabalham. Tem bastante gente assim. Essas pessoas é como se não existissem. São usuários de crack, só não estão na rua direto. Tem gente que fica poucas horas, 6 horas usando a droga, depois vai para casa. Essa pessoa tá na rua, circulando, exposta a um monte de coisas que são da rua, mas é como se elas não existissem.

RAMOS, Márcio Santos Tavela. [27 jan. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

É Márcio Távila, né?

É Marcio Santos Tavela Ramos

Você vai autorizar seu nome real ou você prefere um fictício?

Sim.

Sua idade?

28. Vou fazer 29.

Psicólogo, né?

Isso.

Nasceu aqui no município mesmo?

Aqui no Rio.

Eu preciso que você me explique como é que funciona esse seu trabalho e onde que é e o que vocês fazem lá e o que isso está relacionado com a população em situação der rua.

Tá. Eu trabalho atualmente no Observatório de Gestão e Informação sobre Drogas do Estado do Rio de Janeiro. É um local, uma instituição que historicamente fez atendimento de usuários de drogas do estado do Rio inteiro. O nome histórico dele, ele é conhecido na rede por CEADE que

já teve diversas siglas e significou outros nomes, o último nome, que eu ainda estava trabalhando quando eu era CEADE era Centro Estadual de Assistência Sobre Drogas e sempre foi um local de atendimento de pessoas com questões, uso abusivo ou dependência de drogas.

Que tipo de atendimento tem lá?

Então, o atendimento ele foi mudando de acordo com as políticas, junto com os governos e por ser uma instituição que foi migrando de secretaria, ela iniciou na Secretaria da Justiça quando ainda existia, no governo do Sérgio Cabral ela foi para a Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos do Estado e agora ela está nesse PREDEC, que é uma secretaria nova de prevenção a dependência química, é o nome. O que a gente faz é assim, eu peguei essa parte da Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos ao público em geral. A gente faz acolhimentos, atendemos púbico espontâneo, demanda espontânea, encaminhamos para a rede de serviço da saúde e dependendo dos dispositivos que têm, a gente no momento tratou com a saúde de atender certas áreas que não tem CAPS -AD, então a gente costuma encaminhar para esses serviços né, que são responsáveis pelas áreas. As áreas do município que não tem CAPS-AD, a gente atendeu na Zona Norte duas áreas, a gente atendeu durante esse período.

Esse observatório fica situado onde?

São Cristóvão. Rua Fonseca Telles, 121, terceiro andar.

E lá, então, passam pessoas de todas as ordens?

Sim, passam pessoas que vêm de abrigos da prefeitura, às vezes encaminhadas de abrigos do estado também, pessoas espontaneamente, pessoas em situação de rua, pessoas com família, em situação familiar etc.

Não preciso ter endereço físico e documentos para ser atendido?

Não, não precisa. Mas, a gente busca fazer uma folha de rosto. Existe um prontuário, busca um endereço, mas quando a pessoas está em situação de rua, é atendida mesmo assim.

Qual a sua opinião sobre as atuais políticas publicas referentes a população em situação de rua no município?

Elas falham, elas são violentas, higienistas, elas são complicadas. Elas são violentas, assim.

E quais são as principais queixas dos usuários?

Muitas críticas são da falta de funcionamento do serviço, a dificuldade de acesso, por exemplo, a gente recebe uma pessoa em situação de rua que demanda um abrigo. A gente tem que torcer para que essa pessoa chegue antes de meio dia para poder tentar acessar a rede, tentar conseguir

algum vínculo, conseguir.... Às vezes, articular e conseguir um abrigo, ou então encaminhar ele para o CREAS para ele tentar conseguir um abrigo, mas ele vai para o CREAS o cara faz todo o esforço, todo o movimento e chega lá e não consegue, ele não tem êxito nessa vaga. Eu estou falando daqui do meu ponto de vista, psicólogo. Eu acho importante salientar que eu não quero falar por eles, sabe? Quero estar no lugar que eu fale, desse lugar que eu estou mesmo. Um psicólogo que atende.

Além da falta de acesso, reclamam da lotação dos abrigos, do uso de drogas dentro dos abrigos, são pessoas que estão buscando algum tipo de tratamento para o uso de substancias né, e elas enfrentam, muitas vezes, convivência com esse uso. Então, é queixa muito nesse sentido, a queixa da dificuldade de acesso.

Você se lembra de alguma situação que envolva mulher em situação de rua e que tenha marcado o seu trabalho?

Eu lembrei agora, mas faz um tempo já que eu a atendi. Ela, em alguma situação que eu não lembro exatamente qual, faz uns anos já que eu atendi, e ela tinha sofrido alguma violência possivelmente, uma violência do marido ou algo assim, ela não podia voltar para a casa, ela fazia uso de drogas também e ela teve que recorrer a algum abrigo. Era um abrigo de mulheres talvez ou de família eu não sei. E eu me lembro que ao longo da frequência dela lá, na época, era o SEADE , ela começou a frequentar os grupos terapêuticos e as oficinas. Ela começou a melhorar bastante, a se arrumar mais, a cuidar mais de si, da vestimenta, começou a usar perfume e um dia ela trouxe a queixa de uma pessoas do abrigo, um educador ou alguma coisa assim e se queixava disso, do perfume dela, sabe? Me lembrei desse caso agora.

E de outras pacientes que você se lembra, outras formas de violência que elas sofrem?

Tem relatos. Relatos de violência sexual, relatos de prostituição, às vezes as pessoas estão com uma ligação muito forte com a droga e daí estão em situação de rua, se prostituem em busca de acesso ao uso... Mas, assim, é muito difícil a gente fazer essa coisa causa e efeito, tipo assim, por causa do uso, elas se prostituem, mas elas estão em situação de rua e o uso vem antes, vem depois... Eu não quero fazer uma afirmação dessas, entendeu? Por conta do uso elas estão em situação de rua, mas, às vezes, o uso é uma estratégia da pessoa que está em situação de rua, né?.

Você recebeu treinamento para trabalhar com esse público específico?

Eu fiz aquele curso no ano passado, muito por interesse próprio porque eu busquei, ouvi falar.

Por que você resolveu fazer o curso da UFRJ?

Porque eu atendo a população de rua, pessoas em situação de rua. Eu estava com um caso especificamente no ano passo lá que foi muito significativo pra mim que era uma pessoa que teve uma história com a rua e com as instituições que atendem essas pessoas ao longo da vida. Ele tinha 50 anos já e desde criança ele sofria uma violência muito grande; que ele perde a casa dele em um incêndio, se separa da família enfim... Um histórico de vulnerabilidade. Mas, era um caso que afetava a mim e a minha equipe bastante, por ele mesmo e da maneira que ele se apresentou, enfim, era uma história muito grande. Ele se colocava diante da própria história e eu estava entusiasmado e acabei querendo buscar um pouco mais essa situação, eu puxei o histórico disso e queria entender um pouco mais essa população e acabei buscando o curso.

E o que mudou na sua vida, no seu trabalho?

Ele trouxe um olhar mais histórico da coisa, menos... Mais histórico no sentido das transformações disso, menos assim... Observar menos, uma visão menos individual no sentido de que as pessoas apresentam problemas psicológicos, problemas de abusos de substâncias e a rua é uma consequência disso. A rua é um plano de fundo que quase não importava tanto, sabe? E começou a trazer a força disso, dessa história da rua, da dessa coisa mais ampla um pouco, histórica e social e isso me trouxe esse olhar um pouco mais nesse sentido.

Você acha que deveria ter treinamento para o profissional que atende população em situação de rua?

Acho que sim. Talvez mais que treinamento, porque é um público muito específico e o aparelho do estado não está programado para atender né, não está preparado, programado para atender, né? Não tem uma abertura para isso, parece que é feito para não atender, né? Atender uma... Um serviço de saúde em que você precisa ter um endereço fixo e como é que fica uma pessoa em situação de rua? Então assim, precisa de um treinamento. Treinamento é o mínimo, precisa de uma reforma... Não sei, mas eu sei que precisa de treinamento.

Você sente medo deles?

Medo deles? Quando? Quando eu estou atendendo, quando eu estou na rua sozinho de noite? Ai sim, em alguns momento, sim. Quando eu estou atendendo não, eu me sinto seguro ali na minha instituição, nas minhas paredes ali, estou seguro ali. Não me lembro de alguma situação que eu já senti medo de atendê-los. Agora, eu, pessoa, andando na rua de noite e sozinho já senti medo, já.

Quais são os desafios de se trabalhar com esse público? Os problemas e as gratificações?

Eu acho que os problemas e as dificuldades é o vínculo, é essa coisa do movimento, esse nomadismo desse público provoca uma dificuldade de construir um vínculo assim, né? Ainda mais em um aparelho em uma instituição fechada que não vai à rua... Eu acho que requer uma talvez, eu acho que há outros dispositivos que são mais nômades porque esse público é nômade, que os acompanhe melhor né? Mas um equipamento lá que é fechado, que é difícil de eles virem, é difícil você construir um vínculo, depende desse movimento deles, muitas vezes não é bem assim que eles estão acostumados a construir as coisas, a fazerem as coisas, os desafios são muito nesse sentido. As gratificações... Você ter contato com uma pessoa que vive nesse nomadismo, nessa marginalidade mesmo, até o ponto de vista muito forte, muito importante, muito potente da sociedade, uma crítica da sociedade, sabe? E é uma forma de pensar, uma forma de viver que traz uma diferença assim... A questão do uso de, dessa população do uso de drogas tem outras questões ali que perpassam.

Na rua é mais difícil de construir vínculos, isso dificulta a recuperação da pessoa?

Também. É bem complicado... A dificuldade de construir um vínculo, a dificuldade de pensar o que é a recuperação, o que é o melhor, o que é "cura", né? Pensar a questão das drogas porque parece que as coisas são... Às vezes circulam, desvinculam durante um tempo, mas às vezes acabam por N razões. Às vezes vão se desvinculando e vão sumindo, somem dos abrigos que eles frequentam. Fica uma sensação de "enxugar o gelo", sabe?

Você sente que seu trabalho é em vão?

Sim. Eu acho que pessoas que tem momentos em que a gente se pega frustrado diante dessas coisas que escapam, dessas dificuldades das instituições, da sociedade em lidar com essa população e a instituição está dentro desse esquema social. Então, ela acaba que não consegue lidar com o nomadismo, com essa coisa volátil, com essa coisa líquida também. Mas tem casos que se adéquam a isso e são um sucesso, digamos assim. Sucesso de acompanhamento. Tem um caso lá que me motivou muito, que me afetou também, ele é um usuário que ele entrou no abrigo e ele começou a buscar muitos sistemas de saúde, ele começou a busca o CEADE, começou a fazer o acompanhamento lá e começou a buscar tratamentos de saúde, a buscar ortopedista, dentista etc. e ele melhorou muito, assim, muito. Mas é um caso que atualmente não está mais frequentando lá com a gente.

E vocês não têm mais notícias dele?

Sabemos um pouco porque ele ligou um dia desses, sabe? Tem um vínculo, aquela coisa do vínculo a gente conseguiu. O bom encontro foi possível, ele deixou de frequentar, mas ele ligou uns seis meses depois falando “estou aqui e tal, estou bem”.

E o que é considerada a cura?

Cura é uma palavra que talvez a gente precise tirar da questão das drogas, porque fica no binômio doença e cura e é muito binário, é simplório demais para pensar na complexidade que e o uso de drogas, que é uma questão ampla, é uma questão complexa, sabe? Mas, eu digo uma melhora, um vínculo ou alguma vinculação, uma possibilidade de ressignificação, de uma possibilidade de construção de outras coisas, de reconstrução de vínculos familiares e sociais, acesso às política públicas, essas coisas.

A cura não seria o usuário parar de usar a droga completamente...

Não necessariamente. Não se sabe a relação do sujeito com aquela substância. A gente precisa tirar esse olhar moral, moralista das drogas para pensar a relação do sujeito com aquela substância, pensar aquilo eticamente, chamar ele para uma discussão mais ética daquilo, né? Do cuidado de si, pensar mais eticamente aquilo, então, a gente vai muito nesse sentido, né? No acompanhamento, na escuta, no tratamento, nas oficinas e por aí vai.

Existe alguma diferença no seu trabalho na forma de atender as mulheres em situação de rua e os homens em situação de rua ou é a mesma coisa?

Existe. Primeiro que quando a mulher chega lá, existe comentários de “mulher chegou”, mulher em situação de rua ou mulher em não situação de rua “mulher chegou”, já é entendido como um problema maior.

Quem que comenta?

Pessoas da equipe, pessoas da recepção. Já é entendido como um problema maior, como um caso mais grave.

Mais grave seria o que?

No sentido de que são pessoas com maior vulnerabilidade, de uma forma assim, são pessoas que os casos que a gente pega de mulheres em situação de rua usuárias de drogas, são pessoas que têm os vínculos rompidos, são pessoas que podem estar se prostituindo, que estão em uso muito abusivos e têm situações de morte, situações de quase morte, situações de abuso. São relatos muito fortes assim. Então, já existe certa “putz, chegou uma mulher em situação de rua”, sabe? Já é uma coisa assim, talvez com homem não seja tão assim, tão assim, sabe. Tem esse histórico

das relações que a gente escuta né, então essa dificuldade de trabalhar com uma mulher em situação de rua porque ela é um sujeito muito vulnerável.

E como que é a diferença na forma de tratar, de lidar?

Quando você pergunta para ela: Você tem filhos? No seu caso que trabalha com população de rua há muito anos, essa pergunta dos filhos é sempre diferente para um e para outro. O homem fala: "ah, sei lá, deve ter uns seis por aí", agora, a mulher já não, a mulher já... Ela pode não ter o filhos com ela, mas ela fala com uma carga emocional maior naquele assunto. Pelas perguntas assim que são feitas da mulher em situação de rua assim, dessa vulnerabilidade que eu estava falando antes, de viver em situação de prostituição, de situações de risco muito, muito fortes dá uma impressão que são casos mais difíceis e são entendidos assim já, são entendidos por casos mais complexos mais difíceis.

E elas se consideram mais vulneráveis?

Varia muito. Porque muitas se apresentam vulneráveis, choram e são homens e mulheres. Às vezes elas estão falando um relato horripilante de histórias horrorosas e não estão apresentando afeto em relação aquilo, não estão se emocionando com aquilo que elas estão falando, um quadro horripilante. Porque, às vezes, banaliza um pouco, banaliza a violência, banaliza a vulnerabilidade. É uma coisa meio banalizada, faz parte do cotidiano se prostituir, estar em situação de risco e de violência, sofrer agressão, usar abusivamente etc. Parece que vai amenizando isso, vai se perdendo o sentido mesmo de cuidado assim, o sentido de proteção de si mesma.

Há quanto tempo você trabalha lá?

Lá, eu trabalho desde 2009 como psicólogo.

Uma situação marcante que tenha envolvido uma mulher em situação de rua?

Várias, né? Lembrei de uma mulher que eu via quando eu ia caminhar perto da minha casa e eu a via, ela sempre enrolada em um saco plástico. Ela ficava perto de um muro no Leblon e eu ia caminhar lá no Leblon, ia para a praia e eu via ela enrolada em um saco plástico, como se fosse uma casa, assim, uma pessoa e a casa ali no meio da rua, sabe? Isso, é a parede deles também, né? Às vezes, se tirar aquilo pode até desestruturar a pessoa, levar um surto ou coisa assim. E ela tinha um gato, uma vez eu tentei falar com o gato e o gato fugiu para dentro do plástico dela (risos).

E sobre recolhimento compulsório, qual é a sua opinião?

Eu sou contra um recolhimento compulsório. É um absurdo, uma violência. Eu sou contra porque é uma forma de... Não é acolhimento, não é busca de vínculo, não é busca de acompanhamento, não é respeito à pessoa humana, é a falta tudo, é uma captura, muitas vezes um sequestro. Tem relatos desse recolhimento compulsório, recolhe-se alguém, um ser humano da rua, pessoa em situação de vulnerabilidade, leva-se em uma van para um lugar muito afastado do município e, muitas vezes, não é levado até nem para um abrigo ou outro serviço. Há relato de pessoas que desapareceram, então assim, sequestro, às vezes, cabe, né? Além de ser uma situação de violência você não pensar no vínculo, a pessoa não pensa no vínculo. É revoltoso, é higienista, é higienizar a cidade, é tirar as pessoas que na verdade são uma crítica da cultura, uma crítica da sociedade ali se retira elas forçadamente. E usa esses discursos que se separa do discurso do crack, de epidemia do crack, de perda de controle. Eu trabalho com esse público e são pessoas, são pessoas com questões aí, com uso de drogas, mas que não... Elas podem construir vínculos, elas podem pensar por si. Claro que existem as situações de uso abusivo que a pessoa pode entrar em um estado de surto ou algo assim, mas coisas pontuais e que são muito difíceis de serem contornadas não podem ser resolvidas por uma política pública que vai passar a régua e vulnerar a situação de rua daquele território forçosamente, na captura.

Agora a gente entra na segunda parte do questionário que é a parte do jornalismo. Na sua opinião, pra que serve o jornalismo e qual é a função dele na sociedade?

Informar né? Divulgar informação, sei lá. Divulgar informação.

Você acompanha as notícias que saem sobre população em situação de rua?

Sim, quando aparece me chama atenção. Apesar de... Eu tenho visto pouca televisão... Das manifestações de junho para cá ficou muito evidente, assim... Sei lá, a distância da mídia com a realidade. Eu fiquei muito chateado com a mídia.

A grande mídia?

É, a grande mídia.

Mas quando você acompanha essas notícias, quais são os veículos?

Site. Atualmente, eu acompanho muito blog de esquerda, O Globo eu leio de vez em quando, mas criticamente assim, não tem um olhar assim... Eu tenho um olhar crítico para essas questões. Mas, às vezes, acabo vendo coisas do G1, quando alguém comenta “ah, saiu tal coisa lá do G1”, o Facebook... Acho que o Facebook divulga muita coisa. O Facebook acaba virando um filtro do

que interessa. O jornal que eu vou ver na TV talvez seja um pouco da Globo News, é o único e de vez em quando.

E dessas notícias que saem sobre população em situação de rua você começou a acompanhar, prestar mais atenção desde quando você começou a trabalhar com esse público, ou antes?

Foi depois de 2009. Inclusive, como eu falei, eu percebi essa especificidade, essa questão da população de rua depois que eu comecei esse trabalho. Por um tempo, eu fiquei um pouco "psicologizando" o uso da droga, individualizando essa questão da droga sem olhar as conjunturas sociais, aí depois que eu fui percebendo mais isso, que caminha para esse lado.

Você nota alguma diferença na cobertura jornalística nesse tema? Em diferentes veículos?

Eu percebo. Blogs na internet me parecem mais justo do que a grande mídia sabe? Parecem-me mais cuidadosos, porque dá a impressão que a grande mídia às vezes escreve de uma forma preconceituosa mesmo, uma forma forçando mesmo um estereótipo, sabe?

Você se lembra de alguma notícia sobre esse assunto que você consumiu recentemente?

Talvez a mais recente seja alguma operação na Lapa..."Lapa presente". Eu não li aprofundadamente, mas eu soube que... depois de dois assassinatos seguidos na Lapa, acabou acarretando essa ação da prefeitura e nesse negócio, polícia revistando todo mundo, esse recolhimento, essa resposta né. É reativo o governo do município, vai todo mundo e recolhe lá...

E alguma cujo foco era um mulher em situação de rua?

Não. Ai é que está, é uma coisa incrível, quando você falou dessaa tese, eu pensei "caraca!", eu acho que eu não tinha parado para pensar nisso, sabe?... Como que pode ser tão... É o invisível do invisível. Essa invisibilidade estava em mim, nem eu tinha olhado para isso, porque é uma questão de exclusão social, mas também é uma questão de gênero, né? E ai fica duplamente invisível, duplamente violento.

E dos assuntos que você acompanhou, você concordou ou discordou com a forma que a grande mídia tratou do assunto?

Discordo. Discordo, porque reforça uma política que eu não concordo no estado e no município e a Globo sei lá, caminhando juntas né? Uma reforçando a outra. Discordo.

E o que poderia ser feito para ser melhorado nesse tipo de cobertura?

Acho que as coisas poderiam ser olhadas de uma forma mais longitudinal, mais histórica, mais genealógica até, mas o que leva aquela produção, que políticas públicas existiram anteriormente,

né? Que foram bem sucedidas ou mal sucedidas. As políticas públicas, na maioria das vezes, tem um histórico de violência né, de acolhimento. Eu posso estar generalizando, é claro que tem práticas potentes espalhadas pela história, né? E talvez eu não as conheça e não posso ser leviano de falar que tudo foi ruim, entendeu? Eu precisaria pesquisar. Desse ponto de vista, eu acho que a grande mídia não faz essa pesquisa histórica das coisas, ela só naturaliza uma situação que é socialmente construída, sabe? Acho que falta isso, falta isso na grande mídia.

Você já foi entrevistado alguma vez em função d seu trabalho?

Não.

Em sua opinião, mídia e população de rua tem um bom relacionamento?

Não, a grande mídia não retrata, não informa o grande público, não me parece que eles informam com profundidade sobre isso, parece que não é uma forma de informar.

Alguns de seus pacientes já tocaram nessa questão?

Muitas vezes, eles encaram a mídia, aquela mídia bem popular assim, um Vagner Montes da vida como um meio de protesto, às vezes eles querem protestar uma coisa e "não, vamos levar para o Vagner Montes" tem muito isso (risos). Mas eu não sei a relação deles com a mídia.

O que poderia consolidar um bom relacionamento entre eles?

Eu acho que a mídia reflete um pouco do olhar da sociedade para com essa população se a gente for pensar um pouco. Acho que a mídia meio que reflete isso, um olhar preconceituoso para com um grupo heterogêneo, um grupo complexo de pessoa que estão nessa situação de rua. Talvez precise melhorar a situação da sociedade para com essas pessoas, o olhar da sociedade com essas pessoas, essas políticas de recolhimento compulsório, o olhar preconceituoso da mídia, eles também estão nessa sociedade preconceituosa para com esse grupo que possui políticas afirmativas de relacionamento ou de inclusão social. A gente, no fundo, no fundo vai acabar criticando o capitalismo, criticando a sociedade, né? Porque a mídia está trabalhando em prol da sociedade, desse modo de organização social. Mas a mídia precisa ser chamada à ética, precisa ser chamada ao olhar mais complexo, um olhar mais crítico, menos sensacionalista, cabe isso a mídia, já que a gente está falando de mídia, né? Já que a gente está falando desse assunto. E cabe à mídia isso, essa busca da ética.

E em sua opinião, o que pode ser feito para diminuir a quantidade de pessoas vivendo nas ruas do município do Rio? Ou melhorar a qualidade de vida dessas que vivem nas ruas?

A rede de assistência social, a rede de saúde, precisa se preparar profundamente, precisa se fundamentar profundamente para essa população. A rede já tem a ação psicossocial no estado do Rio de Janeiro e não foi bem implementada ainda, os CAPS, os CAPS ADs, outros serviços da saúde, serviços de assistência social precisam ser implementados melhor, mas eu não vi isso caminhando, essa rede de saúde caminhando nesse sentido. Mesmo lá no curso né, quando a professora falou de que a central de triagem era na Praça da bandeira no centro da cidade e foi para a Ilha do governador exatamente para tirar do centro da cidade para afastar, né? É uma questão de dificultar o acesso. Como é que um centro de triagem da assistência social, de recepção dificulta o acesso assim? Às vezes, eu vejo o retrocesso não vejo a rede se implementando, crescendo, trocando, fazendo fórum, criando rede mesmo, retrocedeu, sabe?

E você acha que o problema pode aumentar em função dos megaeventos?

A gente associa o higienismo aos megaeventos, a cidade está limpa, né? Sem essa população ali, eu acho que pode aumentar essas políticas mais violentas... Em função de que está chegando mais perto. Então, sim, a tendência é esse curto prazo é higienismo, é tirar, a tendência é isso, esse capitalismo a tendência é ganhar dinheiro fazer a cidade virar empresa, né?

E de que forma a mídia pode contribuir ou para diminuir a quantidade de pessoas nas ruas ou para melhorar essa rede de acesso?

Eu acho difícil (risos), mas a mídia poderia falar desse outro ponto de vista, dessas questões que a gente está apontando aqui, dessas questões que a gente vê no curso, da falta de rede, da falta de implementação da rede, essa crítica ao recolhimento compulsório... Existe uma política pública, nacional para pessoa em situação de rua, e como é que uma política nacional não se implementa no caminho? A mídia poderia apontar essa incongruências, mas a gente está falando de um processo em que a mídia faz parte então, eu não sei como que a mídia chega lá, se a mídia faz parte do processo de fechamento, se a grande mídia fecha a porta, uma coisa mais crítica assim...

Agora é a última pergunta. Se você fosse jornalista, qual pauta você gostaria de abordar sobre esse assunto?

Eu acho que trazer as políticas públicas atuais e trazer um histórico da coisa é uma coisa que traz uma visibilidade boa, sabe? De como seria apresentado como uma solução, uma coisa bem grave né? Uma solução, essa vontade de solução é uma coisa muito bizarra. Até porque política de recolhimento compulsório está sendo tratada como uma solução... Mas, assim, acho que seria interessante uma pauta, trazer um pouco essa história de políticas publicas que já existiram e

talvez vê esses personagens de recolhimentos, personagens que foram levados para o abrigo. Agora, sobre a mulher eu acho que precisa de mais visibilidade... Eu não sei nem qual pauta seria proposta, mas eu fiquei impressionado com a minha ignorância sobre pensar sobre isso, sobre sentir isso e precisa falar sobre isso mesmo. É tocar nesse assunto.

Obrigada.

ALVES, Rogério Pacheco. [10 jan. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

Vai autorizar usar o nome real ou prefere um fictício?

Real

Idade?

42

Profissão?

Promotor de Justiça da 7ª Promotoria de Justiça de Tutela Coletiva de Defesa da Cidadania desde 2002.

Local de nascimento?

Rio de Janeiro/RJ

Trabalha com a população em situação de rua há quanto tempo?

Desde 2009.

Como é esse trabalho?

Nós aqui no Ministério Público, na minha promotoria, começamos, a partir de 2009, a acompanhar os impactos do chamado Choque de Ordem, que é uma política de ordenação urbana inaugurada pela atual gestão municipal. Nós começamos, então, a acompanhar esse impacto, o impacto dessa política sobre a população adulta em situação de rua e também sobre ambulantes. São três áreas fortes de atuação desse Choque de Ordem, a questão da regularização imobiliária, que vem resultando em várias remoções, em função de inclusive para a reversão de obras de grandes eventos; a questão da regularização do comércio ambulante; e o problema tal como colocado pela prefeitura dos moradores de rua. Na verdade, esses três pontos já haviam sendo objeto da própria campanha do atual prefeito, como pontos prioritários da atual administração pública que desejava implementar. Então, o recorte aqui foi esse, moradores de rua e ambulantes. Com a preocupação se haveria algum tipo de violência e violação do ser humano, o que acabou

sendo constatado durante a investigação. Mas o Rio de Janeiro tem uma história bastante triste nessa relação com o morador de rua. Em 1968, aconteceu um caso bem chocante que foi o assassinato de moradores de rua que foram lançados no Rio da Guarda, na época o governador era o Lacerda e o secretário da área, se não me engano era o Cavalcante. 1968, mesmo ano da publicação do AI5, então isso chocou muito a cidade e virou forte referência dos movimentos sociais. O fato é que o município não tem uma política para essa população de rua já de longa data.

Você fez uma declaração no ano passado em uma palestra na UFRJ: "O município do Rio de Janeiro nunca contou com uma política de atendimento à população em situação de rua". Sua opinião sobre as atuais políticas públicas do município do Rio de Janeiro?

Na verdade, a discussão sobre população de rua sempre ficou muito restrita ao problema de abrigos. Quantos abrigos seriam necessários, se são quantitativamente suficientes ou não para receber essa população. Nos dias de hoje já existe um consenso de que o problema é muito mais amplo. Não se trata apenas sobre discutir uma política de abrigos, o município sempre trabalhou nessa política muito restritiva. Quer dizer, política para a população de rua é criar abrigos e recolher os moradores de rua para esses abrigos. Mas há muito mais a fazer além disso. Há necessidade de uma política de saúde. Os Consultórios na rua são uma política fundamental, que o Rio de Janeiro ainda adota de forma muito tímida. Há necessidade de implementação de um plano específico de qualificação profissional e colocação no mercado de trabalho. Muitas dessas pessoas têm qualificação profissional, enfim. Há necessidade de uma política específica de habitação. Alguns já têm condições de serem incluídos nos programas de receberam uma casa, mas alguns não. Formam-se vínculos nas ruas, vínculos coletivos, que, muitas vezes, recomendam que essas pessoas não sejam separadas, embora não tenham nenhuma relação de parentesco. Tudo isso demanda programas específicos de habitação, não basta você dar uma casa para tal morador de rua. Alguns necessitariam de aluguel social, de uma transição para uma propriedade própria, outros precisariam ficar no abrigo até recuperar a autonomia. Precisa de um programa bem complexo. Educação precisa de um programa bem específico também, que precisa ser implementado. Principalmente, a orientação das chamadas "operações" que a prefeitura faz para essa população, que têm um viés policial. Mesmo que não sejam feitas necessariamente pela polícia, mas primeiro, elas se orientam por um trabalho de recolhimento compulsório dessas pessoas para os abrigos, o que é uma violência. O Ministério Público se

posicionou contrariamente. Essas operações nem sempre são feitas com a presença de um assistente social, raramente são feitas com a presença de assistentes. De um modo geral, são lideradas pela pasta da Ordem Pública, que é a Secretaria Especial de Ordem Pública, que abrange a Guarda Municipal, a Columrb (empresa de limpeza da cidade). Isso deixa muito claro que o viés é de higienização, não um viés de assistência social ou saúde. Para resumir, a gente já fez aqui uma política pública para essa população porque não há política específica na área de saúde, habitação, trabalho. E os próprios abrigos também são muito precários.

Na verdade, me parece que essas pessoas todas precisam ser olhadas de um modo bastante individualizadas. De um modo geral, as políticas públicas elas são as mesmas para atender a população em situação de rua. As causas que levam a pessoa à rua são as mais variadas. Aqui no Rio de Janeiro, há a situação específica da milícia e nós temos relatos de que algumas pessoas foram expulsas da comunidade em razão de conflito com a milícia. Há também programa de demolição feita pela prefeitura para as obras de pessoas que não recebiam as indenizações, não aceitaram, muitas vezes, ou que a prefeitura não reconheceu que aquela seria uma residência indenizável. Isso caracteriza um outro grupo. Há a situação daqueles que possuem um domicílio, muitas vezes fora do Rio de Janeiro, geralmente na baixada fluminense, na região metropolitana, mas por trabalhar aqui no rio de Janeiro, em função dos custos elevados do transporte, acabam optando por dormirem nas ruas e retornam para suas casas nos finais de semana. Há muitas situações e conflitos familiares, divórcios, separações, brigas com familiares. Há o problema de uso abusivo de álcool e drogas. Há no meio um grupo de pessoas consideradas com transtornos mentais. Então, assim, o leque, é muito grande. É claro que essa diversidade vai apontar a especificidade do tratamento, das políticas, da abordagem. De um modo geral, o que o Ministério Público pretende como política pública, guardadas essas especificidades, vem um pouco dos moradores de rua de um modo geral. Requalificação profissional, habitação, saúde, que é fundamental pra essa população.

Outra coisa que você disse na palestra da UFRJ: "O direito de ocupação da cidade é um direito fundamental". O que isso significa: que eles têm direito a permanecer nas ruas? E o direito daquelas pessoas que não querem ver as calçadas ocupadas por essas pessoas?

O Direito de ocupação da cidade. Você vai achar bibliografia relacionada a comentários de juristas ou de sociólogos ou humanistas no estatuto da cidade. Esse é um princípio que está contido no estatuto da cidade e parte da premissa de que a cidade, as praças, as ruas, são espaços

públicos, democráticos e que podem ser ocupados por todas as pessoas. É claro que, de um modo geral, as pessoas que estão na rua não ocupam aquele espaço público por opção. Há casos que isso ocorre, não só no Rio de Janeiro, mas no mundo inteiro, pessoas que optaram por uma vida nas ruas. Eu acho que essa é uma opção que deve ser respeitada, muito embora o município possa tentar reconduzir essa pessoa para os laços familiares, mas respeitando a decisão se isso não for possível. Mas é claro que a maioria das pessoas está nas ruas por algum tipo de problema, falta de uma política pública de habitação, de saúde mental, que é um nicho importante e que a política pública não comparece.

Você sente medo deles?

Não. Nós não partimos de nenhuma premissa de que seriam bonzinhos ou não, não há dúvida. Há, como é uma população muito heterogênea, pessoas com passagem pela polícia, pessoas que cometeram crime, como há na sociedade de modo geral. Esse sempre foi um argumento utilizado pelo então secretário de assistência, o Rodrigo Bethlem, "há muitos criminosos nas ruas". Não há nenhum levantamento ou estudo que demonstre que há nas ruas mais criminosos do que há no poder judiciário ou na administração pública ou no Congresso Nacional ou na sociedade de modo geral. De fato não há. Essas operações que eles fazem. A partir do ano passado, eles começaram a fazer um trabalho de levantamento dos antecedentes criminais. Fizeram uma grande operação de recolhimento, de condução de usuários de crack da Maré para o Batalhão da Maré. Foram, inicialmente, notícia, que foram levadas 120 pessoas, depois disseram 60, enfim, um número complicado de confirmar. Mas o fato é que uma pessoa tinha um mandado de prisão e ficou presa. De todas aquelas, 120 ou 60, uma tinha mandado de prisão. Quer dizer que não dá para então fazer esse link tão direto e frequente que se faz entre o fato de estar na rua e o fato de cometer crime. Mas, evidentemente, o fato de estar na rua também não significa nenhum benefício, nenhuma prerrogativa que livre essa pessoa de ser punida no caso de um cometimento de um crime. Vai ser preso e processado como qualquer pessoa. Não é necessariamente uma causa que exclua a responsabilização, mas o que me parece que é bastante equivocado é fazer essa associação direta.

Quais os desafios de se trabalhar com esse público? (problemas e gratificações)

Os desafios decorrem do caráter heterogêneo dessa população e do fato de até bem pouco tempo de se tratar de um problema praticamente invisível. Passou a ser um problema de noção nacional com o decreto no final do governo Lula da Política nacional. Melhor seria que tivéssemos que

uma lei e não um decreto, mas, sem dúvida alguma esse decreto deu visibilidade ao problema, à questão. É muito difícil. Ainda há muito preconceito e desinteresse por parte da sociedade, porque parte significativa das pessoas, principalmente parte da zona sul do Rio de Janeiro, que o mendigo seja tirado da vista dela, sem se importar muito em saber qual será a destinação dessas pessoas quando elas são retiradas. Qual a destinação? Elas foram para abrigos? Mas como esses abrigos são? Essas pessoas têm uma história de vida? Elas têm potencialidades? Enfim, a sociedade não está muito preocupada com isso. Os moradores de rua eles ainda são associados a uma degradação urbana. Há um olhar urbanísticos, estético para os moradores de rua e não um olhar a partir da dignidade da pessoa humana e dos princípios constitucionais de direitos humanos, é um olhar mais estético. Aquele sujeito geralmente sujo, pé rapado, maltrapilho, alguns nitidamente têm problemas mentais, então é um problema estético, urbanístico, enfim, é uma presença incômoda.

Dentro da sua área de atuação, existe alguma diferença na forma de tratar/lidar com as mulheres em situação de rua ou é exatamente o mesmo tratamento dispensado aos homens?

O que o TAC tem de específico diz respeito a idosos porque conta do estatuto do idoso e por conta da existência, porque esse TAC foi celebrado com a minha promotoria em conjunto com a promotoria do idoso. Mas o que diz respeito à mulher, não. O que eu verifiquei quando eu fiz duas inspeções no abrigão de Paciência, que é o maior abrigo na cidade. O que eu verifiquei lá é que há separação de alas. Esse abrigo de Paciência não recebe família, ou seja, quando há crianças, os moradores de rua não são direcionados para esse abrigo. Esse abrigo recebe adultos que não tenham filhos e idosos. Você tem a ala dos idosos, a ala dos homens, a ala das mulheres e eles criaram uma ala LGBT. Então, foi a especificidade que eu verifiquei no abrigo, a separação por áreas.

Essa separação é respeitada?

Muitas mulheres conversaram comigo nas visitas. As queixas eram muito parecidas com as queixas dos homens, que é a questão que ali não havia nada o que fazer, não havia nenhum programa de lazer, que havia muita sujeira, que a comida era ruim, que os banheiros eram sujos. Eles reclamam muito dos percevejos, dos colchonetes, colchões, enfim. Não me lembro de ter tido nenhum relato específico das visitas que eu fiz, mas nós temos alguns relatos nos registros do inquérito civil de abuso contra mulheres do abrigo, que inclusive eu encaminhei para o

promotor da área criminal lá de Santa Cruz. Relatos de abuso contra mulheres do abrigo, mas, nas visitas que eu fiz, eu não me recordo de nada específico sobre isso. Aqui no MP nós temos uma ouvidoria, você pode acessar pela Internet ou por telefone e algumas notícias falam da questão de abuso contra mulheres de lá.

Qual a atual situação do TAC?

Nós estamos acompanhando o cumprimento dele. Em 2009, o inquérito foi instaurado e foram feitas inspeções nesse abrigo, reuniões com a prefeitura, uma aproximação com as ONGs que tratam desse assunto, uma aproximação com a câmara municipal, especialmente o vereador Reimont que acompanha essa questão. Através dessas relações, reuniões, inspeções, houve o Termo de Ajustamento de Conduta em conjunto com a própria Prefeitura. Esse termo prevê uma série de obrigações que a prefeitura se compromete a assumir nas áreas de trabalho e renda, habitação, saúde e tem uma cláusula específica sobre as operações proibindo o que as pessoas sejam obrigadas a ir para os abrigos, obrigando a presença de assistente sociais em todas as operações, enfim, é bem detalhado. Ele foi assinado em maio de 2012 e tem vários prazos para cada cláusula. Em março do ano passado, eu fiz uma inspeção no abrigo de Paciência para verificar se as pessoas que estavam ali, estavam ali voluntariamente ou não. Nessa inspeção, nós colhemos alguns depoimentos de pessoas que tinham sido obrigadas, forçadas, recolhidas compulsoriamente e estavam ali contra vontade, o que o TAC veda. A partir dessa inspeção, eu propus duas ações, uma contra o município pedindo uma indenização às pessoas que foram recolhidas de forma compulsória ou que foram vítimas de qualquer tipo de violência e a outra violação de improbidade administrativa contra o prefeito e o então secretário de assistência, Rodrigo Bethlem. Uma ação de responsabilização pessoal desses agentes públicos. Foram medidas que eu adotei a partir dessa inspeção em março do ano passado. Eu também propus duas ações de execução contra o município porque o TAC prevê a incidência de multa no descumprimento de suas ações.

Foram, então, quatro ações judiciais propostas a partir dessa constatação. Eu estou agendando com a assistente social do MP um retorno a esse abrigo na primeira semana de fevereiro. Agora eu quero ter um olhar específico para as ações de recursos humanos. O TAC prevê que o número específico de assistentes sociais e educadores no abrigo e o próprio número de abrigos. De acordo com a legislação de assistência social, os abrigos podem ter no máximo 50 pessoas. Como esse abrigo fica num local imenso e esse abrigo é dividido em alas, então o TAC admite

que por se tratar de um local muito grande que já é dividido em alas, que você tenha no máximo 50 pessoas por ala: 50 idosos, 50 homens, 50 mulheres. Na primeira inspeção que eu fiz, havia 230 pessoas. Na segunda havia 430 pessoas. A expectativa é de que esse número tenha até aumentado.

A ideia é fazer a especificação nesses dois itens. Número de abrigados e recursos humanos.

Mas nosso judiciário não é lá muito rápido, mas das quatro ações, todas elas estão tramitando ainda, mas a ação de responsabilização contra o Eduardo Paes e o secretario Becker, ela foi rejeitada pelo juiz 3 meses depois. É um recorde de velocidade!

Por que foi rejeitada?

Porque o juiz entendeu que não havia como responsabilizá-los individualmente por abusos cometidos coletivamente por servidores do município. A ação narra de forma muito detalhada todas as omissões tanto do prefeito quanto do secretário de todos os abusos. Eu já recorri dessa decisão, mas é muito curioso ver. Eu tenho ações aqui da minha promotoria que eu propus em 2003 e até agora não foram julgadas. E em 3 meses essa ação foi extinta.

Vocês foram fiscalizar outros abrigos além do de Paciência?

Eu fui no de Paciência. As promotorias de defesa do idoso, já fizeram fiscalizações em outros abrigos. Eu fui no de Paciência porque é o local de triagem, o primeiro local para onde essas pessoas acabam sendo levadas. A maioria é recolhida, chega no abrigo, toma um café, um banho e vai embora até ser recolhida de novo.

A Fazenda Modelo foi fechada. Fechar esse abrigo de Paciência seria uma solução?

Olha, o meu trabalho aqui eu procurei não restringir o meu olhar apenas para abrigo porque a questão é muito mais complexa que isso, mas sem dúvida alguma, os abrigos são um problema. Em alguns municípios da região metropolitana, sequer possuem abrigos para a população de rua e o Rio de Janeiro possui mais de dez abrigos. Eles até estão listados no TAC. Não posso dizer que o município não tem estrutura de abrigos para a população, mas é uma estrutura muito precária e insuficiente. O atual secretário de assistência social tem falado na ampliação de abrigos e na criação de centros de convivência. Eu não acho que isso vá resolver o problema enquanto o enfoque for o de recolhimento compulsório. Se o foco continuar a ser esse, não há abrigo que dê conta porque se estima que na cidade haja em torno de 6 mil moradores de rua. Eu acho muito difícil, até por conta da limitação de que os abrigos tenham, no máximo, 50 pessoas, conseguir 120 abrigos para o município. Na confusão que se faz com o crack de internação

compulsória, como se todos os moradores de rua fossem usuários de crack. Não é razoável você imaginar 120 abrigos para moradores de rua. A lógica não pode passar apenas por abrigos. Fechamento dos abrigos? Isso é impossível. Absolutamente impossível. Na verdade, um pouco da solução passa pela adequação desses abrigos a um número máximo de abrigados e a reestruturação desses abrigos para que eles tenham uma porta de saída porque o abrigo não pode ser um local permanente. Ele tem que ter uma porta de entrada e uma porta de saída de emprego, qualificação profissional, algumas pessoas retornando ao seu município de origem pode ser um caminho, muitas são direcionadas a políticas de aluguel social ou casa própria. Hoje não há políticas que deem conta dessa porta de saída.

Sobre jornalismo, agora. Na sua opinião, qual é a função do jornalismo?

Aquilo que os americanos defendem, a imprensa tem como principal papel permitir um debate público democrático livre e enriquecer esse debate, possibilitar que a sociedade, através da informação possa qualificar e ampliar o espaço público. Ao meu ver, a imprensa deve ter esse papel. Nesse aspecto, acredito que os norte-americanos entendem bem sobre o papel da imprensa e da liberdade de imprensa.

Você acompanha as notícias que saem sobre população em situação de rua?

Sim. Comecei a ter um olhar mais atento em 2009.

Em qual veículo?

Já, há mais ou menos, uns dois anos, nós aqui no MP passamos a ter um clipping, então eu acompanho tudo o que sai sobre população de rua em todos os veículos que nossa equipe rastreia, mas eu sou leitor e assinante do Globo. No clipping aparece muito o Globo, o Dia, o Extra e a Folha de São Paulo são os principais jornais.

Na palestra da UFRJ você citou uma matéria sobre a destruição do campo de Santana que foi ilustrada por uma foto com moradores de rua, né?

A população de rua é um problema relatado sobre a ótica urbanística, de limpeza e de higienização, sob a ótica estética. Todas as matérias que falam sobre degradação de espaço público da cidade fazem menção de alguma forma a moradores de rua.

Notou alguma diferença na cobertura jornalística desse tema nos últimos anos?

Eu vou falar especificamente dos jornais aqui da grande Rio, mais especificamente do Jornal O Globo. Eu verifico que aqui no Rio de Janeiro há um projeto de preparação da cidade para os grandes eventos, o que é óbvio, a cidade precisa se preparar para os grandes eventos, há muita

deficiência de transporte, saúde, rede hoteleira, Maracanã e etc. Há um compromisso do governo federal, do Estado, do município para a preparação da cidade para esses grandes eventos. Dessa aliança, parte da imprensa do Rio também faz parte claramente. Quer dizer, há uma parte da imprensa do Rio de Janeiro que apoia esse projeto de reestruturação da cidade. Até aí, ok, não há problema algum se a gente pensar na perspectiva de que isso será bom para a cidade e para a população. O que eu tenho percebido é que esse apoio de parte da imprensa a esse projeto por uma nova cidade do Rio de Janeiro, é um apoio que vem sendo feito de forma um tanto quanto acrítica. Um apoio a qualquer custo. Para que tenhamos uma cidade pronta para os grandes jogos, nós fechamos os olhos para graves violações dos direitos humanos. O que acontece com as remoções, ao meu ver, claramente, muita das arbitrariedades cometidas pelas remoções de pessoas não foram noticiadas pelos grandes jornais. Isso acontece claramente no que diz respeito à população em situação de rua. Os jornais não têm um enfoque na violência que essas pessoas sofrem, na situação dos abrigos precários. As matérias são sempre relacionadas à necessidade de retirada dessas pessoas, mas sem um debate crítico e mais aprofundado sobre as demais políticas de saúde, educação, trabalho, renda, etc. Não vi até hoje. Há uma matéria grande da revista Piauí de 2010 tratou o assunto de forma mais aprofundada, muito boa. Mas a Piauí é uma revista de um público bem restrito. A grande imprensa não está muito interessada nessa abordagem. O jornal O Globo, de modo geral, costuma ser dessa forma: degradação dos espaços públicos, presença de população de rua, prática de crime, necessidade de solução da questão sob a ótica criminal.

A simplificação, geralmente se faz dessa forma. O jornal O Dia também segue essa abordagem, mas acho que também tem uma preocupação um pouco maior com a verificação da situação dos abrigos. Eles já fizeram uma matéria do abrigo de Paciência mostrando a proximidade do abrigo com a comunidade de Antares, que é um local que tem tráfico de drogas bem forte.

O enfoque é na verdade o enfoque do crack. A questão do crack torna a discussão sobre questão da população de rua bastante confusa. Há uma tendência em associar o uso de crack à situação de rua. Ou seja, em tentar vender para a sociedade a imagem de que todos os moradores de rua ou são criminosos ou são usuários de crack. Então essa associação, essa confusão, que na verdade os números da própria prefeitura desmentem. O levantamento da Secretaria de saúde é no sentido de que dos seis mil moradores de rua, mais ou menos 10% estariam numa situação mais crítica de uso abusivo de álcool e drogas. Ou seja, seriam pessoas que em tese poderiam até chegar a

uma situação de internação involuntária. Essa associação, a imprensa faz, vende isso para a sociedade, embora os dados desmintam isso. É dessa forma que o assunto vem sendo tratado aqui no Rio de Janeiro. Associação ao crime, ao uso de drogas, em especial o de crack.

Você se lembra de alguma notícia que consumiu recentemente sobre este assunto?

Muitas. Muitas relacionadas à questão da ordenação do espaço urbano e agora mais recentemente da Lapa, como local boêmio que foi resgatado, mas que registra muitos assaltos e muitos moradores de rua. Então as notícias sobre Lapa sempre têm alguma notícia sobre moradores de rua. Uma jornalista da Folha de São Paulo me falou que tentou entrar no abrigo e não conseguiu. Por que um espaço público não pode ser visitado pela imprensa? Não há razão para isso. Uma matéria que me chamou muito a atenção, no final do ano passado, você deve ter visto, a do assassinato daquele jovem Conrado. Saiu da festa de uns amigos de madrugada e foi esfaqueado. Parece que teve uma situação de assalto de roubo de celular e foi esfaqueado. O que me chamou a atenção, logo de cara a suspeitas genéricas recaíram sobre moradores de rua da Lapa usuários de crack. A primeira notícia foi essa, depois houve uma associação de notícias nesse sentido. Há um jornalista do O Dia, que é o Fernando Molica, ele chegou, inclusive a repercutir uma nota do secretário Beckel defendendo a internação compulsória de usuários de crack e citando como exemplo o assassinato desse jovem Conrado. Inclusive a nota da prefeitura fazia uma crítica específica ao meu trabalho: o promotor de justiça é contra a internação voluntária, tal, tal, tal. Pedi pra nossa assessoria de imprensa entrar em contato para esclarecer. Eu e a promotora de saúde criamos uma nota conjunta sobre a questão da população de rua e usuária de droga e crack. Tem mais de um ano que nós publicamos que nossa posição sobre o assunto é essa: recolhimento compulsório é ilegal e internação involuntária de usuários de drogas é uma medida que a lei prevê como medida excepcional desde que esgotados tais e tais passos. É o que tá na nota.

Ele me ligou perguntando o que estava errado na nota. Expliquei pra ele e no dia seguinte ele botou uma tripinha dizendo que o promotor esclarece tal, tal, tal. Dias depois, foi preso o suspeito de matar o rapaz Conrado. Ele não era morador de rua, a princípio não era usuário de crack, era um cara que tinha passagem pela polícia, que tinha violado a condicional, tinha quebrado a tornozeleira eletrônica, estava numa situação de irregularidade perante a justiça criminal e teria sido essa pessoa que teria cometido o crime contra o rapaz. Não há sequer uma seriedade. É um absurdo um jovem ser assassinado. A primeira notícia desde logo é que tudo indica que foi um morador de rua da Lapa. Não há serenidade. Depois que houve esclarecimento

de que o assassino tá preso, não houve uma matéria dizendo que na verdade ele não era morador de rua nem usuário de crack. Ele era um foragido da justiça que estava transitando pela Lapa, como muitos fazem.

Você se lembra de alguma notícia que consumiu recentemente cujo foco era a mulher em situação de rua?

Olha, nas matérias que tratam sobre as operações feitas nas áreas de uso de crack pelo jornal O Dia, mostraram algumas mulheres sendo carregadas, obrigadas. Inclusive algumas estariam grávidas.

Em quais pontos a imprensa erra e em quais pontos a imprensa acerta nessas notícias?

Me parece que a imprensa poderia quebrar essa associação quase automática que ela faz entre moradores de rua e práticas de crime, moradores de rua e uso de crack. Eu acho que essa associação precisaria ser mais refletida e pensada pela imprensa.

As notícias do TAC costumam ter grande repercussão na mídia carioca?

As demandas costumam surgir pela assessoria de imprensa e eu mando por lá. Quando, no final de 2012, num determinado momento o prefeito parou. O Tac é de maio de 2012, houve um trégua nessas operações, no final de 2012, as operações voltaram, mas sob o viés da crack, da internação compulsória. Então, quando isso voltou a acontecer, eu propus à promotora da área de saúde essa nota de esclarecimento. Essa nota foi muito circulada pela imprensa, vários jornais publicaram essa nota, falaram dessa nota. No final de 2012, houve também uma audiência pública que eu fiz com a colega da saúde, onde houve uma coletiva com vários jornalistas. A pauta era sobre a população de rua e da internação compulsória. Dessa audiência participaram vários professores universitários, especialistas da área de saúde mental, foi bem ampla.

Você se sentiu confortável com a imprensa?

Sim.

Gostou do resultado das matérias?

Sim. O que me parece que entre a expectativa que eu tenho, o que eu gostaria de ver publicado e aquilo que é publicado há uma assimetria natural. Eu não posso ter uma expectativa que exatamente aquilo que eu desejava que fosse publicado seja o resultado completo. O que eu acho é que, de um modo geral, alguns temas eles não conseguem dar conta deles de uma forma muito resumida. Eu sei que é uma exigência da profissão, de concisão. Um assunto dessa magnitude,

dessa complexidade acaba sendo tratado de uma forma muito resumida, mas eu entendo que deva ser assim, mas eu acho que foi satisfatório.

O que pode ser feito para diminuir a quantidade de pessoas vivendo nas ruas? Ou melhorar a qualidade de vida delas?

Cumprir o TAC. Uma das soluções seria o cumprimento de implementar todas as política que estão previstas no TAC, admitindo contudo que a solução do problema não passa pela eliminação dos moradores de rua e admitindo também que essa é uma situação que tem que ser administrada, ou seja, sendo muito claro, haverá sempre moradores de rua. É uma população sazonal, eventualmente está ou sai do abrigo, O Rio de Janeiro por ser uma megalópole, por ser o pote de ouro do Brasil, você tem um fluxo migratório muito grande. Gente que chega, gente que sai, então esse é um problema administrável, pensar que a solução passa pela eliminação da existência de moradores de rua ou dos moradores de rua em si é uma grande ilusão. Parte do problema passa por essa consciência. A imprensa pode colaborar, a meu ver, analisando mais perto como essas políticas funcionam ou como elas não funcionam. Por exemplo, indo aos abrigos da prefeitura, investigando se há ou não políticas de trabalho e renda, de saúde, acompanhando, por exemplo, o trabalho que os profissionais da área de saúde fazem nos Consultórios de Rua, um trabalho magnífico, mas que não dá conta. Aqui no Rio de Janeiro são três equipes somente para seis mil moradores de rua.

Se você fosse jornalista, qual pauta gostaria de abordar?

Nesse momento me choca muito uma informação que eu recebi do secretário de trabalho e renda do município. Eu fiz uma indagação formal sobre quantos moradores de rua, em cumprimento do TAC, haviam sido encaminhados para o programa de qualificação de trabalho e renda. E ele não teve condições de me dizer o nome de um morador de rua sequer que ele tenha encaminhado para um programa de qualificação de trabalho e renda porque a secretaria de assistência social não informa a ele quais são os abrigados em condições de serem encaminhados. Ele me trouxe a prova disso com ofícios que ele encaminha para o secretário de assistência pedindo que encaminhem para os abrigos com movimentação mínima, uma carteira de identidade, de trabalho ou uma certidão de nascimento para que sejam encaminhados para o programa. E há muitas vagas de qualificação. E não há um morador de rua até hoje que tenha sido encaminhado para a Secretaria de Trabalho para qualificação. Hoje, nesse instante, o que mais me choca é isso, é porque há nessa população muitos profissionais qualificados, muita gente experiente. Eu, em

2011, eu recebi numa segunda-feira o telefonema de um assistente social da prefeitura dizendo que na madrugada anterior, cinco moradores de rua tinham sido arremessados no viaduto da Avenida Brasil. Eles foram recolhidos no centro da cidade, colocados numa van e no meio do caminho, eles foram arremessados nesse viaduto. Eles foram procurar esse assistente social e aí o assistente queria trazê-los aqui. Eles vieram, eu os recebi numa outra sala maior que nós temos aqui. Aí eu comecei a colher os depoimentos, eles com mancha de sangue, de esgoto porque eles foram jogados desse viaduto e caíram dentro de um valão. Eles pediram socorro, começaram a gritar, tem um condomínio de classe média baixa próximo ao local, um morador viu e chamou o SAMU. Um inclusive teve que ficar internado vários dias no hospital. Colhendo o depoimento perguntei Nome, nome da mãe, tem alguma profissão? O primeiro falou: artesão. O segundo: padeiro. O terceiro: pedreiro. E aí a partir do terceiro eu mudei a pergunta, eu percebi que minha perguntava estava inadequada, eu tinha que perguntar direito qual era a profissão. Todos eles me apontaram uma profissão. Então, não há dúvidas de que é possível retirar essas pessoas das ruas através do trabalho, mas essa política é negligenciada pela prefeitura.

Esse fato foi noticiado?

O fato em si não foi noticiado, mas foi comunicado à imprensa. E as entidades que trabalham com população de rua fizeram circular muito esse assunto também, mas na mídia ele não foi noticiado.

FRANÇA, Sílvia Medeiros. [29 jan.2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

Sílvia Medeiros França, técnica de enfermagem. Você autorizar usar seu nome verdadeiro ou prefere um fictício?

Nada meu é irreal.

Sua idade?

55.

Você chegou a fazer faculdade ou foi técnico de enfermagem?

Foi só o Técnico de enfermagem. Nível médio completo.

Nasceu aqui na cidade do Rio?

No Rio de Janeiro, no Niterói.

Você tem contato com a população em situação de rua há quanto tempo?

4 anos. Quer dizer, há 4 anos no CAPS né, eu tive contato em outras emergências, sou da área da saúde já tem uns 13 anos.

Então há 13 anos você tem contato com esse público e há 4 no CAPS?

Mais ou menos isso.

Onde que você trabalhou antes de trabalhar no CAPS?

Trabalhei nas UPAs do Estado do Rio de Janeiro, trabalhei em uma que era em Campo Grande, lidando com aquela comunidade lá bem difícil. Depois passei para UPA lá de Botafogo, a cidade aqui né, a coisa é ótima a cidade completamente diferente e depois fui para o Engenho Novo, eu lidava com a população Jacarezinho, do Lins de várias comunidades assim bem atuantes na área do tráfico e bem pobres né, sem cultura nenhuma, com crianças com bicho na cabeça, nos pés, gente com bicho saindo pendurado no ouvido, então era uma loucura. E trabalhei na emergência também do hospital Getúlio Vargas, que é o hospital de referência da Penha, que é um hospital de grande complexidade onde a gente acolhe todo o tipo de gente, dos marginais ao pessoal de terno que está tendo um infarto na porta do hospital, então é uma vasta experiência, né?

E como que é a sua função aqui?

Aqui no CAPS? Eu sou assim uma funcionária "bombril" (risos)! Eu faço todos os trabalhos, sou uma pessoa bem cooperativa, gosto muito do que eu faço. Então, eu faço acolhimento, eu encaminho os pacientes que estão em uma situação deplorável que chegam da rua, principalmente nesse período, assim... As pessoas ainda ficam um pouco receosas porque além de eles chegarem às vezes agressivos, têm medo de falar porque eles vão se sentir agredidos assim "ah, você está muito sujo", eu tenho toda uma forma de falar, né?

Como é que você fala?

Eu, primeiro, conheço todos eles. Como eu já estou aqui há 4 anos, eu conheço praticamente todos eles, então eu já vou pelo nome e eles também me conhecem muito "o dona Sílvia, tem alguma coisa para mim?". É assim que eles vem. Quando eu vejo que aquele paciente não está levando o tratamento muito a sério, eu deixo ele um pouco esperando, porque eu acho que até a espera dele faz parte do tratamento porque esses pacientes são muito imediatistas. Então, como eu estava te falando, esses pacientes que vem muito sujo ficam ali fora, ficam com vergonha e algumas pessoas vem e "ah Sílvia, encaminha lá para o banho, fala que o fulano está muito sujo, está fedendo muito" e ai, eu chego até eles, geralmente a gente tem um kit de higiene. E eu: "Olha só, hoje não vai dar para você entrar dessa forma, a gente quer muito te ajudar, mas

primeiro você terá que tomar um banho". Aí eu olho no olho, que é um coisa fundamental você mostrar que você realmente está li para ajudar aquela pessoa, que você não está com nojo daquela pessoas ou eu já abordo dando um bom dia e dando a mão mesmo ele estando sujo. Lógico que depois eu vou ter que lavar a minha mão , eu lavo a mão quinhentas vezes, mas eu vou abordando assim. Então, essa forma de abordagem é fundamental "Oi, bom dia! Caramba, de onde você veio?". Tem uns que vêm assim com dedos imundos da fuligem, do lixo mesmo "não, hoje não dá para ficar assim, né? Vamos lá tomar um banhozinho, vou pegar uma roupa para você". Eu também peço para todo mundo para trazer roupa, porque gente também não tem roupa, como eles são muito da rua não tem como, a roupa é descartável e roupa não é descartável, roupa tem que lavar, o que acontece? A gente tem muita falta de roupa. Como eu faço grupos de família, eu peço para as mães trazerem, e elas sempre trazem, elas sabem o que elas passam com os rapazes, que 40% é de rua.

E a maioria da dessa população de rua é homem ou mulher?

Homens. Na proporção, eles são na faixa bem produtiva, vamos dizer de 19 – 20 a 35 anos, é a maior faixa etária. Aparece 1 mulher para cada 10 homens.

Qual é a sua opinião sobre as atuais políticas públicas do município em relação a essa população?

Eu acho que é só uma maquiagem. Posso ser sincera? É para ser sincera? Ah, que ótimo! (risos) Eu acho que isso é só maquiagem porque, primeiro que a gente está dentro das... Como é que eu vou explicar isso? As unidades, as próprias unidades, elas discriminam, você manda para o CREAS, CRAS, hospital é muito difícil a abordagem dos... O que faz a diferença nesses lugares das políticas públicas é os profissionais, existem equipes e equipes. Tem muita gente que às vezes que está nessa área mas não tem vocação e isso faz toda a diferença. Aqui mesmo dentro desse CAPS ou em outras instituições, tem gente que não trata as pessoas da mesma forma que eu trato. Tem receio, tem medo, não faz abordagem, sabe? Aqui no CAPS Mané Garricha eu acho que... a maioria é muito comprometida, todo mundo cai para dentro, entendeu? Mas eu conheço várias, por exemplo, eu trabalhei na UPA, todo mundo discriminava os pacientes e eu passei a sensibilizar todo o meu plantão. Quando eu entrava, quando chegava qualquer usuário, qualquer mendigo né, todo mundo me chama "ah, já vem seus pacientes! Vai lá, chegou um filho seu". Até os médicos me chamavam, as enfermeiras me chamavam "não tenho paciência, não sei como é que você aguenta. Vá lá, pelo amor de Deus, Vá atender aquele paciente". E aí eu saía da

minha sala para funcionar para fazer várias coisas, a abordagem, ver o que ele estava precisando. E aí, eu passei a sensibilizar, eu trabalhei 5 anos na UPA do Engenho Novo que era de cara ali para a comunidade. Depois que eu vim para o CAPS um ano depois, eu passei a sensibilizar, eu tinha um plantão fixo de sábado e aí eu passei a sensibilizar as pessoas, eu levei várias para fazer raio- X, para fazer exames de sangue, porque aqui a gente só tem um dia de coleta e uma clínica geral, então demorava muito. Eu falei "olha, me procura tal dia que eu vou estar lá, eu vou te acolher, não precisa ter medo, não precisa ter receio". Aí, eu fazia HIV, fazia hepatite e pegava os exames que são entregues ao paciente e trazia para cá e colocava no prontuário. Tem muitos exames da UPA aqui para dar seguimento para mostrar para eles que a gente está aqui realmente com o intuito de tirá-los dessa posição, porque a própria sociedade recrimina mesmo, até os próprios profissionais das unidades.

E quais são as doenças mais comuns que eles têm por estarem em situação de rua?

Acho que é a tuberculose que está voltando bem forte. Em decorrência dos bolos de pessoas contaminadas, né? Muita gente junta. Aqui a gente já teve vários casos, a qual a gente fica em cima, vai ao posto, pega... A gente já está medicando paciente que está na segunda fase porque se ficar por conta deles irem ao posto todos os dias pegarem a medicação para tomarem, eles nunca tomam. Principalmente porque eles são assim hostilizados. Quando eles vão, ficam no último lugar na fila... O cara que mora na rua, está na rua como é que ele vai receber a medicação no meio daquele povo todo que está lá no posto. Quem está no posto tem uma situação financeira menor, mas mesmo assim, tem são muito melhores do que aqueles que estão na rua e as pessoas ficam com nojo, ficam medo, todo mundo tem medo deles. Essa é a grande verdade.

Você recebeu treinamento para trabalhar com esse público?

Não.

Você acha que deveria ter recebido?

Olha, a gente vai recebendo ao longo do andar da carruagem, né? Eu trabalhava com um enfermeiro, ele me conhecia como pessoa e como profissional lá na UPA e um dia ele perguntou para mim "Sílvia, você gostaria de trabalhar com pessoas assim...?". E eu falei "lógico, adoraria!" Porque quando eu fiz estágio na saúde mental há 10 ou 12 anos atrás, nem lembro, 15 anos atrás, a minha professora falou para mim "Sílvia, você vai ser uma aluna 10 na saúde mental, é impressionante como você lida muito bem nesses casos". Eu acho que eu tenho aquela coisa assim de querer ajudar o que está pior. A minoria, o que mais a sociedade discrimina é o

que mais eu tenho dó, eu quero ajudar, eu quero mostrar que aquela pessoa... Eu gosto do que eu faço, meu sonho era ser médica. Mas... Eu adoraria, era meu sonho. Você não tem ideia o quanto eu sonho com uma faculdade. Eu criei três filhos e os três tem faculdade, tem uma advogada e tenho dois designers, um já está até nos Estados Unidos. Moro sozinha, eu acabei me separando, né? E meu sonho é uma universidade. Eu já pensei em escrever para a Dilma. (Risos). Mas é uma satisfação pessoal, sabe? Não tem coisa melhor do que o cara chegar aqui "ai D. Sílvia, olha como é que eu estou", mostrar que ele está limpo, que ele está há não sei quanto tempo sem usar dorga... Assim, ainda mais que eu tenho esse lance da família e tem muitos que me chamam de mãe, ainda mais que eu sou umas das velhas, aqui desse CAPS sou eu. Eles me veem muito assim como mãezona mesmo e eu abraço, abraço literalmente. O afeto faz muita diferença.

Então você não recebeu um treinamento, mas acha que seria importante ganhar um treinamento?

Sim, eu acho que seria importante. Não para mim, porque eu acho que eu já tenho essa coisa em mim, mas as pessoas que trabalham nesse tipo de unidade tem que ter treinamento. Todos, inclusive, as pessoas da cozinha, da limpeza, porque muitas vezes a gente faz toda uma construção de um trabalho e uma coisa que a pessoa que está dando a comida fala, acaba, desmorona tudo. Olha, eu fico arrasada, você não queira saber. Porque é um trabalho de formiguinha e vem uma pessoa que não conhece do paciente e do caso e "vai para casa come, o que você está fazendo aqui? Isso é safadeza", entendeu? Ah, eu quero ter um troço. E não adianta a gente falar, a gente que eu digo... Só adianta se a direção falar e é muito chato a gente estar toda hora falando a mesma coisa, então eu acabo muitas vezes me omitindo porque não tem um espaço e é chato isso, entendeu?

Você já sentiu medo dessa população?

Não. Nem na época em que eu estava na saúde mental. Eu fui agredida uma vez assim, uma louca me pegou pelos cabelos, porque ficou com ciúmes que eu estava dando atenção para uma outra, agarrou meus cabelos na mão e ficou engarafanhada com meus cabelos assim... Eu estava com um rabo, mas eu tinha um cabelo maior e foi puxando. E eu fui junto. Já trabalhei em asilos de transtornos de idosos, tem muito assim né, o próprio Alzheimer, tudo. Uma vez também uma senhorinha agarrou minha cabeça e colocou assim no chão e eu fiquei até chegar alguém. Tem um menino aqui muito agressivo, até a porta está fechada por causa dele, nós estamos passando por uma fase bem complicada, porque essa semana inteira e semana passada e está tudo sendo

encaminhado, mas não é rápido, né? A gente precisa de uma série de coisas. Ele falou que vai quebrar a minha cara, que vai quebrar meus dentes, pra eu ao olhar para ele e que vai fazer e acontecer. “E eu continuo olhando para ele, bem dentro do olho dele, falando com ele e eu falei “pois é Luciano”, ele está com a gente desde os 14 aos e está com 18 agora: “ o que você quer da gente, se você está aqui é porque você quer alguma coisa, a gente já fez tudo e eu quero que você me diga o que você quer agora”. E ele não responde nada, mas aí quando ele vem cheio de crack, ai ele quer matar, quer fazer e acontecer. Essa semana eu falei “você se retire da sala porque você já foi atendido e quem vai entrar é outro paciente” , eu fiquei parada olhando para ele bem dentro dos olhos, eu não estava enfrentando, mas estava colocando uma postura de respeito e falei “você sai porque você já foi atendido, eu já fiz o seu atendimento e agora o senhor Antonio precisa entrar”, “não olha para mim!”, eu falei “Luciano, por favor, eu estou sendo atenciosa com você, te respeitando e agora eu preciso que o senhor Antonio entre porque ele também precisa ser atendido”, mas precisou eu falar três vezes e mesmo assim sendo incisiva e mesmo assim ele dizendo que ia me matar, que ia quebrar meus dentes, que ia dar na minha cara. Mas, se eu saio, ele vai crescer mais ainda.

E quais são os principais desafios de se trabalhar com esse público, os problemas e as gratificações?

Os problemas são as doenças, o contágio que você fica o tempo todo, a pessoa fica “cof cof” na sua cara e a gente tem várias crises aqui de sinusite brava porque... Tuberculoso quando tosse em um ambiente fechado, já fico desesperada...

Mas você nunca pegou?

Nunca peguei, graças a Deus. Eu estou com as minhas vacinas em dia, eu estou sempre muito em cima dessa parte. Tomo vitamina todos os dias, mas eu acho que é isso mesmo, você fica muito exposto às doenças, você fica exposto à agressividade porque tem dias que... Como esse menino ele já quebrou, já socou a mão, já se cortou, já partiu para cima. Adrenalina... todos os dias acontece alguma coisa, hoje mesmo, um pouquinho antes de você chegar, um paciente cisma que ele só pode comer sozinho, ele quer um refeitório só para ele. E entrou outro paciente e ele deu uma porrada na mesa e começou a discussão, briga , briga, briga até a gente apaziguar e tentar mostrar que ele está sem razão. Ele acha que ele está com a razão e que o outro não podia entrar e ai já partem para violência. E aí essa é a hora ruim, porque a maioria somos mulheres e a gente vai para frente, para o confronto e a gente coloca a mão “calma”, e aí você não sabe qual é a

atitude. Então, assim, você tem que conhecer muito o paciente. Eu já tenho essa liberdade por causa dos 4 anos que eu estou aqui. Então esse é o problema dos contágios das doenças e a agressividade que, às vezes, te falta uma presença masculina, entendeu? A gente tem um guarda que ele é muito legal, que é o segurança daqui, mas não é muito a função dele.

E as gratificações?

É como eu te falei ainda há pouco, a pessoa chegar e falar que conseguiu uma casa, que está trabalhando, que está limpo há seis meses, limpo há oito meses e ver que toda aquela orientação que a gente deu, ele seguiu direitinho, é muito gratificante. Às vezes, aqueles que estavam todo direitinho e tiveram uma recaída mas sustentaram aquilo que a gente falou, é comum é normal , você pode ter recaído, o CAPS ele não trabalha com essa coisa da internação e que aqui não é varinha mágica eu sempre falo para eles, aqui é um tratamento e você passou a vida se destruindo né, você usa droga há 15 anos, há 20 anos, você não queira dar entrada aqui porque eles vêm com essa ansiedade para ontem "ah, eu vou para o CAPS e já fico bom". Na cabeça deles é assim que rola e as internações são assim também, que a maioria querem internação. Aí a gente vai conversar que nós trabalhamos com uma redução de danos, o que é isso? É você melhorar a sua qualidade de vida se você começar a reduzir os danos que a droga te faz. O que vamos fazer para melhorar a sua qualidade de vida? Ah, vamos melhorar a alimentação, a higiene é fundamental para a saúde, cortar os cabelos, cuidar das unhas, qual o projeto de vida que você tinha e está escondido dentro de você? Vamos querer relembrar? Tem as oficinas...

Tem oficinas de que?

Eu comecei com as oficinas de pipas, de bijuterias e de fuxico e agora eu introduzi uma oficina de leitura que está dando super bem, está crescendo pra caramba.

E são vocês mesmos que desenvolvem?

É. Assim, a gente vê a necessidade. Cada um pega o seu dote e ensina. Fuxico eu ensinei, comecei a abrir, eu tenho uma caixinha que eu vou te mostrar depois, a bijuteria também é minha oficina, minha e dos pacientes. A pipa eu aprendi em um desses lugares que eu fiz curso, acho até que foi lá na Fiocruz, eu sabia fazer pipa porque eu tive dois filhos homens e fazia pipa, soltava pipa. E agora eu estou com a de leitura porque o pessoal sempre falava "ah, poxa, Sílvia, você tem tanto jeito, vamos fazer uma oficina de leitura?". E eu falei "gente, mas que horário, como? Eu não tenho mais espaço!" Porque a gente fica muito sobrecarregada, mas eu arranjei um tempo. Fico no grupo de família, que eu faço com uma psicóloga, como eu estou todos os

dias aqui e os pacientes me conhecem muito... e assim, o que acontece com as psicólogas, elas me chamam para fazer junto porque elas sabem que eu vou desenrolar se houver algum problema.

E porque que você resolveu fazer o curso da UFRJ?

Porque era bem direcionado à população de rua e, aqui, a maioria, quer dizer, hoje eu acho que não vejo tanto como a maioria, em torno de 40% é, já é uma grande porcentagem.

E quantos pacientes agora vocês atendem?

É uma média de 25 por dia. De 25 a 30 por dia, mas são pacientes intensivos, pontuais, acolhimento, são vários tipos de atendimento, eles têm ali o livrinho deles de presença, depois eu te mostro.

E o curso serviu pra quê, para você?

Sempre para atualização, para a gente estar aprendendo cada vez mais, para a gente tirar as dúvidas, os professores são ótimos.

Existe alguma diferença no seu trabalho na forma de lidar com homens e mulheres, ou é a mesma?

Ah, existe.

Quais diferenças?

Primeiro que eu acho que com a mulher eu sou até mais carinhosa, eu mesma. Eu vejo a mulher um pouco mais frágil e, além de tudo, as mulheres sempre estão em uma postura subjugada a um homem. As mulheres aqui do CAPS, e eu acho que as mulheres de um modo geral, que não tem cultura que estão nas comunidades, estão sempre subjugadas pelos homens. Hoje, eu mesma acolhi um caso em que uma menina de 24 anos está com o quinto filho na barriga, o marido espanca, é marginal, a maioria delas é assim, então eu tenho uma postura diferente. Eu falei muitas coisas hoje para essa moça, eu conhecia já da administração da medicação, além de tudo eu faço a administração da medicação, eu separo, eu administro junto com a médica, colho sangue junto com a médica... como eu te falei eu estou aqui quase todos os dias, fica mais fácil eu conhecer os pacientes e elas me chamarem para dividir um pouco o caso. E essa moça, 24 anos, e eu a chamei para conversar porque ela estava ali esperando o acolhimento porque ela vem e volta, ela vem e some e ai a irmã dela, uma mulher mais velha que se ela, deveria ter uns 32, trouxe ela hoje porque ela apareceu, ela estava há dois meses na rua sumida e ela é da Cracolândia e subjugada a um marginal que bate espanca e faz tudo. Hoje eu a fechei na sala,

chamei a irmã junto, que é uma moça que está com transtorno também da droga, usa há muito tempo, desde novinha e eu perguntei para ela “Poxa, fulana! Mais um bebê? Você não vai parar de ter os seus filhos”? “Não, eu quero ter 20 filhos!” “ah é? E você pensa que filhos é só botar no mundo? por que que você quer ter 20 filhos? ” “ah, porque eu acho bonito”. “Ah você acha bonito”, e a irmã me falou que “Você acha bonito seus filhos estarem sem o pai, sem você, sem uma boa alimentação, sem escola, sem carinho, sem roupas, sem estudo e nas costas da sua irmã?”. Ela começou a chorar, porque eu, como enfermeira, eu posso até ser um pouco mais direta, entendeu? Porque a psicóloga, ela tem todo um cuidado e ela precisa que o paciente fale de uma forma diferente. Aí ela começou a chorar, chorou bastante: “a verdade dói”, e não sei mais o quê, e aí ela começou a falar. Eu falei assim, “olha fulana, viver dói. Vivenciar o nosso dia a dia, todos nós temos problemas, só que cada um lida com eles de uma maneira diferentes, mas estar aqui e se manter viva no seu dia a dia já é muito difícil. Nós temos uma série de problemas, ou você acha que eu estou aqui com você, falando para o seu bem, te orientando e eu não tenho os meus problemas? Eu não posso estar aqui falando dos meus, mas eu também tenho, na vida a gente tem que matar um leão todos os dias para sobreviver”. Eu falei outras coisas e ela foi se acalmando, se acalmando... Abracei, dei um beijo, falei “poxa, você ficou com raiva de mim né? Você está com raiva de mim? Não fica com raiva de mim não porque eu quero o seu bem” e ai eu abracei de novo, dei outro beijo no outro lado e ai ela começou a sorrir. A irmã, muito melindrada com toda a história, me contado, chorando, essa irmã já abriu mão do casamento, abriu mão do trabalho, estava super mal vestida, de chinelos de dedo e demonstrou isso no físico dela: “olha como é que eu estou por causa dela”. Pois é, mas você precisa se tratar, você sabe que toda a família adoece e você precisa buscar ajuda para você continuar ajudando a sua irmã e você tem que estar bem.

E quais são as principais reclamações das mulheres em situação de rua, o que elas falam para você?

Ah, esse amor que eles têm por esses homens bandidos. Elas falam assim mesmo “mas aquela peste, é uma peste aquele homem”, entendeu? E ela não larga aquela peste!

Por quê?

Pois é, aí eu falo, por que você não larga dessa peste? Essa peste que bate em você, que te humilha, que faz tudo... Eu tenho várias aqui, assim várias vamos dizer que nós temos umas 6 ou 10 pacientes mais ou menos nessa situação que são de rua e que são espancadas, que chegam

aqui igual mulambo vivo com doenças venéreas, sujas, imundas, porque eles obrigam elas a usar a droga e elas usam e dizem que amam ou é pelo sexo, eu acho até que tem uma dependência do sexo, uma dependência doentia. Elas não têm discernimento que a gente tem, a cabeça delas não funciona. Isso está encruado nelas lá na infância. Elas são abusadas sexualmente do pai, do tio, do vizinho, elas falam, muitas aqui já foram abusadas desde jovens e começaram nessa vida com 7, 8, 9 anos. Isso vai se tornando uma bola de neve. Elas vêm buscar ajuda, até por causa da copa, do governo querer limpar o Rio de Janeiro, querer limpar o estado, enfim... Ai a assistência social leva eles para uns lugares horrorosos, muitos têm medo de serem pegos por essas assistentes sociais e serem levados para esses abrigões, que é um buraco que só tem gente jogada mesmo.

E você é a favor ou contra o recolhimento compulsório?

Olha, existem casos e casos, sabe? Eu sou até a favor, mas depende se eles tivessem condições de serem tratados porque, às vezes, eles estão em um nível tão grande de debilidade mental que eles não sabem decidir o que eles querem e aí nessa hora precisa entrar uma compulsão. Tirar eles daquela compulsão da droga, tirar eles dali, fazer com que eles fiquem um pouco distante disso, fazer a internação por um período curto, que a gente orienta as famílias. Nessas horas, a gente consegue conscientizá-los que aquilo é melhor para eles e não deixa de ser, você só não está pegando na marra, mas você está de uma tal forma falando orientando, falando, falando, fazendo uma lavagenzinha ali para ele acabar concordando com aquilo porque ele vê que aquilo para ele é o melhor. Mas pegar na marra? Existem casos e casos. Aqueles caras que estão na Brasil, que estão ali jogados no lixo. Chegam aqui 5 dias sem tomar banho, sem comer, só usando drogas. E chegam bambo, bambo e se jogam aqui. Ai é a hora de... Não pode entrar drogado e não pode entrar alcoolizado e eles são pacientes da unidade, você vai arrancar o cara e vai jogar lá fora? Você é obrigada a deixar eles tirarem um cochilo de trinta minutos, de meia hora e eu vou lá abordar “vamos tomar um banho para gente poder conversar, porque desse forma não dá para ficar aqui. Você sabe que aqui você não pode ficar dessa forma, você veio para uma unidade de saúde para se tratar e não para se jogar no chão e dormir. Vamos tomar um banho para gente poder conversar”. E aí começa, mas é um trabalhinho de formiguinha, né?

Existe alguma situação no seu trabalho que envolva alguma mulher em situação de rua que marcou?

Ah, tem. Tem marcadíssima, não posso falar o nome dela, ela já foi levada para vários, o prontuário dela é dessa grossura, ela já foi levada para o Consultório de Rua e o caso dela é super conhecido. Ela foi mulher de traficante no nordeste, ela veio para o Rio de Janeiro fugida, chegou aqui ficou, continuou no trafico e depois o marido morreu em um acidente, ela ficou super mal. Veio para o CAPS, foi acolhida, tratada e ficou com tuberculose, pegou várias doenças. Levei ela para UPA várias vezes na época, conseguimos estabilizar essa mulher, ficou com enfisema pulmonar, ficou com sequelas porque o uso era muito intenso, conseguimos a doutora Marisa que conseguiu uma casa do Minha casa, minha vida junto ao governo do estado. Fui até na posse da entrega das chaves. Ela estava limpa durante um tempão e chegou nessa comunidade, que é uma comunidade horrorosa... que eles fazem essas casas que ficam perto das bocas, os abrigos são do lado das bocas, tudo que é droga é do lado. Então, é bem difícil. Apesar que eu digo para muitos deles quando eles dizem “ah, mas aqui do lado tem uma”. E eu falei “tem! Em cada esquina de Vila Isabel tem um botequim e tem um bar, em cada esquina de cada lugar tem um marginal, tem uma vagabunda, tem um vagabundo, tem um bandido em cada esquina e se a gente não conseguir se afastar deles, a gente vai se misturar com ele. A mesma coisa eu falo para vocês... Se eu moro aqui em Vila Isabel é um bairro boêmio, eu detesto bebida eu me afasto ou mesmo que eu gostasse, eu não ia viver nos bares eu tenho outra concepção, mas vocês já sabem que essa droga faz mal, vocês vão lá procurar? Se você vai lá, se você passa por lá, você precisa não passar por lá, dá um jeito de desviar daquele caminho”. E o que aconteceu? Atrás da casa tinha uma favela horrorosa com um bando de gente vendendo drogas. Essa moça trouxe uma filha que ela não conhecia do nordeste para morar com ela, a menina que já usava se envolveu com os marginais dessa comunidade e a vida dela foi por água a baixo. Tudo o que a gente fez por ela foi para o lixo! Há pouco tempo ela me ligou, porque um número meu de telefone é só para o trabalho, que eu até dou para alguns pacientes na hora da emergência e que eu não devia dar, mas tem alguns que são tão carentes, tão sozinhos que eu ainda faço isso. E ela me ligou dizendo que ela perdeu a casa, ela vendeu a casa, coisa que ela não poderia fazer porque a casa é do estado. Para quem ela vendeu a casa, o cara está atrás dela para matar, a filha se envolveu com um marginal dessa comunidade e foi viver com o marginal, ela está no abrigo lá da Ilha, aquele abrigão horroroso, não sei se você conhece... E está lá... Ela me ligou desesperada querendo ajuda. E eu falei: “eu não estou acreditando no que você está me dizendo!”. Eu falei: “olha só, o que a gente pode fazer é começar do zero. Você vai lá ao dia tal, tal, tal a Dr. está lá a

fulana está lá, e você me procura pra gente ver o que vai fazer e vamos retomar o seu plano terapêutico e vamos ver no que a gente vai poder te ajudar dessa vez". Essa é uma pessoa que marcou bastante, é uma historia absurda.

E como você imagina que seria a sua vida se você fosse uma mulher em situação de rua?

Nossa, misericórdia, só Jesus! Eu ia me enfiar em uma igreja! (risos). Eu não consigo me ver realmente assim...

Nunca pensou?

Nunca pensei até porque eu tive uma boa criação, graças a Deus. Eu morei bem, eu tive uma boa criação, uma boa alimentação, só não fiz uma universidade, que é o meu sonho. Eu tenho um irmão que é médico e a gente tinha mil planos, mas eu casei aos 19 anos, casei muito nova e tive logo os filhos. Enfim... Mas eu atendi, inclusive, uma enfermeira que hoje está nas drogas e virou doente mental. É porque eu acho que o grande desespero do ser humano é perder tudo e não sabe da onde começar, aí se enfia nas drogas e ai vai aumentando, aumentando, aumentado e não vê saída. Muitos não confiam mais em ninguém e em nada; eu acho que isso é muito latente neles.

Agora a gente vai passar para a segunda parte que é a da área da Comunicação. Na sua opinião para que serve o jornalismo, qual a função dele?

Ah eu amo, adoraria eu seria uma jornalista. Informar, mostrar as coisas escondidas por de baixo dos panos.

Você acompanha as notícias que saem sobre população de rua?

Muito, eu só vejo jornal. Mais ou menos porque não dá muito tempo, mas eu só ligo no jornal, minha casa só funciona no jornal. Eu acordo na CBN, eu acordo na Band News, a televisão é o tempo todo nos jornais.

Qual o veículo que você consome esse tipo de notícia?

É radio e televisão. Principalmente o rádio. Na internet eu não vou muito, não, porque eu acordo de manha e já ligo automaticamente. Aí eu já vou tomar café e fico fazendo tudo e já ligo a televisão na sala e já vejo tudo, entendeu? Eu vejo mais o Jornal Nacional do que a Record. Adoro o SBT, adoto todos... eu vou passando de um pro outro porque eu sou ligada mesmo em jornalismo. Eu vejo muito a UTV também; a UTV é toda ligada a Fiocruz e eles trabalham muito em situações em população de rua, então eu estou sempre insistindo.

Você nota alguma diferença na cobertura do jornal de rádio para Tv ou não?

Ah, eu acho que tem sim. É porque visualmente a televisão, eles falam e mostram a imagem, eles têm o poder de seduzir muito maior que rádio. Essa é a diferença.

E há quanto tempo você acompanha essas notícias?

Desde que eu me entendo por gente!

Você se lembra de alguma notícia sobre população de rua que você consumiu recentemente?

Recentemente é essa população de São Paulo, a Cracolândia de São Paulo, que eles estão ganhando 15 reais para varrer as praças, colocar uniforme.

Você gostou desse projeto?

Gostei. Achei legal, agora eu quero ver se é sustentado porque essa grana não deveria ir para mão deles.

Não?

Não. Eles têm dificuldade demais de lidar com dinheiro e isso eu vejo no dia a dia, esse dinheiro devia ser colocado em uma conta-poupança por um período. Se realmente eles merecessem isso, mostrassem que eles estão engajados nesse projeto, ia sendo liberado aos pouquinhos e comprando as coisas para eles. E alguém tem que ser responsável por isso, porque eles não podem ter acesso ao dinheiro. Quando eu vi o acesso ao dinheiro, eu fui totalmente contra a esse acesso.

Você viu que eles noticiaram também um projeto semelhante da Holanda?

Eu acho que a Holanda tem mais capacidade de dar certo, porque uma pessoa que toma álcool a sua vida toda, está com o sangue cheio de álcool, não vai parar. Aquilo ali vai ser um projeto 5 minutos. Eles têm que fazer o desmame das drogas, você está me entendendo? Eles têm que justamente fazer essa redução e não pode tirar essa droga de repente ou você vai entrar para uma outra droga que são as medicações. Muitas vezes acontece, você tira a droga ilícita e entra com a licita, é o que a Holanda está fazendo, a Holanda está dando um pouquinho de álcool até de repente eles irem tomando nojo daquele álcool junto com alguma medicação. Eu acho que o trabalho deve ser assim, vai ter muito mais recursos de crescimento do que ser radical “ah, não pode beber, não pode fumar, não pode fazer nada” e toma 15 reais de gratificação, pelo amor de Deus! E eles ganham mais que muito trabalhador tá? E isso é pior ainda.

E em relação a outras matérias que envolvem pessoas em situação de rua em geral você concorda ou discorda?

Eu concordo. Tem muita gente boa que sabe falar, que conhece o assunto. É postura muito pessoal do repórter, eu acho que ele influencia um pouco, apesar de eles saberem que eles não podem dar muito a sua opinião pessoal, mas a gente que tem um pouco de experiência, você nota um pouquinho embutindo aquela coisa deles entendeu? Pessoal do jornalista que está fazendo, mas de uma maneira geral é boa. Falar do assunto é um ponto positivo, mostrar as imagens é um ponto positivo, as pessoa tem que entender que isso está fazendo parte da nossa sociedade, o mundo atual hoje é conviver com essas pessoas e se ninguém que finge que está vendo, que tem nojo que tem vergonha, como é que vai ser isso aqui para os meus netos e bisnetos?

Você se lembra de alguma notícia cuja pauta era uma mulher em situação de rua?

Não.

Você já foi entrevistada alguma vez em função do seu trabalho?

Não, na verdade. Teve um programa aqui do sul em que eles vieram fazer uma montagem e eu só apareci fazendo a minha oficina, mas...É não se interessaram pela minha fala. Na hora em que eu falo para você que conta muito você ter um título. As pessoas infelizmente dão esse peso.

Entre os pacientes que você tem, eles falam que acompanham notícias?

Não, ninguém fala. Muito pouco, não falam, quase eles não veem e aqui a gente não deixa muito a televisão ligada porque a televisão também traz discórdias, bate-boca, então a televisão fica muito pouco ligada. E eles não têm muito acesso a televisão, né?

O que você acha que pode ser feito para diminuir a quantidade de gente nas ruas ou melhorar a qualidade de vida dessas pessoas que moram lá?

Educação. Educação e educação. Sempre educação, educação em primeiro lugar. Começar com uma boa educação dessas crianças que estão nas escolas públicas, a educação desses jovens, é só educação, que você educando orientando eles, talvez não venham ser usuários, nem moradores de rua, porque tudo depende da criança. A educação no país está péssima.

E como é que a mídia poderia colaborar, contribuir para isso?

Mostrando as péssimas escolas que nós temos no país. A péssima condição de professores que foram chacoalhados no ano passado, esmagados pelos policiais, aquilo foi ridículo. A saúde também é muito mal vista e mal administrada, está uma bagunça esses hospitais. Reciclagem das pessoas, dos médicos, dos enfermeiros, entendeu? Sempre educação, para mim a educação é a base da vida do ser humano. E a mídia poderia contribuir mostrando sempre, a mídia tem que mostrar!

E a última pergunta, se você fosse jornalista, qual pauta você gostaria de noticiar em relação às mulheres em situação de rua?

Sobre os CRAS e os CREAS, as assistentes sociais da vida, eu ia procurar lá onde é que essas mulheres estão. Para mostrar as verdadeiras histórias que começaram lá na infância e só o serviço social tem acesso a isso e quando você monta geralmente a historia de uma paciente, o serviço social pode entrar nessa parte, o serviço social tem campo absurdo.

Obrigada!

SILVA, Jociane de Souza da. [25 mar. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

Seu nome completo é Jociane de Souza Brasil, você vai autorizar usar o seu nome real?

Sim, não vejo problemas.

A sua idade?

39.

A profissão é assistente social, né? Mas aqui você é?

Aqui eu sou diretora de uma unidade de reinserção social do Catete. É uma unidade de idosos e adolescente em vulnerabilidade social, não exatamente em situação de rua, a gente aqui têm vários perfis: violência familiar, uso abusivo de drogas, tem gente vem de uma clínica direto para cá após o tratamento.

Grau de escolaridade é superior completo?

É, eu conclui o doutorado.

É doutora em?

Em Serviço social.

Nasceu aqui na cidade do Rio de Janeiro mesmo?

Eu nasci no estado do Rio, em uma cidade chamada Araruama.

Você trabalha com população em situação de rua há quanto tempo?

Olha, aqui na prefeitura eu estou há dez anos, que fez agora em março.

Como foi o seu primeiro trabalho?

Meu primeiro trabalho foi em um grupo de hotéis para acolher população em situação de vulnerabilidade. Esses hotéis eram para adultos e existia uma diferença entre aqueles que eram hotéis só para homens , uns só para famílias e tinha inclusive para crianças.

É o Hotel acolhedor, né?

Hotel acolhedor. Lá eu fiquei um bom tempo, acho que nesse projeto eu fiquei uns 5 anos. Esse projeto ele ainda não acabou, ele ainda existe na prefeitura, eu acho que ainda são dois e só para homens. Não existe mais a modalidade que atendia famílias, mulheres e pessoas que tinham algum tipo de deficiência.

E de lá quando você trabalhou lá, depois você veio pra cá direto?

É, antes quando eu estava no Hotel, antes de ir para o Hotel da prefeitura, eu também trabalhei em um abrigo de adolescentes que era lá em Laranjeiras. Depois eu fui trabalhar em uma coordenadoria, que hoje se chama Coordenadoria de Desenvolvimento Social, então, eu fazia parte da gestão e aí eu fazia supervisão de alta complexidade, que na verdade era supervisão de todos os abrigos que tinham naquela área da primeira da primeira Cap, que era o centro, Santa Teresa, Lapa, só do Centro do Rio ali, mais ou menos entorno né, praça XV, todos os abrigos que acolhessem crianças mulheres, então envolvia o projeto do Hotel acolhedor, o abrigo Dom Helder que é de meninos, Irmã Dulce.

Depois você veio pra cá?

Aí, depois, eu acabei vindo pra cá.

Aqui você já chegou como diretora?

Já. Eu cheguei como diretora. Desde de junho de 2012.

Como é que funciona aqui a casa do Catete para quem não conhece?

Olha, é um abrigo diferente. É o único abrigo que existe no Brasil que tem essa modalidade intergeracional. Pra mim, é um grande desafio, porque assim... idosos e adolescentes que são um público diferente e que na verdade tem interesses totalmente diferentes. Quando eu chego na Casa, eu vou te dizer, Suzana, que é uma Casa que me causou vários pontos de interrogação. Primeiro, ter que lidar com adolescente é uma demanda muito especifica; e a partir desse momento, eu tenho que ter um plano de atendimento individual daquele adolescente. Em contrapartida, eu tenho o idoso e eu tenho que fazer a mesma coisa por aquele idoso. Mas, se eles vivem naquele espaço, eu também tenho que pensar em alguma atividade que em algum momento eu posso unir esse grupo, porque se a modalidade é intergeracional, eu tenho que fazer essa coisa intergeracional acontecer. Então, assim, quando eu chegava aqui, era um sensação que incomodava, porque assim, eram duas coisas isoladas dentro de uma coisa só, mas assim, com os aniversariantes do mês, as festas de natal, dias das mães, carnaval, ano novo... Eu percebi que a gente começou a fazer uma união entre os dois públicos. É fácil? Não, não é fácil, tem

divergências, muitas vezes elas não se gostam, mas por vezes também se adoram, aí tem aquela idosa que adora a menina tal...

Cria um vinculo...

É, cria um vínculo... Ai "vamos no mercado?". Vão dar uma volta, dão uma volta por aqui. Antes, eu tinha umas idosas, até a D. Maria das Graças ela foi uma idosa que era de população de rua por conta do uso abusivo das drogas, ela era uma idosa que participava de tudo. Ela tinha uma situação maravilhosa, ela foi Chacrete, trabalhou com o Chacrinha, tinha referência familiar, só que por conta do uso abusivo de drogas ela passou a viver em situação de rua e aí nós acolhemos ela. E ela era um idosa que participava de tudo, ela ia nas festas da meninas, extrainstituição, ela ia na piscina, ela ia na praia, então tudo ela fazia com as meninas, só que o vínculo dela com as drogas, apesar do tratamento, ela não conseguiu romper e então ela teve que ser transferida daqui por conta do uso das drogas. Então, assim, é um público difícil que vem pra cá com vários perfis, entendeu?

E são dois estatutos diferentes também, né?

É, a gente cria um projeto político pedagógico da Casa e nesse projeto político pedagógico, a gente faz um plano de atendimento individual para cada grupo, porque senão não funciona.

Entendi. Aqui são só mulheres, né?

Só mulheres. Idosas do sexo feminino e adolescentes do sexo feminino.

Tanto as idosas como as adolescentes têm liberdade para sair, volta, como que é?

É, é um processo. Aqui é uma medida protetiva, alta complexidade. Essa medida protetiva, existem outras modalidades de medida protetiva, a família protetora, por exemplo, também é uma medida protetiva, né? Então assim, nós, por vezes, fazemos até a troca de modalidade se for o caso, encaminhamos ou para outro abrigo, ou para uma família acolhedora se for pertinente. Deixa eu te explicar como acontece esse acolhimento. Eu tenho capacidade para 9 idosas e para 14 adolescentes. Então, assim, a ala para as adolescentes é do lado... Quando você entra, é toda essa ala do lado esquerdo, aqui. E a ala são das idosas, depois eu vou te mostrar, é todo o lado direito. Então, assim, os dormitórios são separados, o refeitório é um espaço coletivo e essa área da quadra elas convivem o tempo inteiro juntas. A gente, quando traça esse plano de atendimento individual, vai depender das particularidades de cada uma dessas usuárias que foram acolhidas e, de acordo com aquele histórico, a gente traça um perfil. O nosso foco sempre, Suzana, é tentar a reinserção familiar ou comunitária. Por isso que eu te falei que aquelas idosas que estavam ali, eu

fiquei apavorada, porque quando eu cheguei aqui eu vi um tempo de institucionalização e eu não concordo porque o nosso abrigo não é um instituição de longa permanência como o ILP – Instituição de longa permanência. O nosso abrigo não tem esse caráter. O abrigo é uma medida provisória e excepcional, então, assim, a gente tem que trabalhar sempre nesse viés e fazer isso ser desconstruído. Esse, para mim, é o grande desafio. É você acolher, mas dando consciência que você tem que trabalhar, tem que incentivar, tem que levantar a autoestima daquele usuário, e mesmo sendo idoso, que ainda é mais difícil, a gente tenta fazer com que ele vá e seja reinserido na sociedade e até no mercado de trabalho. A gente tem o agente experiente, que paga uma bolsa de R$ 250,00, não é muito, mas é uma possibilidade daquele idoso voltar a ter uma atividade.

O que é esse agente experiente?

O agente experiente é assim, quando nós temos algumas idosas independentes, nós fazemos uma articulação por trás da área e cadastramos essas idosas no CRAS e ai é um projeto onde essas idosas desenvolvem alguma atividade dentro do CRAS e são remuneradas, então pode ser uma atividade de artesanato, administrativa, enfim... Tem uma atividade ali que é desenvolvida e elas são remuneradas por isso, é uma atividade como se fosse laborativa, mas não é um trabalho exatamente. A mesma coisa acontece com as adolescentes, elas vão para vagas de estágio, elas vão para um projeto chamado rede cidadão, que é o jovem aprendiz. E, assim, eu não acredito que só aqui Suzana, a gente dê conta da demanda desses usuários, então, eu acho que esse trabalho aqui só é válido se a gente fizer uma articulação com a rede. A rede que eu falo não é só os parceiros da prefeitura, mas principalmente assim, se articular também um o juizado, fazer estudos de caso com a saúde. Eu já tive uma situação na casa em que eu tive um surto de piolho, os médicos do postinho vieram aqui, era inacreditável, eles cataram a cabeça das idosas, era uma cena assim... “Eu não estou acreditando nisso que eu estou vendo”. Mas eu acho que tudo é o trabalho que você se propõe a fazer. Se você tem um propósito, um objetivo – “Olha, está acontecendo isso com essa menina ou com essa idosa, vamos lá, vamos tentar, o que precisa” – É você buscar, tem que cavar, porque, Suzana, elas chegam aqui por vezes, dependendo de cada particularidade, que está tudo rompido. Eu tenho na casa meninas especiais, não sei se você reparou, mas eu tenho 5 meninas especiais.

Com quais problemas?

Muitas delas não têm um diagnostico, mas elas entram lá com retardo mental. Um atraso severo, outra tem uma patologia que está sendo investigada.

Então, portanto, alguma tem autonomia, mas depende do caso...

Ai é assim, dentro desse contexto, quando a gente constrói, por exemplo, se vem uma menina e ela veio de uma clínica, eu não posso deixar ela simplesmente sair aqui e ela fazer o que quiser. Mas, assim, eu entendo também que faz parte a saída para que elas também possam construir o processo de autonomia, elas começam saindo com o educador, depois elas vão na escola, vão na papelaria e a mesma coisa é para a idosa. Claro que se eu tenho uma idosa assim, a tendência também que esse idoso acaba desenvolvendo doenças por conta da própria idade, de não conseguir se locomover com tanta facilidade ou já tem mesmo um laudo dizendo que aquele idoso tem algum tipo de adoecimento mental e que se ele sair, fica esquecido. Eu tenho aqui um caso da D. Rute, que ela esquece de tudo, então, se ela for ali na esquina, ela esquece onde é o abrigo. Essa idosa eu prefiro não deixar porque eu tenho medo até porque eu tenho laudo. Agora, as outras idosas que não têm um lado restringindo, sinceramente, eu acho que elas tem que ficar bem à vontade mesmo.

Tem horário para sair?

Tem. Aqui tem horário para tudo. Tem horário das refeições, café da manhã, da ceia, do almoço, do lanche e da janta e também tem horário pra sair. Porque, assim, o horário para sair, cada um tem o seu compromisso, às vezes tem médico muito cedo ou tem um curso. Temos uma idosa aqui que ela está fazendo um curso no centro, na rua Riachuelo, então ela sai aqui da casa bem cedo, tipo, 5 e pouco da manhã, às vezes a van vai levar, às vezes ela vai de ônibus. Então, é assim, ela tem autonomia para ir e com as meninas é a mesma coisa, por vezes, a van vai levar porque quando elas estão começando, tem a questão financeira que elas não tem como ir e voltar, entendeu? A Monica, por exemplo, ela está no Projeto Rede Cidadã e aprendiz na Renner, ela ganha passagem e ela vai e volta sozinha. Baile funk, por exemplo, Jô, você as deixa irem ao baile funk? Eu sei que isso é super polêmico, mas assim, eu não deixo, eu sou sincera. Eu tento nesse aspecto, eu não vou deixar uma menina sair da casa 10 e pouco da noite para chegar aqui de madrugada. Aí eu já penso assim, tipo o meu filho, eu sou muito sincera, eu não quero que a minha filha saia... Jô, mas tem festa, elas podem participar?. Sim, só não vou levar uma menina para dentro de um lugar em que eu acho que ela possa correr algum risco, isso eu não vou fazer. Agora, elas participam de festas direto quando tem uma festa aqui outra ali, festa na casa de familiares, quanto tem que as convidam, a gente leva e a gente vai buscar. Se for uma festa

assim, de casamento, uma coisa que fica até mais tarde, a gente também vai buscar, elas participam.

Tem trabalho voluntário aqui?

Não, aqui dentro da Casa a gente não tem nenhum trabalho voluntário porque a gente nunca teve uma pessoa do trabalho voluntário mesmo que quisesse apresentar um projeto e ir lá e desenvolver. Como eu te falei sobre a medida protetiva, a gente tem meninas aqui, eu tenho uma menina do PPCAM, o PPCAM é quando a menina está com ameaças de morte, então, é um programa de Brasília e a menina fica aqui dentro. Então assim, para eu ter uma pessoa, eu não posso simplesmente, né Suzana? A pessoa chegar ali no portão "oi, vim fazer um projeto voluntário, posso entrar?" E aí eu sempre explico, tudo o que é bom é bem-vindo, mas eu não tenho como deixar qualquer pessoa entrar, entendeu? Eu tenho que pensar primeiro para proteger, então eu não posso deixar entrar qualquer um. A gente tem algumas parcerias, eu não sei se isso cabe... Tipo assim, a gente tem um projeto circulando, o Projeto Circulando ele faz... Ela é ligado, por exemplo, ao circo Crescer e Viver, ligado ao Museu de Arte Moderna, então assim, hoje à tarde, daqui a pouco, se você ainda estiver aqui, você verá que o circo vai estar aqui dentro. Aí, eles vão fazer uma apresentação porque eu quero que algumas meninas se sintam mobilizadas para irem fazer aula de circo. Se elas aceitarem, a gente vai fazer um trabalho com elas no circo e lá por junho elas vão fazer uma apresentação que é nesse circo no centro do Rio, entendeu? Aí envolve também as idosas que podem assistir. Outro projeto também é com mães, o Museu de Arte Moderna, eles vieram aqui. O primeiro encontro é aqui dentro da casa, dois encontros no próprio museu trabalhando o que está sendo feito lá que está a disposição, que agora são aquelas pessoas enormes, aqueles bonecos de seres humanos...As meninas vão participar dessa exposição e vão fazer depois para terminar uma dinâmica em um encontro aqui na Casa, elas vão pintar a Casa, deixar uma mensagem, entendeu? Mas, assim, eu gosto dessas parcerias porque eu acho que isso valoriza muito a autoestima dessas meninas. A gente aqui dentro faz muito... Tipo, chá das idosas, que é tipo uma assembleia, a gente faz a assembleia das meninas, a gente já fez aqui um sarau, a gente faz o dia da beleza, saindo da rotina, entendeu?

Como que é o dia da beleza?

O dia da beleza... elas ficam impecáveis, ficam lindas, fazem tudo... cabelo, unha, maquiagem...Eu recebo um grupo daqui o Rap da Saúde, que eles vêm fazer essa coisa ou então

o próprio oficineiro do projeto circulando também tem essa questão. Eu tenho dois oficineiros aqui dentro: um de teatro que é o Raoni e outro que faz artesanatos, essa envolve mais a idosas...

E em sua opinião, as atuais políticas públicas do município são suficientes para dar conta dessa questão da situação de rua?

Não, eu acho que é assim, nós precisamos de um grande investimento essa questão das políticas públicas, porque assim, o que eu percebo, é que há um aguçamento dessa situação das pessoas em situação de rua. A gente precisa de uma política ampla, que dê conta também dessas pessoas que estão na rua que a gente tem um outro olhar para cativar essa pessoa que está na rua, porque não é só você realmente pegar essa pessoa que está na rua, colocar em um lugar e dar teto, água e comida, é mais que isso, eu acho que a gente precisa de mais espaços que tenham um ideal assim, que pensem naquela pessoa como um sujeito na sua totalidade. Eu vejo que o aguçamento da questão social ela está atrelada muito com essa questão da relação ligado com o trabalho. Se eu vejo uma sociedade que cada vez mais se mostra desigual, que cada vez mais tem exclusão, como que eu posso imaginar que eu vá diminuir o número de pessoas que se encontram situação de rua? Quando a gente pensa assim “ah, como é que começou essa questão na situação de rua?”. Por isso que às vezes eu me remeto até mesmo pensando com os meus alunos. A gente teve uma mudança muito significativa, que foi com a questão da industrialização, e aquelas pessoas que se viram expulsas das suas terras e que não tinham mais como sobreviver no campo, que vieram do nordeste em busca de uma oportunidade de vida, só que quando elas chegaram aqui, elas não encontraram essa oportunidade e muitas delas se tornaram o que? Populares de ruas. Hoje, a gente não vive uma realidade tão diferente, a gente não vive aquele êxodo que tivemos, mas as pessoas buscam uma oportunidade, eu que já trabalhei todo esse tempo com população de rua posso te dizer, você pode olhar para... Você sai à noite comigo, ai você olha em baixo das marquises, ai você fala “ah, popular de rua”, mas aquela pessoa, às vezes, ela tem uma casa, só que essa casa é lá na caixa prego, aí aquela pessoa está ali porque ela está catando papel, só que ela não tem como catar papel no centro do Rio de Janeiro e ficar indo e voltando, você está entendendo? Então, ela precisa ficar em situação de rua. Mas será que o que ela quer é um abrigo? Porque, assim, o abrigo que está sendo oferecido, ele vai dar conta da demanda daquele homem que precisa ficar catando papel de madrugada? Então, assim, tem que ter umas particularidades. Eu acho que a gente tem que ter outro olhar de oferta para essas pessoas que estão em situação de rua. Eu acho que tem que envolver essa pessoa, porque a política pública

ela não pode se calcar assim “ah, eu vou te dar moradia...”, um recorte, entendeu? Aquela pessoa é um conjunto, aquela pessoa ela está ali esvaziada, cabe a gente tentar fazer com que aquela pessoa se sinta um cidadão de novo. Eu não sei se você vai conseguir fazer ela se tornar um cidadão com uma política que vai oferecer só um abrigo, você está entendendo? Pra mim, é um conjunto que a gente tem que investir, então eu acho que a gente tem que mudar esse olhar.

Você recebeu treinamento para trabalhar com esse público?

Não. Quando eu fiz a graduação e escolhi ser assistente social eu sempre tive como meta que eu tinha que me aprimorar, então, assim, eu busquei fazer o mestrado, eu busquei fazer o doutorado, eu acho que a gente tem que buscar cada vez mais tentar entender qual é a realidade das nossas políticas e você entender é um desafio. Se você está nessa parte e você quer fazer diferente você não tem que simplesmente olhar aquela política e dizer amém, você tem que olhar a política e falar “não, nós podemos fazer diferente”. Existe um caminho, a gente tem que transformar, a gente tem que transformar, a gente tem que capacitar, então assim, essa capacitação eu não recebi para trabalhar institucionalmente. Eu busquei essa capacitação na minha vida acadêmica, entendeu? Nas minhas pesquisas, pensando nos meus artigos, eu pensei nisso, o que eu posso fazer de melhor para fazer um trabalho diferente? E assim, quando você fala nessa capacitação, eu acho uma coisa muito importante porque a gente não faz um trabalho para população sozinha, eu preciso ter educadores sociais capacitados, eu preciso ter uma equipe que não seja só um porteiro de abrir e fechar a porta, ele tem que ter uma sensibilidade para o público que eu estou lidando. Aí aqui é assim, aqui dentro com os educadores que são 36 ao todo, a gente faz sempre uma capacitação, todo mês eu faço capacitação aqui no abrigo ou eu faço com o grupo A, grupo B e depois o grupo C. Aí, esse mês é mais trabalhoso para mim porque eu vou fragmentando e junto na última reunião, mas assim, faz toda a diferença você capacitar o educador, sabe? Você se capacitar, você está sempre querendo romper com aquela alienação do seu cotidiano. Aqui, por vezes, se torna perverso, porque é muito estressante, no dia está tudo ótimo de repente chega uma menina que está em uso de drogas e explode, ai já começa aquela briga, entendeu? Eu acho que não é uma realidade diferente dos outros lugares não, então assim, eu acho que a gente tem que se capacitar, buscar capacitação dos colegas que estão do seu lado, entendeu? Ter outro olhar, não esquecer o lado humano, pensar: eu estou fazendo isso porque e para quê? Se a minha ação vai ter uma reação, eu estou acolhendo essas pessoas, o meu acolhimento ele é

humanizado? Porque se não a gente fica frio, fica engessado e eu acho que isso é o maior exercício que a gente tem que fazer todos os dias, todo o dia.

Você sente medo da população em situação de rua?

Nenhum medo. Nunca tive, nunca, nunca tive. Eu acho assim, a gente já teve usuários que são difíceis que te xingam, que te mandam para aquele lugar, mas você também tem que entender, o que é aquilo que está acontecendo naquele momento? Essas pessoas, às vezes, chegam com quatro pedras na mão né, mas eu também acho que tem momento que não teria como ser diferente não, Suzana. Mas, medo não, eu já trabalhei com abordagens assim, nesses hotéis que quando eu fazia parte da coordenação que eu chegava e as meninas falavam "ai Jô, é muito homem, como é que vai ser?", mas assim, é um trabalho diferente. Eu acho que essas pessoas também que se sentir acolhidas, eu acho que quando elas também têm escuta, o outro lado delas também se sobressai bem mais que esse lado que as pessoas tem ideia. Porque, Suzana, uma coisa eu não posso deixar de te falar, eu acho que as pessoas também elas vivem uma individualidade, será que elas sabem quem são esses populares de rua? Ou elas criaram uma imagem e simplesmente "ah, popular de rua, população de rua, meu Deus!" Não é bem assim, entendeu? Ali tem muita gente boa, muita gente que está precisando de uma oportunidade. Então, assim, eu acho que é também você tentar construir um outro olhar para essa população, que população é essa, será que o povo sabe? Ou as pessoas também olham já com preconceito discriminação, vê aquilo... Nem vê, nem enxerga, passa por lá de ônibus, nos carros e nem viu, nem sabia, era um homem ou era um cachorro? A gente tem que fazer esse exercício, a gente que eu digo é o povo a sociedade, será que e não tenho nada que eu possa fazer de melhor no meu dia para eu mudar aquela situação? Não sei. Que tipo de sociedade é essa que eu estou deixando ser construída, que na verdade está sendo pautada em coisas muitas frias, é uma barbárie danada, é um individualismo, entendeu? Exclusão, eu não concordo com isso. Eu não concordo eu sou muito questionadora.

Quais são os desafios de se trabalhar com esse público? Os desafios que eu quero dizer são problemas e as gratificações.

Olha, eu acho que o maior desafio para mim é justamente você poder mostrar para a sociedade que essas pessoas merecem ter um lugar. Então, eu recebo usuário, eu luto para inseri-lo na sociedade, eu preciso dessa menina, dessa idosa, eu preciso que ela estude, eu preciso que ela trabalhe , que essa idosa trabalhe, eu preciso de oportunidades, eu preciso de uma sociedade

aberta, eu não posso só criar um buraco colocar as pessoas aqui dentro e achar que isso é suficiente. Então assim, o maior desafio é que elas possam entrar nessa sociedade novamente da onde elas foram excluídas. Eu lembro muito de um menino, um homem adulto, ele contava uma história. Ele viveu em situação de rua por três anos, mas antes ele era gerente das Casas Bahia, depois que ele foi ficar com a gente lá no Hotel, ele passou para a faculdade de medicina na UFRJ. E assim, por que esse homem foi parar na rua? Será que ele foi parar na rua e zerou-se a capacidade dele enquanto homem? Homem trabalhador, que possa ter uma família? O maior desafio é quando a gente vai aos parceiros e na verdade a gente encontra barreiras. Para mim o maior desafio é esse. Então, você não encontra dificuldade aqui dentro? Encontro. Como eu te falei, aqui dentro claro que tem dificuldades. A dificuldade é você ficar misturando dois públicos que quando vem da rua está cheio de vícios da rua; que é você não pode chegar e falar assim "fulano vai tomar banho", não é isso que aquela pessoa que estava na rua tem que ouvir. Você não pode chegar... Aquela pessoa não tomava banho, não escovava os dentes e eu vou chegar aqui em uma instituição "Vão tomar banho, escovar os dentes", isso é acolhimento? Não. Tem que reconquistar, reconstruir é convencer mostrar que aquilo é importante de novo, "olha como você fica melhor, olha como um banho vai te mudando, né?". E aquela pessoa ter essa vontade, né? Então assim, isso, dentro da instituição, é difícil quando vem uma menina que ela está muito vinculada na questão da droga e na questão da rua e que ela pula o muro e que é levada e depois ela volta, essa relação ela fica muito estremecida, até você construir um elo da menina com a instituição ou da idosa com a própria instituição e não dessas pessoas que estão institucionalizadas, mas o elo dela é com a rua, isso também é desafiador. Pra mim, o que é gratificante é ver a mudança dessas pessoas e saber que elas têm um potencial que me afetou durante 10 anos. E eu vou te dizer, elas têm um potencial, elas só não tiveram ainda uma oportunidade, entendeu? Quando eu as vejo galgando, estudando, inseridas mesmo que seja na terceira idade, nesse projeto agente experiente, indo agora depois de não sei quantos anos institucionalizadas morar em uma casinha, fazer a sua própria comida, entendeu? Acordar a hora que quiser, isso é muito gratificante, porque você vê que a aquela pessoa passou a vida dela inteira institucionalizada, ela ainda tem esse potencial e só está adormecido. Eu acho que é isso que a gente tem que dar para essas pessoas entendeu? São essa oportunidades e aí é como um todo, quem se sente feliz e excluído do trabalho, quem pode estar bem se não estiver tratando da sua saúde, quem pode estar bem se não tiver estudando, eu preciso de um mínimo para estar bem

para ser feliz, ninguém é feliz se você estiver excluído de alguma coisa, em alguma que não se sente bem. Então as pessoas falam “ah, mas é fácil, tem várias oportunidades e não aproveita”, mas não é assim, não é assim que a coisa funciona.

Aqui nós só temos mulheres, né? Mas quando você trabalhava lá no Hotel Acolhedor também tinha homens. Existia alguma diferença na sua forma de lidar com homens e mulheres em situação e rua? Ou o tratamento dispensado era o mesmo?

O vínculo do homem com a rua não é que seja maior ou melhor que a mulher, isso para mim é... Ele se dá da mesma forma, independe dessa questão do gênero, o tratamento... Talvez o homem, por conta das oportunidades que ele consiga de trabalho, eu acho que o lugar que ele vá ficar possa ter um horário assim tão rígido, está entendendo? Vamos supor que ele quer catar só papelão, eu já tive catadores de papelão do sexo feminino, então eu acho que nesse aspecto a gente tem que flexibilizar, mas é claro também que se você não tiver uma instituição que tenha minimamente uma regra, aquilo se torna uma bagunça. Você tem que trabalhar com aquelas pessoas a construção de uma responsabilidade de estar ali naquele espaço. Eu não vejo uma diferença por ser homem ou por ser mulher sinceramente, eu acho que talvez pela quantidade...

Quais são as principais reclamações das mulheres em situação de rua que elas chegam apresentar para você?

Aqui com idosas? Porque, assim, é diferente com o idoso se você me perguntar. Eu acho que com o idoso a situação está mais aguçada, porque aquela idosa ela já perdeu quase que tudo, ela já perdeu as forças, fisicamente ela já não tem mais o mesmo ânimo que antes, os seus vínculos com familiares, na maioria das vezes, estão rompidos, podem até existir mas foram rompidos e às vezes não existem mais, tiveram perdas sentimentais. Então, um companheiro que morreu, uma mãe que já se foi, é muita ausência. Nesse aspecto, a idosa precisa de uma demanda maior, uma fragilidade, uma vulnerabilidade bem maior. A mulher em situação de rua, eu acho que quando eu trabalhei no Hotel, elas reclamavam muito da falta de oportunidade para trabalhar, se eu falo que estou na rua também não posso trabalhar, também como é que eu vou trabalhar se eu me apresentar assim, eu tenho que minimamente melhorar um pouco minha aparência para poder conseguir um emprego. Na rua, eu também não consigo oportunidade, mas é verdade! Quem é que vai dar um emprego para uma pessoa em situação de rua? Então, as mulheres jovens, tinha muito essa questão, elas reclamavam muito dessa questão de oportunidade de conseguir um trabalho mesmo. Trabalhar, eu quero trabalhar. A questão da droga tanto com homem quanto

para mulher é uma questão muito forte, principalmente nos últimos anos eu notei que ela se aguçou, sabe? Está uma dependência maior. Eu lembro muito de um rapaz que ele vinha de uma família de classe média e ele ficou totalmente na rua, sabe? E a família já não queria mais saber de forma alguma dele, então assim, essa pessoa que está em situação de rua e que também está em uso de drogas manda um olhar totalmente diferenciado, o processo de que você tem que investir na saúde daquela pessoa para depois dizer que agora aquela pessoa pode pensar no mercado de trabalho. Não simplesmente receber uma pessoa que vem da rua, que está com esse adoecimento, mas você também tem, quando você recebe uma pessoa que está em situação de rua, um aborrecimento social. A demanda que quando chega "Ah eu preciso trabalhar" ou então aquela pessoa tem que trabalhar, tudo bem é uma demanda imediata, mas eu acho que a gente que faz parte do corpo técnico tem que ter a sensibilidade de fazer um investimento naquela pessoa enxergando essa situação, esse conhecimento, entendeu? Para que dê certo não é só dizer "está em um projeto e tem a vaga de emprego, agora vai lá e trabalha", entendeu?

Durante esse seus 10 anos trabalhando com população em situação de rua, você conheceu muitas mulheres, né? Tem alguma situação que tenha marcado muito a sua carreira e que envolva alguma mulher em situação de rua?

Olha... Eu meu lembro de uma .... Ela era jovem, já tinha 2 filhos lá com a gente, essa menina ela viveu em situação de rua com esses 2 bebês, essa menina me marcou porque ela era a terceira geração da família dela em situação de rua e estava com o bebês. Então assim, a mãe dela criou ela na rua, ela viveu na rua e teve bebês na rua. Ela foi institucionalizada com esses bebês, na urgência ela perdeu os bebês e posteriormente tornou a ficar em situação de rua. Depois eu procurei saber dela e ela estava em situação de rua e estava grávida de novo, então assim... Quando você vê um caso desses, você observa bem as falhas, né? Essa menina ela é uma vítima do sistema, entendeu? Porque é assim, mesmo ela estando institucionalizada, você via nos gestos dela dentro do quarto onde ela ficava, porque nesse hotel eles tinham direito a ficarem em um quarto sozinho com as crianças, mas ela por vezes ela queria reproduzir naquele espaço a mesma estrutura em que ela tinha na rua. Ela gostava de colocar papelão... Não é fácil para essa moça que viveu desde quando era bebê na rua, você não tem um prazo estipulado para que dê certo. O investimento para romper aquilo é muito maior... O que acontece ela ter ficado abrigada, ter perdido os filhos porque estavam todos em situação de rua, mas se na verdade ela acabou tendo mais um bebê. Ai você vê o círculo vicioso, porque então que não foi determinado para que ela

fizesse uma laqueadura, sei lá... Enfim.. São tantas coisas que a gente observa que isso me incomoda. Mas essa menina que fiquei muito chocada, porque ai depois ela voltou e estava grávida de novo, então é claro que a gente não pode prender uma pessoa no lugar até que dê certo, né? Ele tem o livre arbítrio de ir e voltar, ela não tem que ficar em um abrigo, mas é difícil romper os vínculos com a rua, é aquilo que eu te falo, você não vai resolver se você fala só "trabalha, aqui está o emprego" , é cultural, você tem que ter um atrativo, você tem que ter mexer na autoestima daquela pessoa, você tem que criar um vínculo, senão o vínculo da rua é tão mais forte que dá no que deu, ela voltou de novo para as ruas com o bebê. Então assim, você veria a mãe dessa moça, essa moça, os filhos dessa moça...

Você já imaginou se você fosse uma mulher em situação de rua?

Nossa, eu me imaginei se eu fosse uma pessoa em situação de rua, nossa fiquei apavorada. Nossa, eu fiquei apavorada, eu não consigo imaginar como que eu iria viver em situação de rua, eu não consigo pensa, meu Deus, com quem e onde eu vou dormir, meu Deus, como eu vou comer, meu Deus, como eu vou escovar meus dentes e tomar meu banho, que são coisas que eu preso tanto, né? E que de repente isso se tornou tão secundário quando a gente pensa na população de rua, um acesso tão restrito. Eu não consigo te responder, Suzana, como que eu viveria, porque eu acho que eu não viveria.

Essa reflexão que você fez ajuda a entender um pouco o seu público?

O tempo todo. Se você se coloca no lugar do outro, você muda a sua conduta. Você achando que você está aqui e que nunca vai estar ali, eu acho que isso não funciona, entendeu? Eu não só ficava pensando nisso quando eu comecei que eu também tinha muito pesadelos, sonhando que eu estava em situação de rua e essa era uma coisa em que eu falava muito para a minha mãe "ai meu Deus, eu sonhei que eu estava na rua e eu ficava sempre desesperada e isso foi um incômodo muito grande". Quando eu mudei de Serviço social para Economia na UFRJ, eu ia fazer Economia, aí o meu professor ainda do serviço social falou assim comigo: "quando você passar na rua e você não enxergar mais nada, aí tudo bem, mas assim, enquanto essa estrutura da sociedade te incomodar, enquanto você vê alguém dormindo de baixo do viaduto é porque você tem o seu caminho aqui para seguir". Eu não consigo parar de me questionar e se indignar, eu não consigo me conformar. Está errado, está injusto a gente tem que mudar isso, eu não sei por que as outras pessoas não pensam assim, eu não sei, acho que é muito difícil de pensar, né?

E você é a favor ou contra a o recolhimento compulsório?

É aquilo que eu estava te falando, olha só, se eu chegar lá na rua e pegar uma pessoa “vamos agora” isso não vai trazer resultados porque aquela pessoa ela não é um ser irracional, ela não pode ser tirada dali simplesmente porque ela não pode ficar ali, até porque o direito a cidade é de todos né? Agora, assim, se eu consegui fazer um trabalho que eu acho que é muito possível através da abordagem buscativa, a gente tem equipes que fazem isso e algumas equipes eu acho até que fazem muito bem. Agora essa questão de ir lá e tirar a pessoa, eu sou totalmente contra. Você tem que fazer um trabalho com aquela pessoa. De onde você veio? Eu tenho uma oportunidade em tal lugar, te interessa? Ai a pessoa vai dizer sim ou não, mas qual é a proposta? Você não pode chegar simplesmente para essa pessoa e dizer, você vai ter regras assim e assim, aquela coisa engessada. Você tem que mostrar que proposta é essa que vai ser melhor do que aquele lugar ali que você está. Eu não gosto de tirar as pessoas assim, uma coisa é você ter uma pessoa que está em surto por causa do crack, que está em situação de rua e que ela, inclusive, pode colocar a vida dela em risco, né? Um adolescente que está totalmente atordoado pelo uso do crack, que se joga na frente de um carro, isso ai é outra coisa, agora eu tenho ali... Ali mesmo na esquina tem um senhor que mora ali há anos na estação do metrô, eu posso simplesmente porque eu acho que aquilo ali não é bom para ele porque é na rua, vamos lá tirar? Eu não concordo, essa pessoa não será um objeto que eu vou colocar dentro de um abrigo que eu vou amarrá-la, a pessoa vai fugir... Tem que ter um convencimento que existe um outro espaço melhor e realmente quando essa pessoa estiver nesse lugar, fazer com que aquele lugar seja melhor para aquela pessoa, que ela se veja realmente como cidadão. Se o elo dela for maior com a rua, ela vai voltar para a situação de rua.

Agora a gente vai passar para a segunda parte. Em sua opinião, qual e a função do jornalismo?

Olha, hoje a grande mídia ela está totalmente corrompida. Absurda, eu acho abominável a visão que a grande mídia passa para a sociedade dos movimentos sociais, da população em situação de rua, entendeu? É um visão totalmente funcional ao sistema capitalista, às políticas neoliberais. Eu não vejo ali uma preocupação com a grande mídia de passar realmente o que está por trás daquilo, o que está acontecendo, parece que é mais um processo de construção da alienação daquele povo do que um processo de informação. Você me desculpa, eu sei que você é jornalista (risos), mas eu estou referenciando a grande mídia, né? Eles jogam o dado assim e não fazem a

pessoa pensar, não fazem a pessoa raciocinar, sabe? As informações vêm sem um conteúdo por trás, é uma coisa assim, eu acho que está muito ruim.

Mas a função do jornalismo seria...

Para mim seria capacitar aquele sujeito no seu processo de conhecimento, de construção de conhecimento. Se eu leio uma coisa, quero ler aquilo e o jornalismo te dá a informação e que quero construir o conhecimento, é a função do jornalismo trazer uma informação e me deixar ciente dos fatos, mas eu não sei se eu consigo.

Você acompanha as notícias que saem sobre situação de rua?

Sim.

Há quanto tempo?

Olha, depois que você começa a trabalhar com essas coisas assim, há uns 10 anos. Quando você opta por ser assistente social, você já começa na graduação também a se debruçar sobre essa população e essa população de rua é uma expressão da questão social.

Em qual veículo você acompanha?

Internet, jornal...

Quais sites?

Uma revista que eu acho que traz uma informação interessante é a Caros Amigos, mas assim, eu não posso só ler o que eu acho que é interessante, então eu também leio Época, eu vejo o Jornal Nacional, todos os jornais que eu posso ler e assistir na televisão eu tento assistir.

Você notou alguma diferença na cobertura jornalística nos últimos 10 anos pra cá?

Assim, antigamente não se falava nisso, não tinha visibilidade. Agora existe uma maior divulgação, antes não tinha essa visibilidade que tem agora.

E sobre o que divulgam?

O quantitativo, as aglomerações que ficam no bairro tal, na praia de Copacabana, Ipanema e na Zona Sul do Rio. Eu não sei, mas parece até que não existem outros populares em outros bairros lá pra dentro não sei a onde, mas as pessoas tem que pensar porque aqueles populares escolheram a zona sul, né? Porque a grande mídia ela não se preocupa em explicar o porquê, ela simplesmente fala, está li como se a população de rua estivesse só atrapalhando, né? O governo tem que ir lá e tirar, intervir, eu acho que quando eu estou lendo a Caros Amigos, eu entendo melhor, eu acho que se eu fosse uma pessoa leiga que não entendesse nada de populares em situação de rua eu ia entender melhor aquela informação, Quem são aquelas pessoas? O que está

por trás disso? Eu poderia mostrar esse fenômeno população de rua realmente como ele é, e eu acho que ele se apresenta como uma das mazelas da questão social, será que o povo tem consciência disso? Eu não vejo a grande mídia preocupada em explicar realmente o que o que é esse fenômeno, isso me incomoda, entendeu, Suzana?

E você de se lembra de alguma notícia que você consumiu recentemente de população de rua?

O que me incomoda quando e acho uma aberração é a violência que, às vezes, fazem contra o popular de rua, entendeu? De agredir, de jogar alguma coisa, e isso, eu não sei, assim, quantas vezes isso vem acontecendo, mas quando sai isso na mídia isso me incomoda demais da conta e eu não sei nem se aquilo sai de uma forma real ou só saiu porque não tinha como ocultar, entendeu?

E você se lembra de alguma notícia cujo foco era uma mulher em situação de rua?

Assim, eu não lembro Suzana, aqui do Rio, né?

Você concorda ou discorda com a forma com que o assunto é tratado?

Eu não concordo, eu acho que as pessoas tinham que explicar e também tentar sensibilizar a população e não incentivar para que aquilo seja cada vez mais um ser estranho, entendeu?

Tem algum ponto que a imprensa acerta quando ela cobre esse assunto?

Olha, só no fato de ela mostrar, mesmo que ela não explique da forma que ela deveria, pelo menos ela está mostrando, né? Poxa, essas pessoas existem, eu acho que é uma forma de você não cair no esquecimento.

E você já foi entrevistada para algum veículo da grande mídia em função do seu trabalho?

Quando teve esse censo que foi no ano passado, foi em agosto se eu não me engano, julho ou agosto, a Rede Globo estava aqui. Eles acompanharam a gente entrevistando, mas em nenhum momento me perguntaram o que eu achava ou o que seria exatamente a minha opinião, nada. Só ficaram lá fotografando e tal...Eu fazia entrevista com pessoas em situação de rua, eu ia em cada um deles e perguntava que tinha um questionário e aplicava o questionário, sentava do lado, conversava colocava a mão, batia papo, conversava o máximo que podia.

E você se sentiu confortável trabalhando ali com o pessoal da impressa?

A presença da imprensa não me incomodou, o que me incomodou foi que eu não percebi é porque que não perguntaram as opiniões de quem estava fazendo as entrevistas, a equipe técnica, porque só tinham profissionais de nível superior e a nossa opinião não contava?

Você depois teve acesso a essas notícias?

Vi sair umas notícias na televisão e no jornal que estava acontecendo o censo Pop Rua. Eles estão levantando o quantitativo de pessoas que se encontram na rua tal, tal , tal aquela coisa bem assim superficial, tipo não falaram do questionário do que se pretendia, não falava das pessoas que estavam ali envolvidas, do tempo que se levou para fazer isso, porque eu praticamente levei a semana inteira durante o dia e de madrugada. A gente rodava aqui durante o dia, depois eu voltada para cá e começava a rodar três ou quatro horas da manhã, só que eles não querem saber do tipo de trabalho que a gente está buscando esses dados, né? E tipo um levantamento disso tudo, você levanta os dados por quê? Depois faz o que com os dados?

O que poderia consolidar um relacionamento melhor entre mídia e população de rua?

Por exemplo, no censo em que eles me acompanharam, não vi se eles tiveram escuta. Um relacionamento legal não seria saber quem são aquelas pessoas? Que elas pudessem se expressar em algum momento? Que mostrassem que o Joãozinho, Terezinha, sei lá quem é um ser que tem uma vida, ne? Não sei, isso não aparece para mim, não sei se eu sou muito crítica e radical, Suzana.

O que pode ser feito para diminuir a quantidade de gente vivendo nas ruas ou melhorar a qualidade de vidas dessas que já têm um elo com as ruas?

Para que posa diminuir as pessoas em situação de rua, a gente tem que realmente dar condições para que as pessoas possam viver dignamente. Eu não acredito que quem foi para a rua por conta do desemprego foi porque quis, foi porque não tinha onde morar, não tinha como pagar o aluguel, então muitos, parte dessa população está ali por conta de uma vulnerabilidade, por conta de um direito que foi violado, a moradia ou o trabalho. Ninguém vive privado de tanta coisa porque quer, eu não vivo nessa ausência toda porque eu desejo, então assim, a gente teria que investir nas políticas públicas com acesso digno, o acesso das pessoas é isso. Eu estou falando de tudo, porque preconiza-se na constituição não é moradia, saúde, trabalho, lazer, educação... Se o povo tivesse isso não estaria em situação de rua, agora para aquelas pessoas que estão em situação de rua e que na verdade não se faz um destino somente pela questão do abrigo... Então vamos criar milhares de abrigo, pra mim a solução também não é essa, porque eu estarei dizendo que o melhor lugar é o abrigo, a institucionalização. Ninguém merece viver institucionalizado. Para aquelas pessoas que já estão na rua é a gente fazer uma política de investimento, seja através de CREAS Pop que depois cuida realmente da demanda daquelas pessoas que estão na

rua e que às vezes precisam ter escuta, elas estão ali e vão transformar aquela população, sim, mas primeiramente eu tenho que saber quem são dando escuta, né? O que elas querem?

E de que forma a mídia poderia contribuir para isso?

Mostrando a verdade (risos) Acho que é difícil, né? Sabe, mostrando a verdade, Suzana. Eu não sei se essa verdade as pessoas querem que apareça.

E você acha que a mídia é amiga ou inimiga, ou seja ela ajuda ou atrapalha os profissionais que trabalham com população em situação de rua?

Olha, amiga ela não é minha, nada minha! Nunca se interessou em vir aqui na casa e falar, poxa! Que coisa, né?! "Vocês são o único abrigo que tem esse trabalho intergeracional. Quantas pessoas vocês reinseriram no ano passado? Nossa! 10? Que maravilhoso, né?". "Nas condições que nós vivemos de trabalho, essa questão cada vez pior dos vínculos e vocês ainda conseguiram fazer reinserções?" Isso aparece? Ninguém aparece aqui, Suzana, para falar, poxa, se não é a gente aqui do Catete no entorno do nosso boca a boca que as pessoas vem aqui e podem abrir a porta e perguntar se aceitamos a doação de um dvd, de uma geladeira, de um sofá? A mídia faz o que para favorecer? "Oh, você acordou hoje em um dia maravilhoso de sol, vai para praia correr para ficar com o corpo sarado" em vez de falar para olhar para o seu próximo, não olha para o umbigo, o mundo ele se faz com as pessoas que estão ao seu redor, hoje você acordou, você pode fazer alguma coisa melhor por alguém que está do seu lado, você já fez? Mas eu não quero nem saber se a pessoas existe, quero só cuidar de mim, então assim, que mídia é essa? Não me favorece em nada. É olhar aqui para o terreno do Catete e falar assim, "nossa, que terreno maravilhoso, está com população de rua? Está com população em vulnerabilidade social? Para que vocês estão ocupando um terreno maravilhoso desse para botar o abrigo?". Entendeu?

Se você fosse jornalista, qual a matéria você gostaria de divulgar?

Eu divulgaria assim: A potencialidade das mulheres que estão vivendo em situação de rua. Eu falaria alguma coisa que é para mostrar que essas pessoas têm potencial, o potencial dessas pessoas que estão em situação de rua. É, eu acho que tem que mostrar o lado positivo dessa população né, Suzana?. Essas pessoas não são restos, elas têm uma vida, um potencial, elas precisam de um investimento. Precisam de investimento de políticas públicas, de calor humano de conscientização do povo, eu acho que é isso.

CASTRO, Emília Mendonça de. [4 abr. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

Vou conversar com a Emília a diretora do que a gente chama a URS – Unidade de Reinserção Social Irmã Dulce. Emília, você vai autorizar usar o seu nome real ou você prefere um fictício?

Pode ser real.

A sua idade?

56 anos.

A sua profissão?

Sou professora.

É formada em?

Normal, normal só e técnico de enfermagem.

Ah tá, superior não...

Não conclui, eu fui até o segundo período só, e incompleto.

Uhum, superior incompleto. Nasceu aqui no Rio mesmo?

Sim.

Cidade e estado no Rio de Janeiro.

Aqui no Rio mesmo.

Há quanto tempo que você tem contato com a população em situação de rua?

Desde 1980.

1980.

Tô me aposentando agora em agosto.

Como que foi que você começou a trabalhar com população em situação de rua?

Foi assim: eu morava e uma comunidade, eu sou de uma comunidade muito carente e nessa época, nós tínhamos a mulheres que saíam para trabalhar fora e não tinham nenhum lugar para deixar os filhos, então nós começamos esse trabalho tentando fazer algum... fazer uma creche, né? Eu sou das épocas das mamães 'crecheiras', né?! Então assim... começamos com a escola comunitária em 80 e depois vieram as creches comunitárias e ai eu fundei a primeira creche comunitárias da comunidade do Morro de São Carlos. Em 2004, essa creche foi passada para a Educação - já era um processo pra Educação, né? E como eu sempre fui da Secretaria de Desenvolvimento Social, eu permaneci na nossa secretaria. Houve um momento em que eu fui

trabalhar com a equipe de assistência social e, aí, eu fui convidada para vir em 2009 para o Irmã Dulce que ia ser inaugurado e eu vim pra cá.

E nessa creche na década de 80 já tinha filhos de mães em situação de rua ou não?

Sim, eram filhos de mães... Filhos sem as mães, filhos que viviam sem as mães, filhos que viviam com as avós, que a mãe e o pai morreram, filhos sem pai, filhos da violência da comunidade, filhos do tráfico de drogas que não deixam de ser crianças que também ficavam indo pra rua, né? Pra pedir doce, pra pedir dinheiro.

Mulheres e adultos em situação de rua então desde 2009 aqui no abrigo.

Aqui no abrigo diretamente... população de rua.

Em sua opinião, as atuais políticas municipais são suficientes para dar conta dessa problemática da situação de rua?

Sim se houvesse realmente um conjunto das políticas públicas, né? Saúde acompanhada "junto" com o desenvolvimento social, habitação... Creio hoje... é, nós estamos assim, com um trabalho muito dinâmico. Muitas pessoas, muitas famílias foram beneficiadas, né? Algumas coisas que diz assim.. – como é que eu vou te explicar isso? – o sujeito pra ele viver bem na nossa cidade ele tem os seus direitos e deveres, então, muitas coisas nos faltam, né? Como... às vezes, o sistema é cruel, às vezes a burocracia também impede né, muita coisa que o sujeito precisa, entende? Essa população precisa, às vezes, por exemplo, cai uma cãs, a pessoa demora muito tempo pra receber o aluguel social, então uma coisa puxa a outra né, uma coisa a gente sabe que é um ajuste, né? Eu acho que a intenção da prefeitura é estar sempre se ajustando, tentando fazer um novo projeto para que dê certo, né? Só que nem tudo depende da prefeitura e a gente sabe disso, a gente está no Rio de Janeiro com o diagnóstico doentio, estamos com pessoas doentes e... muita coisa impede.

E você recebeu treinamento para trabalhar com esse público?

Olha... Não porque eu já tenho anos nessa secretaria. Já trabalhei com população de rua sim, mas assim, diretamente, foi aqui dentro. Trabalhei na rua também, você querendo ou não, dentro dessa secretaria você trabalhando com a comunidade com as pessoas que... que você vai para as ruas também né, você começa a fazer esse trabalho. Eu já fiz abordagem, já entrei em Cracolândias também, entendeu? Então...

Mas, você acha que deveria ter um treinamento focado em como lidar com esse público?

Eu acho que... eu aprendi uma coisa que a base para você trabalhar com essa população com esse atendimento primeiro de tudo é a observação e gostar do que faz, porque se não tiver isso, não tem como. Não existe treinamento para um trabalho diário, constante de emergência, sabe? Mas eu acho que não existe uma formação – eu não digo do psicólogo, eu não digo assistente social – eu digo assim: não existe, não sei... pra você trabalhar diretamente com a população você tem que ser uma pessoa muito do ser humano, verdadeira, entender o que o ser humano está passando, não vitimar esse ser humano, mas... conhecer um pouco de você mesmo né, pra entender com o ser humano chega a essa instância...

Você sente medo desse público?

Nunca senti.

Quais são os principais desafios de se trabalhar com essa clientela? Os problemas e as gratificações?

O problema é a lentidão da justiça, às vezes. É lentidão para você tirar uma certidão, é a lentidão para que se tem como um todo, geralmente é tentar essa conquista né, conquistar essa mulher com relação que... tentar trabalhar com essa mulher toda a verdade, toda a culpa e ver até que ponto ela se permite estar passando por isso, onde foi que aconteceu esse eixo que ficou fechado tipo... Às vezes é difícil você... você está trabalhando com um ser humano que escolhe a vida dele, tem escolhas que você não consegue mudar, não consegue entra. Foram vítimas um dia? Foram violentados outro dia? Eu acho que a coisa mais difícil além de ser a lentidão da justiça de toda a documentação da burocracia que existe no sistema no geral, eu acha que mais do que isso a coisa mais difícil é você entender o outro, é trabalhar com o outro.

Existe alguma diferença quando você trabalhava na abordagem de rua, por exemplo, em lidar com homem e mulher na situação de rua? Que aqui é focado em mulheres, né?

Com gênero? Não. Não tinha não. Tranquilo.

Quais são as principais reclamações quando elas chegam aqui direto da rua?

"Ah, eu tô assim porque a culpa é do outro, a culpa é do fulano, não foi minha culpa". Ai, com dois dias você percebe que – não, eu tô nessa porque fui eu que me permiti- A maior, a maior queixa é essa.

Desde que você está aqui, desde 2009, já devem ter passado muitas usuárias, né?

Ah, mais de 2.000.

Mais de 2.000, teve alguma história de alguma mulher que foi muito marcante pra você?

Ah! Muitas, muitas.

Poderia citar alguma?

Tenho. Tenho a Ana Cláudia que foi a terceira mulher que eu recebi e chegou aqui com uma dor na alma, uma dor no corpo, muita machucada, muito ferida. É uma menina que tem uma família estruturada, é uma menina que... – eu digo menina, é uma menina mulher, né – ela... um dia ela na abordagem ela entrou no carro e não olhou mais pra trás e essa mulher ela ficou seis meses sem medicações, foi bem no começo na Casa e , de repente, ... a gente lutou muito juntas até que chegou ao ponto de ela surtar e achar que eu tinha colocado um chip dentro dela e ela brigava comigo e eu chamava a atenção e ela falava: "você é um idiota", "eu sou uma idiota, mas um dia você vai saber que você é uma pessoa maravilhosa". Era uma menina super inteligente, uma mulher que tem assim.. como eu digo mentalmente ela é de uma riqueza, eu chamo ela de um dicionário né, uma mulher que sabe se portar muito bem e, um dia, ela sai daqui do tratamento e coisa e tal... hoje ela trabalha, é uma mulher que teve alguma recaídas, mas não para o crack e nunca mais voltou pra rua e nem está em abrigo nenhum. Tem também a família que não queria vê-la e nós conseguimos fazer esse plano legal da família. Um dia a mãe dela olhou pra mim e disse: "Nossa! O que você fez com a minha filha, você fez uma lavagem cerebral nela". E eu disse: "eu trabalhei com ela a verdade". Então assim, a Ana Cláudia foi um caso que assim pra mim...marcou. Que me ensinou. Eu digo pra ela que ela – às vezes ela vem me visitar - e eu falo assim: "Aninha, foi você que me ensinou a trabalhar, o crack pra mim era uma novidade e foi você que me ensinou". Os desafios que ela me trouxe, as demandas que ela tinha entendeu?

Como que você imagina a sua vida se você fosse uma mulher em situação de rua? Já se imaginou?

Não. Não me imaginei, mas eu quando criança eu vivia na casa das pessoas, eu fui abandonada pela minha mãe e meu pai morreu alcoólatra, então eu já vivi rua, com as pessoas, que eu digo na casa de um e de outro, quando criança eu fui violentada. A minha história não é muito diferente das histórias que elas contam e eu sobrevivi. Minha mãe é viva até hoje, né? Mas eu sobrevivendo eu não ia na escola no dia das mães, eu queria ter a minha mãe comigo e minha mãe nunca permitiu isso, a minha mãe sempre dizia não pra mim. Então, assim, eu sobrevivi, entende? Mas não é, eu acho que você cria uma casca dentro de você também. Então assim, eu não me vejo enquanto adulta está numa rua porque quem faz a nossa própria vida somos nós. Eu falo pra elas, se alguém quiser trocar de problema comigo, eu estou à disposição. O que eu

quero ver é a disposição que eu tive, não usei drogas, não usei bebida, não usei nada disso e sobrevivi. Na época... eu tenho 56 anos, na época você não tinha voz, criança não falava, hoje também não fala né?

Você é a favor ou contra o recolhimento compulsório?

Há momentos em que eu sou a favor, há momentos que a pessoa está se colocando em risco e tipo, de as pessoas até matarem mesmo porque a regra da rua é muito dolorosa. Agora, eu tenho dois lados para te responder isso, o momento do risco que a pessoas se coloca e coloca o próximo né, que existe isso, na condição em que dá pra você perceber quando você está nesse trabalho e por outro lado eu sou contra porque eu acredito que você se cura se você quiser. A escolha é sua, usar droga não, porque não vai ter medicação, não vai ter médico, psicólogo que vai tirar você dessa vida se você não quiser, entendeu? E eu sei que é possível sair, eu penso assim.

Agora é a segunda parte da nossa entrevista que é a parte do jornalismo. Na sua opinião, pra que serve jornalismo, qual é a função dele?

Eu acho que o jornalismo poderia ser mais assim... prático. Poderia tá informando melhor muitas coisas que deixaram de informar, é importantíssimo o jornalismo, eu acho que tinha que ser focado outros temas. Claro, o jornalismo tem que falar sobre tudo, caiu uma coisa ele vai ter que falar, coisa e tal. Além das notícias que são obrigatórias para serem dadas, o jornalismo ele também teria que ter um papel de informação mesmo de algumas informações. Assim... falar mais para essa rapaziada, para esse meninos, essas meninas que não têm noção do perigo, o que é o perigo levar fatos reais de algumas situações que de repente está ajudando alguma família e essa família está em casa ouvindo e está vendo que é possível ou alguma coisa acontecer de melhor, né? Ou esse jovem também está ouvindo e perceber que pode ser possível, mas também pode ser um buraco na vida dele.

Você acompanha as notícias que passam sobre população em situação de rua?

Acompanho.

Em quais veículos?

Quando aparece... as vezes tem na Globo, na Record... O pessoal fala quando tem uma reportagem, ai eu já vejo. Eu também já dei entrevistas para a Record, pra Globo.

Há quanto tempo você acompanha essas notícias?

Olha, desde quando começou essa situação do crack dessas abordagens, toda essa situação.

Você nota alguma diferença na cobertura jornalística nesses últimos anos?

Uma coisa é você notar no jornalismo que eles falam, outra coisa é você vivenciar na prática. Antigamente esse assunto nem era tocado.

Você nota alguma diferença em veículos de comunicação diferentes?

Ah, uns são mais sangrentos, outros escondem mais a verdade, como é o caso da Globo, né?

Você se lembra de alguma notícia que você consumiu recentemente com população de rua?

De alguma notícia? Ah, assim não...

E de alguma notícia cujo foco era uma mulher em situação de rua?

Ah, já teve aqui reportagens sobre mulheres.

Qual que era o assunto?

Sobre as perdas... Eu não me lembro, foram tantas, estou tentando me lembrar, mas assim, foram mulheres que a família pediu ajuda e a televisão me pediu a vaga eu pedi à prefeitura à parte da comunicação e a comunicação conseguiu essa vaga aqui e a televisão acompanhou essa mulher aqui. Depois acompanhou o resultado dela voltando pra casa, ficou um estado muito bom também pra ela, entendeu?

Você em geral, você concorda ou discorda com que o assunto em situação de rua é tratado?

Ah, às vezes eu discordo. Discordo, nossa!

O que poderia ser melhorado?

Antes de dar essa notícia a pessoa que está passando a informação tem que saber direito fatos reais, né? Para poder informal que tem fatos que não são reais, são um absurdo, absurdo! É tipo assim, quem sabe é quem tá na ponta é quem trabalha com isso.

Tem algum ponto em que a imprensa acerta quando ela noticia sobre a população de rua? Ou em geral ela só erra?

Não, ela acerta, acerta, ajuda e colabora com algumas situações.

Você disse pra mim que já foi entrevistada várias vezes em função do seu trabalho. Quais eram os assuntos?

Sobre as mulheres aqui, sobre o crack, sobre as perdas e delas sobre a vontade de recuperação, sobre falar um pouco do objetivo desse trabalho de trabalhar a autonomia da mulher...

Qual o veículo que você deu entrevista?

Ah a Record, SBT a Globo.

Tudo pra TV?

É!

Você se sentiu confortável com a imprensa, com os jornalistas?

Mais ou menos.

Por quê?

Porque por um lado é importante você fazer uma divulgação, não do deu trabalho, mas você divulgar até que ponto a população está doente, né? Isso é bom, isso é positivo você estar fazendo essa divulgação e também divulgar que existem lugares que estão a fim de fazer um trabalho legal com essas pessoas, né? Depois disso cabe a escolha de cada um, mas assim, de qualquer forma você está falando de pessoas, está expondo a situação. É claro que a gente não expõe a vida de cada um, mas as próprias mulheres, algumas, fizeram questão de falar sobre elas, o que elas perderam um dia, até que ponto elas se jogaram nesse abismo.

As suas respostas, quando você deu essas entrevistas, elas foram norteadas, direcionadas pelos jornalistas?

Não.

Em geral, você gostou do resultado da notícia que você deu a entrevista?

Gostei, gostei.

Você acha que a mídia e população de rua tem um relacionamento bom?

Geralmente, tem população que não quer ajuda e quando vê a mídia quer aparecer né, quer dizer que nunca foi feito nada, que as pessoas não sabem trabalhar, se vitima né, e tem pessoas da imprensa que adoram isso.

Você acha que a mídia ajuda ou atrapalha os profissionais que trabalham com situação de rua?

Ah não sei, depende. É o que eu tô te falando, depende do fato. Se a pessoa tá, se a mídia tá... conhece o trabalho e sabe que naquela instituição tudo acontece, uma qualidade, um trabalho analisado, é claro que vai ter coisas que o pessoal vai falar que eles vão saber que não, não é bem por ai, mas é muita pauleira, é muito pau esse trabalho da prefeitura e a prefeitura tem um trabalho legal, mas, muitas vezes, é massacrado.

O que poderia ser feito para diminuir a quantidade de pessoas vivendo nas ruas?

Não sei te responder.

Ou melhorar a qualidade de vida dessas que optam por ficar nas ruas.

Acho que se o sistema não fosse tão lento, igual eu coloquei no começo, e são várias políticas públicas.

E como é que a mídia poderia colaborar pra isso?

Acelerar o processo, divulgar mais isso, colocar isso mesmo...Colocar em pauta sempre, sempre.

E a última pergunta: se você uma jornalista, qual matéria você gostaria de divulgar sobre mulheres em situação de rua?

Gente, matéria da esperança, sabe?

Esperança? Como assim?

Passar pra essa população que há esperança na recuperação e em tudo, na transformação de vida.

Obrigada, Emília.

CUNHA, Marcelo Antonio. [28 jan. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

Vai autorizar usar o nome real ou prefere um fictício?

Real

Idade?

51

Profissão?

Médico

Local de nascimento?

Recife.

Seu primeiro contato com população em situação de rua foi na Fazenda Modelo? Como surgiu isso na sua vida?

Isso começou quando eu era criança, quando os pedintes batiam na porta de minha casa em Recife pedindo esmola e era ensinado para gente dizer "perdoe", porque pobre não tinha o que oferecer. Então, eles perdoavam e batiam na casa do vizinho, que, às vezes, tinha alguma coisa. Esse contato, desde a infância, já me fez ficar interessado. Eu ficava no terraço esperando que eles passassem, eu achava muito interessante. Vim a ser médico sanitarista e psiquiatra e como médico eu fui trabalhar na Amazônia, no Sertão, vim para o Rio, fui trabalhar com favelas, depois fui trabalhar com as pessoas de rua. Aí eu fui convidado para dirigir um abrigo, que era a Fazenda Modelo, foi quando eu verdadeiramente entrei em contato com esse público.

Em que ano foi isso?

Em 1999. De 1999 a 2003. Quando eu saí da Fazenda Modelo, eu fui trabalhar ainda com população de rua, mais ainda na rua mesmo. Eu era Médico Sem Fronteiras nessa época também e fui com um projeto de tornar as pessoas de rua educadoras delas mesmas. Depois, pelo governo do Estado, trabalhei num projeto chamado "Cidadão Acolhedor". A gente ia nas ruas, selecionava as pessoas interessadas e contratava-as como educadores.

Eram projetos bons, né? Por que acabaram?

Porque são projetos que vão de encontro aos interesses da administração pública, né? Os objetivos dos projetos ferem muito os objetivos da administração pública municipal.

Qual foi a repercussão do livro, depois da publicação?

Primeiro, assim, a mídia nos auxiliou muito na desconstrução do projeto. Não tinha condições de existir um abrigo com 1500, 2 mil pessoas tratadas como se fossem objetos, depósito de coisas perdidas. A gente queria desconstruir, mas não tinha o apoio do município porque o município queria que aquilo lá continuasse sendo depósito para recolher as pessoas das ruas e serem jogadas lá. Nós, como direção, achávamos que tinha que desconstruir aquele lugar, mas não era esse o objetivo do prefeito, na época. Então nós mesmos nos denunciamos através da mídia. Esses lugares são fechados, a mídia não entra. A gente começou a abrir as portas para a mídia. E a mídia começou a mostrar verdadeiramente que lugar era aquele e o que acontecia lá dentro. Foi o nosso primeiro trunfo. Eu já fui prá lá constatando que era inviável, então, desde o começo eu permiti que mostrassem. A participação da mídia foi muito importante. Nessa hora que a gente deflagrou a desconstrução, a mídia ajudou. O jornal O Globo. A televisão sempre foi lá com enfoque mais sensacionalista. O Fantástico queria mostrar pessoas que eram foragidas dos morros. Era outro enfoque. A imprensa escrita ia mais com interesse de denunciar mesmo.

Em julho de 2008, você deu uma entrevista no Programa do Jô, na Rede Globo. Depois de editada, a sua participação no programa foi de 25 minutos. Durante esse tempo, o apresentador não fez nenhuma pergunta sobre os problemas estruturais da Fazenda Modelo. O que você achou disso?

Suzana, não sei se deu para perceber, mas eu estava muito nervoso. Eu recebi um telefonema da editora do programa, que disse que tinha lido o livro e me convidaram. Mas eu estava preparado porque era o Programa do Jô. Eu sabia que ele não ia no âmago das questões, entendeu? Então, ele dava enfoque ao que era extraordinário: no homem que pensava que era cachorro, na mulher que

trabalhava como aeromoça. Mas era um espaço de luta que eu estava tendo de falar do livro, de falar dessas pessoas. Eu senti, mas eu já esperava, não me surpreendeu.

Você ainda tem contato com algum personagem do livro?

Barnabé. O Barnabé ainda é meu amigo.

Ele saiu da situação de rua?

Ele tem o lugar que ele dorme e não depende de abrigo público, mas a situação dele parece que continua como a de rua. Ele continua com o alcoolismo, cantando, tocando.

Atualmente, você ainda tem contato com esse público?

Sim, com uma outra abordagem, mas ainda tenho. Agora eu trabalho num hospital psiquiátrico e, eventualmente, a gente também recebe pessoas em situação de rua.

De onde surgiu a ideia de escrever o livro?

Então, a gente que vai trabalhar com essas pessoas, acaba sendo tratada por algumas pessoas do mesmo jeito. O sistema público começa a nos olhar meio parecido como olham eles, com as mesmas discriminações e preconceitos. E desse modo diferente, o máximo de discriminação foi me exonerar. Eu fui surpreendido com a exoneração no Diário Oficial. Não fizeram nenhum caminho de me explicar que eu estava sendo substituído. Eu soube através de uma amiga que me ligou e disse que viu que eu estava sendo exonerado. Todas essas aflições e essas vivências de sofrimento, de dor, de alegrias, elas foram se acumulando a um ponto de eu não conseguir mais guardá-las dentro de mim. Eu precisava comunicar ao mundo todo aquele outro lado da vida. Eu tinha o compromisso de contar esse outro lado da vida, o que o mundo inteiro não sabe que acontece a tão poucos metros daqui. Ou eu comunicava, ou eu morria, eu acho. Depois de demitido, eu estava muito deprimido, chorando o tempo todo, não conseguia retomar a minha vida. Eu vi que eu precisava parir aquela comunicação. Embora eu não seja escritor, eu comecei a escrever, escrever, escrever compulsivamente e aí foi me aliviando a dor, como um desafogo.

Você sentia medo deles?

A priori, não. Eu tive medo quando eu fui ameaçado, quando disseram que sabiam onde era a escola dos meus filhos. Mas não era a situação de rua que estava em jogo, eram bandidos, traficantes que estavam na intenção de me amedrontar, né?

Existia alguma diferença (no seu trabalho) na forma de tratar/lidar com as mulheres em situação de rua ou era exatamente o mesmo tratamento dispensado aos homens?

Na minha metodologia de trabalho, essa questão do gênero não tinha muito, não. A gente via mais a singularidade das pessoas. Os homens organizavam o espaço melhor que as mulheres. A higiene corporal era mais perceptível nas mulheres. Agora eu estou pensando na gênese. Quem eram as mulheres que estavam ali? Geralmente, eram as mulheres solteironas, que não casaram. Muitas casaram, mas trabalharam na função de empregada doméstica, que dedicaram a sua vida na criação do lar do outro, sabe? Depois o outro não reconhece ela como membro da família e ela acaba indo para a rua, ela viveu aquela ilusão de que pertencia àquele lar. Ela dormia na casa, cuidou dos filhos, cuidou dos netos, depois os filhos crescem, ela fica desnecessária e vai para a rua. Eu via nelas esse sofrimento. Ela não se dedicou à família dela. Os filhos, por sua vez, não reconheciam ela como mãe.

Quais os desafios de se trabalhar com esse público? (problemas e gratificações)

Uma dificuldade grande que eu tinha era a de compreender o que se passava, verdadeiramente, com aquela pessoa. Qual era o desejo, de verdade, dela? Entender a singularidade de cada um era uma dificuldade. Os programas eram todos criados para um bloco, plural. Na verdade a gente via uma heterogeneidade muito grande de histórias, biografias, desejos e vontades. E eu tinha dificuldade de pensar um método que atendesse essa diversidade. Esse era um aspecto. O outro era um comportamento bizarro que era consequente de como ele havia sido tratado até aquele encontro da pessoa comigo. É como se a gente tivesse que vencer um pouco essa dimensão. Até atravessar essa capa e chegar no âmago da questão, era trabalhoso. A criação de uma confiança até o ponto de ele aderir aquela proposta. Então, a gente tinha lá 1500 pessoas, mas com essa questão do teatro, da dança, da geração de renda, a gente acaba atingindo ali umas 300 pessoas. As outras, não estavam respondendo. A gente não conseguia fazer um encontro naquela circunstância do abrigo. Mas o encontro na rua, pelo projeto Meio-Fio ou do Cidadão acolhedor, já tinha outra conotação. Ali, no próprio habitat dele, no próprio nicho dele, na própria dinâmica dele, eles eram mais receptivos e nós éramos mais respeitosos. Quando eles tinham que ir para a Fazenda Modelo, eles tinham que se adequar ao modelo de atenção proposto, com normas, regras e tal. Enquanto que, quando a gente ia à rua, a gente respeitava mais esse conjunto de hábitos dele e a aderência a alguma intervenção era melhor. A gratificação seria a sensação que você teve do encontro.

Quais as principais reclamações das mulheres em situação de rua na sua área?

Na Fazenda eu atendia como diretor mesmo. No trabalho na rua, a questão da menstruação, da privacidade, da gravidez. Essas coisas, eu as via mais sensíveis. Era como se elas ficassem

embrutecidas mesmo no dia a dia, mas quando elas ficavam em situações femininas, você percebia uma fragilidade. Grávidas ou com criança pequena, elas reclamavam a falta de uma melhor estrutura.

Você se lembra de alguma situação marcante no seu trabalho na Fazenda Modelo que envolveu alguma mulher em situação de rua?

Foi uma mulher que tirou a roupa. Havia acabado o horário do almoço e ela pedindo para almoçar, não queria dar, não queriam dar e no meio daquela indignação ela ficou nua e tirou a roupa. Foi um recurso dela. Por ser mulher, a falta de pudor me marcou.

O que fizeram com ela?

Eu fui chamado, intervi e ela conseguiu almoçar. Sob muitos protestos, eu pedi que fizessem um prato de comida pra ela. Agora, uma coisa que eu estava lembrando, é que os homens são mais orgulhosos quando estão na rua, no sentido de ligar para a família, procurar ajuda, com vergonha de estarem em tal situação. As mulheres, eu acho que elas eram menos revoltadas e aceitavam mais aquela condição que a vida trouxe que os homens.

Você é a favor ou contra o recolhimento compulsório?

Como o próprio nome diz, o que se recolhe é lixo. Pessoas são acolhidas. E para você ser acolhido, é necessário que se tenha um desejo, né? Eu só vou acolher você, se você quiser ser acolhida. Eu sou terminantemente contra.

Na época da Fazenda Modelo, a operação não chamava Choque de Ordem, né?

Chamava-se “Cata-tralha”.

Só mudou o nome?

Mudou o nome e passou a ser mais organizado. Um delegado passou a ser o coordenador do programa. O mentor se chama Rodrigo Bethlem.

Qual secretaria é responsável pela operação?

A secretaria de Ordem Pública.

Depois da Fazenda Modelo, você trabalhou com população de rua?

Da Fazenda Modelo, eu fui trabalhar com população de rua pelo Estado, depois eu fui coordenar um Caps Ad. No Caps, eu tentei modificar o modelo de atenção e não as pessoas se adequarem ao modelo. A gente precisa rever esse modelo e ver como que esse modelo se remolda para haver aderência. Ficar criando programas, horários, oficinas com horários, não vai adiantar. Se você pensar num programa para manda rum cara em situação de rua trabalhar no décimo sétimo andar do edifício

central, não adianta que ele não vai. É melhor pensar num emprego em que ele venda cartão telefônico na esquina da rua onde ele trabalhava. Tem que pensar propostas que atendam às singularidades daquele público que a gente quer trabalhar. Geralmente isso não acontece. Esperam que essas pessoas se adaptem a esses modelos. Tudo isso para dizer que as pessoas escolhem, de algum modo, a rua a alguma condição que antes já estava ruim. Mas, antes da rua, a pessoa tava na casa de algum irmão, na casa de alguém, já vem de alguma situação de opressão em que ela vai para rua para não morrer, vamos dizer assim. A rua vira um lugar em que ela desenvolveu todo um nicho de relações, ela consegue sobreviver ali. Uma pessoa que doa a sopa, ela corta o cabelo na doação de um salão, tem um cara que passa e dá um trocado. Então, ela cria ali um modelo de sobrevivência. Então, vem alguém e rompe com tudo isso, sem pedir licença. Obriga você a entrar num carro e desrespeita gravemente a vida da pessoa. E aí jogam as pessoas nos abrigos. Em alguns abrigos que eu trabalhei, as condições eram piores que alguns lugares da rua.

O abrigo de Paciência virou uma versão da Fazenda Modelo?

Uma versão piorada.

Na sua opinião, as atuais políticas municipais são suficientes para atender a população de rua?

Eu participo de algumas reuniões. Eles estão preocupados com o impacto de uma ação que não importa o resultado que venha a ter para o grupo ao qual se destina aquela atenção. Eles estão preocupados é com a reeleição. Então, pra eles vale mais o impacto de recolher os meninos da rua do que o resultado que a ação possa ter para esses meninos de rua. Essa ação é mais rápida e mais impactante para o efeito desses quatro anos. Se fosse outra ação, o resultado seria mais prolongado. Então, ele vai escolher ações sempre mais violentas e de maior impacto. As processuais, lentas, ações de ir conhecendo e ir conversando, o resultado delas, em médio prazo, ia ser muito maior. Se você vai lá, pega o menino, bota dentro da Kombi, leva para o abrigo, no dia seguinte não vai ter mais nenhum lá, eles correm, mordem o enfermeiro, pulam o muro. Vai lá de novo, traz mais trinta. Vai ficar fazendo isso? Então, vamos internar, dar medicamento. Você leva para o hospital, ele arranca o soro, morde policial, morde enfermeiro, chuta o segurança e foge do hospital. Então, a gente tem que pensar numa outra coisa que não seja nem o abrigo, nem o hospital. A gente começou a pensar em um modelo, parecido com um de Recife, chamado Uma Casa no Meio do Caminho, e a gente começou a pensar num modelo de Casa Viva e Embaixada da Liberdade, que era a ideia de um lugar que fosse de portas abertas, que a pessoa não fosse recolhida, que ela viesse buscar coisas da necessidade dela. Tipo, as crianças quando estão com fome. Elas vinham buscar comida, a gente

oferecia somente comida. Não perguntava nome, nem de onde era, quer comer, come, quer comer outra vez, come, a hora que chegasse, não tinha um horário de almoço. Eles comiam, depois queriam tomar banho, tinha sabonete e toalha aos montes, botamos uns cinco chuveiros. Esse modelo de atenção começou a atrair os meninos. Em pouco tempo, a gente estaca com 50 usuários que vinham comer, tomar banho, depois dormiam. Quando via, ele passava o dia lá com a gente. Era a aderência! Depois dessa vinda espontânea e da permanência espontânea, quando chegava de tarde, muitos não queriam ir para o morro, queriam dormir e a gente estendia o serviço para 24h. Eles começaram a ficar o dia inteiro, sem perceber, eles estavam se tratando. Até que um dia, um deles disse assim: "rapaz, eu to aqui o dia inteiro, já tinha feito uns cinco gois para fumar crack". Gois era pequenos furtos. Ele estava brincando de carrinho e não havia se dado conta. Dava cinco horas e eles não tinham fumado, não tinham roubao, não tinham transado com adultos para conseguir dinheiro. Esse projeto foi crescendo, foi tomando vulto dentro das cracolandias. Mas mudou o prefeito, que me convidou para assumir a Superintendência de Direitos Humanos para pensar projetos alternativos para população de rua. A gente começou a pensar vários projetos, como o da Embaixada da Liberdade, mas isso não gerava impacto. Esses meninos que estavam vindo eram os que estavam dentro das cracolandias, não tinham recurso para ir à Copacabana para pedir ou ficar no sinal. Não enfeiava as ruas. Eles queriam que a gente fosse retirar os dali de Copacabana. Esses dois modelos eram mais processuais. Tinha verba para isso. Mas a meta era sempre focar naquele outro tipo de ação. Isso é claro. Não tem discussão. Então, eu saí da gestão.

Sobre jornalismo, agora. Na sua opinião, qual é a função do jornalismo?

Pra mim, o jornalismo é uma faca de dois gumes. Ao mesmo tempo que pode servir para muita coisa, também pode servir para aumentar o estigma, culpabilizar a vítima. Eu vejo dois enfoques. A televisionada, que eu observo que é mais de massa, era sempre culpabiliza e relaciona a população de rua à violência. "Morador de rua assaltou, matou uma pessoa". "Morreu um cara na Lapa, é possível que quem tenha matado tenha sido um morador de rua". Sim, pode ser um bandido, antes de tudo, em situação de rua, mas não um morador de rua. Essa é uma ação muito danosa, que aumenta o estigma e o preconceito, ao meu ver. Se você colocar na balança, é muito mais danosa do que favorecedora às pessoas em situação de rua.

Você acompanha as notícias que saem sobre população em situação de rua?

Sim

Em qual veículo?

Mais na TV.

Há quanto tempo?

Desde 1999.

Você se lembra de alguma notícia que consumiu recentemente cujo foco era a mulher em situação de rua?

Sempre que o assunto é uma mulher nessa situação, o efeito se torna mais impactante em termos de publicação. Eu lembro de uma matéria que falava de uma mulher viciada em crack e que ela estava com um bebê pequeno amamentando. É como se a função sublime de ser mãe se sobrepusesse, de algum modo, ao vício. A matéria chamava a atenção à função feminina: ser mãe, estar com um bebê pequeno e estar fumando, sabe? Como se, ao estar nessa função, ela não pudesse ou não devesse estar fazendo isso.

Você, em geral, concorda ou discorda com a forma com que a mídia trata o assunto sobre população de rua?

Eu, geralmente, discordo. Acho que ela é marginilizadora, ela aumenta o estigma, aumenta o preconceito e culpabiliza a vítima. E privilegia a ação inadequada e indevida do poder público, as políticas de pacificação das favelas, as operações do Choque de Ordem. E na verdade, é o que a população quer. É como se a mídia criasse esse preconceito e, depois, justifica a ação. Eu digo que é "pau na colmeia". Imagine aquele monte de abelhas. Então, você vai e bate na colmeia com um pau, as abelhas vão sair daqui e vão para outro lugar, você não vai resolver o problema. Então, essas ações são muito pau na colmeia. Não resolvem o problema, elas só limpam a área, mas esse problema vai se deslocar para outro lugar. A ideia da população classe média e eleitora é muito parecida com a do poder público. Pode esperar, quando chegar perto das eleições, as ações vão ficar mais eficazes.

Você já foi entrevistado alguma vez em função do seu trabalho com a população em situação de rua?

Sim, em várias situações.

Quais eram as pautas?

Dependendo da função que eu estava exercendo, era perguntando minha posição na função que eu tava. Por exemplo, a respeito do crack, quando a gente estava trabalhando nesse projeto, nós já fomos entrevistados sobre esse trabalho, o que diferenciava ele, né?

Você se sentiu confortável com a imprensa?

É...o jornalista de um buraquinho, faz um buracão, né? Eu sempre fui muito honesto na minha fala. Nunca fiquei escondendo ou omitindo as coisas, mas eu tinha um cuidado para saber qual era a intenção, porque a gente tinha um preconceito com o jornalista pelo fato de ele tornar das minhas palavras, outras.

A sua resposta foi influenciada/norteada por algum comentário do jornalista?

Não, mas as minhas palavras já foram utilizadas de um outro modo. Não era bem aquilo que eu estava dizendo.

Você gostou do resultado/da notícia final? Por quê?

Sim, apesar que algumas vezes foi distorcido.

O que pode ser feito para diminuir a quantidade de pessoas vivendo nas ruas? Ou melhorar a qualidade de vida delas?

Eu acho que a gente tinha que ter políticas que compreendam melhor essas pessoas. O que que elas estão nos dizendo? Elas nos mostram uma falha nessa estrutura social no modo como a gente organizou o mundo. Não deu conta do total. Esse grupo incomoda porque ele denuncia a falha de nossa organização social. Esse é um aspecto. O outro é que quando eles aparecem muito frequentemente, eu acho que lembra a gente de que não somos tão dessemelhantes, assim como parece quando eles estão mais longe. Em terceiro lugar, você começa a ver que de algum modo, você corre o risco de um dia estar naquele lugar. Se uma aeromoça de uma empresa aérea internacional virou mendiga, opa, isso pode acontecer comigo se eu não trabalhar, se eu não me empenhar. E eu não quero ver isso, porque isso me ameaça. Acho que esses três aspectos influenciam, de algum modo, nessa visão preconceituosa da população e a administração pública têm essa visão para garantir a vitória nas ruas. Eu acho que as políticas deviam se voltar para atender aquelas singularidades, nem que fosse a permanência nas ruas, mas entender que políticas poderiam atender essa população de modo mais respeitoso. E um outro trabalho que fosse de ver um conjunto de ausências que gera aquele resultado. As ausências do direito à educação, direito à diversão, direito à saúde, direito ao emprego foi quem gerou, não por escolha.

De que forma a mídia poderia colaborar para minimizar essa problemática?

Por que não mostram os talentos das pessoas? Por que não mostram as qualidades das pessoas de rua? O Barnabé? E mostra só aquele que matou. Tem uma coisa que eu sempre digo para os meus alunos na universidade: todo dia, pessoas saudáveis matam aos montes, mas no dia que um esquizofrênico mata uma pessoa em Copacabana, isso é notícia para a mídia inteira, o que gera um

pânico das pessoas com medo dos loucos. A imprensa não mostra os outros gestos esquizofrênicos, quando eles são carinhosos e cuidadosos com os outros, sabe? Só mostram as falhas. Então a imprensa tem essa coisa que focar nos 10% dos aspectos negativos e esquece dos outros 90% de aspectos positivos. Você se lembra do massacre do Realengo, em que crianças foram assassinadas por um rapaz, o Wellington? Eu era diretor do hospital que atendia a área em que o Wellington morava. Quando eu soube da notícia pela televisão, a primeira notícia dizia assim: "treze pessoas morrem na chacina de Realengo". Não contaram com o Wellington. Ele não contava como um morto. E eu acompanhando. Passava mais um tempo, eu comecei a ver meus filhos chegando em casa da escola vendo coisas na Internet dizendo que ele era um monstro, um monstro, um monstro. Mais pra frente, eu via o prefeito, o governador, autoridades, dizendo que ele era o assassino. E a gente sabe que o Wellington também foi assassinado pela ausência. Quando ele começou a adoecer do que ele adoeceu, para ele conseguir um número para ser atendido por um psiquiatra no hospital onde eu era diretor, ele tinha que chegar na quinta-feira de madrugada, porque na sexta-feira de manhã iam ser distribuídos seis números. Se não fosse assim, ele nunca ia conseguir ter acesso ao departamento que ele precisava para não ter cometido aquele crime. Na verdade, assassinaram também o Wellington. Eu fui pesquisar quem era o Wellington e encontramos a mãe dele. A mãe dele era esquizofrênica e também não tratava no hospital em que eu era diretor. Então, ele teve uma infância abandonada pela mãe não tratada. Eu pergunto aos alunos: quem é o verdadeiro assassino daquelas crianças? A imprensa mostrou o Wellington monstro. Meus filhos estavam influenciados por isso, como os alunos. Mal influenciados pela imprensa. Essa ação é muito danosa porque pra eu desconstruir isso do meu filho, eu, hoje, peno. Eu tentei convocar a imprensa para fazer uma reportagem em defesa do Wellington, mas não deu.

A mídia é "amiga" (ajuda) ou "inimiga" (atrapalha) dos profissionais que trabalham com a população em situação de rua? Por quê?

Pra mim, em geral, é inimiga, porque ela está sempre aliada com o poder público.

Se você fosse jornalista, qual pauta gostaria de abordar? Ou: Qual notícia gostaria de fazer para publicar em um jornal, site ou na TV?

Eu mostraria os talentos e as virtudes dessas pessoas, já que só mostram o contrário.

QUINTELLA, Suzy Monteiro. [28 jan. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

Vai autorizar usar o nome real ou prefere um fictício?

Real

Idade?

48

Profissão?

Musicista. A minha formação mais recente é em Letras. Anteriormente já trabalhava com música e teatro.

Local de nascimento?

Belém do Pará

Trabalha com a população em situação de rua há quanto tempo?

Desde 2000, quando eu cheguei para trabalhar na Fazenda Modelo. Antes, eu olhava pra essas pessoas por uma via religiosa, que sempre tive. Sempre olhava com olhar de dó, de me comover. Depois que eu fui trabalhar na Fazenda, eu parei de ter pena e de ter medo. São seres humanos ali, numa condição um pouco diferente da minha. Mas eu fiquei impactada no meu primeiro dia de Fazenda Modelo, de ficar muito emocionada e chorando alguns dias.

Ficou quanto tempo lá?

De 2000 a 2002.

O que você fazia?

Embora sem formação, eu acabei virando um pouco terapeuta. Eu acabei encontrando um caminho de levar essa música pra lá. Eu consegui tocar as pessoas com a música e descobri a música em muitos deles. Tiveram alguns casos especiais de pessoas que tinham veia artística lá.

Você ainda tem contato com alguém da Fazenda Modelo?

Tenho com o Antonio. Ele fez parto do coral. Ele segue sendo meu amigo. Ele me liga de vez em quando para saber como eu estou, não liga a cobrar e não me pede nada. Ele reencontrou uma parte da família dele em Juiz de Fora e reside lá. Ele tem um problema numa perna e consegue viajar de graça nos ônibus interestaduais. Um dia desses, ele veio ao Rio e disse que só foi para me ver. E eu vi como eu aprendi coisas com aquelas pessoas, sabe? Ele passou uma tarde lá na minha casa. Ele é recebido pela minha família como um amigo. Quando eu fui trabalhar na Fazenda, eu achei que eu ia fazer uma grande caridade para aquelas pessoas. Aquela verve religiosa. E depois eu vi como eu fui beneficiada e ajudada por aquelas pessoas também. Aquilo foi um salto na minha vida. Mas acho que não repetiria porque também foi muito duro. Baixa remuneração, dificuldade para chegar lá. Às vezes eu saía de lá 5 horas da tarde e chegava em casa às 9 da noite, de van, aquele perrengue. Mas foi uma experiência incrível. No coral tinha gente sem perna, sem braço, sem dente eram todos. Aí

eu carregava a pessoa de Kombi, levava a pessoa sem perna lá para a salinha para ensaiar. Era uma pedreira, entendeu?

Você sentia medo deles?

Na época eu tinha, sim. Às vezes, eles têm um comportamento aparentemente muito violento. Acho que por conta da drogadição e do alcoolismo que havia, mas também como uma espécie de defesa mesmo. Muita gente com os nervos à flor da pele, mas também tinham uns anjinhos no meio. O próprio Antonio, que hoje é meu amigo, era um sujeito agressivo, quando jovem havia sido preso, depois ele mudou da água para o vinho. Depois que a gente conquistou a confiança dele, foi muito legal.

Quais os desafios de se trabalhar com esse público? (problemas e gratificações)

Eu ficava meio frustrada porque, por exemplo, dona Neusa, do D2. Um doce, um doce, ela ensaiava, se comprometia que ia participar, ela ia para os ensaios durante a semana e se comprometia, toda cheirosinha. No dia da apresentação, se ela bebesse, ela ficava desfigurada e aí a gente não podia mais contar com ela. Como problema, eu digo dessa frustração sobre o resultado. A gratificação era quando dava certo. Aquele momento, aquele coral bonito, não tinha nada que pagasse. Quando alguma coisa se realizava bem, poxa, era muito bom.

Quais as principais reclamações das mulheres em situação de rua na sua área?

Eu não sei se o encontro comigo era o encontro para a música, que era uma coisa mais agradável, eu não me lembro de muita reclamação. Reclamavam de coisas de lá mesmo...comida...essas coisas mais comezinhas da própria rotina da Fazenda. Eu sentia que se as pessoas tinham saudade da família, evitavam falar por mágoa, por vergonha. Eu não via muito ninguém falando de saudade de família, não.

Alguma situação marcante no seu trabalho que envolveu alguma mulher em situação de rua?

Eu tinha muito contato com as idosas, né? E naquele alojamento enorme, cheio de camas, você via que a cama era tudo: cama, armário, estante de livro, fruteira. Tudo eles guardavam ali por baixo, dos lados, pendurado. E teve uma senhora que conseguiu colocar umas madeiras em volta da cama e construiu uma parede.

A dona Ana e seu dossel? Da história que foi contada no livro sobre a Fazenda Modelo?

Ela. Outra coisa que me marcava era quando eu cantava alguma música e elas respondiam. Uma vez eu cantei aquela música: “meu mundo caiu e me fez ficar assim”. E elas respondiam, isso para mim era o máximo. Uma vez teve uma situação especial com a dona Memorina, que é cega. Às vezes, eu

levava as idosas para dar uma volta porque elas ficavam muito ali acomodadas na cama. Eu falei: “vamos lá, Memorina, tomar sol”. E ela me disse: “mas eu sou cega”. Eu disse: “mas você sente os raios do sol”. Chegamos lá e ela disse rindo: “eu to te vendo, você é morena, tem o cabelo comprido, preto” (risos). Eu não sei se alguém já tinha dito para ela como eu era, mas isso mexeu bastante comigo. Uma dessas senhoras, a dona Neusa, uma mulata, obesa, está abrigada na Casa do Catete.

Como você imagina que seria a sua vida se você estivesse em situação de rua? Você já se imaginou em tal situação?

Não, não consigo me imaginar. É da vida, você acaba se adaptando. Eu acho que comigo não ia ser diferente.

Sobre jornalismo, agora. Para que serve o jornalismo na sociedade?

Para informar, para denunciar.

Você acompanha as notícias que saem sobre população em situação de rua?

Sim.

Em qual veículo?

Na TV.

Há quanto tempo?

Desde 2000.

Você, em geral, concorda ou discorda com a forma com que a mídia trata o assunto sobre população de rua?

Discordo.

O que poderia ser melhorado?

Será que a mídia não poderia fazer alguma coisa para que a sociedade não tenha tanto medo ou tanta dó, porque realmente fica parecendo que é um lixo que o poder público tem que tirar da rua para não incomodar os cidadãos que pagam impostos, né? Será que se a sociedade não se envolvesse mais, não melhorava também? Se a mídia não tivesse tão comprometida com as urnas, eu acho que ela deveria fazer o que ela tem que fazer, né? Fiscalizar, denunciar, lembrar, não deixar as coisas passarem despercebidas. Fazer só o que tem que fazer mesmo já cumpriria bastante.

Você já foi entrevistado alguma vez em função do seu trabalho com a população em situação de rua?

Não.

Se você fosse jornalista, qual pauta gostaria de abordar?

Essa coisa de só você se aproximar dessas pessoas com um outro olhar.

APÊNDICE B

Entrevista com mulheres em situação de rua

RIBEIRO, Kátia da Silva Ribeiro. [5 dez. 2013]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

Qual o seu nome?

Meu nome é Kátia da Silva Ribeiro

Idade?

49 anos

Local de nascimento?

Niterói/RJ, mas moro na cidade do Rio de Janeiro desde os seis meses de vida.

Grau de escolaridade?

Segundo grau incompleto

Profissão?

Atualmente, educadora ambiental com qualificação pelo Instituto Estadual do Meio Ambiente

Há quanto tempo você está em situação de rua?

Já faz cinco anos.

Cor?

Negra

Estado civil?

Solteira, amigada.

Você tem todos os seus documentos?

Tenho. Eu preciso ter porque eu estou sempre estudando, me capacitando. Eu procuro manter meus documentos sempre em ordem.

Onde você guarda?

Comigo.

Você dorme na rua?

Sim. Eu passo alguns dias na rua. Na minha militância do movimento, eu vivo circulando para fazer a capacitação. Eu já morei 3 anos direto nas ruas e, nesses três anos, meus documentos viviam desaparecendo, ora pela guarda municipal, ora furtada até pelo próprio morador de rua.

Mesmo quando meus documentos eram extraviados, eu ia na Defensoria Pública, pegava isenção e retirava tudo de novo porque um cidadão tem que ter seus documentos.

Possui filhos?

Não.

Já foi casada?

Eu estou na terceira união, mas eu nunca fui casada no papel. A primeira união durou cinco anos, da segunda união eu sou viúva, agora eu estou em outra união há seis anos.

Com quem da sua família você possui laços familiares?

De sangue, eu tenho a minha irmã. Tenho dois irmãos, mas eu não tenho muito contato com eles. Eu tenho minha mãe biológica, mas eu fui criada por outra família. Eu fui adotada quando bebê. A minha mãe biológica também era população em situação de rua. E ela queria o melhor para os filhos. Então, ela pensou: se eu conseguir encaixar pelo menos as meninas dentro de um seio familiar, elas vão poder ter uma criação, estudos. E, aí, eu fui criada por uma família, minha irmã por outra e os meninos ficaram com ela. Só provou para ela que ela estava errada, porque todos estudaram, inclusive os que ficaram com ela.

Você já trabalhou com carteira assinada?

Sim, já trabalhei, mas nunca deu muito certo, não. Eu já fui zeladora, balconista de loja, já trabalhei em relojoaria, mas a maioria das empresas que eu trabalhei foi de limpeza.

Há quanto tempo você não tem um emprego formal?

Uns 20 anos, por aí.

Atualmente, qual é a sua fonte de renda? O seu trabalho como educadora ambiental?

Também, mas eu também cato material reciclável.

Você tem uma estimativa de quanto você ganha por dia ou por mês?

Na verdade, eu não tenho estimativa, não, porque vai entrando, vai saindo, mas eu acredito que eu não ganho muito, não. O que eu ganho é suficiente para eu me alimentar. Eu faço uma intera com o bolsa-família. Eu ganho bolsa-família, mas o que você faz com 70 reais por mês? Eu penso que esse bolsa-família é muito pouco para quem vive em situação de rua. Então, queira ou não queira, você tem que fazer um bico aqui, um bico ali para complementar, né?

Você já foi internada em alguma instituição psiquiátrica? Já esteve em presídio?

Não, graças a Deus.

Já fez ou faz uso de álcool ou outras drogas?

Eu gosto de beber um vinho. Todo mundo diz que bebe socialmente. Eu penso que não tem muito disso de beber socialmente. Você bebe ou você não bebe. Só que eu não uso o álcool no meu cotidiano, às vezes, é uma vez a cada dois meses. Ah, e o cigarro, que é uma droga.

Por que você foi parar em situação de rua?

Quando eu me juntei ao Josué [atual companheiro], nós viemos do segmento dos sem-teto, nós fazíamos ocupação na luta pela moradia porque não tinha um programa habitacional consistente para a população de baixa renda. Aqui no Rio teve uma fase que foi uma febre fazer ocupação[1].

Eu comecei atuando no Movimento Social num decreto de desapropriação que o antigo prefeito implantou para a minha comunidade, no Morro da Mineira, com 250 famílias. Aí, nós fundamentamos uma associação de moradores, a Associação dos Moradores da Chácara do Chuchu, que é uma parte do Morro da Mineira, para ficar na luta política para que não se retirassem, não se removessem essas famílias para jogar nas ruas. Depois que você começa a participar de movimento social, parece que "entra no sangue" e você sente necessidade de ajudar outras pessoas, mais além da sua comunidade. Aí, eu ajudei a fundamentar a União Nacional por Moradia Popular, no Estado do Rio de Janeiro. Depois, eu fui convidada pelo Josué a reorganizar o Movimento dos trabalhadores sem-teto, porque era assim: eu trabalho aqui, mas eu levo três horas para chegar no meu local de trabalho, depois mais três para chegar na minha residência. Eu não posso simplesmente morar em cima e trabalhar em baixo? Olha o tempo que se economizaria, né? Então, começamos a trabalhar num projeto que tivesse mais ou menos essa característica, com a proposta "unindo o campo à cidade". Fizemos a ocupação Carlos Mariguela, na rua do Riachuelo, perto da Lapa, com cem famílias, e no ano seguinte, fizemos a ocupação Serra do Sol, em Santa Cruz, com mil famílias. E foi exatamente essa ocupação que nos trouxe à situação de rua. Não só a mim, como muitos companheiros militantes. Nós organizamos a ocupação, fizemos a ocupação e demos o encaminhamento necessário para que o governo construísse moradia para essa população. Na trajetória das discussões políticas para se elaborar um projeto para essas famílias, um grupo organizado e a milícia veio e tomou a ocupação. Houve várias mortes, inclusive morreram dois coordenadores da ocupação Serra do Sol. Nós fomos embora da ocupação antes que acontecesse o pior, porém, a perseguição continuou em nossa residência. Nessa época, nós morávemos em Campo Grande. E como muitos

[1] A entrevista estava sendo realizada na Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Nesse momento, fomos interrompidas e tivemos que nos mudar de local para prosseguir com a conversa.

companheiros foram mortos na defesa de seus direitos, nós fugimos. Fugimos, ué? Estavam perseguindo a gente, nós fugimos. Aí, fomos para Grumari, ficamos 2,5 anos em Grumari. Já estávamos trabalhando, o Josué direcionando dois quiosque, eu vendia as coisas do quisque na praia. Depois de 2,5 anos, a milícia nos localizou lá. E nós tivemos que, mais uma vez, fugir.

O que a milícia faz?

Ela cobra segurança, te obriga a adquirir TV a cabo, cuida do transporte alternativo, usa pessoas como "laranja". Quem não aceita a imposição deles, eles exterminam. Isso que a milíicia faz.

E agora, onde você está vivendo?

Atualmente, como nós estamos desenvolvendo um projeto a nível de estado, nós ficamos um ano em Mangaratiba desenvolvendo um grupo de pescadores artesanais. Agora, nós estamos em Teresópolis. Quando a gente chega nesses municípios, é porque nós somos convidados por alguma organização. Essa organização cuida para que a gente tenha um local para ficar.

E aqui no Rio?

Aqui no Rio, eu estou sem moradia. Eu durmo aqui no centro. Tomo banho no CRAS-Pop, do Rio Comprido. A pé, eu levo umas duas horas andando para chegar lá. Muitas das vezes não dá para tomar banho todo dia porque para quem se localiza perto do CRAS, é mais fácil tomar banho todo dia, mas, infelizmente, é só isso que o CRAS Pop pode oferecer. Um lanchinho, um bolinho e banho.

E roupa?

Roupa você tem que sair buscando doação nas igrejas ou batalhar através de bicos, biscates e comprar suas próprias roupas e calçados.

Você faz todas as refeições do dia?

Às vezes, sim, às vezes, não. Agora tenho feito mais regularmente. Na rua fica mais difícil você tomar café da manhã, almoçar, lanchar, jantar. Normalmente, as refeições são feitas mais ao cair da tarde.

Muita gente também doa comida para a população de rua, né?

Atualmente, nosso prefeito proibiu. Então está acontecendo menos por causa da proibição do município. Tem dia que passa, tem dia que não passa. A distribuição de comida é uma coisa boa porque tem gente que não tem mesmo condições de arrumar o dinheiro do restaurante popular. Inclusive fecharam o restaurante popular aqui do centro. Dizem que fecharam para obra, mas ele nunca mais voltou a funcionar. Não é difícil você arrumar um real para se alimentar. Mas o que

adianta você ter 1 real para almoçar, se você precisa de mais 2,75 de passagem para chegar ao restaurante popular mais próximo? Na realidade, você precisa arrumar 7 reais: 1 real da alimentação e 5,50 da passagem.

Você utiliza abrigos públicos?

Eu fiquei em um abrigo estadual de proteção às vítimas e testemunhas devido a essa perseguição da milícia. Nós procuramos essa comissão de Direitos Humanos da Alerj. E eles nos encaminharam para a DRACO para fazermos as denúncias. Como tem pessoas muito grandes envolvidas, não só policiais militares, quanto parlamentares também, nós ficamos três anos nesse abrigo.

E abrigos voltados à população de rua?

Nunca usei e nem quero. Eu já fui fazer pesquisas nesses abrigos, é muito ruim. Tratam a população de rua como debiloide. Eles têm uma visão de que toda pessoa que está em situação de rua é usuária de drogas ou álcool. Isso não é verdade. Não estou dizendo que não tem. Tem, sim, a grande maioria, mas tem os que são trabalhadores também. Tem egresso carcerário que não conseguiu um trabalho e caíram nas ruas depois que saíram da penitenciária, mas fazem seus bicos. O Estado, em si, não auxilia o cidadão nesse sentido porque você já está numa situação de rua. Você não tem um endereço, então, a coisa mais difícil é você arrumar um trabalho formal. No trabalho informal, o seu trabalho é sempre desvalorizado.

Além disso, eu nem posso ir para a área dos abrigos. Eu não posso ir para área aonde seja o domínio de milícia. O abrigo de Paciência, por exemplo, são duas vertentes: de um lado o tráfico, do outro a milícia. O que ocorre? A pessoa já é usuária de droga. Eu vou te colocar num abrigo aonde, por cima do muro, você pode estar comprando a sua droga? Aí você sai da porta do abrigo para fora, você se depara com a milícia, que some com você se te pegar usando qualquer droga.

Qual é a sua rotina nas ruas?

Há 3 anos nós fundamos a Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis do Estado do Rio de Janeiro. Então, eu procuro, de dia, um local onde eu possa usar a Internet comunitária para elaborar folder e divulgar essa associação em blog. Eu ocupo meu tempo me dedicando para que o projeto da associação aconteça. Nossa proposta é o Centro de reabilitação e reinclusão social através do trabalho e renda. Nós temos que sair em busca de parceiros. No meu entendimento, esses parceiros, em primeiro lugar, tem que ser o poder público, as secretarias municipais, de

trabalho e renda, da ação social, saúde, habitação. Se não houver esse formato de parceria, não adianta vir qualquer outra organização porque não vai ter o canal que a gente necessita.

Quando eu quero entrar nas redes sociais, eu procuro a Internet do partido. Eu, por exemplo, sou PT. Na sede do PT, eu uso Internet, telefone, porque meu celular é “pai de santo”, eu não tenho dinheiro para ficar botando crédito, mas eu preciso entrar em contato com as pessoas.

No finalzinho da tarde, eu cato umas latinhas, garrafas pet, não gosto muito de trabalhar com papelão, porque papelão é muito baratinho. Eu prefiro as pet porque as pet ninguém quer e ela não paga tão pouco assim. Tá R$ 1,10 o quilo. E o que mais você vê jogado por aí é pet. Depois vou vender para o ferro-velho porque nós ainda não temos o nosso espaço de armazenamento. Está na lei que o município tem que designar um espaço para nós, para poder armazenar nosso material e vender em maior quantidade, mas ainda não temos. Nós somos 85 catadores de materiais recicláveis cadastrados na Associação de Catadores da População em Situação de Rua.

Então, minha rotina diária é essa. Militância, catar material reciclável, vender no ferro-velho, procuro algum local para me alimentar, tem restaurantes que doam. Esses self service mesmo não podem doar diretamente, mas eles podem colocar em sacos plásticos e por para o lado de fora, então, eles não misturam a comida com o lixo. Então fica muito mais fácil da população de rua se alimentar. E muitas das vezes se alimenta até melhor do que se tivesse pagando. Quando dá um determinado horário, a gente vai para o local onde a gente já está acostumado dormir porque ali já é um grupo.

Vocês dormem onde?

Eu fico do lado de fora de uma agência bancária porque tem marquise. Boto um papelão, a coberta anda dentro da bolsa porque eu não consigo dormir descoberta, pode estar o calor que for. Mania minha, desde pequena.

Você já sofreu algum tipo de preconceito?

O tempo todo. O preconceito maior que eu sofri, foi quando eu fui no ambulatório de rua, na rua do Riachuelo, e como eu estou em situação de rua só há cinco anos... Eu fui criada ali na rua do Riachuelo. Desde pequena, eu tenho cadastro naquele posto de saúde. Mas, depois que eu caí em situação de rua, eu fui procurar o setor da população de rua. Simplesmente, o médico que estava lá no dia, quando olhou meu prontuário, disse que eu não poderia ser atendida ali. Eu perguntei o por quê. E ele disse: porque você não é população de rua, porque você tem cadastro aqui no posto. Eu disse: “mas o que que tem uma coisa a ver com a outra? Agora eu sou população de

rua, tanto é que eu não moro mais no endereço que consta no meu cadastro". Pra mim, o maior preconceito foi esse. Para algumas coisas você é população de rua, para outras você não é. Quando é para você receber os seus direitos, você não é população de rua, mas quando é para cumprir com suas obrigações, você é população de rua. Esse é um dos maiores preconceitos que eu posso te citar como exemplo.

Você já foi impedida de entrar em algum lugar?

Não, mas porque, como eu já venho de militância de movimento e de associação, antes de cair em situação de rua, então eu consigo ter um pouco de entendimento sobre os meus direitos.

Você se considera uma cidadã?

Com certeza, eu voto. Eu exerço os meus direitos, então, eu também quero exigi-los. Se eu tenho deveres, eu também tenho que ter direitos. Eu sou obrigada a votar.

Quais as principais dificuldades de se morar na rua?

Em primeiro lugar, é você se tornar visível porque quem mora na rua, ninguém enxerga, ninguém se compadece com o problema. Quando enxerga, você é sempre o bandido ou usuário de álcool ou drogas. Não te veem como uma pessoa que caiu em determinada dificuldade e foi parar nas ruas. Agora, existem muitas dificuldades na rua, como, por exemplo, arrumar um trabalho por falta de endereço. Banho, alimentação, cuidar da saúde, cuidar da educação, tudo é dificultoso. Você não consegue estudar estando na rua porque você não tem um endereço.

Você já foi "recolhida/acolhida" pelo Choque de Ordem?

Não, mas bem que eles já tentaram. Mas como eu sou atendida pelo NUDEDH, que é o Núcleo de Defesa dos Direitos Humanos da Defensoria Pública, devido a esse meu problema com a milícia, então eu tenho sempre uma ressalva da Defensoria comigo. Aí fica muito difícil eles nos levarem porque a gente não pode parar nas áreas para onde eles levam as pessoas. Se eu pudesse parar em Paciência, eu estaria dentro de casa, em Campo Grande.

Sua casa está lá ainda?

Tá. Esperando a gente voltar. (risos). Na verdade, ela não é minha. É uma herança do Josué. O terreno era do pai dele e cada irmão construiu sua moradia nesse terreno, mas como o pai deixou esse terreno como usos e frutos, então não dá para vender, senão a gente já teria dado um jeito de arrumar outro local para morar. Então, quando os irmãos necessitam, tá lá a casa, mas eu ainda tenho coisas lá: roupas, livros, calçados, porque não dá para você ficar carregando tudo nas costas.

Lá, vocês nem pisam?

Desde que eu sai de lá, eu não retornei lá, não. Mas eu já fui a Santa Cruz visitar a minha sogra que estava adoentada, mas é muito ruim porque eu sinto que estou sendo vigiada o tempo todo pela milícia.

Vocês não têm nenhum parente que poderia abrigar vocês?

Sim, mas todos moram em áreas onde a gente não pode estar.

Qual foi a pior coisa que você presenciou na rua?

A Polícia Militar disfarçada de Guarda Municipal levando as pessoas obrigadas para o abrigo, quem não quisesse ir, eles enchiam de porrada.

Você já foi vítima de estupro?

Não, mas já ouvi vários casos. A violência de estupro acontece com os homens também. Homens são estuprados pela própria polícia militar.

Tem alguma vantagem em se morar na rua?

Pra mim, não.

Você tem algum problema de saúde?

Problema de coluna. Hérnia de disco. Nessa altura do campeonato, já devo ter uns três discos avariados. Desde que eu cai em situação de rua, eu não tenho como estar me tratando.

E como é ser casada morando na rua?

Aí é que entra o trabalho. Arrecada um dinheiro daqui, um dinheiro dali, cada um coloca uma parte e vai para o hotel, né? Apesar que tem gente que tem relação na rua. Na minha criação, isso não encaixa muito na minha cabeça, então, eu não conseguiria.

Quais as melhores lembranças que você tem de quando morava numa casa?

Poder entrar numa cozinha, poder preparar minha comida, poder entrar no meu banheiro sossegada, tomar aquele banho. Aqui, nas casas de banho, a água é fria. Eu, com essa hérnia de disco, não posso tomar banho totalmente frio, tem que quebrar a friagem. Ter uma boa cama para dormir, sem ser o chão, né? (risos)

Tem alguma religião?

Não, eu acredito em Deus.

Quais são os movimentos dos quais você participa atualmente?

Movimento Nacional da População em Situação de Rua e Associação dos Catadores. No momento só.

Qual a diferença entre ser mulher e homem em situação de rua?

A vida na rua é mais difícil para a mulher se ela estiver sozinha. Eu, quando cai em situação de rua, já estava com o Josué. Se a mulher cair em situação de rua sozinha, tem muitos casos de violência, como estupro, drogadição, alcoolismo, e, no final das contas, termina vindo a deficiência mental por conta da utilização dessas drogas.

Como isso poderia ser mudado?

O Estado, em parceria com outras entidades que executem atividaddes voltadas para a população, poderia mudar isso. Com política de abrigamento, geração de trabalho e renda, cuidar da saúde dessa pessoa. Eu não sou contra abrigamento. Pra mim não serve porque só tem abrigo em áreas onde eu não posso me localizar. E também não tem abrigo para a família. Eles dizem que tem um abrigo familiar na Ilha do Governador, mas fica o esposo de um lado e a esposa do outro. O casal fica separado de qualquer jeito. Teria que manter marido, mulher e filhos. A proposta não é o resgate dos elos familiares? Como é que eu pego um casal em situação de rua com os filhos e separo eles? Mesmo eles se vendo todos os dias, não é a mesma coisa eles não dormirem juntos. Agora, para a mulher sozinha ou homem sozinho, aí, sim, esse tipo de abrigamento funciona.

Você tem algum sonho que deseja realizar? O que você espera do futuro?

Minha vida de volta. É para isso que eu tô batalhando. Uma casa, um trabalho, lazer, educação, capacitação sempre, porque a vida é um eterno capacitar. Eu gosto de estudar. Nas ruas isso fica meio difícil, mas mesmo assim, eu insisto.

Sobre o jornalimo...O que você entende por jornalismo?

Algo que deveria nos informar sobre o que está acontecendo a nossa volta, ao nosso redor, na nossa cidade, no nosso Estado, no nosso país e no mundo.

Você costuma se informar através de qual meio de comunicação?

Quando eu estou em casa, telejornal. Na rua, Internet, jornal de papel.

Com que frequência você consome notícias?

Diariamente porque de segunda a sexta, todo dia eu entro na Internet. Geralmente nos finais de semana, a gente está em Teresópolis, então tem o telejornal.

Você já leu alguma notícia que tratava da população de rua?

Eu já vi várias aqui no Rio, mas tem umas que criminalizam a população de rua, porque quando aparece alguma notícia no telejornal, por exemplo, porque só mostra aquela população de rua

que está furtando, que está indo para a boca de fumo para usar droga, então só mostra o lado ruim da população de rua. Não mostra, por exemplo, aquele catador, que está catando o seu material para poder se alimentar, comprar roupa, muitas das vezes até comprar um remédio.

Então você não se sente representada nessas notícias?

Não, porque a grande maioria só mostra que a população de rua é o lixo da sociedade, que tem que ser exterminada. Quer dizer, não falam com essas palavras, mas da forma como mostram, a pessoa subetende dessa forma.

O que você mudaria nesses relatos jornalísticos?

Eu mostraria o que eles mostram, mas enfocando de outra forma. Por que essa pessoa está fazendo isso? O que a levou a fazer isso? A cada ano cai uma camada de gente nas ruas.

Por quê?

Boa pergunta. Precisamos fazer essa pesquisa para descobrir por que está aumentando. Muitos são expulsos de dentro das favelas ou dos morros pelo tráfico, às vezes o cara roubou, bateu na mulher, daí foge para não morrer na comunidade. Outros fogem da milícia de suas comunidades. Pra não morrer, o camarada vai embora para a rua.

Você já foi entrevistada alguma vez?

Já dei entrevista para algumas mídias independentes, né? Sempre com foco no Movimento.

Como a imprensa poderia colaborar para melhorar a qualidade de vida das pessoas em situação de rua?

Mostrando para quem não está em situação de rua o outro lado da população que se encontra em situação de rua, mostrando que também tem pessoas trabalhadoras, mostrando as porcentagens de pessoas qualificadas que se encontram em situação de rua.

O que você gostaria de ver escrito numa tese de Comunicação?

Que foi encontrado o caminho para aqueles que querem, realmente, sair das ruas, eles terem várias opções para saírem das ruas; uns através do trabalho, outros através do assistencialismo, mas eu gostaria de ver que todas as pessoas eu moram nas ruas, querem sair das ruas e que existe uma forma para que elas saiam com dignidade.

CAMPOS, Jane Aparecida de. [4 abr. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

Nome?

Jane Aparecida de Campos

Vai autorizar usar o nome real ou prefere um fictício?

Real mesmo

Idade: 46

Profissão?

Auxiliar de limpeza

Grau de escolaridade?

Parei de estudar na sexta série

Raça/Cor?

Branca

Local de nascimento?

Baurieri/SP

Estado civil?

Solteira

Possui documentos?

Não, nenhum.

O que aconteceu com os seus documentos?

Assim que eu cheguei aqui no Rio, roubaram a minha bolsa com meus documentos e tudo.

Mora na cidade do Rio de Janeiro há quanto tempo?

Vai fazer 5 meses.

Qual a motivação para morar no RJ?

Vim em consequência do que aconteceu em São Paulo.

O que aconteceu em São Paulo?

Lá eu morava com um rapaz, ele usava crack, ele me batia, tentou me matar três vezes. Na terceira vez, eu comecei a andar sem destino e vim parar aqui.

Como você chegou aqui?

Eu vim de carona, a pé, carona e a pé até chegar aqui.

Quanto tempo você demorou para chegar?

3 dias.

Passou por outra cidade, além de São Paulo e Rio?

Não.

Possui filhos?

4.

Tem contato com eles?

Não.

Por que?

Quando eu tava em São Paulo, eu tinha contato com duas filhas minha, a Renata e a Rafaela, mas depois que eu vim pra cá, eu perdi o contato com elas porque eu não tenho o número do celular.

E os outros filhos, por que não tem contato?

Um viaja demais, porque ele é do Exército. E o outro, a gente não se dá muito bem porque ele usa droga também.

Seus pais são vivos?

Não.

Já foi casada?

Fui, durante 12 anos.

Os quatro filhos são do mesmo pai?

Aham.

Todos vivem em São Paulo?

É.

Quando você voltar para São Paulo, você pretende retomar o contato com suas filhas?

Se eu voltar, né? Se eu conseguir tirar meus documentos, eu fico por aqui mesmo, já conheço aqui mesmo, arrumo um serviço, alugo uma kitnet e vou viver minha vida.

Já teve algum emprego formal, com carteira assinada?

Sim, de auxiliar de limpeza e copeira.

Tem alguma fonte de renda?

Nenhuma.

O que você faz para conseguir dinheiro?

Eu faço reciclagem. Cato latinha, garrafa pet.

Qual o seu ganho médio semanal/diário?

Olha, dá para tirar uns 30 ou 40 reais, dependendo o dia que está bom.

Já foi internada em alguma instituição (presídio, hospital psiquiátrico)?

Nunca.

Sofre de alguma doença?

Anemia. Fiquei 15 dias internada.Tomei muito soro, tomei sangue. Só sei que eu tava tomando café, com um copo na mão. Quando eu acordei, acordei com a enfermeira do meu lado. Se o rapaz que morava comigo não tivesse segurado o copo, o café tinha caído tudo em mim. Eu apaguei.

Faz uso de álcool ou outras drogas?

Álcool, sim. Droga, não.

Há quanto tempo?

Eu comecei a beber com nove anos de idade. Meu pai e minha mãe bebia. Com 16 anos, minha mãe me botou pra fora de casa porque ela tinha ciúmes de mim com o meu pai. Ela tratava bem os outros irmãos meu e me maltratava, me batia direto. Eu trabalhava, nem bem chegava do serviço, ela já me dava um tapa na minha cara. Então, meu pai me tratava que nem um bibelô. Ela me expulsava de casa, meu pai ia lá e me buscava. Com 20 anos, eu casei. Quando eu casei, eu parei de beber. Até antes do meu pai falecer, meu casamento era uma maravilha. Depois que meu pai faleceu, meu ex-marido começou a beber e me bater também. Aí você imagina o que eu fiz, né? Voltei de novo para a mesma porcaria do álcool. Eu fui casada com ele 17 anos. Quando a minha caçula tava com 3 anos, eu não aguentei mais. Larguei dele. Eu trabalhava, né? Fui pagar aluguel, daí fui morar sozinha com meus quatro filhos. Criei os 4 sozinha, sem precisar do dinheiro dele. Quando eles tava criado, cada um seguiu seu rumo. Eu fiquei desempregava, a mulher pediu a casa e eu fui pra rua. Os meus filho como não pode me ajudar, né? Fiquei na rua. Eu comecei a usar o álcool quando eu fui para a rua, porque a rua, pra gente que é mulher... se você não tomar pelo menos uma bebida forte para você dormir, você não dorme. Eu não vou mentir, quando eu estava na rua, fazia reciclagem e prá dormir, eu comprava cachaça e tomava pra mim poder dormir. E também, eu conheci um rapaz. Depois que esse rapaz começou a usar droga e me batia, eu ficava revoltada, saía e bebia. Esse rapaz tinha profissão, trabalhava com construção, mas em vez de alugar uma casa, ele pegava o ordenado dele e ia para a boca. Lá, ele se acabava no crack. Chegava embaixo da ponte, quando ele chegava, era um inferno. Começava a me bater, falava que eu tava com macho. Mas depois que eu vim pra cá [para a Unidade de Reinserção Social Irmã Dulce], eu faço a minha reciclagem e não tomo mais nada. A única coisa que eu tomo é café de manhã. (Risos).

Nunca procurou nenhuma delegacia da mulher para denunciar as agressões?

Hunf! Minha filha, vou te falar uma coisa, essa delegacia da mulher, falam tanto, né? Mas só ajuda você depois que o marido mata. Eu cansei de ir na delegacia, dei parte e não fizeram nada. Continuou a mesma porcaria.

Quanto tempo você ficou em situação de rua?

Em São Paulo, eu fiquei um ano. Mais quatro meses aqui. Um ano e quatro meses.

Por que você foi parar em situação de rua?

Porque eu fiquei desempregada, não tinha como pagar aluguel, fui despejada da casa e eu estava com o meu pé semi-operado, com um parafuso no pé esquerdo. Não podia ficar muito de pé e não conseguia arrumar serviço.

Onde você dormia, comia e tomava banho lá em São Paulo e aqui no Rio?

Lá em São Paulo, eu pedia comida no restaurante. Para tomar banho, tinha um chafariz, eu dormia debaixo da ponte, nesse chafariz eu tomava banho e lavava a minha roupa. Eu nunca andei suja, mesmo morando na rua. Aqui no Rio, a mesma coisa. Eu pegava comida no restaurante e tomava banho no CREAS, lá em Santa Cruz.

Então, o bairro você costumava ficar no município do Rio de Janeiro quando dormia na rua era Santa Cruz?

Era.

Você andava em grupo?

Não, sozinha.

Fazia todas as refeições do dia?

Café da manhã, eu tomava no mercado Prezunic, que lá eles dão, né? Na hora do almoço, eu pegava comida no restaurante e à noite sempre passava a turma da igreja distribuindo a quentinha. Aqui no Rio eles não falam marmitex, falam quentinha!

Faz um mês que você está aqui nesse abrigo e você já passou por outros abrigos daqui?

Não. Tentaram me levar, mas os outros abrigo, é mais prá quem é dependente químico, então não aceitava eu porque eu não uso droga.

Como era a sua rotina nas ruas de Santa Cruz?

Onde eu dormia, era perto de um ótica e de um cabeleireiro. Quando era seis e meia, eu já tinha que levantar, arrumar minhas coisas. Lá tinha um cantinho onde eu guardava as minhas coisas, meu cobertor, minhas roupa tudo. Tinha uma menina que tinha uma farmácia em frente, e quando eu saía para fazer reciclagem, ela ficava olhando as minhas coisas pra mim. Eu saía,

fazia minha reciclagem, tomava café, na hora do almoço comia mais alguma coisa e terminava a reciclagem lá por 5 hora da tarde, que é a hora que fecha o ferro-velho. Daí eu voltava para o lugar onde eu dormia e ficava ali, arrumava as minhas coisa e ia dormir. Era assim, todo dia. A bebida tinha que ter, senão eu não dormia.

Como avalia a qualidade do abrigo Irmã Dulce?

Aqui eu tô na paz. Aqui eu tenho paz, alegria. Uma paz que eu não sentia na rua. Aqui, as meninas são muito legais, as funcionárias também. Aqui é como se fosse uma família, praticamente. Não tem diferença nenhuma entre nós, que somos abrigadas e os funcionários. Somos todos iguais pra eles. Eu não tenho do que reclamar, aqui é só paz, minha filha.

E por que você não veio para cá antes?

Eu tentei. Quem arrumou aqui prá mim foi a Katiane, do CREAS de Santa Cruz. Ela arrumou a primeira vez, mas eu tava fazendo a reciclagem e ela não me achou. Quando ela me falou, eu já tinha perdido a vaga aqui. Na segunda vez, a mesma coisa. Na terceira, eu procurei ela e pedi pelo amor de Deus pra ela arrumar uma vaga prá mim porque eu não estava aguentando mais ficar na rua. Aí ela falou: “eu vou de novo correr atrás, Jane, mas vê se não some”. Na terceira vez, ela conseguiu. Eu falei: “não acredito”!. Minha filha, eu larguei meu saco de reciclagem lá na praça e desci, fui lá no CREAS. Aí eu fiquei lá esperando. Aí as menina daqui ligou prá ela dizendo que eu podia vir, daí eu cheguei aqui numa sexta-feira. Depois que eu cheguei aqui, minha filha, eu tô na paz.

Já sofreu algum tipo de preconceito quando morava na rua?

Muito. A pessoa tem nojo de olhar prá você. Você vai falar com a pessoa e ela faz cara de nojo ou corre de medo. Parece que você é um bicho, não é gente. Tem pessoas que não chega nem perto da gente, sabe? Com medo da gente roubar eles ou fazer alguma coisa. Já passei um mau bocado aqui no Rio.

Já foi impedida de entrar em algum estabelecimento?

Nunca.

Você se considera uma cidadã? Por que?

Com certeza. Desde quando a gente tenha uma identidade, um documento, você é uma cidadã em qualquer lugar onde você vá. Não é verdade?

Quais as principais dificuldades em se morar na rua?

Você conseguir um emprego, você poder se comunicar com as pessoas porque as pessoas têm preconceito, ignora a gente como se a gente não fosse ninguém. Isso dói, machuca bastante, mas, fazer o quê? A gente que tá nessa situação...

Já foi abordada pelo Choque de Ordem?

Nunca.

Qual foi a pior coisa que você já presenciou na rua?

Eu dava sorte, todos os lugares que eu tava, eu fazia amizade com as pessoas do comércio. Nunca vi coisa ruim, não.

Qual a diferença entre ser homem e ser mulher na rua?

Homem é difícil outras pessoa mexer. Mulher não mexe com homem que tá dormindo na rua, mas a gente que é mulher, já é mais perigoso. Às vezes você tá dormindo, você acorda com o cara mexendo em você.

O que fazer nessa situação?

Gritar e sair correndo.

Quem são esses caras que mexem?

Esses que vão para a gandaia no sábado e no domingo e fica chapadão. Nem sempre é morador de rua.

Já foi vítima de estupro?

Logo que eu cheguei em Santa Cruz, tentaram me estrupar. Eu tava dormindo, aí, era 5 horas da manhã, acordei sufocada com um cara tapando a minha boca. Ele tentando tirar minha roupa. Eu dei um chute por baixo nele e ele caiu. Como eu tenho pobrema no pé esquerdo, eu não consigo sair correndo, então eu saí engatinhando, ele me puxou. Eu ralei todo o meu joelho. Tem sinal até agora no meu joelho. Do lado, tinha o segurança que fica olhando as lojas. Ele viu e veio correndo e gritou: “o que tá acontecendo?”. E o cara saiu correndo. O que me livrou da morte foi esse segurança. Eu fiquei com o pescoço todo machucado. Minha boca ficou desse tamanho que ele machucou na hora que ele me atacou. Menina, eu peguei trauma de onde eu dormia. Eu não conseguia nem passar na frente.

Você fez denúncia do caso?

Fui na delegacia lá em Santa Cruz, mostrei o que o cara tinha feito e não fizeram nada. A lei não ajuda ninguém, não, minha fia. O cara continuou passeando lá na praça, normal. Fizeram alguma coisa? Não! Depois ele tentou estrupar outra menina, no mesmo lugar.

Existe alguma vantagem em viver nas ruas?

Nenhuma.

Nesse período que você viveu na rua, você arrumou algum companheiro?

Aqui em Santa Cruz arrumei o Luiz, mas não durou nem um mês, não foi aquela cooooisa, não porque ele também usa droga e eu tô correndo de homem que usa droga.

Vocês utilizavam preservativo nas relações?

Sim, sempre usei. Eu pegava no posto.

Quais as melhores lembranças que você tem de quando morava em uma casa?

Era quando meus menino era tudo pequenininho. Eu podia cuidar, eles tavam do meu lado, essa é a melhor lembrança que eu tenho.

Pertence a alguma religião?

Católica.

Participa de algum movimento, do Movimento Nacional da População de Rua?

Não.

O que você espera do futuro? Tem algum sonho que deseja realizar?

Tenho. Voltar a trabalhar e ter minha casa de novo. (Longo período de choro). [...]

Vamos para a segunda parte. O que você entende por jornalismo?

Serve para informações, pra gente ficar informado, saber o que acontece no mundo.

Você costuma se informar através de algum meio de comunicação?

Agora, sim, eu tô assistindo o Jornal Nacional, na Globo.

Com que frequência?

Todo dia.

Você já consumiu alguma notícia que tratava de população em situação de rua?

Não cheguei a ver, não.

Já foi entrevistada alguma vez?

Não.

Como você gostaria de ser representada numa notícia?

Bem vestida, arrumada. Queria mostrar a minha casa. Que eu venci, que a gente pode vencer, é só a gente querer. Só isso.

Na sua opinião, como a imprensa poderia colaborar para melhorar a qualidade de vida das pessoas que moram nas ruas?

A imprensa já faz demais, que é mostrar os morador de rua, a situação. Quem tem que cair na consciência, é os político e quem manda no País, né? Porque eles não tá nem aí com quem mora na rua. Se não for o presidente, os prefeito ou os deputado, quem vai fazer? Os jornalista não pode fazer nada. Eles já fazem a parte deles, agora os político tem que fazer a deles também.

SILVA, Núbia Cristina Laurinda Pereira da. [4 abr. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

Seu nome é Núbia né, você vai autorizar utilizar o seu nome real ou você quer um nome fictício?

Real.

Qual é a sua idade?

18.

Você já trabalhou?

Como assim? De carteira assinada?

É, profissão...

Não.

Já trabalhou do que?

Eu, quando eu ficava na rua eu ia no mercado, empacotava desde 9 ano; e o meu irmão, ele ficava no taxista ajudando os táxi botar as compra. Desde criança, sempre fiz esforço, aí, no Guanabara, eu queria trabalhar lá no jovens aprendizes, só que no meu caso é diferente porque, na época, eu usava droga e o dinheiro todo que eu arrumava, assim, dinheiro da comida eu dava pra minha mãe. Só que depois eu comecei a ir pra rua de novo e a usar crack e usar todos os tipo de droga.

Você estudou? Foi pra escola?

Assim, eu estou estudando agora à noite. Que eu não sabia muito escrever porque eu ficava no abrigo e quando me espancavam, eu fugia, então por isso que eu nunca soube nem ler nem escrever, mas eu já comecei estudar até a terceira série.

Está na terceira série então...

Estava porque agora eu voltei tudo desde a primeira série.

Cor?

Pardo.

Você nasceu onde?

Eu não sei te explicar muito porque a família da minha mãe é tudo de Minas e a família do meu pai é aqui do Rio.

Você não sabe onde você nasceu?

Eu fui nascida aqui no Rio e quando eu cresci mais um pouquinho eu fui pra Minas, eu tinha 4 anos.

E mora no Rio de Janeiro há quanto tempo?

Seu estado civil?

Namorando. Eu só gosto de mulher. Eu comecei a namorar com mulher eu tinha 12 anos.

Possui documentos, RG, CPF.. todos eles?

RG, CPF, carteira de trabalho, título de eleitor e comprovante de nascimento... tudo.

Possui filhos?

Não.

Tem família? Pai, mãe, irmão...

Como eu te falei, meu pai ele é morto desde quando eu era um bebê, então eu não cheguei a conhecer meu pai, então eu não cheguei a conhecer não. E a minha mãe, eu nunca se dei bem com ela, porque assim, na época que eu usava droga, fugia pra rua, depois ia prá casa, então eu agredia a minha família, fazia essas coisa por causa da droga. Então, ela me mandava pra rua. Mas, pelo outro lado, eu fazia muito merda né, eu era criança perturbada por causa dos poblema, então eu fui bastante complicada.

Por que você foi para o abrigo ainda criança?

Eu fui pro abrigo quando eu tinha 3 anos de idade, meu pai expulsou minha mãe; eu era um bebê ainda, meu pai expulsou a minha mãe da rua, da ponte, minha mãe ficou na rua comigo e com meu irmão e com minha outra irmãzinha. Então, ela encontrou uma mulher e a mulher ajudou ela, mas teve que deixar a gente no abrigo porque não ia ter condição de ficar comigo e mais meus dois irmão. Então, a gente ficou separado, minha outra irmã ficou em um abrigo e o meu irmão ficamos juntos. Só que deu um pobrema e eu comecei a roubar, fui crescendo e comecei a fazer um monte de coisa errada e o meu irmão até hoje, ele tá com 19 anos, trabalha, eu sei que ele tá estudando, a vida dele também tá um pouco complicada. Ele conversou comigo e disse: “ Núbia, é pra tu ver um quartinho pra mim e pra você que eu pago e tu sai dessa vida, tu vai ficar a vida toda só em abrigo? Desde criancinha em abrigo, não enjoa não? Não cansa não? Tu já

sofreu muito na mão dos outro por ter ficado em abrigo, entendeu?". Então, assim, eu tô aqui, ela, a diretora, eles tão tentando me ajudar, eu também tô fazendo força, tô tendo força e coragem porque eu quero seguir minha vida a diante. Eu vou lá pra ver meus irmão pra ver ela como ela tá, que ela tem problema de coração.

Você ainda tem contato com a sua mãe...

Eu não tenho o telefone dela, eu vou lá na casa dela, é um pouco complicado pra vim.

Ela mora com quem?

Ela casou agora, é o segundo casamento, com um cara que eu não lembro o nome dele, ele é padrasto dos meus irmão.

Com que frequência você vê a sua mãe, seu irmão...

Assim, quando eu tenho condição de ir lá visitar ela. A última vez que eu vi ela foi no Carnaval.

Agora você vai lá quando?

Eu vou ver quando eu vou ir, porque, assim, eu tô tendo escola, tô fazendo o projeto e fazendo CAPS e tem minha vida de estudos, então, assim, a última vez que eu vi ela foi no Carnaval, foi na segunda-feira. Terça-feira ela fez aniversário, então ela falou pra mim que não ia ficar em casa, ela ia entregar meu outro irmão pra outra vó e ia sair sem destino, era o aniversário dela, né? Aí eu não fui mais lá, ai to pensando essa semana em ir lá.

Quando você estava na rua, quanto que você ganhava, em média, por dia trabalhando?

Eu juntava dinheiro só que uma vez eu juntei tanto dinheiro e eu botei dentro da minha mochila e ai eu deixei com um amigo meu, só que o amigo meu tava dormindo e chegou a van da prefeitura e jogou tudo fora e meu dinheiro foi dentro da mochila. Ai depois disso que comecei a fazer prostituição, eu era novinha, eu era mais novinha...[Núbia escreve em um papel quanto ganhava quando era explorada sexualmente, mas prefere não verbalizar]. Eu tenho vergonha. Eu fazia 4 programas por dia, fazia 4; e depois eu pegava a metade do dinheiro eu guardava pra droga.

Com quantos anos isso?

Eu não me lembro, porque primeiro eu não fazia prostituição, mas eu fui estuprada, eu aprendi a fazer. Eles queria fazer estupro quando eu estava me drogando.

Você lembra quantos anos você tinha?

Quando eu fui estrupada? 10.

Estava na rua?

Não, eu estava fazendo um favor pra minha mãe que ela estava doente. Mas era só pra usar droga, só que ai eu descobri que uma amiga minha morreu com Aids fazendo programa... que tem cara que não gosta de usar camisinha... daí foi um baque em mim, fiquei uns 6 meses só. Daí foi que eu comecei a ficar com mulher. Mas quando eu fazia prostituição, eu tava sempre na batalha, eu pedia também, pedia muito pra sobreviver e foi assim que era a minha vida, entendeu? Agora eu não quero isso mais com a minha vida.

Você era uma criança, né? E os caras usavam preservativo?

Assim, quase todos, só um que não que eu pedi e ele não quis. Era mais homem sem ser casado, mas também pegava eles só pelo dinheiro.

Você já foi pega pela polícia alguma vez?

Quando era menor, fui presa quando eu tinha 16 pra 17 anos, fui presa duas vezes. Uma foi de "bucha".

O que é ser "bucha"?

De bucha é assim, fingindo: ta eu, a senhora, e mais um menor. Aí tem um menor pequeno roubando, aí foi pra cima de mim e falou que tava comigo com a senhora e com mais um menor e não estava, então o guarda acusou a mulher também confirmou, então quem foi de bucha quem não tinha roubado nada, foi eu a senhora e o garoto.

Você ficou quanto tempo?

Essa foi a primeira vez e eu fiquei só uma semana. A segunda eu rodei 157, à mão armada com faca.

Você foi...

Roubar. Aí, assim, eu tinha roubado já um cordão de ouro. Aí uma amiga minha foi também, eu fiquei atrás dela, ela puxou e a mulher não me viu, só que daí eu fiquei parada, eu estava tremendo, eu não conseguia correr, não corria muito; aí as polícia veio e ela viu que iam me prender, dai de longe ela olhou e "cadê a Núbia?", daí voltou e foi junto comigo. Ela ficou uma semana e eu fiquei um mês.

Onde você ficou?

Santos Dumont, lá é só pra meninas adolescentes.

E hospital psiquiátrico, você já foi internada?

Eu não cheguei a ser internada não. Eu me trato no CAPS. Mas uma vez a minha mãe me pegou e falou que eu ia ganhar presente, pegou... nem preciso falar... com ambulância e me amarrou e

me levou. Eu tentei fugir porque eu não era maluca, porque eu não era maluca mesmo! Daí a minha mãe disse “finge que tu não é nada, pô, porque se tu for, tu vai ficar ai internada”. E eu chorando... “me solta mãe, me solta mãe, me solta mãe” e nada e nada. Daí quando chegou lá, o cara olhou pra mim e falou: “você não vai ser internada não”.

Você tem alguma doença?

Aids, HIV? Não eu fiz exame e deu tudo negativo, dai eu fiz exame de sangue de novo pra ver qual é que é.

Você usava só o crack ou outras drogas?

Assim, eu comecei com maconha; aí depois eu fiquei passando mal. Depois foi o pó. Aí o pó foi comendo meu nariz todo, todo, cocaína, né? Aí foi comendo meu nariz e eu larguei também da cocaína, daí eu fiquei no loló. Loló é um negócio de droga.

Cola?

Não, tem cola e agora tem a loló é assim, parece água, mas não é água. Ele vem em uma garrafinha bem pequenininha que é branco, ai pega pica na garrafa e fica abafando. Só que se tu ficar usando ela, alguma coisa tu vai ter na cabeça aqui ou no chão, tu morre. Aí eu larguei também porque comecei a passar muito, muito mal. Todas as coisas que eu comia eu jogava fora, vomitava. Depois, eu comecei no tíner ai o tíner me deixava muito louca, muito louca, assim chapada. Eu via em você com quatro olho, cinco olho, eu ficava muito louca. Aí depois eu parei também com o tíner e comecei a experimentar o crack pra vê como é ... e foi me viciando. Com a pedra eu fazia uns cigarros e botava num copo de Guaravita ou num cachimbo, furava e fumava e ficava totalmente... e quando acaba eu queria mais, queria mais, queria mais, queria mais....

Quanto tempo? Com quantos anos você começou a fumar manconha?

Comecei a usar isso tudo com 10 anos.

E o crack foi o mais...

Foi o pior de todos, que eu me viciei mais.

Desde quanto você está sem usar?

Tem três meses. Tô limpa. Só tô tomando remédio, às vezes me dá um pouco de ansiedade, mas eu seguro.

E quanto tempo você ficou morando na rua entre fugir de um abrigo e outro?

Muito tempo, desde criança.

E na rua onde é que você comia, dormia e tomava banho?

Ah, eu tomava banho... eu ia na praia de Copacabana. Eu gosto de pagar um real pra tomar banho, eu paga e tomava banho com sabonete. Pra comer, eu pedia.

Você fazia todas as refeições?

Não. Quando eu usava droga não dava fome e nem sono. Fiquei um palito.

E dormia em qualquer lugar?

Não, eu lugar que não chove. Eu dormia em lugar que era bem escurinho. Qualquer lugar que não chovia.

E você passou por, você lembra os abrigos que você passou ao longo da sua vida?

O primeiro abrigo que eu passei foi um abrigo que eu não lembro o nome, depois fui para o Ayrton Senna, depois eu passei pelo Carioca, depois Taiguara, depois do Taiguara eu passei por casa do Catete, Barros de Oliveira e depois eu fui para os de adulto.

Quais de adulto?

Lá em... o grandão...

Antares? O que você achou desses abrigos?

O Antares é horrível, é do lado da boca de fumo. Tu vindo pra cá, já é do lado da boca, indo mais pro cantinho também é outra boca, indo mais lá prá frente é outra boca. Sem condições.

Mas e os outros abrigos? Como é que você avalia a qualidade, é boa?

Aqui tem regra, mas todo mundo sabe que eu já sei, mas eu gosto daqui. Quando eu cheguei aqui, eu não gostava, mas agora eu gosto. Representa muito apoio, muito carinho de todos... Fiz duas merda aqui quando eu cheguei, a diretora já me deu vário esporro, mas conversava comigo, entendeu? Só que um dia eu vô tê vitória, um dia eu vou aprender a ler e escrever, um dia ela vai me ver como uma guerreira tendo a minha casa, um dia ela vai me ver trabalhar... elas conversam, me dá apoio. Mas não adianta também só elas conversar e eu não fazer nada. Eu vou e corro atrás, tô seguindo a minha vida.

Qual era a sua rotina quando você morava na rua?

Assim, quando eu largava e não tinha dinheiro, não tinha nada e não fazia programa, na época, eu pegava, deitava na rua, acordava no outro dia. Às vezes, eu ficava 5 ou 6 dias sem dormir e quando eu acordava, acordava no outro dia.

Você sentiu algum tipo de preconceito quando você morava na rua?

Muito! Cracuda! Roubava de todo mundo. Também me chama de sapatona também. Ah, “vai trabalhá, porra!” “ vai trabalha porra! Vai se sustentar” começam a falar...

Você já foi impedida de entrar em algum lugar?

Ah, no mercado e no shopping. Estavam me seguindo, me seguindo e via que eu tava pedindo e me tirava.

Você se considera uma cidadã?

Eu consegui sobreviver nessa vida, o que eu passei e tô passando ate hoje, entendeu? Eu sou uma cidadã que eu to correndo atrás das coisas que eu sonho.

Quais são as principais dificuldades de morar na rua?

Eu não quero mais morar na rua. Passava fome, frio. Banheiro, eu entrava no bar, essa era uma dificuldade... cagava, às vezes, na rua.

Você já foi abordada pelo Choque de ordem?

Já, muitas. Você dormia ali e te acordavam e se você não saísse, eles te pegava. Aí, a gente entrava na van, esperava eles distrair enquanto que eles ia pegar as outra pessoas e abria a porta e ia embora.

Qual foi a pior coisa que você já presenciou quando você estava morando na rua?

Essa parte eu não posso fala não senhora. Não posso, não.

Qual a diferença entre ser homem e ser mulher na rua?

Na rua é ruim os dois, não tem nenhuma diferença.

O que é esse M tatuado aqui na sua mão?

É M de Marcelo, meu irmão mais velho. Tenho um M de Marcelo, N de Naiara e Núbia e S de Selma, minha mãe.

Existe alguma vantagem de morar na rua?

Não. Você não tem carinho de mãe, você não tem carinho de ninguém, você parece um mendingo jogado no lixo, ninguém te dá carinho, ninguém te dá nada. A rua só vai te mostrar droga, destruição, boca de fumo, o que vai te mostrar é isso. Mas se você fica em um abrigo correndo atrás das tuas coisas e vivendo, isso é coisa boa, é igual eu tô fazendo, isso é coisa boa, pessoas te ajudando, te dando aquele carinho e aquele apoio, como essa diretora que conversa contigo que tá ali, firme e briga...Sei que aqui vai ser bom pra mim, às vezes eu tô indo pra um lado, a gente briga, mas ela tá querendo o nosso bem aqui dentro. Então, desde que eu entrei aqui dentro, eu tô conseguindo a minha vitória, e tô conseguindo ir pra escola, tô conseguindo estudar, acabar de tirar meus documento todo.

E quais são as melhores lembranças tem de quando você morava em uma casa?

Eu queria morar na casa da diretora. Eu sabia que eu ia ter um carinho, eu sabia ia ter carinho e sabendo que um dia eu ia ter a vitória, ter estudo, ter trabalho, por isso que eu queria ser filha dela. Ela dá carinho, ajuda. Eu já morei na casa da minha avó, o melhor era quando eu tava com os meus irmão tudo do meu lado. Eles brincando, minha mãe rindo, se abraçando, chamando os filho, "vem sentar aqui com a gente, filha", isso era muito importante pra mim. (Choro)

Você tem alguma religião?

Universal

Hãm?

Você participa de algum movimento social?

Não.

O que você espera do futuro, Núbia?

O que eu espero do futuro? Espero que um dia eu saiba lê e escrevê, ter a minha casa e ter o carinho da minha mãe de volta e um trabalho.

Vamos para a segunda parte. Núbia, o que você entende por jornalismo?

Prá falar mais e explicar prá gente vê como tá as coisas na rua. Passa muito no noticiário pai matando o filho na porrada, isso não é normal. Fogo de ônibus, matando gente, matando crianças que não tem nada a ver com a história e outras coisas.

Onde você vê isso?

Jornal Nacional.

Você assiste ao jornal todos os dias?

Às vezes. Às vezes, vejo desenho.

Você se lembra de alguma notícia que tratava de população de rua?

Passou algumas vezes.

Você já foi entrevistada alguma vez?

Eu já passei duas vezes na televisão.

Por que?

Pra falar das droga. Era uma clínica de recuperação de Jacarepaguá, Casa Viva.

E você gostou do resultado?

Gostei, foi bom. Uhum.

Como você acha que essas notícias poderiam melhorar a qualidade de vida das pessoas que moram nas ruas?

Eles poderiam analisar mais, tirando mais pessoas das ruas e botando mais dentro de abrigo e as pessoas também querer, né?

Então tá bom, teminamos. Obrigada.

CASTRO, Maria Cristina Lucas de. [4 abr. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

Então, a entrevista é com a Maria Cristina de Souza de Castro, você vai autorizar utilizar o seu nome real ou você prefere um fictício.

Real.

Qual é a sua idade?

53.

Profissão?

Do lar.

Já trabalhou como alguma coisa?

Doméstica.

Era registrada?

Sim.

Você estudou até que série?

Até a 5º série, o antigo, né?

Cor?

Negra.

Local de nascimento?

Em Porciúncula, Rio de Janeiro.

Seu estado civil?

Solteira.

Você veio morar no Rio de Janeiro há quanto tempo?

Desde os 3 anos.

Antes você morava onde?

Em Porciúncula.

Como é que você veio parar aqui no Rio?

Vim com a minha mãe, ela veio ser empregada doméstica e ela trabalha nessa mesma casa até hoje. Eu vim pequenininha porque lá ela não tinha como me deixar, né? Que a minha vó não tinha condições de ficar comigo lá e ela me trouxe quando eu era pequena, né?

A sua mãe continua trabalhando?

Continua. Na mesma casa até hoje, com a mesma família.

Você possui todos os seus documentos?

Todos.

RG, CPF...

Todos, todos.

Você possui filhos?

Tive três. Um eu perdi e tenho duas moças que são mães.

Tem contato?

Não, não tenho tido contado com elas.

O que aconteceu?

Assim... devido os poblemas, né? Poblemas que eu causei com a minha vida, né? E nos separamos, que até então eu morava com a minha mãe e eu saí de casa, minha filha mais velha continua com a minha mãe – graças a Deus, casada – e a minha outra filha mora na mesma comunidade, e ela casadinha direitinho, tem o esposo dela, os filhos.

E o filho que você perdeu...

Eu perdi porque ele era muito leviano, não aceitava regras, nunca foi aceitar regras.Ele foi assassinado. Ele tinha acho que 15 anos. Pelo o que eu soube foi assalto.

Com as meninas você não conversa?

Daqui?

Com as suas filhas.

Não, é porque eu não tenho contato com elas, inclusive, agora, a minha filha mais velha teve neném teve um menina, mas eu não tenho contato eles, lá eu não vou.

E com a sua mãe, você tem contato?

Falo assim... por telefone, às vezes.

Com ela você tem um relacionamento bom?

Com certeza, com certeza.

Quantos anos tem a sua mãe?

Minha mãe fez agora em abril uns 80 e pouco.

E ela continua trabalhando?

Continua na mesma família, já é da casa, fui criada lá também, né?

Morava nessa casa?

Uhum.

Sua mãe não aceita você ir morar com ela?

Não, porque minha filha mais velha já mora com ela e ela acabou de ter neném agora e ela já tem um filho, graças a Deus tem um rapaz que a acolheu né, e eles tiveram uma filha agora há poucos dias, graças a Deus.

E você trabalhava de doméstica onde?

Nossa, eu já trabalhei em tantos lugares! Na minha adolescência eu trabalhava no mesmo prédio em que a gente morava, fazia biscate, né? Fazia uma faxina... Nas férias escolares eu fazia faxina na casa da vizinha em frente, que era muito amiga da minha mãe, e eu era muito amiga da filha dela, trabalhei como cozinheira aqui na Mangueira.

Quanto é você ganhava em média assim, você lembra?

Ah eu acho... eu ganhava a faxina assim, era faxina, R$40,00 R$50,00... Não! R$ 70,00, já tem tempo isso.

Faz quanto tempo que você não trabalha mais?

Há poucos meses eu estava em uma casa e uma amiga da Emília, a diretora, e ela até faleceu essa senhora, eu fui pra lá ajudar ela lá, ganhar um trocadinho, ela estava doente e ela acabou falecendo... Eu ganhava assim, uns R$100,00.

O que você fazia com o dinheiro?

Bom, eu não fazia muita coisa né, que no caso que eu precisasse assim. Roupa, roupa eu comprava assim uma pecinha, uma calcinha, aqui eu não tenho né, não tenho nem como comprar porque não daria pra mim comprar, né? Uma peça de roupa custa mais que 100,00 reais né e eu nem tinha condições e aqui graças a Deus a casa nos oferece, comida eu não preciso porque nós temos o alimento e graças a Deus é muito bom...

É boa a comida?

Nossa! Show de bola.

Você já foi presa alguma vez?

Nunca.

Ficou internada em hospital psiquiátrico?

Nunca.

Tem alguma doença?

Eu tenho problema de esquecimento, tenho que fazer um tratamento no IPUB [Instituto de Psquiatria da UFRJ]...

Você faz ou fez uso de álcool ou drogas?

Muitas vezes, muitas vezes! Álcool foi a primeira bebida

Você pode contar pra mim essa história?

Bem, esse caminho do álcool foi assim: foi pela minha avó. A minha avó ela era alcoólatra. Da minha vó pra lá todos foram alcoólatra.

E a sua mãe?

Minha mãe não. Ela tem pavor de álcool, devido a isso né, da mãe né, a avó, o pai os tios... pra lá tudo foram alcoólatras.

Você começou a beber com quantos anos?

Bom, que eu me lembre foi bem jovem, bem jovem. A minha vó me dava né, pra provar... assim com 8 anos e até menos, que ela dava na minha boquinha pra mim provar, né?

E de lá pra cá você não parou?

Não, assim... Quando eu vim pro Rio, ela colocou a minha mãe... minha mãe me teve muito nova, ela era um pouco levada e me teve eu acho com 14 por aí. E ela teve a mim, depois teve minha irmã, que minha vó pegou, e arrumou um emprego pra ela aqui no Rio que é nessa casa que ela tá até hoje e minha oura irmã ela deu. Não teve condições de criar e a minha mãe ficou por aqui mesmo, e quando ela voltou para rever a menina, minha vó já tinha dado a menina para outra pessoa...

Eu estudei em colégio de freiras, por causa do patrões da minha mãe, a tia dela era...Lá em Jacarepaguá, na estrada do Buiu, ela era freira a tia da patroa da minha mãe, e então ela administrava um colégio interno, né? Que hoje foi doado para pessoas que tem poblema com acho que com coisa de tuberculose, que usam morfina, essas muito graves, isso lá em Jacarepaguá.

E então o uso abusivo de álcool você teve a vida toda, mesmo quando você trabalhava...

Eu acho que desde a minha adolescência né, acho que na minha adolescência é que começou, quando eu saí de lá da escola de freira, né? E vim conviver com a minha mãe no emprego dela.

Até uma certa idade eu fiquei assim, como comum, como uma filha dentro de casa, bem família. Depois, eu fui trabalhar em uma fábrica que era só pra adolescentes, uma fábrica de roupas, estudava à noite e depois eu comecei a ganhar o mundo... amigas, sair, discoteca, barzinho, fui saindo do controle da minha mãe.

Aí você casou e teve as suas filhas?

Não, não casei.

Mas são do mesmo pai?

Não. São de pais diferentes todos os três.

E na época que você teve os seus filhos, você sofria desse problema de alcoolismo?

Bem, até que não. A primeira não, o alcoolismo foi após o meu último filho.

Que faleceu...

Que faleceu, é...

Depois do alcoolismo você já utilizou algum outro tipo de droga?

Usei, usei cocaína.

Com quantos anos você começou a usar outros tipos de droga?

Acho que com 17.

Com 17 você começou a cocaína.

Não, comecei a maconha.

E depois foi para a cocaína...

Anos depois, muitos anos depois...

E depois da cocaína?

Nada.

Então foram álcool, maconha e cocaína de droga, né?

Nossa, foi demais!

Faz quanto tempo que você não está usando, que você está em controle...

Nossa, tem muito tempo,

Você parou de usar essas substâncias?

Parei com certeza, totalmente. Limpa.

Como você decidiu parar?

Parei porque eu já estive aqui, acho que já é a quarta vez que eu passo por essa casa. Parei.

Como foi o tratamento?

É assim, aqui nos somos assistidas, portões fechados, aqui nós temos regulamentos, nós entramos para casa e ficamos 15 dias ou até menos, não me liguei ainda. A gente passa por um centro médico, né? A gente é avaliada pela psicóloga Maria Celina, que ela também é psicóloga de lá do IPUB, e após isso a gente é encaminhada pra lá, para as médicas de lá. De lá eles receitam... eles fazem entrevista conosco e dali eles passam a medicação e ali eles vão trabalhando a gente.

E como é que foi o tratamento?

No começo eu ficava 'meia' zonza por causa do meu organismo, né? Que foi limpando o meu organismo, aquelas coisas, aquelas bactérias horríveis foram tudo embora, graças a Deus, hoje estou limpa!

Faz quanto tempo?

Ah, não faço nem ideia.

Anos?

Sim, anos.

Teve recaída nesse meio tempo?

Tive, tive.

Como é que foi?

Ah, eu saía, que a gente depois de certo tempo a gente pode ir na rua, já é das regras da casa, você fica um mês dentro sem sair pra rua, acho que até é pra ser avaliada pela inspetora e pelos educadores, pra eles nos avaliar e depois eles nos liberam.

E aí quando você saía?

Aí, quando eu saía, eu ia catar, fazer reciclagem na rua que eu descobrir pra arrumar um trocadinho pra comprar o cigarro e o fumo né? Mas nessa, como eu já vinha lá de fora com o vício da bebida, eu bebia. Tinha recaídas, passei maus momentos em que me chamaram atenção, fui chamada a atenção várias vezes pela educadora e tomei muitas advertências, até que fui desligada da casa, porque eu cheguei com álcool e não deu pra esconder, né? Profissional é profissional, né? Fui desligada da casa, fui pra rua, fui embora.

Conta pra mim essa experiência em situação de rua. Você precisou ficar na rua por quê?

Assim, eu fiquei na rua não foi muito tempo porque eu conhecia um... eu conheci um rapaz fazendo reciclagem e aí eu passei a conviver com ele, ele me aceitou na casa dele como amigos, ele foi casado tem dois filhos, e eu convivi com ele um bom tempo, mas como amigos mesmo.

Como é que você foi parar na rua então?

Foi logo assim que eu saí de casa né, eu vim a conhecer ele muito tempo depois, muito tempo depois, que no dia foi terrível.

E você saiu de casa por quê?

Eu saí de casa assim... Surtei. Eu saí e vim pra Tijuca, vim atrás do meu filho porque ele tinha saído de casa, ele era muito rebelde, tanto que foi embora e eu nem me despedi. Só sei que ele foi assassinado. Fui atrás dele muitas vezes em vários lugares mas...

Ele era usuário de drogas?

Ele era usuário de drogas, passou a roubar.

Você tentou interná-lo?

Tentei. Ele foi preso, foi muito triste para família, porque eu fui muito bem criada, graças a Deus.

Você sabe em quanto tempo você ficou em situação de rua?

Não faço ideia, acho que um ano ou menos.

Onde que você dormia, comia e tomava banho?

Assim... comer eu comia no restaurante popular lá o Maracanã e tomava banho na praça, nas praças, no posto de gasolina, assim...

E dormia em qualquer lugar?

Dormia. Dormia na praça porque eu conhecia uma família lá mesmo, então a gente ficava tudo junto, eles até foram embora já, já faleceram.

Você ficava só na Tijuca ou ficava em algum outro bairro?

Na Tijuca e Maracanã.

Fazia todas as refeições por dia?

Jantar não, só almoçava e tomava café porque eu vendia reciclagem e no bar tomava um café, tomava banho e tomava café.

Você já passou em algum outro abrigo além do Irmã Dulce?

Não.

Como que está sendo a sua experiência aqui?

Nossa! A qualidade do serviço aqui é 10, nem tem como descrever, é 10. A Emília, nossa, ela como diretora, como ser humano, ela é maravilhosa, não tem palavras para... não tem palavras.

Quando você estava na rua porque você não ia dormir em albergue?

Porque eu não conhecia.

Como assim não conhecia? Não sabia que tinha?

Não, não... eu não eu sabia.

Como que era a sua rotina na rua?

Era acordar cedo, procurar um local pra tomar banho, catava reciclagem à noite, de manhã eu vendia reciclagem, eu tomava café com o dinheiro da reciclagem e depois ia almoçar lá no Maracanã e aí ficava com a tarde livre, fazia fiado, me davam cachaça e à noite eu ia reciclar de novo.

Quando você estava na rua, você chegou a sofrer algum tipo de preconceito?

Acho que preconceito a gente sofre todos os dias.

Exemplo?

Situação é o que... vamos supor que você está na fila de mercado ou você está andando na calçada, às vezes as pessoas ficam apavoradas, né? Já anda, já põe a bolsa pra cá, ainda mais se vê assim uma pessoa muito humilde. De preferência negra... já dá aquela olhada, né? Principalmente mulheres idosas, elas é que ficam mais com medo, aí dá aquela olhadinha, já põe a bolsa para frente, porque elas é que costumam sofrer mais violências nas ruas.

E aí você se sentia ofendida?

Eu me sentia assim... eu me sentia até natural porque é isso que acontece. Na vida é isso que acontece também, entendeu?

Já foi impedida de entrar em algum lugar, em algum estabelecimento?

Não.

Já entrou em algum estabelecimento e foi ignorada?

Não, assim... eu sempre andei arrumadinha, graças a Deus, não.

Você se considera uma cidadã?

Me considero uma cidadã, uma cidadã impossibilitada de trabalhar devido aos problemas psicológicos, ainda não estou preparada psicologicamente por causa da minha cabeça e, às vezes, dá um branco. Eu me esqueço onde coloco as coisas e tenho que voltar lá três ou quaro vezes pra cumprir aquela coisa e isso me deixa desesperada, mas aqui a gente tem essa possibilidade de estar sempre, todas nós, fazendo alguma coisa, né? Como se fosse uma casa comum. Cada uma faz uma coisa, lava um banheiro, estende uma roupa, tira a roupa da corda, só não temos assim... – como é que eu posso te dizer – só não temos como ir pra cozinha, isso não podemos.

Quais as principais dificuldades de se morar na rua?

A gente tá arriscado a sofrer violência sexual, né? Preconceito também.

Você já foi abordada pelo Choque de Ordem?

Não.

Qual foi a pior coisa que você presenciou na rua?

Que eu presenciei na rua? Foi uma senhora que era amiga minha. Ela foi embora, ela tinha casa, uma família grande e bonita, ela era usuária de álcool e ela morreu na rua. Ela morava no Morro do Macaco, eu cheguei a conhecer a família dela, às vezes ela ia em casa tomar banho e ver os filhos, mas ela era muito usuária de álcool. Ela foi uma, uma... Como é que eu vou falar... ela foi uma empregada do governo. Ela ia em casa às vezes, ela recebia uma pensãozinha, ela ia em casa recebia a pensãozinha, tomava banho, via os netos e as filhas e depois descia pra rua. Ela já tinha se acostumado já. Era a opção dela já... Inteligente! Muito inteligente!

Ela morreu do que?

Morreu de álcool.

Maria Cristina, qual a diferença entre ser homem e ser mulher na rua?

Eu não sei. Agora você me pegou! Eu acho que a mulher, a mulher na rua... sei lá! Aqui eu já vejo as coisas completamente diferentes de quando eu estava na rua. Aqui a gente não vê os perigos nada, né? Na rua sempre acha uma solução, mas eu acho que na rua... agora aqui dentro, eu digo que fui salva assim, eu fui salva pelo todo poderoso mesmo, porque é muito complicado. Das coisas que eu já passei, das coisas que eu já fiz na rua...

O que você já fez?

Nossa! De eu encontrar assim... fazer amizades com pessoas que eu nunca tinha visto na minha vida, né? Dormi ao lado delas, passar a ser amigos. Nossa! Eu fui muito louca.

Hoje você não faria isso?

Nossa, de maneira nenhuma.

Já foi vítima de estupro?

Não. Na rua não.

Fora da rua?

Foi só uma tentativa boba, foi do irmão do marido da patroa da minha mãe, do ex-patrão da minha mãe.

Mas já viu alguém sendo vítima de estupro?

Já e é horrível. Foi horrível.

Como que foi a situação?

Ah, ela estava completamente alcoolizada, já era muito tarde da noite e o rapaz passou pra lá, passou pra cá... ele não conhecia a vítima, ele só acordou ela, chamou ela pra usar uma droga né, daqui a pouco se escutou aqueles gritos e aquela falação alta, depois ele empurrado ela no chão e era em uma praça assim né... e ela acabou até se machucando porque ela caiu de mau jeito, foi complicado, teve que chamar o SAMU.

E não dava pra fazer nada pra ajudar?

Não dava, ele quando viu que a coisa ficou feia, todo mundo foi ajudar, né? Na hora o negócio é agredir ele, parar e agredir ele, mas não deu.. ele foi embora, graças a Deus.

Tem alguma solução pra esse tipo de problema que acontece na rua?

Não, o que eu acho que poderia acontecer é o trabalho, o trabalho social.

Como seria esse trabalho?

Assim, de pesquisas... eu acredito assim, não é só a prefeitura com o trabalho de recolher as pessoas da rua e levar para os abrigos. Eu escuto aqui das minhas amigas aqui, que vem de outros abrigos maiores, o que acontece nos abrigos... rola abuso sexual, rola droga, rola lesbianismo, entendeu? Tudo rola, então tem que ter alguma pesquisa pra se colocar ordem nos abrigos. Graças a Deus isso aqui é uma casa abençoada por Deus, é uma casa abençoada por Irmã Dulce.

Existe alguma vantagem de se morar na rua?

A única vantagem que tem infelizmente é que você aprende muita coisa. Muita coisa. Porque é assim, muitas pessoas acredito, que reclamam muito, tudo reclama – ai porque assim não está bom, aqui não está bom, porque hoje está chovendo, porque hoje está frio, porque eu só tenho isso pra comer, ah porque essa roupa eu não - e ai enche o armário de roupa e não usa, compra um monte de sapato, depois não usa e não doa e joga fora no lixo, porque quantas e quantas vezes eu já peguei roupa no lixo e me serve até hoje pra vestir, quantas e quantas vezes.

Atualmente, você continua fazendo tratamento para o alcoolismo e para o uso de outras drogas?

Continuo, continuo fazendo tratamento. Tomo remédio pra abstinência ...

E namorado, você tem?

Não. Muuuito tempo.

Quais as melhores lembranças que você tem de quando você morava em uma casa?

Nossa. De acordar e fazer o café da manhã... fazer o café da manhã, varre a porta de casa né, conversar com os vizinhos, dá bom dia e ai entrar e ter aquele prazer de ter alguma coisa para você fazer, né?. Pegar um cafezinho, eu como fumo – pegar um cigarro, varrer a porta, varrer, conversar com um vizinho que está saindo pra trabalhar, ver as crianças indo pra escola.

Você tem alguma religião?

Não.

Participa de algum movimento social?

Não.

O que você espera do futuro?

Não sei.

Tem algum sonho que você quer realizar?

Ah, sim! Grandes sonhos. Um emprego. Um emprego. Que eu possa ter um cantinho meu e viver a minha vida, trabalhar. Um emprego e um canto, só isso.

Agora a gente vai para a segunda parte, tá? O que a senhora entende por jornalismo?

Bom, outro dia aqui... a gente costuma ver muito jornal né, ainda mais essas notícias que são feitas na favela pra tirar os usuários de droga, é muito perigoso né, a gente vê aqueles câmeras em cima focando lá o que está acontecendo. É muito perigoso. O jornalismo é lega, é legal conversar com o público.

Você costuma se informar através de qual meio de comunicação?

Eu sou uma pessoa muito curiosa, sempre gosto de ver jornal. Ver jornal...

Qual?

Jornal Nacional que a gente vê aqui, eu gosto muito de vê Jô Soares, gosto de vê o RJTV, gosto muito de vê Globo Repórter muito. Gosto muito de vê, mas aqui a gente quase não vê.

Com que frequência você vê o Jornal Nacional?

Todos os dias.

Você consumiu alguma noticia que tratava de população em situação de rua?

Muitas. Muitas.

O que você achou?

Nossa, eu me senti assim... me senti muito mal, mas me senti assim privilegiada de estar aqui e estar sendo bem assistida, bem tratada, bem cuidada né, porque hoje em dia a prefeitura faz um trabalho muito bonito né. Eu acredito nesse trabalho que foi feito aqui.

Você acha que as matérias sobre o assunto correspondem à realidade?

Corresponde à realidade, com certeza.

Você já foi entrevistada alguma vez?

Acho que várias vezes aqui.

Por jornalista..

Já sim, já teve até uma matéria pro RJ TV.

É? Quando que foi essa matéria?

Nossa, tem muito tempo.

O que era o assunto?

O assunto foi a Casa de Irmã Dulce, tanto que eles tiraram foto e tudo...

Você gostou do resultado?

Amei. Amei...

Você mudaria alguma coisa na notícia?

Mudaria nada...

Na sua opinião, como é que a imprensa poderia colaborar para melhorar a qualidade de vida das pessoas que moram nas ruas?

Eu acho assim, assim, como as meninas aqui elas vem de um tal de um abrigão na Ilha do Governador né, então elas falam que eles recolhem das ruas e levam pra lá e é um abrigo muito grande, lá rola tudo quanto é tipo de coisa. Se rola drogas, se rola sexo entre homens com mulheres e mulheres com mulheres, entendeu? Acho que isso deveria ser pesquisado, mais mostrado a verdade que acontece, porque as reportagens que passa não mostra realmente o que acontece lá dentro. Porque as coisas que as meninas contam... acontecem coisas muito feias, muito ruins e não ajuda ninguém. A ajuda é como assim... Você está lá dentro e você pode sair e usar a sua droga e depois você entrar. Isso não existe, isso não é trabalho social.

O que você gostaria de ver em um trabalho de Comunicação relacionado a mulheres em situação de rua?

Mostrar que existe regras no abrigo, porque o trabalho em si só tem solução se houver regras né?

Então tá terminamos por aqui, muita obrigada.

CORREA, Cecília Celi da Silva Correa. [9 abr. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

A entrevista é com Cecília Celi da Silva Correa, vai autorizar usar o seu nome real ou você prefere um outro?

Não. Pode usar meu nome real.

Qual é a sua idade?

51, eu vou fazer 52 em junho.

Sexo feminino. Profissão?

Olha, eu já trabalhei em vários lugares, né? Trabalhei como operadora de caixa, trabalhei como balconista, quando eu era mais jovem e mais bonita eu trabalhei como recepcionista. Entendeno? Então eu já trabalhei em vários lugar, trabalhei como auxiliar de crédito...

Você estudou até que série?

Até segundo grau completo.

Sua cor?

É parto, é pardo.

Você nasceu onde?

No Rio de Janeiro.

Cidade?

Cidade e estado Rio de Janeiro.

Seu estado civil?

Solteira.

Você possui documentos?

Todos.

Sempre morou aqui no Rio?

Sempre morei no Rio de Janeiro.

Conta pra mim, Cecília, qual foi o motivo de você ter ido morar na rua?

Olha, eu perdi meu emprego, fiquei desempregada e não pude pagar o aluguel e a senhorinha não quis nem me dar um prazo maior pra mim arrumar um outro emprego e continuar pagando aluguel que era um quarto. Era ali no Parque Royal, na Ilha do Governador, aí eu fui despejada, despejada. Aí, eu fui pra rua pela primeira vez. Eu fiquei desnorteada porque eu tinha muitos

amigos, pedi ajuda dos amigos e não puderam me ajudar em moradia, me ajudavam em outras coisa, assim, como por exemplo, um prato de comida, um banho, lavar a minha roupa, mas moradia mesmo não quiseram me dar, aí eu fiquei nas ruas, fiquei nas ruas 4 anos e 7 meses.

Que ano que foi isso?

Foi no ano de 2001, final de 2001. Em outubro.

2001 até...

Até 2006 em março.

Você nunca foi casada?

Nunca fui casada.

Sempre morou sozinha?

Sempre morei sozinha.

E tem pai e mãe?

Eu sou órfã de pai e mãe. Quer dizer, eu fui registrada, mas eu fui criada em colégio interno. Nunca tive contato com pai e mãe, não. Meu pai morreu já, inclusive eu tô esperando a pensão dele, descobriram aqui dentro que eu tenho direito a uma pensão do meu pai, né? Com o laudo médico, é claro. Aí eu não fui criada com pai e mãe, nem com irmão, fui criada em colégio interno.

Desde bebê?

Não. Desde meus 4 anos de idade.

E antes?

Antes eu não me lembro. Antes eu devia estar com alguém né, ou com o pai, porque meu pai era casado e minha mãe não era casada com ele, minha mãe era a segunda mulher, era tipo uma amante dele, né?. Meu pai era casado, minha mãe não era casada com ele e eu não fiquei com a minha mãe ou com meu pai, mas olhando nos documentos, assim histórico, quem me internou foi o meu pai.

Ah tá. Todos esses empregos que você citou antes, você tinha carteira assinada?

Todos eles.

Atualmente você tem alguma renda?

Eu só tenho bolsa-família.

Quanto que é que você ganha?

72 reais por mês.

O que você faz com o dinheiro?

Olha eu pago a dentista. Pago a dentista.

Você já foi internada em alguma instituição, hospital psiquiátrico, foi presa?

Eu já fui internada, já tive crise, surtos, né? Eu não tinha nada, nem na rua, eu não tinha nada. Quando eu cheguei aqui, eu estranhei, aí eu surtei, eu surtei, fiquei desnorteada, eu não queria ficar presa em abrigo, eu só queria um quarto pra mim morar ou tá morando com meus amigos, né? Morar com um deles provisoriamente até eu arrumar um emprego e continuar pagando meu aluguel. Aí, quando eu cheguei aqui eu surtei. Tinha muita gente, muita gente, muita gente que fala palavrão, que xinga, que surta, aí dividia o quarto com outra pessoa, uma pessoa relaxada, não sabe limpar o quarto, é porca, aí eu surtei e eu fui internada.

Quanto tempo que você ficou internada?

Eu fiquei pouco tempo, eu fiquei dois meses só internada.

Qual o hospital que você ficou?

Ai, esqueci. Eu esqueci.

Presa você nunca foi?

Presa eu nunca fui.

Atualmente você sofre de alguma doença?

Olha, segundo a psiquiatra, eu tenho esquizofrenia, segundo a psiquiatra. Porque ela conversando comigo, ela entendeu que eu sou esquizofrênica.

E você, o que você acha disso?

Eu acho que eu não sou esquizofrênica. Nunca ouvi vozes, nunca sofri perseguição, mas segundo ela, eu sou esquizofrênica. Então, eu tomo uma injeção muito forte que ela disse que é pra mim organizar a minha mente. E eu fiquei esquizofrênica aqui dentro, antes eu não tinha nada. Antes da rua eu me virava e tudo, fiquei 4 anos e 7 meses nas ruas e me virava e tudo, nunca tive crise, nunca tive nada, isso que fiquei aqui dentro e ela disse que eu sou esquizofrênica.

E como que é o tratamento, é só essa injeção?

Não. É essa injeção e mais alguns remédios. Tem o escliridona, o clonazepan, que é o anti-ansiedade, que eu sinto uma ansiedade e uma angustia dentro de mim, tô há muito tempo aqui e eu quero sair e não posso, não tenho dinheiro pra arrumar um quarto pra mim. Emprego é difícil

pra mim agora, na situação que eu to... emprego é difícil, né? Quer dizer, eu tô tomando a injeção que é pra cabeça, que é pra funcionar bem a cabeça, e tomo respiridona, clonazepan.

Você fez ou faz o uso de álcool ou outras drogas?

Não. Nunca.

Nem no período que você estava morando na rua?

Nunca. Nunca.

Quando você estava na rua, onde você costumava ficar dormindo?

Olha, eu não tinha um ponto só fixo não pra não ficar manjada, já que eu fiquei muito tempo nas ruas, eu ficava em um lugar; aí eu em outro dia ficava em outro lugar, mas aqui na Ilha mesmo.

Tudo na Ilha do governador?

Tudo na Ilha do Governador. Aqui na ilha mesmo, mas em vários pontos, em vários lugares.

Onde é que você comia, dormia e tomava banho?

Isso os amigo deixava eu fazer e me dava comida.

Fome você nunca passou?

Nunca passei.

Já ficou sem tomar banho?

Não. Na rua eu fiquei limpinha.

Você fazia todas as refeições por dia?

Fazia.

E porque que nesses 4 anos e 7 meses você não procurou um abrigo antes?

Eu não queria vir pra um abrigo, eu não queria. Eu não queria ir pro abrigo, eu queria arrumar um emprego ou ficar na casa de alguns dos meus amigos, eu não queria ficar no abrigo. Eu não queria ficar no meio de tanta gente, eu não queria ficar... gente desconhecida, cheio de regras aqui dentro, não queria. Eu fui obrigada a vir pra cá, porque passou uma Kombi da prefeitura, me viu nas ruas e me entrevistou. Aí foi quando me levaram prá triagem e da triagem eu fui entrevistada, ai eu voltei pras ruas e nas ruas foram me buscar pra mim vim pra cá.

Você já veio direto para o abrigo da Ilha do Governador?

Sim.

E quais são as regras do abrigo? Que você disse que você não gosta, né?

É... por exemplo, tem muitas regras, eu tinha minha vida independente, agora eu tenho que acostumar a viver de acordo com as regras do abrigo. Por exemplo, o almoço onze horas da

manhã pra mim é muito cedo, ainda é manhã, nem é tarde ainda, é manha, né? Eu era acostumada almoçar meio dia, meio dia e meia, uma hora, eu tinha minha vida independente. Às vezes nem almoçava, lanchava. Tem que chegar às dez hora no abrigo. DEZ HORA! Eu não tinha hora pra chegar! Eu não tinha hora, eu podia chegar a hora que eu quisesse, se eu quisesse bater um papo com um amigo meu, conversar até mais tarde, dormir na casa dele até mais tarde, ficar até mais tarde, eu podia ficar. Aqui tem que chegar até dez hora, se não chegar até dez hora não entra, né? E outra coisa também é a televisão. Tem hora pra ver televisão. Só liga a televisão a partir do meio dia. Ah, eu gosto de ver o jornal da manhã, o Bom Dia Brasil, entendendo? Eu gosto de vê! Eu gosto de vê Jô Soares, que passa até mais tarde... Quer dizer, a minha vida independente eu não tenho, eu não tenho! Tenho que viver de acordo com as regra do abrigo.

Compreendo. Mas como você avalia a qualidade do abrigo?

Olha, diz que esse é um dos melhor abrigos que há. É um dos melhor que há. E eu acredito, porque a comida aqui é fresquinha, é feita todo dia, né? A comida é fresquinha, não é lá grandes coisa a comida, o sabor, porque depende dos mantimentos, então eles faz o que pode. Nunca é aquele sabooor, às vez falta alho, falta cebola, às vez é só com alho, mas é gostosinha a comida, dá pra sobreviver. Eles agora dão passeio pra ir no museu ver as coisas, que dizer, praia, eles dão passeio, eles arrumam as pessoas pra irem e levam pro passeio, quer dizer, isso aí faz bem né? Eu até admiro a preocupação deles com a gente nesse ponto, assim, eu admiro.

Qual que era a sua rotina quando você morava na rua?

A minha rotina não era fácil, eu perturbava os amigos. Eu acordava. Eu dormir toda coberta pra ninguém vim me incomodar. Acordava cedo e depois perturbava os amigos pra tomar café da manhã, cada dia um amigo diferente, que eu tinha... que foi pessoas que eu conheci, que eu mantive contato sempre, porque amigos mesmo eu não tive na hora ali que eu precisava que era de uma moradia. Mas, eu falo amigos porque no que puderam me ajudar, me ajudaram. Aí eu deixava as minhas coisa na casa de um... os pertences, eu só tinha uma bolsa, uns documentos, algumas roupa e uns sapatos e eu deixava lá, tomava banho, me penteava pra ver se eu conseguia um trabalho e deixava o endereços dos meus amigos e assim era, assim foi e voltava pra rua.

E você acordava fazia essa correria e que horas você ia dormir?

Eu dormir tarde, que a rua é muito barulhenta. Eu escolhia os lugar mais silencioso que não passasse ônibus pra mim ficar sossegada, eu gostava do silencio. Então, eu ia dormir muito tarde, porque dez hora tem muita gente na rua ainda, muita gente na rua, então ia dormir muito tarde.

Nesse período que você morou na rua você já sentiu algum tipo de preconceito?

Já.

Qual?

Ah, sofri preconceito. Bom, me xingavam quando passava. Tinha rapazes ou grupo de jovens que quando eu passava, jogavam pedra em mim. Uma vez jogaram um garfo, que parou aqui em mim, quase furou meu olho.

Como é que você reagia?

Ai, eu orava muito sabe. Foi um período muito triste da minha vida, muito triste, eu não sei porque os amigo nunca me aceitaram, eles tavam pensando que eu tava louca, eles não entenderam que eu perdi meu aluguel, que eu perdi meu emprego, eles achavam que eu tava louca, que eu tava na rua. É isso que eu não consigo entender. O preconceito também, houve preconceito.

Cada um já tinha a sua família...

Sim cada um já tinha a sua família e já tinha uma desculpa por não me aceitar dentro de casa.

Você já foi impedida de entrar em algum lugar?

Já.

O que fizeram?

Foi no super mercado, eu tava com muita bolsa e aí eu comecei a mudar, eu mudei. Eu coloquei uma faixa aqui, uma faixa, faixa, parecia o Rambo, aí eu coloquei uma faixa, eu tava com bolsas e eu fui impedida de entrar porque eles sabiam que eu não ia comprar nada não, não ia comprar mesmo, não ia comprar nada. Nada.

O que você foi fazer lá?

Eu ia no super mercado, aí eu via as bananas, eu pegava uma banana e comia, eu via uma maçã, eu pegava a maçã e comia. Aí já tava focalizado na câmera já que era eu que fazia isso, dai não deixaro eu entrar.

E o que você fez quando não deixaram você entrar?

Aí eu fui no banheiro, fui no banheiro lá de fora do mercado, é dentro mas não é onde se compra. Aí eu pensei, sabe de uma coisa? Vou tomar um banho aqui mesmo, olha a situação que eu tava já, eu ia tomar banho ali mesmo, nem ia ser na casa dos meu amigo, mas não podia tomar no banheiro do Extra, não podia. Fui, peguei um balde que tinha lá, enchi um balde água, aí comecei a jogar em mim, passar sabonete e aí foram chamar o segurança porque eu tava tomando banho,

joguei água e molhei o banheiro todo e aí eu vesti minha roupa rapidinho e chegou a segurança falando que tinha alguém tomando banho no banheiro e não podia. E era eu e aí me botaram pra fora.

Você já entrou em algum lugar e foi ignorada por estar cheia de bolsa?

Já, no restaurante, que até depois fechou. Foi em um restaurante que eu fui pedir um prato de comida, eu estava cansando dos meus amigos já e fui pedi um prato de comida no restaurante. Aí eu entrei e fui ignorada porque era um restaurante chique e eu não tava chique, eu tava com uma bermuda e com chinelo de dedo, na verdade eu estava limpa, não estava fedendo, né? Mas tava de bolsa e aí me ignoraram, me colocaram pra fora, me ignoraram.

Você se considera uma cidadã?

Cidadã é quem tem direitos né? De acordo com a lei né? Uma cidadã. Ates de eu falar isso deixa eu falar um pouquinho mais, tá? Tem momento da minha vida de rua que eu fui feliz, que tinha mercado que eu entrava, eu ouvia música, eu dançava, dançava, jogava a tristeza pro lado! Fiz várias amizades no mercado! Aí tinha um show do Roberto Carlos que era aqui no Parque do Flamengo, no aterro no Flamengo, fui no show do Roberto Carlos morando na rua heim! Cheia de bolsa! Fui e me diverti pra caramba! Dormi lá mesmo, dormi lá pelo Aterro do Flamengo mesmo. Isso morando em rua.

Essa foi a parte boa?

Foi a parte boa. Agora se eu me considero uma cidadã? Minha voz não é ativa, minha voz não é ativa. Tudo o que eu quero eu não consigo, eu não consigo!

Por quê?

Eu não gosto de dizer isso não, sabe? Eu tenho muita fé em Deus, acho que a gente passa por um período de provação. Mas eu me considero uma pessoa azarenta. Olha só, eu, eu pelo tratamento que eu tenho me tratado, eu tinha direito ao benefício, aí me mandaram pra perícia, a perícia não me deu o benefício, pelo menos já era um dinheirinho, mesmo que for um salário mínimo já era um dinheirinho, já dava pra se cuidar, cuidar do cabelo, cuidar das unhas, comprar uma roupinha melhor, alugar um quartinho, mas a perícia disse que eu não tenho nada. Que eu não tenho esquizofrenia e que eu tenho depressão e que era pra mim conversar com a minha psiquiatra, que eu sou uma pessoa que eu posso trabalhar e posso ir à luta. Quer dizer, não passei na perícia. Agora eu tô tentando a pensão do meu pai, tá difícil, tá difícil, tá demoraaaando, tá demorando muito. Eu não tenho voz, eu dependo da assistência social daqui, dependo do curador de lá que

eu só recebo essa pensão com o laudo médico, que eu sou interditada, com o laudo médico, tem que ter um curador pra mim, um tutor, que cuide do dinheiro pra mim. Eu não tenho voz...

Mas, Cecília, você se considera uma cidadã ou não e por quê?

Não, porque eu não tenho voz ativa, eu não me considero uma cidadã. Nas ruas, eu não consegui emprego. Nos Estados Unidos, nos Estado Unidos ... dizem... que lá morador de rua consegue emprego, consegue tudo. Eu passei 4 anos e 7 meses na rua e não consegui nada. É muito triste, eu não consegui nada.

Quais eram as principais dificuldades de se morar na rua?

A pior dificuldade de morar na rua é conseguir um lugar digno de morar na rua, ou seja, você tem que conseguir um lugar seguro na rua, e arrumar um lugar seguro na rua é difícil, é difícil, que você não seja incomodada. Isso é pra quem não tem amigos, porque eu tinha comida, banho, lavava a minha roupa, eu cheguei aqui limpa, já cheguei bem. Briguei com a diretora aqui dentro porque eu não queria dividir quarto com ninguém, por isso que não me internaram e colocaram eu no CAPS, que faz tratamento psiquiátrico... foi por isso, porque eu briguei com a diretora. Aí, conclusão, na rua você conseguir um lugar seguro é difícil, na rua... nas calçadas, eu consegui um prédio, uma sacada, um prédio de cobertura que tinha um canteiro e ali não passava ninguém, mas reclamavam que eu tava no canteiro.

E te tiraram de lá?

Chamaram a polícia.

E você já foi levada pelo Choque de Ordem?

Não. Nunca passei por isso.

Qual foi a pior coisa que você já presenciou na rua?

A pior coisa foi um mendigo, homem, né? Eu tava dormindo aqui, tinha um prédio, com cobertor, eu tava dormindo aqui e de repente eu levantei, porque eu fazia xixi, mas era assim, eu tinha um monte garrafas que eu enchia de água, escondia essas garrafas no meio das pranta da rua. Aí, quando eu ia dormir, eu pegava duas garrafa e levava comigo e eu fazia xixi e jogava água pra não feder. Aí, eu levantei pra fazer xixi e eu vi um mendigo, o mendigo se masturbando, foi horrível! Aí, eu chamei o morador do prédio pra chamar a policia que tava me incomodando ele ali se masturbando. Foi a pior coisa que eu vi na rua.

Cecília, qual é a diferença entre ser homem e ser mulher na rua?

Eu não sei dizer, que tem muita gente, Suzana...Isso ai é relativo, sabe por quê? Deixa eu ver se você entende. Tem muita gente que mora na rua, mas tem casa, tem família, abandona as suas coisas e mora na rua, tem gente assim e vai pra rua, no foi o meu caso não, eu estava sem família, sem moradia, sem nada. Então, eu via muito lá que os homens das ruas estavam bêbados, cheio de cachaça, eu acho que é isso a diferença, acho que o homem se envolve com cachaça, com drogas. mas eu não me misturava.

Andava sozinha?

Sempre sozinha.

Você já foi vítima de estupro?

Não, nunca.

Existe alguma vantagem de se viver na rua?

Suzana, vou dizer uma coisa pra você, no principio quando eu vim pra cá, eu queria voltar pra rua, eu não aguentava tanta gente ao meu redor, tanta informação, gente que não era bonita, gente feia! Eu não queria ficar aqui dentro, eu achava que na rua eu era mais feliz, agora eu penso diferente, eu penso que aqui eu sou mais feliz, eu tô mais segura, não feliz totalmente, mas estou mais segura porque eu tenho uma cama pra dormir, tenho uma comidinha pra comer, posso ver televisão, apesar de ter as regras, eu tô dentro das regras, quer dizer, aqui eu tô mais segura, sair daqui agora, só com segurança, pra sempre.

E namorado você já teve na rua?

Não. Eu tive antes da rua.

Nesses 4 anos e 7 meses você não teve nenhum relacionamento?

Nenhum relacionamento, eu estava cuidando da minha vida, eu queria sair da rua.

E depois que acabou o colégio?

Quando eu sai do colégio interno, eu fui morar em um pensionato, eu trabalhava e fui pagar pensionato, daí teve a Funabem... na época era assim...Funabem era a Fundação Nacional do Bem Estar do Menor, era pra menor de idade, me deu um enxoval de três meses, um enxoval pra mim ir pro pensionato, me deu roupa, me deu roupa de cama, lençol e pagou três meses de aluguel pra mim até eu me estabelecer na Sapácio, aí eu me estabeleci na Sapácio e eu continuei a pagar o pensionato e fui pro pensionato.

E depois? Quanto tempo você ficou no pensionato?

Eu fiquei pouco tempo no pensionato porque eu fui fazer um curso à noite, um curso técnico, aí eu fui fazer o curso, ai eu conheci no curso uma amiga que estudava História e queria que eu morasse com ela na casa dela, com a família dela, com ela. Aí foi quando eu fui morar com ela, ela conversou com o pai dela, aí o pai dela deixou e eu fui morar com ela e aí nós fazia o curso junto e morava junto e ai eu fui morar com ela lá no Rio Cumprido.

Quanto tempo você morou lá?

Ah, muito tempo! Fiquei lá até ela se casar, depois que tive que sair e arrumar um quarto pra mim ficar. Eu sempre trocava de quarto porque eu queria ter sempre um quarto melhor, até que eu fui pra Ilha do Governador, apesar de eu já ter morado na Ilha do Governador, porque o último colégio interno que eu estive era aqui onde é o abrigo agora, né? Eu morei muito tempo, ficava um ano, aí eu achava um mais barato e mudava...

Quais as melhores lembranças que você tem de quando você morava num cômodo que era seu, né? Alugado, mas era seu.

Ah, quando eu ia à praia. Eu gostava de ir à praia São Conrado, Barra da Tijuca, eu gostava de ir na Barra, no São Conrado, até no Aterro do Flamengo eu gostava de ir. Ia ao cinema.

Você pertence alguma religião?

Sou católica.

Participa de algum movimento social?

Não.

O que você espera do futuro?

Espero algo melhor, espero que melhore o meu futuro, que melhore mesmo, a esperança é a última que morre, né? Espero que eu saia daqui, que eu não passe a minha velhice aqui, eu não quero passar a minha velhice aqui de jeito nenhum, nem que eu tenha que ir pra um quartinho. Porque é assim, eu tô pra sair, então eu já falei pra alguns amigos pra me ajudarem com cama, móveis, guarda-roupa, fogão, aí eles disseram o seguinte: primeiro vamos esperar sair a pensão, Cecília, depois a gente vê isso. Então, eu já posso contar com eles pra montar o quarto já que eu perdi tudo, deixei tudo pra traz, eu tinha as coisa, mas eu perdi tudo, né? Então tenho que ter tudo de novo. Aí teve uma que já falou que tem uma cama pra mim, já tá lá guardada a cama, quer dizer, eu tô pensando em sair daqui e ter um futuro melhor, entendeu? Fazer novos amigos, é isso que eu espero, porque esse dinheiro que vai sair da pensão é um dinheiro fixo, eu não

perco esse dinheiro, não corro o risco de ficar desempregada, é pro resto da vida. Eu quero um futuro melhor pra mim, não passar a velhice aqui, passar em algum lugar menos aqui.

Você tem algum sonho que deseja realizar?

Um sonho? Eu só estou pensando em ter um futuro melhor, de não passar a velhice aqui, de ter a minha velhice em outro lugar , num cantinho com as minha coisinha.

Uhum. Agora a gente vai pra segunda parte da entrevista. Cecília, o que você entende sobre jornalismo?

Ah, o jornalismo ele passa informação para o público, ele dá mais informação, ele deixa as pessoas com a mente aberta, os acontecimentos, né?

Você costuma se informar através de algum meio de comunicação?

Eu ouço televisão, jornal Nacional, Jornal Hoje.

Todos os dias?

Eu não vejo todos os dias, não.

Com que frequência?

Todo dia eu não vejo, não. Às vezes eu leio jornal, que tem gente que compra jornal e vai passando, daí eu leio também.

Qual?

O Extra.

Você se lembra de alguma notícia que tratava de população em situação de rua?

Ah, me lembro! Estava relacionado com drogas, sempre com drogas, com o crack.

O que você achou?

Eu acho incrível... aí os cracudos, como chamam, a cracolandia, aqueles assim que eles falam de gente de rua, só vejo reportagem assim com gente de rua e com drogas, não sem drogas, só com drogas, você não vê gente sem droga, coisas com o Choque de Ordem... a informação que passa é essa, sempre com drogas.

O que você acha disso?

Eu acho isso um absurdo, tem gente que vive na rua porque perdeu o aluguel, o emprego, tem gente que vive na rua, mas não se droga, tá lá porque tá sem moradia mesmo.

Você alguma vez já se sentiu representada nas notícias que se tratava de população de rua?

Não, porque passa a informação assim com drogas e isso não tem nada a ver comigo. Eu andava, não ficava misturada, eu sou exceção, entendeu? Eu ficava ali com meus amigos conversando e quando chovia meus amigos abriam a porta e eu ia dormir dentro de casa. Isso quando chovia.

Você já foi entrevistada alguma vez?

Não. Eu que mandei uma carta pra Rede Globo, mandei uma carta pra Central Globo de Jornalismo, mandei, mas até hoje não deu em nada.

Falando o que?

Que eu precisava de um emprego.

O que você mudaria ou acrescentaria nessas matérias que tratam de população de rua e mulheres em situação de rua?

Eu acrescentaria que muitos têm moradia, tem família, que procurassem essas famílias para acolher essa gente, porque as vezes vem pra cá , Suzana , trazem gente de rua pra cá, mas tem família, tem casa, tem filho. Tem uma aqui que veio de Minas Gerais, abandonou casa, abandonou filhos e veio pra cá e ficou nas ruas, agora você vê, é isso que eu acho estranho. Essa gente tem casa, ficou na rua porque abandonou tudo. Eu não, eu não abandonei nada, eu tava na sem moradia, sem emprego, sem sorte, ninguém abria as portas mim é diferente!

Na sua opinião, como é que a imprensa poderia melhorar, colaborar para melhorar a qualidade de vida de quem vive nas ruas?

A imprensa? O jornalismo quando ataca, ele ataca mesmo, né? Até a gente vê na televisão quando os mendigo, os moradores de rua são pegos né, são pego à força, são colocado dentro do carro pra ser levado pra uma instituição. Eu não sei, mas às vezes também o jornalismo quer sensacionalismo né? E só passa aquilo, mas não é feito nada. Só passa aquela bomba, mas não é feito nada, só que tirou fulano de tal da rua, veio guarda municipal, ai pega, coloca dentro do carro e só fica nisso e quando chega na instituição só ganha um prato de comida, uma comida e uma banho e não é feito nada.

E, então, como é que a imprensa poderia colaborar para melhorar a qualidade de vida dessas pessoas?

Dando continuidade com o que foi feito com essa gente dentro do abrigo. Já deu o sensacionalismo? Agora o que foi feito com essa gente? Se realmente tão sendo tratado com dignidade, se realmente tão sendo tratado, se buscaram a família deles, se ficam com a família e essas coisas assim, devia dar continuidade porque só passe aquilo nas ruas, não passa mais nada.

O que você gostaria de ver em um trabalho de comunicação relacionado a mulheres em situação de rua?

Um trabalho de comunicação? Deixa eu ver. Com mulheres né?

É.

Bom, eu penso nas mulheres que tem filhos que moram em rua, que passam com seus filhos na rua, essas mulheres quando vêm pro abrigo, elas perdem a guarda dos filhos e os filhos são adotados. Eu acho isso muito triste, as mulheres, tem mulheres de rua que têm filhos ou estão grávidas e são mandadas pro abrigo, mas perdem a guarda da criança, perdem a guarda e depois a mulher fica no abrigo comendo e bebendo e só isso. Mas, por que não fazem alguma coisa pra ela, pra mulher, pra mãe ficar com os filhos? Fazer alguma coisa, não sei tem "minha casa, minha vida", negócio de sorteio de casa, tem tanto lugar pra se construírem uma casa pra dar pra muita gente, eu gostaria que as mães ficassem com seus filhos, que são retirados das mães e vão pra adoção, entendeu? É dessa parte de mães, mães solteiras que vêm pro abrigo com seus filhos, aqui tem, aqui tem, aqui tem, aqui tem. Que vêm pro abrigo com seus filhos ou vêm grávidas, aí na hora de ter filhos, elas são levadas pro lugar, aí depois de ter os filhos, tiram os filhos delas, tiram os filhos, tiram os filhos mandam pra adoção e ficam sem as crianças, sem vê. Como tem uma aqui que divide quarto comigo, ela tem seis filhos e ela está sem ver os filhos há muitos ano, nem sabe pra onde foram os filhos. Nem sabe.

A última pergunta, se você fosse jornalista qual matéria você gostaria de fazer, sobre a sua vida em situação de rua?

Sobre minha vida? Bom, como eu já disse pra você que eu mandei uma carta pra Central Globo de Jornalismo, que eu passei 4 anos e 7 meses da minha vida na rua, sem me envolver em droga, sem ficar suja, pedindo ajuda pras pessoas, vendo emprego, eu gostaria de fazer uma entrevista pra quem mora na rua pra dar otimismo, falando pra não ficar parado, pra continuar pedindo ajuda.

Muito obrigada.

COSTA, Cristina Maria da Silva. [9 abr. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

Entrevista com a Cristina Maria da Silva Costa, Cristina você vai autorizar a usar o seu nome real ou prefere um fictício?

Nome real.

Cristina, qual a sua idade?

50.

Profissão?

Doméstica.

Você estudou até que série?

Até o ginásio compreto.

A sua cor?

É parda.

Nasceu onde?

No Rio de Janeiro.

Cidade e estado?

Sim.

Estado cível?

Solteira.

Possui documentos?

Não, porque eu perdi.

Perdeu todos eles?

Todos. Até a certidão de nascimento.

Você já morou em alguma outra cidade antes do Rio?

Não.

Você tem filhos?

Não.

Nunca foi casada?

Já morei junto, mas casado no papel, não.

E pai e mãe você tem?

Tenho só pai, minha mãe faleceu.

Tem contato?

Não, porque nós estamos brigados.

Desde quando que você não fala com seu pai?

Há mais de dois anos.

Onde que ele mora?

Em Anchieta.

Anchieta é um bairro por aqui?

Não. É pra lá, depois do Deodoro.

Você não tem notícia dele?

Não, porque ele mesmo falou que não pode fazer nada por mim. Depois que você perde sua mãe, a sua irmã quer tomar conta de tudo e quando você quer voltar pra casa e você não consegue porque seu próprio pai diz pra você no portão que não pode fazer nada por você, a partir daí você tem que morar na rua porque você não tem onde morar.

Por que seu pai não aceitou você?

Porque minha irmã tomou conta de tudo, se apossou da casa que é minha e dela e do meu irmão, porque é herança da minha tia, que deixou pra minha mãe. Então, a casa não é dele, não foi ele que comprou, é minha, do meu irmão e da minha irmã, meu irmão é casado e mora em Campo Grande, é cristão e não se mete nesses negócio de família. Como é ela que faz tudo pro meu pai, ela recebe, meu pai tem derrame na vista porque bebia cachaça e bebia remédio, então deu problema na vista dele, então ele ficou submisso a ela. Ela maltrata ele e essas coisas toda e ele ficou igual um cachorro, tem que dizer assim. Aí ele falou pra mim no portão mesmo, nunca vi isso de um pai, eu sempre tratei ele bem, eu sei que eu respondi a ele, mas porque ele era grosseirão mesmo, é baiano, pessoas baiano são assim. Então, eu nunca vou procurar saber, eu sei notícia dele através dos meus vizinhos... mas eu procurar ele? Mais pra nada! Infelizmente.

Você já teve algum trabalho de carteira assinada?

Nunca.

Atualmente você tem alguma fonte de renda?

Nenhuma.

Seu ganho mensal...

É nada, né, zero.

Você já foi internada em hospital psiquiátrico?

Nunca.

E em presídio?

Nunca.

Você tem alguma doença?

Não, nenhuma.

Faz ou fez uso de álcool ou outras drogas?

Ah, de álcool já.

Quanto tempo?

Ah, durante uns dois meses que eu me separei do meu companheiro ai... eu gostava demais dele né, ai eu comecei a beber cachaça, álcool puro, tanto que eu emagreci mais de 15 quilo, por isso que eu to magrinha, meu corpo não é esse. Deu problema nas minha perna, porque o álcool por dentro ele queimou minhas pernas, parece queimadura de fogo, má não é não, é queimadura de álcool por dentro, daí meu corpo fraco, um mês sem se alimentar...meu corpo fraco o álcool coisou minha pele. Entendeu?

E agora?

Não. Só água e suco, não bebo, graças a Deus, e nem quero.

Como é que você conseguiu parar?

Eu consegui parar por vontade minha própria, os médico onde eu fiquei internada lá no Padre Anchieta... as pessoa falando pra mim que não era pra mim ligar pra esse negocio de homem, me amar mais. E quase que eu morri, porque eu tive cirrose, porque se eu não parasse de beber eu ia morrer mesmo por que eu fiquei um palito. Eu não conseguia mais comer a comida, a comida não entrava mais no meu estômago, só conseguia beber água eu fiquei muito mal mesmo, eu fiquei três dias internada tomando soro e tomando vitamina a ponto de meu corpo recuperar, né? Eu perdi muito potássio, muito mesmo.

E você ficou quanto tempo em situação de rua?

Ah, um ano e pouco.

Por que?

Porque eu fiquei 10 ano e pouco morando com essa pessoa né, e como a casa era dele, ele tinha costume de me bater e eu sair de casa e como não tinha lugar pra ficar, eu ficava na rua. Fiquei em Marechal Hermes, morei em Marechal Hermes e Anchieta, onde eu vivia com ele, mas eu ficava na praça, em uma praça chamada Granito, a casa era dele, mas a rua era minha, né?

Quando você era agredida pelo seu marido, você o denunciava na polícia?

Eu dei parte uma vez, mas ele me pediu, se joelhou pra mim não entregar ele né, porque ele ia preso com certeza, infelizmente né?

Você gostava muito dele?

Gostava dele né. Mas acabou, graças a Deus.

Acabou mesmo?

Com certeza.

E quando você morava na rua, onde é que você comia, dormia e tomava banho?

Eu dormia de baixo de coisa de mercado ou perto de hospital lá em Marechal e comia, assim, nesses lugar que eles davam, tomava banho nesses lugares que eles acolhe pessoas de rua né? Ai eu tomava banho ou então tomava banho nesses negócio de igreja e comia... aquelas pessoas que têm bondade no coração e levava comida, café, iam de carro e distribuía pros moradores de rua ou então nos restaurante, os restaurante também dava comida pra gente.

Você andava sozinha em grupo?

Eu só andava em duas pessoa ou três, mas só andei em duas pessoa só, no parque Anchieta foi sempre com três pessoas.

Você fazia todas as refeições por dia?

Não, porque eu bebia.

Não tinha vontade de comer?

Não, não tinha. Moça , eu acordava e não tomava café, era cachaça pura...

Mas isso foi durante dois meses ou mais?

Não, foi durante dois meses né, mas aí eu parava de beber e depois eu tinha recaída. Mas agora eu parei mesmo.

Antes de ir pra rua você já bebia?

Não. Eu bebia cerveja, mas socialmente.

E por que nesse 1 ano e pouco que você ficou na rua, você não foi pra nenhum abrigo?

Eu fui. Fui pra um abrigo chamado Irmã Dulce, não fiquei lá muito tempo porque tinha muita jovem, garota de 14 ou 15 anos, garota lébisca né, mulher com mulher e eu tenho 50 anos né, você entra num local e o que acontece? As meninas era mais antiga do que eu lá, então, queria que eu fizesse as coisas; aí começou o negócio de briga e essas coisa toda, daí que quis sair, depois foi prum, tipo um abrigo, mas era cristão, daquelas mulheres que usam roupa até aqui, sabe? De igreja cristão. Que fica lá em Senador Camará, acho que é. Fica até perto de uma

favela, eu até gostava de lá, mas outro pobrema também que era muito jovem, era só jovem e eu era a coroa.

E aí?

Ai começou impricancias né e tudo. Até quando eu quis me desligar de lá, a moça ainda pediu: “ah, não sai, não, que você não vai ter onde ficar”. Aí eu sai de lá e voltei pra rua por causa de garotas jovem com ciúmes, porque eu fazia as coisa, eu ajudava muito, então começou a tornar ciúme das coisa e elas não gostavam de fazer nada.

Como é que você avalia a qualidade de todos esses abrigos que você passou?

Ah sei lá, eu acho que abrigo foi feito assim pra você só... É um lugar pra você entrar e pra você conseguir assim, tipo no meu caso, tirar meus documento e arrumar um trabalho e sair. Porque tem pessoas que entra pro abrigo e não tem objetivo nenhum, porque são pessoas psiquiatras, pessoas com problema de medicação e ficam a vida toda, mais de 10 anos, e, de repente, até mora no lugar, então eu acho que abrigo é bom, sim, mas é por certo tempo da sua vida, não pra você morar, fazer moradia. Entendeu?

Mas a qualidade do abrigo?

Depende né, porque cada abrigo tem um sistema, o irmã Dulce eu adorei, entendeu? Porque elas eram maravilhosas, mas o meu problema foi as adolescente. Esse da Igreja Cristã gostei também, mas infelizmente foi o adolescente, porque adolescente não aceita conselho, não aceita nem de pai e mãe, não vai aceitar conselho de uma pessoa estranha como eu? Jamais, né? Então, meu problema foi adolescente. Mas também é um lugar bom, a única coisa que tinha de ruim desse lugar é que você não podia sair pra lugar nenhum, aonde nós ficávamos era na parte de cima e a igreja era embaixo, então tinha que ficar só ali. E outra coisa também, mão tinha assim muita doações como tem aqui e na irmã Dulce, então lá você tinha uma alimentação precária. Entendeu? Muito precária, então eu pensava assim: meu deus, como é uma igreja cristã? Eu achava que os cristão, como eu vi na rua, parava carro, da comida, sopa, café com pão e manteiga, então eu achava que nesse lugar e nessa igreja, como tinha muita muitos evangélicos orando, eu achava que eles tinha que fazer doação pra ali. Porque o pão era sem manteiga, era pão dormido... entendeu? Então, eu achava assim, sei lá. Era muito estranho.

E aqui?

Aqui é bom, são seis refeições, a comida é boa, entendeu? Não vou dizer que é a comida como se fosse a da sua casa né? Porque você tem tempero, tem horário pra você comer. A única coisa que

eu acho ruim é que nesses dois que eu passei também, os abrigos, é que se você faz a refeição, mas você não pode repetir.

Não pode?

Não. Eles não deixa você repetir, no Irmã Dulce eles não deixa você repetir, então isso é muito triste, porque você come e se você tá com fome, não pode repetir, porque isso aqui é o governo que manda, sai do bolso das pessoa. Eu não trabalho, mas eu sou fumante, então eu compro cigarro e pago imposto. Então, eu acho o cúmulo você tá com fome e você não ter o direito de você repetir uma refeição e não é só aqui não, nos outros também.

Com que dinheiro você compra o seu cigarro?

As pessoas que eu tenho conhecimento aqui, eu faço alguma coisa pra elas e elas me pegam, por isso que eu tô doida, eu já pedi até pra Paula pra agilizar as minha documentação porque eu tô doida pra trabalhar, eu trabalhava antes de diarista, eu tinha o meu dinheiro. É muito triste você ficar dependendo dos outro. É muito triste você tá em um lugar e ficar absorvendo os pobrema dos outro, de ver coisas que você não pode comentar, tem que guardar pra si, e outra coisa né, você fica parado no lugar e não tem nada pra fazer, isso é horrível.

Por que não pode comentar as coisas?

Ah, porque não pode comentar, vou comentar uma coisa daqui pra me desligarem daqui? Porque se você comentar alguma coisa séria daqui e cair no ouvido de um educador ou técnico ou diretoria e eles me tiram daqui, eu vou morar onde? Eu não tenho onde morar. Entendeu? É todo mundo tem que guardar , você escuta mas você é surda, muda e cega.

Como que era a sua rotina nas ruas?

Eu acordava de manhã, tinha o café né, que o pessoal dava, eu catava latinha pra comprar o cigarro, pra comprar desodorante..E depois ficava sentada conversando e procurava esses lugar que tem assistente social, que tinha lá em Marechal, pra ver também o negocio de documentação, ficava perto de uma igreja...

E os seus documentos, o que aconteceu?

Meus documentos... porque eu vivi com esse homem, alguns foram roubados dentro da casa dele mesmo e minha certidão de nascimento molhou e estragou, entendeu?

Você já sofreu algum tipo de preconceito por morar na rua?

Ah, já. As pessoas passa e fala mal de você por você mora na rua, é horrível.

O que eles comentam?

Ah, a pessoa te humilha né, pensa que você é ladrona, que você é drogada, principalmente com mulher é pior ainda, pensa que você é piranha, os homem quer abusar de você. É uma situação muito horrível, eu não quero isso nem pro meu inimigo. Acho que a pior coisa da vida é você chegar a morar em uma rua....Você chegar em um lugar pra pedir um real pra tomar um café, tem pessoas que davam né, mas tem pessoas que com dinheiro não dava. Ficavam te olhando como se você tivesse até um doença contagiosa, ah é morador de rua, vai roubar, é assim, essas coisa toda.

Já foi impedida de entrar em algum lugar?

Não, nunca.

Já entrou em algum lugar e foi ignorada?

Não, nunca. Também não.

E, Cristina, você se considera uma cidadã?

Considero, né?. Tenho que tirar meus documento porque você sem documento você não é ninguém né.

Você se considera uma cidadã porque você vai ter seus documentos, é isso?

Não. Eu me considero uma cidadã porque eu sou um ser humano, né?. Eu ando, eu falo, eu penso. Tenho as minhas opiniões, tenho meus defeitos e as minhas qualidade, sei ler e sei escrever, né?.

Quais são as maiores dificuldades de quem mora na rua?

Na hora que você vai fazer a higiene pessoal, tomar um banho, porque tem que procurar lugar e nem todo mundo dá; e na hora de dormir porque você não dorme na rua, você tira um cochilo, porque na rua você está sujeito a tudo, a ser estrupada, entendeu? Tem várias coisas. As pessoas passam e debocham de você e ficam rindo, pensa que você não quer trabalhar, porque ve você com saúde assim, né? Ah, porque tá na rua é porque quer, porque não quer trabalhar, essas coisas assim. É horrível, é uma coisa triste.

Você já foi levada da rua pelo Choque de Ordem?

Não.

Qual foi a pior coisa que você já presenciou na rua?

Por enquanto eu não presenciei nada, não, e nem quero.

Qual é a diferença em ser homem e ser mulher na rua?

É esse preconceito que eu tô te falando, né sobre estrupo. Quando você tá dormindo, chega homem pra fazer xixi perto de você e aí já te chama porque pensa que porque você tá na rua, tem que transar.

Você já foi vítima de estupro?

Não. Nunca e nem quero ser.

Alguém já tentou?

Já me cantou, ah, vamo namorar isso e aquilo, mas nunca...

Tem alguma vantagem de se morar na rua?

Nenhuma, né?

Você tinha namorado quando você morava na rua?

Nunca tive e nem quero ter. De maneia nenhuma.

Por que?

Porque eu não acho vantajoso. Você já tá em uma situação horrível e você ainda vai arrumar doenças pra você? Doenças como a aids, a sificili, aquela hepatite, aquela que é mais grave. Deus me livre, não tenho onde morar, não tenho onde comer, não tenho onde tomar um banho... sexo pra mim, sexo por sexo pra mim não existe.

Quais são as melhores lembranças que você tem de quando morava em uma casa?

Todas. Todas. Uma cama limpinha, comida, sossego... porque tudo na vida é paz. (Choro)

[...]

Cristina, você tem alguma religião?

Tenho a católica né? Porque a minha família é toda católica e agora eu to indo também na igreja Assembleia de Deus. É que só existe um Deus, Deus é tudo igual e tá em todo lugar, né? Que quando a gente vai pra igreja, a gente não vai procurar a igreja, a gente vai procurar Deus. A gente não vai olhar pro padre, a gente vai pra olhar pra Deus.

Você participa de algum movimento social?

Não.

O que você espera do futuro?

Coisas boas né, que todos tenham o mesmo direito, que tenha nesse mundo, que acabe com esse negócio de guerra né, principalmente do tráfico e que as criança possa ter um futuro melhor.

E pra você?

Ah, pra mim eu espero tudo bom. Que eu tenha o meu cantinho, que eu possa voltar a estudar, que eu possa ter um emprego digno, que eu possa me sustentar.

Você quer trabalhar com que?

Eu queria trabalhar de acompanhante, eu vou fazer até um curso, eu adoro pessoas idosas e ganha bem também. Eu tenho tanto amor por velhinhos, adoro, de vez em quanto eu vejo eles ali.

Agora nós vamos pra segunda parte. O que você entende por jornalismo?

Jornalismo é um meio de comunicação que, às vezes é bom e às vezes não é, né? Às vezes dá noticia verdadeira e às vezes não, né? Tem isso também.

Você costuma se informar através de qual meio de comunicação?

A televisão e o jornal, porque eu adoro lê.

Quais jornais e quais programas de televisão?

Ah jornal esses jornalzinhos que tem expresso, o Meia Hora, antes era o jornal mais caro que era O dia, O Globo. E televisão a Globo, mas a Globo assim, ela dá a notícia pela metade, agora a Band não, a Band ela dá aquela notícia inteira.

Qual jornal você assiste na Globo e na Band?

Ah, o jornal é o jornal das oito, né? Na Band é do Wagner Montes.

Com que frequência?

Ah, quando dá pra mim vê, eu tento ali, porque as vez fica muito tumulto, porque a televisão fica aqui no pátio, aí eu sento lá pra vê, mas eu gosto muito de saber das notícia.

Mas é quase todo dia?

É, é quase todo dia.

Você já viu alguma noticia que era sobre população em situação de rua?

Já.

O que você achou?

Muito triste. Principalmente das pessoas que não viciadas em droga, principalmente sobre o crack, muito triste.

Você se sentia representada nessas notícias?

Me sentia né, porque eu já morei né, então a gente se sente. Como se tivesse vivendo aquele fato ali, naquele momento.

Você concordou como foi tratado o assunto?

Algumas parte não, né? Porque tem parte que eles são muito violentos, eles tentam ajudar mas de um jeito muito grosso.

Como assim?

Ah, sei lá, agora aqui as pessoas vão pro abrigo se quiser né, mas antes não era assim, as pessoas eram forçada né. Então eu acho muito errado isso. Eu acho que o ser humano ele é livre pra ir e voltar.

Mas da forma como o assunto foi tratado, você concordou, discordou?

Ah, mais ou menos. Tem certas partes que não é legal, tem certas parte que...essa parte da violência que eles tem.

Você já foi entrevistada alguma vez?

Já, mas era negocio de política né.

Era matéria de política?

É, política, era época de votação, negócio de votar, apareceu até na televisão na Globo.

O que você falou?

Era até uma deputada, ela comigo lá com uns repórter, eu falei bem dela né, mas coitada ela não foi lá pra ficar né.

E como você imagina que sejam as noticias das pessoas que ficam na mesma situação que você?

Como eu imagino? Eu preferia que não tivesse né, seria tão bonito só ter matérias boas né, as pessoas assim mostrando felizes, todo mundo comendo, todo mundo podendo chegar e comprar um pão, comprar uma carne e não comer só ovo, seria tão bom assim.

Como é que a impressa e os meios de comunicação poderiam colaborar para melhorar a qualidade de vida de quem mora na rua?

Eu acho que eles não têm muito a fazer, não, porque eles tão ali é só pra mostrar as notícia. Quem poderia fazer mesmo é os deputado né, a presidente, eles lá os superior de Brasília. Porque o jornalista é uma profissão que escolheram, o objetivo é mostrar a matéria, que tem jornalista bons e tem aqueles também gostam de... invadir a privacidade dos outros, gostam de distorcer a matéria.

Se você fosse jornalista, qual matéria você gostaria de fazer sobre mulher em situação de rua?

Mulheres? Ah eu não gostaria de fazer essa matéria nunca. Jamais na minha vida. Craro que não. Eu tenho muito sentimento dentro de mim, não conseguiria.

E o que você gostaria de ver em um trabalho, uma tese de comunicação sobre mulheres em situação de rua?

Ah, sobre o que a gente passa né, sobre o que as pessoa passa, humilhação, te humilham. Sobre é... também é sobre a alimentação. Aquele mutirão que leva comida pra dar pros moradores de rua, coisa mais linda! Eu acho! Coisas de ser humano, ainda têm poucos que ainda ajudam, aqueles que têm muito nada fazem, infelizmente, né?

Então tá, obrigada.

Não! Brigada você!

SANTOS, Greicikely Silva. [9 abr. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

A entrevista é com a Greicikely Silva Santos, você vai querer usar seu nome real ou você prefere um fictício?

Pode ser o real.

Qual que é sua idade?

24 anos, faço 25 no domingo.

Profissão?

Nenhuma.

Nunca trabalhou?

Trabalhei de bico, mas nunca tive a oportunidade de trabalhar de carteira assinada, vou começar em nome de Jesus a fazer um curso de camareira.

Qual que é seu grau de escolaridade?

Oitava.

Sua cor é... ?

Negra.

Local de nascimento?

Rio de Janeiro.

Seu esta civil?

Solteira.

Você tem seus documentos?

Todos...

Já morou em alguma outra cidade além do Rio?

Não.

Tem filho?

Não.

Tem família?

Não.

Pai, mãe?

Pai eu tenho, mas...

Não tem contato nenhum com ninguém da sua família? Nem um laço familiar assim...?

Desde o momento que eu vivi de rua não.

Você tem alguma fonte de renda?

Não, não tenho, nada. Mas têm pessoas que tem né, bolsa, família, eu não tenho nada.

Como você faz para comprar as coisas?

O abrigo me dá.

Você já foi internada em uma instituição?

Nunca.

Você tem alguma doença?

Não.

Já fez ou faz uso de álcool ou outras drogas?

Não

Nunca?

Já bebi uma cerveja, mas não tenho problema...Alcoolismo, não, graças a Deus.

Conta pra mim, como é que você foi parar nessa situação de rua?

Bom, como eu te falei, eu nunca trabalhei de carteira assinada, então, num tem base, você não tem estrutura, uma hora tu faz uma coisa, outra hora tu faz... É como se fosse camelô, tem hora que tu tá vendendo, mas tem hora que num tem. Uma hora você tem muito trabalho, uma hora você num tem. E as conta num espera você pagá. Na época eu morei com meu pai, não deu certo, a mulher dele nunca me aceitô, dai eu morei cuma colega minha entendeu, um belo dia ela viro pra mim e falou: hoje você vai sai da minha casa.

Aí, um dia eu arrumei uma pessoa que me ajudasse uma noite, outro dia também. Até o dia que num deu e eu fiquei na rua, aí conheci um moço de um restaurante que falou pra mim: ó, tuas coisas, tu guarda aqui, pra você não perder né, porque a pessoa na rua vai perdendo. Aí ele guardou ali as minhas coisas e falou pra mim não ficar andando por ai, que eu não sabia o que me esperava na rua ... que eu nunca passei, entendeu? Que tem pessoas que tão na rua por opção, como os menino da rua mesmo me falou: Não fica na rua porque o problema é que se acostuma .
E eu não tenho esse ponto de vista, só quem tá lá sabe. Aí ele falou pra mim : Fica aqui, entendeu? Chamou um deles ali, um dos menino, disse: "a menina num tem pra onde ir". Ele também não podia levar pra casa dele, entendeu? Aí tinha um grupo ali de meninas de rua, meninas que eram viciada em crack, mas porém naquela rua ali não tinha roubo, perto dumas fábrica. Um grupo dormia; outro ficava tomando conta do outro que ia dormi, e era assim entendeu? Aí o moço do restaurante dava comida, entendeu? Aí eles arrumava o "biquinho" deles, ia lá no restaurante do Garotinho, almoçava e os pessoal da igreja se reunia, dava comida, dava preservativo, fome ali eu nunca passei.

Mas antes, você disse que morar com o seu pai não dava certo, mas antes de morar com o seu pai, você morava onde e com quem?

Minha mãe morreu tem 4 (quatro) anos, morei com a minha mãe.

As coisas desandaram depois que a sua mãe morreu?

Isso.

E irmão você tem?

Tenho uma de 4 (Quatro) e uma de 20 (Vinte) . A de 20 eu não vejo tem 2 (Dois) anos e a de 4 tem um tempo também que eu não vejo.

E onde é que elas moram?

Não sei.

Você não tem contato nenhum com suas irmãs?

Não.

Não existe a possibilidade de você morar com elas?

Não.

Não?

É que se não gosta da pessoa e mora... É uma situação... tipo "pisando em ovos" porque a pessoa pode supor, entendeu? E mora com a família amanhã... Porque se tá aqui dentro pensa assim: Se

tá aqui dentro é porque não tem ninguém pra ajudá, porque eu nunca me imaginei dentro de um abrigo e tô aqui. Se eu não andar com minhas própia perna... A casa dos outro não é bom pra ninguém, a pessoa tem que ter a sua vida. Depois da maioridade num tem essa.

Quanto tempo você ficou em situação de rua?

Bota aí uns 10 dias. Ai tinha um CRAS que a maioria das pessoa vem pra cá, vem pelo CREA... E ali eles ajudavam né, pra tomar uma banho, quem queria se interná na clínica pra se livrá das droga, eles conseguiam né. E eu virei pra assistente social e falei: Eu tô aqui na rua e num tenho vício. Foi imediato, ela me ajudou, ela me abraçou nessa causa.

Você dormia em qual bairro?

No bairro de Bonsucesso, dormia num daqueles barraco que o choque de ordem" costumava derrubá, eu dormia ali.

E tomava banho?

Num posto. Aí tinha um barraquinho ali, aquele barraquinho ali que fica em pé só pra mim dormi. Mas ali rolava prostituição...

Você vazia todas as refeições do dia?

Fazia o almoço, o café também tomava no Garotinho de 35 centavos, talvez eu nem acordava pra tomar um café, mas a janta que era meia... é porque o cara do restaurante fechava, entendeu? O restaurante também fechava três da tarde, a janta era meia incerta. Mas o cafezinho e o almoço...

Esse é o primeiro abrigo público que você passa?

É.

Como que você avalia a qualidade do abrigo? Qual que é sua rotina aqui dentro?

Ah é boa, porque eu olho mais pela visão espiritual entendeu? Se eu tive na rua no meio de onde né... Da onde eu tava e não fiquei muito tempo é porque Deus tinha um plano na minha vida, e se eu tô aqui é porque Deus me ajudou, as pessoas me ajudaram, ali não era o meu lugar mesmo porque tem pessoa lá que tá há 1 ano lá. Conheço pessoa com 19 ano, quando vê que... Quando vê que é Deus. A minha rotina aqui é normal, faço todas as refeições, durmo, já fui encaminhada prum curso.

Vai fazer curso de que? Camareira?

Camareira. Entendeu? Minha deficiência no momento é o dinheiro, porque a assistente social explicou pra mim que aqui eles até levam, mas ir buscar não, entendeu? Por exemplo, eu fui lá vê um emprego um dia, eu fui e vim a pé. Eu tenho que ter um dinheiro pra me locomover.

Qual que era a sua rotina na rua? Acordava, tomava café... O que você fazia o dia inteiro?

Ficava ali né. Tomando conta de algumas coisa que eu ainda levava comigo. Ficava tentando imaginar como sair dali, olhava pra tela do meu celular mas não conseguia...Ah, ali como é fábrica, os cara vinham descarregar o caminhão ou vinha trabalhar na fábrica, abordava. Que eles me achava diferente dos outros que tava ali.

Já sofreu alguma espécie de preconceito?

Não. Quando eu dizia que era da rua, ninguém acreditava.

Alguém já fez alguma piada por você tá morando na rua?

Eu me lembro de um táxi que parou e ficou olhando e tem os rapaz, como eu te falei, que ficam de guarda tomando conta na rua, nas fábrica. Dai um deles falou assim: fala moço, o que você quer? Dai ele ficou olhando pra mim e pra outra menina: O que tu quer rapá? Ele falou assim. "Você acha que se eu chamar você não vai?" Quer dizer, também tem o ponto de prostituição na frente e quem tá ali é todo mundo igual, ninguém vai dizer que eu não uso ou que não me prostituo se eu tô ali. Me direis com quem tu anda que me direis quem tu és, né?

Você já foi impedida de entrar em um estabelecimento por estar morando na rua?

Não. No restaurante eu ia lá dentro.

Você se considera uma cidadã?

Considero.

Por quê?

Porque eu sou.

O que faz de você uma cidadã?

Porque eu trabalhava, tinha uma vida ativa. Aqui eu tenho meus próprios projetos, meus planos de vida, entendeu? Vou segui minha vida, vou trabalhar. Contribuir com meu espaço que eu ocupo, eu não sou uma ameba! Não é porque tem pessoas que tá no mundo que vai vivendo e empurrando com a barriga, né? A gente tem que fazer cada dia valer a pena, porque se não de que vale a vida?

Quais são as principais dificuldades de se morar na rua?

É os perigos, eu já escutei gente que tava morando na rua do Recreio e eu não sei se é verdade por que não vi, é até uma usuária de crack, diz que ela acordou e tavam botando fogo na cabeça dela. Esses perigo que a gente vê no jornal, entendeu? De pessoas tacarem fogo no mendigo, espancar, estuprar. Passar fome, às vezes não ter o que comer.

Você já foi levada pelo Choque de Ordem?

Não, mas imagino que depois que eu sai da rua, devem ter passado por lá, porque eu fiquei na rua perto da Nova Holanda e lá foi ocupado pela UPP. Geralmente quando tem ocupação, o Choque de Ordem tá nas ruas, né?

Qual foi a pior situação que você presenciou na rua?

Eu presenciei no ponto de prostituição. Aquele ponto ali é só de homossexualismo, de sair no tapa. E no meu caso, o menino me deu espaço pra dormir, e quando chegava fim de semana, aquele espaço era ocupado pela prostituição. Às vezes eu quero dormir mais cedo, mas eu não vou dormir porque tem um casal ali, com uma menina que usa crack, entendeu?

Qual a diferença entre ser homem e ser mulher na rua?

Homem não precisa se esconder, entendeu? Homem vive de qualquer jeito lá, acho que assim na rua ele dá um jeito, ele sabe se defende. A mulher, a violência e o estupro na rua é frequente. Mulher é sensível, entendeu? Mas eu imagino que vai passando o tempo e você vai ficando mais arisca, sagaz. Se eu tivesse ficado mais tempo na rua e o Choque de Ordem passasse, eu não ia correr, eu não ia atravessar a Brasil como a gente vê na televisão, na ocupação Jacaré, de Manguinhos, aquela montoeira atravessando a avenida Brasil. Eu não faria isso, eu acho. Ia ser pega rápido também, entendeu? E ai você vai aprendendo, você vai cometendo delitos, arruma uma faca e um canivete e vai se protegendo do jeito que pode. Salve-se quem puder.

Você precisou cometer algum delito?

Não. Não precisei, mas acho que determinado tempo faz. É inevitável, não adianta você chega lá como a chapeuzinho vermelho e depois vira lobo mau, é automático.

Você já foi vítima de estupro?

Não nesse caso, mas quase. Foi por casa de uma carona que eu pedi... quando eu fui vê eu já tava quase na Av. Brasil aqui na Nova Iguaçu, e eu pulei do carro na Av. Brasil. O cara me deu um tapa e queria me estuprar.

Você chegou a pensar a voltar a viver na rua?

Não.

Existe alguma vantagem em se viver na rua?

Não, nenhuma. Nenhuma.

Você tem ou já teve algum problema de saúde?

Já tive tuberculose, mas não tem nada a ver com a rua. Nem com droga. Sou fumante, fumo cigarro, quero parar. Quando meu cigarro acabou, eu falei: Deus, quero ir na igreja, quero parar. Mas mesmo assim ainda fumo metade aqui outra ali. Eu queria tomar nojo, entendeu? Porque só assim. O cigarro mexe com o sistema nervoso, tem que ter muita determinação.

Quando você tava na rua, você teve algum namorado?

Não. Eu até ri com uma pessoa que me deu camisinha.

Quais são as melhores lembranças de que você tem quando você morava em uma casa?

Eu nunca senti que a minha casa fosse minha porque eu sempre tava com uma colega, ou aqui ou ali. Mas é um teto, você sabe que vai sair e tem pra onde voltar entendeu? Tá protegida do sereno, que na rua é assim... choveu e eu tava dormindo com a metade do meu corpo molhado, ai eu fui prum cantinho pra não molhar, daqui um pouco choveu tudo, molhou tudo, aliás, dai eu fui lá pro canto dos menino, mas eram só com homens entendeu?

Quais são as melhores lembranças de que você tem quando morava na rua?

Assim, o respeito. Porque eu sempre tive aquela coisa, como é que se fala, quando você se acha melhor ou diferente de uma pessoa? Quando eu tava no ponto de ônibus, eu tinha como voltar pra minha casa, vamo abreviar ai casa é morando com alguém, e que eu tava no ponto de ônibus e vinha alguém pedindo dinheiro, eu sempre tinha aquela “Ah que tá sujo, que vai me roubar”. Mas, na prática, não foi assim, mas tem muito, sim, ruins que roubam e estrupam, mas eu tive uma visão diferente do que eu pensava antes.

Qual é a sua religião?

Cristã.

Você participa de algum movimento social?

Não. Quem sabe um dia. Porque um dia eu vou voltar lá, eu vou voltar lá, no mesmo lugar onde eu dormi, eu vou voltar.

Pra quê?

Pra ver, o que progrediu e o que regrediu.

O que você espera do futuro?

Espero voltar trabalhar e tocar minha vida e ver essas pessoas que moraram comigo bem, tão bem quanto eu, ou melhor. Tá conversando, dialogando, trabalhando junto, cada um com a sua família. Eu tô aqui, mas eu penso lá fora, penso muito neles porque é uma historia que não tem como dá errado. Se eles quisessem, é claro, tem tudo ali pra dar certo. Se eu pudesse, eu queria

mudar aquela história, entendeu? Eu sentava com eles e queria escutar um pouco das história da vida deles. Eu queria que eles se dessem bem e se livrasse do vício.

Agora a gente vai pra segunda parte, tá? O que você entende por jornalismo?

O que eu posso te dizer? Importante.

Pra que você acha que serve o jornalismo?

É informação, é a notícia. Uma pessoa que não tem acesso a computador, como eu, se não vê um jornal fica por fora, né? Tem que tá interagindo com a notícia, entendeu?

Você costuma se informar através de qual meio de comunicação?

Na televisão.

Qual canal?

Aqui a gente vê muito a Globo.

Qual jornal da Globo?

Aquele das 7 e o Jornal Nacional. Esse agora de meio dia...

Com que frequência você assiste?

Ah, pouco... às vezes uma vez na semana, não sou muito de ver televisão, não.

Você já consumiu alguma noticia que era sobre população de rua?

Já, a do Jacaré, essa ocupação de Manguinhos.

Concordou ou discordou com a forma que ela foi mostrada?

Falando sobre o pessoal da rua? Agora você me pegou, porque eu não sei como funciona esse negócio de Choque de Ordem, diz que é a maior violência. Eu perguntei pra menina da rua, essa que eu peguei mais afinidade, e ela disse que era com agressão, era violência, não era bom. Era tratado igual um cachorro quando foge do canil, mas eu não sei, a vontade de pessoa de ficar na rua é tanta que ela odeia as coisas, entendeu?

Mas dessa noticia que você viu...

Mas eu acharia ideal sim, naquela visão, de tirar o pessoal da rua. Limpar a rua, botar um lugar onde tem espaço pra curso, lugar pra trabalho, onde a pessoa fosse tratado igual cidadão, eu acho ótimo. Mas as coisa são um pouco maquiada entendeu? Familiar não quer ver, igual essa noticia lá do Jacaré, a menina lá, grávida, e a repórter falando que ela não sabe nem de quem é pai. Do jeito que a pessoa coloca, a informação não bom. Podia ser uma irmã minha lá, entendeu?

Você já foi entrevistada alguma vez?

Não.

Como você imagina que deveriam ser as noticias sobre mulheres em situação de rua?

Não que eu critique a maneira que tá sendo, entendeu? Mas assim, em que respeitar quem não quer se expor.

Na sua opinião, como é que a imprensa pode colaborar pra melhorar a qualidade de vida das pessoas em situação de rua?

Ah, trabalhando, dando a voz. Eu não acho que a mídia, aparecer na televisão vai me resolver alguma coisa, porque o que tá acontecendo aqui no Rio de Janeiro em relação à droga tá escancarado. Pra mim tinha que fazer mais abrigo, entendeu? Tem profissional bem preparado pra tá ali auxiliando o melhor, nessa busca na rua, entendeu? Que não é puxando pelo braço que vai resolver porque a revolta faz com que a pessoa use mais e mais. Acho que teria que ter um preparo melhor de isso tudo ai, entendeu? Porque pelo o que eu sei, conversando com elas ali na rua, eles chegam tipo assim, vai lá e limpa. Sai tacando todo mundo na van, vai puxando e deu. Isso vai mudar? Vai tornando a pessoa um ex-morador de rua? Se ele tiver ali por vontade própria ou então adquirir um problema mental ao decorrer da vida, tem pessoas que esquecem até de onde veio, de onde mora... Tem isso também.

E o que você gostaria de ver em um trabalho de Comunicação sobre mulheres em situação de rua?

Acho que mostrar que a pessoa que faz esse trabalho com pessoas de rua tem que gostar do que tá fazendo né, porque não é só o lado profissional também né, tem que ter amor nas pessoas e no que ela faz. Quando vai alguém trabalhar lá, na busca, acho que falta amor, entendeu? São ser humanos. Não é na medida da força que você vai querer que a situação mude. Entendeu? Tem que ter preparo.

LOURDES, Maria de. [9 abr. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

A senhora vai autorizar usar o seu nome real ou prefere um fictício?

Eu prefiro esse mesmo.

Qual que é a idade da senhora?

Eu tenho 42 (Anos)

Profissão?

Profissão, não tenho nenhuma não, no momento eu não tô trabalhando.

A senhora estudou até que série?

Estudei até a quinta sério só.

Onde que a senhora nasceu?

Eu nasci em Volta Redonda, no estado do Rio de Janeiro.

Qual que é sua cor? Negra, né?

É.

Estado civil?

Solteira.

A senhora tem todos os seus documentos?

Tenho.

Mora no Rio há quanto tempo?

Já faz uns... Já faz uns 20 ou 30 anos.

Por que que a senhora veio morar no Rio?

Pra trabalho, eu trabalhava como empregada doméstica. Eu trabalhava como empregada doméstica, por isso que eu vim.

A senhora só morou em Volta Redonda no Rio de Janeiro?

Só.

...Tem filhos?

Não.

Nunca foi casada?

Não, nunca fui casada.

Tem alguém da família?

Ter eu tenho, mas não me dou muito bem com eles, não.

Quem?

Tem os meus irmão, mas não me dou muito bem com eles, não.

Eles moram aqui no Rio?

Moram em Volta Redonda.

A senhora já teve algum emprego de carteira assinada?

Já tive quando eu trabalhava de empregada doméstica.

A senhora morava em casa de família?

Morava em casa de família, trabalhava e morava perto da Lagoa Rodrigo de Freitas.

Quanto tempo a senhora trabalhou?

Ah.. Já faz um bom tempo... Já faz tempo, um bom tempo que eu trabalhei...

A senhora tem atualmente alguma fonte de renda?

No momento eu tenho a caderneta de poupança.

A senhora juntou um dinheiro?

Não, aqui que eles ajudaram pra mim aqui. A aposentadoria...Então, aqui eles arrumaram tudo pra min.

A senhora já foi presa alguma vez?

Não, (risos). De jeito nenhum!

Já foi internada em hospital psiquiátrico?

Também não.

Sofre de alguma doença?

Não, também não. Tenho saúde boa.

Já fez ou faz uso de álcool ou outras drogas?

Não...

Quanto tempo que a senhora ficou em situação de rua?

Ah, uns 5 ano que eu fiquei na rua.

Por quê?

É que eu tinha arrumado um emprego, então juntei um dinheiro e aluguei um apartamento em Copacabana né. Então o dinheiro acabou e aí eu fui pra rua.

Onde que a senhora comia, dormia e tomava banho quando estava na rua?

Eu ia na praia à noite.

Hum, a senhora dormia na praia?

Não, dormia na rua, mas em lugares assim que tinha teto sabe... Onde tinha proteção pra dormir, né?

E comia onde?

Eu catava latinha pra comprar um biscoito, às vezes comprava um biscoito, um suco.

E tomar banho?

Eu tomava banho na praia.

Tomava banho todos os dias?

Tomava um dia sim e um dia não.

Fazia todas as refeições?

Não, não fazia não.

Passava fome?

Passava fome.

Isso em Copacabana?

Uhum.

Por que a senhora não procurou um abrigo público?

Eu não tinha noção de abrigo, não sabia nem se existia abrigo.

Faz quanto tempo que a senhora está aqui nesse abrigo?

Aqui vai fazer 6 anos, 6 ou 7.

E o que a senhora acha daqui?

Aqui é ótimo, aqui é bom, as pessoas tratam a gente bem... Tem refeições nos horários certos.

Como que era sua rotina na rua?

Na rua é o seguinte, de manhã eu ficava sentada num lugar e aí à noite eu saia pra catar latinha. Saia pra catar latinha e às vezes eu encontrava um mercado e eles dava alguma coisinha pra gente comer.

A senhora já sofreu algum tipo de preconceito por estar morando na rua?

Ah, na rua eles não me deixava sossegada não.

Por que?

Ah, às vezes era criança né, ficava incomodando né, jogava pedra.

Já foi impedida de entrar em algum lugar por ser moradora de rua?

Não, não, eles deixava a gente entrar.

Já entrou em algum lugar e foi ignorada?

Não, não, esse lugar eu não frequentava não.

A senhora se considera uma cidadã?

Eu me considero uma cidadã normal, né...

Por que?

Porque sim...

O que faz da senhora uma cidadã?

...Aí agora você me pegou...

Quais são as principais dificuldade de morar na rua?

É ter a dificuldade de toma banho... Dificuldade de ter uma coisa assim pra comer, na hora que a gente tá com fome...

A senhora já foi abordada pelo Choque de Ordem?

Choque de Ordem, não, eu fui recolhida por uns polícia aqui, mas Choque de Ordem, não.

Qual que foi a pior coisa que a senhora presenciou na rua?

Foi chuva, deu um toró, aí eu tava na rua, ai me molhei um pouquinho e foi horrível, pra quem mora na rua esse negócio de chuva e morar na rua é horrível.

Qual que é a diferença de ser homem e ser mulher na rua?

Ih! Agora tu me pegou!

A senhora já foi vítima de estupro?

Ah, já fui vitima, sim.

O que aconteceu?

Aconteceu que eu tava lá no Aterro do Flamengo né, então eu tava dormindo e veio um rapaz, acho que ele tava armado. Ele sentou do lado, assim, e ficou do lado. Aí ele falou assim: "Encosta ali que eu vou te estuprar". Ai eu falei assim: "Nossa, você ta armado? Aí ele me estuprou"...

Quando que foi isso?

Isso já faz tempo já.

A senhora foi na delegacia?

Não, não procurei delegacia, não procurei nada.

Não ficou com medo de ele voltar?

Não, não fiquei, não. Ele só fez o negócio e foi embora!

Depois a senhora fez exame de saúde?

Não, não fiz exame, não.

Não ficou com medo de ter sido contaminada por alguma doença?

Não, ele era bem vestido.

Existe alguma vantagem de morar na rua?

Tem vantagem nenhuma, não, porque é muito ruim sabe... A gente passa muita necessidade.

A senhora tem ou teve algum problema de saúde?

Não, não tive não... Aqui eu tô passando bem, eu tomo remédio.

Por que a senhora toma remédio?

Assim... é remédio normal, normal pra pessoa se sentir bem.

E quando a senhora morou na rua, a senhora arrumou algum namorado?

Não (risos).

Nunca?

Eu tinha namorado quando eu tava trabalhando, né?

Quais as melhores da senhora de quando morava em uma casa?

Hum, deixa eu ver... Eu me lembro que eles [os patrões] fizeram uma festa surpresa pra mim, sabe?

E quais as melhores lembranças que a senhora tem de quando morava na rua?

Na rua é quando eu encontrava bastante latinha pra encher o saco plástico.

A senhora pertence alguma religião?

Não.

A senhora participa de algum movimento social?

Não.

O que a senhora espera do futuro?

Eu espero que eu consiga realizar minhas coisas né, ter uma casa e é isso ai...

O que a senhora entende por jornalismo?

É uma coisa que a gente se comunica né? É notícia.

A senhora costuma se informar através de algum meio de comunicação?

Não. Aqui tem televisão, mas já enjoei de ver tv. Antes eu via televisão demais, via tudo quanto é noticia, tava por dentro de tudo...

Qual jornal que a senhora assistia?

Jornal nacional.

Assistia todos os dias?

Todo dia.

A senhora se lembra de alguma noticia sobre população de rua?

Não.

Como que a senhora imagina que seja uma noticia sobre população de rua?

Uma noticia ruim, né?

Na opinião da senhora, como os meios de comunicação poderiam colaborar pra melhorar a qualidade de vida de quem mora na rua?

Acho que eles devia vir pra rua, pra ver como é, pra ver como é que as pessoa vivem né. Ajudar de uma forma assim, dando emprego.

SILVA, Ana Lucia Alves da. [9 abr. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

Entrevista com a Ana Lúcia Alves da Silva, você vai autorizar utilizar seu nome real ou prefere um fictício?

Não, pode usar meu nome real.

Qual é a sua idade?

34 anos.

Profissão?

Eu sou formada em técnico de enfermagem e tenho atas de vigilante.

Vigilante?

Isso.

Você estudou até que série?

Ensino médio completo.

É branca a sua cor?

Parda.

Local de nascimento?

Madureira. Maternidade Herculano Pinheiro.

Estado civil?

Solteira.

Você possui todos os seus documentos?

Sim.

A vida inteira você morou no Rio ou você morou em algum outro...

Sim, sim. Não, nunca morei em outra cidade.

Você tem filhos?

Não tenho.

Família?

Não.

Não tem ligação com...

Nenhum familiar...

Você foi criada onde?

Eu fui criada na Penha, no bairro da Penha.

Mas, tinha família antes ou você foi criada em abrigo?

Tinha, tinha.

O que aconteceu pra ter esse rompimento de você não ter mais agora?

Eu me casei, me separei e não tive condições mais de pagar as contas porque eu perdi meu trabalho, por isso que eu me encontro aqui.

E o seu contato com a família?

Não. Eu nunca tive muito e depois menos ainda. Depois do acontecido.

Depois que você foi pra rua?

Ninguém quis dar apoio ou ajudar. Quando precisei, que eu fui procurar, não quiseram ajudar, aí eu vim pra cá e vou tentar minha vida sozinha, eu e Deus.

Você já teve algum emprego formal? Com carteira assinada?

Sim, tive vários.

Onde você trabalhou?

Eu trabalhei como vigilante, eu trabalhei na empresa Franceslu, na GP, na Ruske, nas Americana...

Atualmente você tem alguma fonte de renda?

Eu vou passar a ter. O PPC.

O que é isso?

O PPC e uma renda que ele é dado como um auxílio-doença. Entendeu? Porque na verdade, na verdade, eu sou considerada como uma paciente psiquiátrica porque eu tomo três tipos de medicamento, que é o Fluoxetina, Carbolítio, e o... o Carbolítio que é o estabilizador de humor, fluoxetina que é o antidepressivo, e o... que é o... esqueci o nome.

Você já foi presa alguma vez?

Não.

Já foi internada em hospital psiquiátrico?

Já. O motivo é muito relativo. Eu respondo assim, dessa forma: foi um surto.

Você tem alguma doença atualmente?

A minha médica diz que eu tenho F1 35, que pela psiquiatria ele dá como bipolar.

Você fez ou faz uso de álcool ou outras drogas?

Nunca fui usuária de nada. Somente de cigarro.

Quanto tempo você ficou em situação de rua?

Eu nunca fiquei na rua.

Nunca precisou dormir na rua?

Nunca precisei dormir na rua. Quando aconteceu isso comigo, eu tenho CAPS, não sei se a senhora já ouviu falar...

É aquele centro de atenção psicossocial?

Isso. Eu fiquei internada lá, e a assistente social, junto com a minha psiquiatra procuraram um abrigo pra mim...

Este é a primeira vez que você fica em abrigo?

Sim. Sim, espero que seja a último, em nome de Jesus. Isso aqui não é nada bom.

Como que você avalia a qualidade desse abrigo?

Olha, eu vou dizer que é a pior da espécie que eu possa redigir pra senhora. Entendeu? Eu não tenho vergonha alguma em dizer que eu sou uma paciente psiquiátrica né, que eu faço uso dos meus medicamentos e que os meus medicamentos são necessários para que eu fique instabilizada né, meu metabolismo e psicologicamente, tanto que nós estamos conversando. Se a senhora não me pergunta, nem percebe. Mas, aqui, eu acho que... pelo o que eu leio no jornal revista que eu gosto de ler, que eu vejo em televisão, que eu conheço o meu governador, eu sei quem é, sei quem é a minha presidente, eu sei quem é o meu prefeito, eu sei quem é todas essas pessoas por esse meios né, então eu acho que eles deveria contribuir mais pra certas coisa aqui dentro. Eu pensava que um abrigo fosse uma necessidade que a pessoa tinha na vida e que existiria, sim psicólogo, assistente social, uma diretora, uma presidente.

Então, avaliando a qualidade do abrigo...

Avaliando a qualidade do abrigo eu acho que é a mais péssima possível. Engraçado, que quando eu cheguei aqui, tinha uma coisa que chamou a minha atenção que eu pensei que fosse pior, que foi a alimentação. Era até boa, hoje em dia... até foi trocado eu acho a nutricionista, não sei se foi por causa disso, porque passou a ser péssima, muito ruim. Eu sei que isso aqui é do governo, entendeu? Mas se você entra aqui pra você ser uma assistente social, você tem que trabalhar como assistente social entendeu? Então você tem que procurar vê, entendeu? As coisas que são necessárias. Tem gente que tá aqui dentro há meses e ainda não tem a identidade. Entende? Eu consegui um beneficio pra mim, sozinha. Entendeu? Porque eu cheguei em cima de dois

psicólogos e eu falei: “Não vou esperar, não!”. Eu sentei no PC, eu imprimi, entrei no site da receita federal, me agendei, conversei com o atendente, passou alguns dias conversei com a assistente social da receita federal, passou alguns dias, eu conversei com a perita e consegui o beneficio. Entendeu? Então, se eu consegui isso sozinha e eu não sou assistente social, entendeu? Eu não sou psicóloga, eu não sou diretora, eu não entendo nada aqui dentro, entendeu? Eu to falando pra senhora o que eu vejo, a minha visão, a minha observação, e eu penso assim, porque que o que eu obtive, tem gente aqui dentro que é pior do que eu e não tem. Fica catando bica no chão, porque é usuário de nicotina, isso é um problema meu, é um problema seu? Não.

Então, se trabalhasse, você poderia obter esse beneficio para esse usuário que você tem aqui dentro, entendeu? Eu posso apontar pra senhora, se a senhora quiser passear comigo, porque eu conheço tudo aqui dentro, eu posso apontar pra senhora que a senhora vai olhar e vai falar assim: “realmente, se se sentar na mesa da perita, a perita não vai negar”. E vai ser um beneficio, entendeu? Pra ter uma roupa, não precisar andar às vezes sujo, rasgado, muitas você passa perto do usuário, ele não tem um bom metabolismo, não tem uma psicologia boa, então ele tá fedendo, por exemplo. Isso acontece no almoço, então, é desagradável pra gente. Eu entrei mais no processo do beneficio do PPC sabendo que eu sou uma paciente psiquiátrica, não foi porque eu quis, foi porque eu quero sair daqui, não dá pra conviver aqui dentro.

Você está aqui há quanto tempo?

Desde... antes do Ano novo, depois do Natal. Eu coloquei 80 currículos na rua, eu não recebi nenhuma ligação.

De quanto que é o beneficio?

De 1 salário mínimo.

O que você faz com esse dinheiro?

Na poupança. Eu guardo. Entendeu? Então, eu acho, assim, esse beneficio do auxílio-doença, por exemplo, tem muita gente aqui dentro, não sei se a senhora já percebeu, eu vou embora, mas tem muita gente aqui dentro que não tem condições de ir embora, nem com o PPC.

Por que?

Porque não tem condições de viver sozinha. Então, eles precisa de alguém assim, para viver com eles, entendeu? E não tem quem viver com eles, então, se não for nesse abrigo, vai ser em outro abrigo, então eu acho que esse benefício vai ser de grande valor se todos eles tivessem, entendeu? Aqui é muito desorganizado. Eu acho. É muito desorganizado.

Você se considera atualmente uma cidadã?

Sim, com certeza, eu tenho carteira de trabalho, eu tenho cpf, eu tenho identidade, eu tenho título de eleitor, eu estava até pensando nas eleições (risos).

Morar na rua você nunca precisou, nem morar e nem dormir?

Não, graças a Deus.

Já foi vítima de estupro?

Não. Graças a deus. Por isso que eu não vou pra rua. E se fosse perguntar pra mim, se é por isso que eu não vou pra rua, é porque simplesmente eu vou dizer pra senhora que não é legal. Hoje eu entendo o porquê que muitas pessoas vivem na rua. E não sei se a senhora já ouviu essa frase "não adianta fazer nada por essa pessoa, não, porque se levar pro abrigo não fica", entendeu? Como eu vi já várias pessoas entrando aqui e saindo, mas é por causa disso. Eu tenho certeza que é por causa disso. Eu tenho certeza. É que eu acho que não tem ninguém que não gostaria de ser bem tratado. Entendeu?

O que poderia ser melhorado nesse abrigo?

O que eu disse, sobre esse benefício que existe no governo, entendeu? No nosso governo e que ele se chama PPC, entendeu? É o auxílio-doença, entendeu? Então, assim, eu vou dizer pra senhora que aqui dentro, 90% dos usuários são pacientes que traz um doença e a maioria a psiquiatra. Eu acho que se eles trabalhassem em cima disso, seria muito bom, entendeu? Seria bom. Eu sei que teria que ter mais funcionários, às vezes eu escuto eles mesmo falar, porque nós temos 4 psicólogas e dois psicólogos, então nós temos 6. Cada um tem 30 usuários, que somos em cento e alguma coisa. Mas eu acredito que se você trabalhar de segunda a sexta, de 10 ou de 8 ou até as 5 da tarde ou até as 19h, eu acho que jogar esse projeto, ter isso como projeto para o usuário, em beneficio do usuário, já que você tá aqui, que você assina o ponto, que você vem pra trabalhar. O pessoal aqui nem sabe o que é o PPC. Se você perguntar, você sabe o que é o PPC? Ela vai falar não e você vai ver que ela é uma paciente totalmente psiquiátrica. Só o que acontece... só que ela sai como eu saio, e sabe que tem que entrar em 22h, vocêe tá entendendo? Então, assim, tem muita, muita gente que eu acho que se eles trabalhassem com esse beneficio ia ajudar bastante muita coisa, entendeu? Poder olhar pra você e dizer assim: "todo mês você vai poder ter isso! Quando você tiver vontade!". Entendeu? Às vezes eles saem, por exemplo, a Andrea, você sabe quem é? E a Fabiana? Elas têm beneficio, elas têm PPC, então eles [os funcionários do abrigo] pega ela, vai ao Mc Donald's de vez em quando, saem. Essa semana

mesmo, eles saíram com ela, com a Andrea, e compraram rádio pra ela, entendeu? Então, assim, isso faz com que ela queira ficar aqui dentro, ela queira obter o tratamento também, entendeu? Porque aqui é mais pacientes psiquiátricos do que mais pessoas que necessitam de um tempo pra ficar no lugar pra poder estabilizar a própria vida.

Quais são as melhores lembranças que você tem de quanto você morava na sua casa? Do que você sente mais falta?

Eu acho que o sossego.

Você tem alguma religião?

Não, eu creio só em Deus e Senhor Jesus.

O que você espera do futuro?

Eu espero sair daqui, usar esse beneficio pra me levantar, pra ficar longe, porque o que os olhos não vê, o coração não sente. Entendeu? Não sei se a senhora me entendeu. Ficar longe daqui, entendeu? Por que aqui não é um bom lugar. Não é. Eu acho que se você conhece cultura e qualidade, aqui dentro você nunca vai conseguir de estabilizar, sabe? Nunca. E talvez isso seja o meu caso. Assim, te as minhas próprias coisa, poder mexer onde eu quero mexer, não ter controle, entendeu? De nada. As minhas medicações nunca me impediram de ser uma pessoa normal, que eu não conversasse... que... eu não quisesse ler um livro, eu gosto de ler, sair, namorar, entendeu? E aqui dentro você não vive nada disso. Você não vive cultura, você não vive... tem hora pra ligar a televisão, tem hora pra desligar, tem uma parte do jornal que você está vendo que é a parte que você... você tá lá , você tá vendo e você não quer deixar de ver aquela parte e o educador vai lá tum na tomada, porque tá na hora do lanche, tá na hora café, tá na hora do café, tá na hora da janta, não importa... Você tem que olhar prá aquilo e tem que respeitar. Você sendo uma pessoa normal, você olha prá aquilo assim e você se sente mal, porque você nunca passou por isso antes, entendeu? Se você nunca passou por isso e depois ter que passar, você se sente muito mal. Foi o meu caso, né?

Ana, a gente vai passar agora para a outra parte. Você não passou por situação de rua, mas você convive diariamente com pessoas com esse perfil, então você pode me responder com base nas suas experiências, ok? Que você entende por jornalismo?

Jornalismo? Pesquisa, fundamento.

Você costuma se informar através de algum meio de comunicação?

Eu gosto do jornal.

Qual jornal?

Extra, Meia Hora, O Dia...

Com que frequência?

Ultimamente, aqui dentro, eu leio quase todos os dias.

Você compra o jornal?

Compro.

Você se lembra de alguma notícia que tratava de população em situação de rua?

Eu tava lendo hoje de um bloco que vai ser formado de casas feitas de madeiras, realmente pra essa população. Tava no Meia Hora, tava logo de frente assim, na primeira página, é mais de 15 mil habitantes...

O que você acha dessas notícias que saem sobre população em situação de rua?

Ah, horrível. Horrível.

Por que?

Porque eu acho que nós, independente de classe social, independente de cultura, eu acho que nós somos seres humanos, então eu acho que isso não deveria existir porque eu acho que nós vivemos em um país que pode fazer diferenças de várias coisas, entendeu? Nós somos os donos do café, ninguém exporta café como nós. Nós somos os donos da nicotina, na Alemanha, o maço de cigarro é 21 reais, aqui o mais barato você compra por 3,50; lá o mais barato é 21 reais. O que eu to querendo dizer à senhora é o seguinte: é que eu não estou aqui dentro de graça, eu tenho essa consciência, porque em uma caixa de fósforo que eu compro, eu tô pagando a minha moradia aqui dentro. Ninguém pode me botar daqui pra fora desde que eu não faça nada de errado, entendeu? Porque isso aqui é uma coisa que foi feita realmente pra isso, por mais que não tenha uma boa administração. Como eu disse pra psicóloga, eu falei pra Paula, eu agradeço muito, muito, muito, muito, muito o Rio, pro governador, porque foi um acolhimento que eu tive, entendeu? Primeiramente a Deus é claro, pela fé, mas isso aqui, a administração disso aqui, é horrível. Tem um quarto lá atrás que apareceu cheio de percevejo, sabe o que é percevejo? Chupa-sangue, que pode parar dentro do ouvido e da cabeça...Eu leio jornal há muito tempo e eu nunca vi e nem li nada disso sobre esse abrigo.

O que você mudaria?

Por exemplo, eu já andei no meio da rua e já vi mendigos né, parada como qualquer ser humano, já tive a oportunidade, graças a deus, de poder dar 1 real, 2 reais, entendeu? Já tive sentada em uma mesa de shopping e vi uma criança me pedindo dinheiro, me pedindo alguma coisa pra comer e eu falar, pode sentar, chamar o garçom e pedir alguma coisa pra comer. Eu já tive a oportunidade de fazer isso. Sobre essa parte da rua, você pode ver o que o ser humano faz com o próprio ser humano, né? Porque se você perguntar pra maioria das pessoas que já viveram na rua, eles falam que dormem de dia e de noite eles não dormem porque tem medo. Se você for conversar com uma menina que teve aqui dentro ela já foi estuprada na rua. Entendeu? Então, assim, são coisas horríveis.

Como é que a mídia pode melhorar a qualidade de vida das pessoas que moram nas ruas e nos abrigos?

Como? A mídia? Não eu não cobro isso em geral dos meios de comunicação, não. Mais uma vez eu bato na tecla do governo.

SILVA, Maria Celia Lopes da. [9 abr. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

Entrevista com a Maria Célia. Vai autorizar usar seu nome real ou o fictício?

Prefiro manter segredo.

Como que a senhora quer ser chamada?

É... de Índia, minha mãe era chamada de Índia.

Tá bom, Índia. Sua idade?

44 (anos)

Profissão?

Doméstica.

Grau de escolaridade?

Até a segunda série, por que eu sou do Piauí e vim pra cá com 10 anos de idade e perdi minha mãe com 11. Fui criada em casa de família...

Qual que é sua cor?

Parda.

Local de nascimento?

Teresina, Piauí.

Estado civil?

Solteira.

Possui seus documentos?

Sim, todos eles.

Mora no Rio de Janeiro há quanto tempo?

Eu vim pra cá com 11 anos e tô com 44.

Já morou no Piauí e no Rio?

Já. Piauí eu morei desde o momento que eu nasci até os 11 anos.

Por que veio morar aqui?

Porque a minha mãe veio na finalidade de fazer uma cirurgia de hérnia no umbigo e eu tinha 2 irmão aqui, só que aconteceu de minha mãe falecer e meu irmão mais novo faleceu também e o outro mais velho eu não tenho mais notícia. Já tem 5 ano que eu não tenho notícia, não sei do paradeiro dele.

A senhora tem filhos?

Tenho 3.

Cadê eles?

A minha filha foi criada pela madrinha, que eu não tinha condições de criar ela. O meu filho primeiro dos homens hoje em dia é casado e foi embora pro Ceará com a vó dele. O outro também foi criado pela vó, que o pai falaceu

Cada um é de um pai diferente?

É.

Você já foi casada?

Não, nunca.

Não criou nem um dos três filhos?

Não, eu cuidava ajudando a minha ex-sogra, todo o mês levar coisas para eles. Mas não de criar todo dia do meu lado.

A senhora tem com tatos com seus filhos?

Olha, o último contato que eu tive já tem 2 anos, Que o meu filho mais velho dos homens, Luís Fernando, ele morava com a vó. Então, a ultima vez que eu vi ela, ela tinha me dito que ia embora pro Ceará que ela tinha perdido o filho dela que era o único filho, entendeu? Mas

mesmo ela estando no Ceará, ela me mandaria carta, telegrama ou alguma coisa, mas até agora nada.

Você não tem contato com ninguém da sua família?

Não.

Já teve algum trabalho com carteira assinada?

Nunca trabalhei de carteira assinada. Eu trabalhei, assim, de doméstica, eu trabalhei seis anos em uma casa, inclusive, a senhora que eu trabalhava a filha dela era juíza do tribunal da justiça, só que nunca assinaram a minha carteira, eu comecei trabalhar lá com 12 ano e sai com 16.

Atualmente, a senhora tem alguma fonte de renda?

Tenho, graças ao Stella Maris e graças a Deus eu tenho o meu beneficio todo mês de 725,00.

Benefício de quê?

Sobre o meu caso de doença, que eu sou soropositivo.

Já foi presa? Internada em hospital psiquiátrico?

Não. Graças a Deus, nada psiquiátrico.

Sofre de alguma doença?

Tenho. Soropositivo e tirei um pulmão por conta de uma tuberculose.

A senhora contraiu essa doença como?

Eu vivi 5 anos com um rapaz após a morte do pai dos meu filhos. Eu não sei se foi através dele, entendeu? Eu vim descobri depois que eu fiz o exame do HIV com a minha doutora, que estava tratando do meu pulmão, ela pediu e realmente acusou...

Faz quanto que a senhora sabe?

Já tem 2 anos e 8 meses.

A senhora sabe que tem a doença, mas não sabe há quanto tempo pegou, nem de quem e nem como?

Não. Nem desconfiava que tinha a doença porque eu me alimentava, eu sempre trabalhei de faxineira, fazia as minhas coisa, não sentia sintoma nenhum.

Esse rapaz a senhora tem notícia dele?

Ele faleceu.

De HIV?

Não. Pelo exame que fizeram nele, que a perícia fez, diz que era de cirrose, que ele bebia muita cachaça.

Como está sendo o seu tratamento de saúde?

Eu me trato há 2 anos com a doutora Gloria, aqui da Ilha do Governador. Eu me sinto bem, ela conversa muito comigo, eu tomo meus coquetéis ...

Fez uso de álcool ou outras drogas

Eu usei muita cocaína, mas hoje em dia eu não uso mais.

Quanto tempo?

Usei durante 6 anos.

Isso em que época da vida?

Eu comecei a usar eu tinha 25 ou 26 anos, por aí... aí eu parei eu já tava com 34.

Já tinha os filhos?

Já.

Como é que você conseguiu parar?

Eu consegui para através do Stella Maris, que já é a segunda vez que eu venho pra cá, a minha técnica, a Glorinha, conseguiu os alcoólicos anônimos, eu fui acompanhando... Onde eu fazia curso também de artesanato, acompanhava as menina e fui esquecendo da droga... também com o trabalho.

Quanto tempo que a senhora precisou morar na rua?

Eu fiquei 5 anos na rua.

Por que?

Porque eu sai da casa do pai dos meu filho, discutia muito com minha sogra. Então, eu resolvi deixar as criança com ela e resolvi seguir minha vida pra frente.

Em que bairro que a senhora ficava?

Eu morava na Rocinha.

Mas quando estava na rua?

Na rua eu fiquei na Glória.

Onde que a senhora comia, dormia e tomava banho?

Eu tomava banho no posto de saúde, na Silveira Martins, que lá eu conhecia muitas enfermeiras...

Então lá a senhora fazia o que?

Lá eu tomava banho, trocava de roupa, lavava as minha roupa no mar, no Aterro do Flamengo.

E comia o que?

De manhã, eu ia garimpar... vendia minhas coisas no meio da rua antes dos guarda chegá e arrumava 20 ou 30 reais e ia almoçar e tomar café.

Fazia todas as refeições do dia?

Todas.

Nunca passou fome quando morou na rua?

Nunca.

Nesses 5 anos que a senhora morou na rua nunca foi para um abrigo?

O primeiro abrigo que eu fui, foi lá em Bonsucesso... Ali foi o primeiro que eu fiquei 8 meses. Aí, de lá, me transferiram pra cá. Aí, a primeira vez eu fiquei aqui durante quatro anos.

E agora a senhora está aqui há quanto tempo?

Seis anos.

Como que era a rotina da senhora na rua?

Era muito chato porque a gente não dormia sossegado, não se alimenta direito, entendeu?

Como que a senhora avalia a qualidade do abrigo?

Eu avalio muita coisa boa, porque quanto a gente está doente, eles levam a gente pro hospital. Eles conseguiram tirar meus documentos que eu não tinha, entendeu? A minha técnica conseguiu me aposentar. Eu recebo o bolsa-família e a aposentaria.

O que a senhora faz com o seu dinheiro?

Praticamente, agora, no momento, eu estou no momento comprando minhas coisas para um quarto que eu aluguei.

Alugou um quarto?

Aluguei.

Vai pra lá quando?

A partir da semana que vem.

Onde que é o quarto?

Aqui mesmo no morro. Eu vou morar do lado da cozinheira daqui, da tia Elza.

Ah! Que bom! Quando a senhora morava na rua, a senhora sofreu algum tipo de preconceito?

Muito. Muita piadinha, diziam que eu era tuberculosa, que as pessoas não podiam se aproximar de mim que iria pegar.

Todas as pessoas com quem você convivia na rua sabiam que você tinha a doença?

Sabiam. Porque a minha doutora sempre conversou comigo, que a gente quando tem um problema que as pessoas sabem, a gente não podem se deixar levar pelo problema e nem pelo o que as pessoa fala, que ninguém tem o direito de julgar ninguém.

Já foi impedida de entrar em algum lugar?

Não.

Já entrou em algum lugar e foi ignorada?

Já, uma vez no supermercado lá na Glória, aí o segurança achou que nós ia roubar, mas eu estava com dinheiro pra compra.

A senhora se considera uma cidadã?

Eu me considero, porque eu sou independente, eu trabalho, eu faço artesanato... Inclusive foi até eles aqui que arrumou isso pra mim, então eu não me sinto diferente das outras pessoa.

Quais são as principais dificuldades de morar na rua?

As principais são: em primeiro lugar, local certo pra você dormir, entendeu? Assim, acordar de manhã e saber que você pode tomar um banho, fazer seu café de manhã e beber comer o que você quiser, isso não tem na rua. Entendeu?

A senhora já foi levada pelo Choque de Ordem?

Já.

Como é que foi?

Eu estava debaixo do viaduto em Laranjeiras, eles passaram 20 para meia noite, eu tinha acabado de fazer um lanche pra dormir, eu tava com um carinho de supermercado lotado de coisa de brechó, que eu ia pra Praça XV. Eles passaram e me chamaram e disseram que eu tinha que acompanhar eles, que era proibido ficar na rua. Eu fui por espontânea vontade.

O que aconteceu com o seu carrinho?

Eu dei pra um rapaz que ia trabalhar.

Qual foi a pior coisa que a senhora já presenciou na rua?

O preconceito.

Qual a diferença de ser homem e ser mulher na rua?

Tem muito. Muitos homens vê a mulher sozinha e querem abusar, entendeu? Querem fazer coisa que não deve, muita diferença.

A senhora já foi vítima de estupro?

Não. Graças a Deus, não.

Existe alguma vantagem de morar na rua?

Não. Eu penso que todas as pessoas que moram na rua, está acontecendo alguma coisa grave na vida da pessoa... que na realidade ninguém fala a verdade. Eu, no meu caso, eu perdi família, eu trabalhei na casa da mulher e ela morreu. A filha foi embora, me chamou pra ir com ela e eu não quis ir porque eu achava que em um lugar diferente fora do Rio eu não ia conhecer ninguém.

A senhora se arrepende de não ter ido?

Me arrependo.

A senhora tem namorado atualmente?

Eu tava com um, mas eu terminei porque ele bebia muita cachaça e eu tenho medo. Ele era daqui também, mas se aposentou e foi embora.Nós ficamo seis meses juntos.

Como era esse namoro aqui dentro?

A gente nem namorava, a gente trabalhava junto no artesanato, que ele é artesão também. A diretora até arrumou um espaço pra gente fazer artesanato lá atrás, só que ele continuou bebendo e a gente começava a brigar... e a gente começava a discutir. A direção falou que eu não merecia isso e eu segui o conselho da direção. Como ele se aposentou primeiro do que eu, eu resolvi terminar pra ele seguir a vida dele e eu seguir a minha.

Quais são as melhores lembranças que a senhora tem de quando morava em uma casa?

As melhores lembranças eu tenho de quando eu trabalhava e chegava em casa à noite, abria a minha porta, tomava meu banho, jantava, ligava a minha tv e ficava vendo. As minhas colega ia me procurar e a gente conversava, no dia seguinte era a mesma rotina.

A senhora tem alguma religião?

Eu sou da Universal.

Participa de algum momento social?

Por enquanto não.

O que a senhora espera do futuro?

Algo melhor, que aconteça coisas boa pra mim e pras pessoas que tá aqui dentro...

Agora a gente vai pra segunda parte, tá? O que a senhora entende por jornalismo?

Por jornalismo eu entendo assim... eu admiro as repórter. Eu, por exemplo, adoro a Glória Maria, que é a pretinha da Globo. Gosto muito da Fátima Bernardes, eu assisto muito o programa dela. Da Ana Maria Braga...eu admiro todas a reportagem deles.

A senhora costuma lê jornal, assistir telejornal?

Olha, eu vou ser bem sincera, eu não sei lê muito bem porque eu não tive estudo, mas eu gosto muito de TV. Até comprei uma e botei lá no meu quarto.

Qual o jornal que a senhora gosta de assistir?

O RJTV e o Jornal nacional.

A senhora se lembra de alguma notícia que era sobre população de rua?

Lembro assim... quando eu vi o jornal, já faz tempo, foi quando houve o assassinato daqueles menino lá catedral que atingiu muita gente.

A senhora concordou com a forma que o assunto foi tratado?

Não, porque foi muita crítica, achei muito errado os policial matar os moleque porque eles eram de rua.

Você já foi entrevistada alguma vez?

Não.

Como é que a senhora imagina que sejam as notícias sobre mulheres em situação de rua?

Eu imagino que seja um trabalho bom, que seja noticiado pra todas as mulheres de rua...

Como a imprensa, mídia, jornal pode colaborar para melhorar a vida de quem mora na rua?

Dando trabalho as pessoas, tem muita gente que precisa, tem muitas que tem estudo e não podem usar.

O que a senhora gostaria de ver em um trabalho de Comunicação sobre mulheres em situação de rua?

Sobre a necessidade de ocupar a mente, eu acho que o trabalho ajuda muito na terapia, ocupar a mente.

FERREIRA, Maria Aparecida Machado. [9 abr. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

Entrevista é com a senhora Maria Aparecida Machado Ferreira. A senhora vai autorizar usar seu nome real ou prefere um fictício?

Bota Cida.

Cida? A sua idade?

Eu tenho 53 anos, esse ano eu faço 54.

Profissão?

Assistente social. Embora eu esteja aqui, minha profissão é assistente social.

Formada em assistência social?

Sim, superior completo.

Você escolheu a assistência social por quê?

Olha, eu acho que foi a assistência social que me escolheu. Eu posso tá falando uma grande besteira. A faculdade que eu fui, ela tinha Estudos Sociais, Turismo e a mim me deram a indicação de Serviço Social porque a minha mãe trabalhava na Fundação Leão XIII; e eu já tinha contato com população de rua, esse tipo de caso não é incomum. A minha mãe trabalhou na Fundação durante 30 anos, então, eu vivia isso, de vez em quando eu ia lá vê-la e via as pessoas e achava comum e ainda acho.

E onde você estudou?

Na FVA. Agora é FVA – Faculdade Veiga de Almeida.

Cor é branca?

Quando eu era pequena eu era parda, mas agora eu fiquei tão branca, em vez de morena, eu fiquei branca.

Local de nascimento?

Eu nasci em Muriaé, em Minas Gerais, dia 13 de novembro de 1960.

Estado civil?

Solteira.

Possui todos os seus documentos?

Possuo.

Mora no Rio há quanto tempo?

Desde criança. Eu vim pra cá, eu tava começando a andar e a falar.

Porque veio morar no Rio?

Porque mamãe veio pro Rio e me trouxe e me criou aqui.

A senhora possui filhos?

Eu tenho filho, mas ele tem 30 anos, vai fazer 31 agora no dia 14 de maio.

Tem mais algum membro da família?

Só tenho minha mãe. Meu pai não está, meu primos não estão. Meus tios estão em Muriaé. E alguns tão aqui, mas...

Onde eles estão, sua mãe e seu filho?

Minha mãe e meu filho? Minha mãe está lá na Tijuca, ali perto do Maracanã, que ela mora ali e meu filho mora mais adiante.

A senhora tem contato com eles?

Com a minha mãe eu tenho sim. Até vou passar a Páscoa lá, se eu puder, é claro, pelo menos nesse feriado, né? Agora, porque antes estava feio, esquisito, logo que eu saí de casa.

E com seu filho?

Com meu filho é não é amiúde, de vez em quando eu vejo, mas não nos damos bem, não...

A senhora já teve algum emprego formal, de carteira assinada?

Já. Eu sempre trabalhei de carteira assinada ou quase sempre que alguns empregos foram de contratos... contratos não é... é um espécie de contrato sim, mas quando eu era mais nova né, mas isso eu tinha 18 anos. Depois, eu trabalhei quase 8 anos e pouco de carteira assinada.

Onde?

Eu sempre trabalhei em escritório, em várias firmas.

Atualmente a senhora tem alguma fonte de renda?

A única que eu tenho é o bolsa-família. A minha aposentadoria ninguém me deu, nem o bolsa aquele... nada mesmo.

É 70 reais?

É 72 reais.

A senhora já foi presa alguma vez?

Não, mas estive pra ser várias vezes.

Foi internada em hospital psiquiátrico?

Várias vezes me internaram.

Porque que a senhora quase foi presa e foi internada várias vezes?

Ah, sabe o que que é? Me provocaram a ponto de eu agredir uma pessoa. Então, eu fui chamada na delegacia e lá fui encaminhada pro Fórum e deixaram pra lá, não fizeram mais nada.

E hospital psiquiátrico?

Hospital psiquiátrico... nas diversas vezes que eu passei mal, me pegaram e me enfiaram em um hospital psiquiátrico.

Passou mal como?

Passei mal... na época de diversas coisas, não gosto muito de lembrar porque foi uma coisa horrorosa, destruiu tudo a minha vida.

A senhora sofre de alguma doença?

De Hipotireoidismo.

Faz tratamento?

Sim.

Faz ou fez uso de álcool ou outras drogas?

Álcool, sim. Eu sempre gostei de beber uma cerveja né. Sou admiradora de uma cervejinha. Mas isso me engorda muito por causa do hipotireoidismo.

E ouras drogas?

A única coisa que eu sempre tô com ela na boca é o cigarro. Isso já faz 42 anos.

Quanto tempo que a senhora chegou a ficar em situação de rua?

Olha... eu não cheguei a ficar em situação de rua, mas praticamente. Eu não morei na rua, eu estive sentada em uma praça durante 6 anos, era uma praça lá perto de casa, eu passava os dias ali. Poucas vezes eu passava ali de noite até altas horas da noite, mas eu cheguei a ficar lá até 10 horas. Quando amanhecia, eu ia pra ali e quando anoitecia, eu ia pra casa.

Por que?

Porque eu estava causando, de alguma forma, ou me puseram pra causar, um certo constrangimento com a minha presença em casa, então, pra não causar isso, eu me retirei. Eu fiquei na rua, foi melhor assim, pelo menos o que tivesse que acontecer ali, acontecia sem a minha presença.

Você morava com quem?

Eu morava com a minha mãe.

Vocês duas?

É. Eu minha mãe meu filho e meu pai. Meu pai veio a falecer em 2011. Nós não nos dávamos.

Você não se dava com a sua mãe ou com seu filho?

Não era eu que não me dava com eles, eram eles que não se davam comigo. Eu me dava com eles. Talvez eu me desse melhor com eles se eu tivesse em um grau normal de situação, se eu tivesse trabalhando. Mas como eu não estava sobre esse grau, então, eu tive que ser mais calma, abaixar mais a cabeça e isso acarretou um comportamento deles que não era igual o de antes.

Quando a senhora precisou ficar nessa situação, onde que a senhora comia e dormia e tomava banho?

Eu comia, dormia e tomava banho lá em casa, mas isso só quando tinha alimentação, fora disso eu não comia, dormia pouco e vivia esperando ate o dia amanhecer, porque eles ficaram muito implicantes e a situação ficou muito ruim.

A senhora fazia todas as refeições do dia?

Não, não. Quase não fazia refeições.

Passava fome?

Sim.

E o pessoal não te dava comida na rua?

Não. Várias pessoas distribuíam e davam pras pessoas lá, mas pra mim não davam nada porque eu estava arrumada. Aquelas roupinhas sempre de brechó.

Nesse período, por que você não foi procurar um abrigo público antes?

Eu tinha medo de sair de casa. Eu tinha medo de assumir isso, que eu não podia ter essa segurança e nem essa certeza. A partir do momento que viesse de mim isso, eu pensava, não sei se tava certa, a partir do momento que eu tomasse uma decisão acerca dos fatos, viriam os aspectos negativos pra cima de mim – "não foi você que procurou sair de casa?"-, dizendo que eu que provoquei aquilo, eu sei, porque eu ouvia isso.

A senhora está há quanto tempo nesse abrigo?

Três anos e cinco meses, vai fazer dia 26 de abril.

Como é que a senhora avalia a qualidade do abrigo?

Muito boa. Muito boa mesmo.

A senhora gosta daqui?

Não é que eu goste. Gostar eu gostava dos hotéis lá de baixo, mas eu fui trazida pra cá porque não pode ficar mulheres, só ficou homens lá.

Hotel Rio Acolhedor?

O Hotel Acolhedor; aquele lá eu gosto. Mas como não tem como ficar, eu fui obrigada a esquecer e deixar tomar o curso normal daquilo que queriam, embora eu reclamei, reclamei, mas...

Como que era a sua rotina nesse período de situação de rua?

Minha rotina? Eu, de manhã levantava, me arrumava, fazia alguma coisa, geralmente quando tinha alguma coisa pra fazer lá em casa, eu ia pra casa e fazia ou então pra pagar, pra fazer, pra ir ao supermercado, quando eu tinha algum afazer, eu ia pra lá. De noite, eu passava pano na casa. Procurava fazer o máximo de coisas por ali pra não comer o pão dos outros de graça.

E na rua?

Na rua eu ficava sentada no banco da praça e eu arrumava algumas coisas pra fazer, por exemplo, eu cheguei a ler oito livros.

A senhora, quando estava na rua, chegou a sofrer algum tipo de preconceito?

Todos eles, eu acredito, quase que eu fui morta pelos outros, eu percebi aquilo e comecei a desconfiar e disfarçar.

Que tipo de preconceito?

“Eu vou passar a faca no seu pescoço”, coisas assim. Pessoas em situação de rua ou já mendiga, que eu andava arrumadinha, limpinha.

A senhora já foi impedida de entrar em algum lugar por ter que ficar lá na praça?

Olha, que eu me lembre não. Preconceito sempre me rondou desde que eu era pequena por vários motivos, mas assim que assumi isso de vez, depois que eu vim pra cá, eu escutei isso no elevador no shopping.

O que a senhora escutou?

Escutei que gente desse tipo não devia estar ali.

Já entrou em algum estabelecimento e foi ignorada?

Ah já, já fui sim. Diversas vezes essas coisas aconteceram comigo, mesmo antes desses acontecimentos.

Onde?

Ah, eu não me lembro mais minha filha, já tanta coisa aconteceu comigo nesses anos todos! Sabe por quê? Se você supervalorizar certos acontecimentos, você fica doente e apegada a eles e talvez você termine, por exemplo, em uma ruína, então, se você não se apegar a isso, até consegue sair numa boa, entendeu?

Você se considera uma cidadã?

O que seria uma cidadã? É um ser cumpridor dos seus deveres em todos os aspectos físicos, como pessoa física? Eu acho que fui reprovada.

Por que, Maria Aparecida?

Minha filha, o que eu faço todos os dias para ser cidadão? Nada! Como eu seria uma pessoa com porte e postura para ser uma cidadã? Eu acho que não tenho essa condição. Eu acho que não tenho uma condição pra me portar em atos assim, que exige uma situação para ser uma cidadã. Eu me vejo sem condição. Pronto, eu me vejo assim.

Quais são as maiores dificuldades de se morar na rua?

Uma delas é a ausência de higiene, que se você tiver uns trocados ou alguém te der, você pode, por exemplo, ir no mercado e até no botequim e comprar a sua alimentação. Agora, por exemplo, a mulher menstrua... eu tinha essa dificuldade.

Como é que você fazia?

Às vezes, eu ia em casa, mas aquilo não tinha como escoar e era muito sério, eu tinha que tomar remédio para ver se sanava isso para minha higiene.

A senhora já foi abordada pelo Choque de Ordem?

Em uma ocasião apareceu uma educadora que eu não lembro o nome, apareceu uma moça educadora. Acho que foi chamada por aquelas pessoas da comunidade que morava ali ou alguém até da prefeitura que me viu sentada ali sempre, e a moça chegou perto de mim, não chegou perto dos outros moradores de rua; e procurou saber de mim e da minha situação. Foi essa a vez que eu abordada por uma pessoa dessas.

Qual foi a pior coisa que você já presenciou na rua?

Uma ocasião? Um camarada disse assim, “pega essa aí”! Aí, depois em seguida, ele disse: “deixa pra lá, deixa pra lá!”. Das coisas que eu achei mais triste... E outra vez é que passaram a mão em mim e, em seguida, mandaram deixar pra lá. Eu quase caí no chão de tanto terror... mandaram deixar pra lá.

Qual a diferença entre ser homem e ser mulher na rua?

Há uma diferença muito grande. O homem sempre tem o seu lugar, ele é sempre mais livre.

Livre?

É. Até o corpo dele ajuda ele a ser um “gato” e cair sempre de pé. A mulher nem sempre, tem tanto preconceito no meio dela, e dificulta em tudo.

Já foi vítima de estupro quando tava na rua?

De estupro eu nunca fui, não. Mas de conversa fiada eu já fui bastante. É engraçado porque eu nunca fui assim tão chamativa, ainda se eu fosse uma pessoa assim tão linda, tão exuberante, tão isso e tão aquilo... mas não sou, não.

Existe alguma vantagem de se viver na rua?

Existe. A pessoa vive bastante livre, não tem nenhum problema se levar em consideração os problemas que a pessoa tem em casa. Eu me sentia extasiada de estar ali.

Você arrumou algum namorado enquanto estava na rua?

Não.

Quais são as melhores lembranças que você tem de quando morava em uma casa?

Eu me lembro das coisas boas que eles passavam. Uma felicidade, uma satisfação de que todos podiam se dar bem mesmo, que não fosse assim o nosso dia a dia, mas só de sonhar com isso e a lembrança de todos é bom... eu acho isso.

A senhora tem alguma religião?

Ah... sou católica, pronto. Pra não dizer que sou sem religião.

Participa de algum movimento social?

Não, não participo.

O que a senhora espera do futuro?

Absolutamente nada. Graças a Deus. Que futuro?

Não tem nenhum sonho que a senhora deseja realizar?

Os sonhos que eu tive, parece que foram todos realizados, agora eu não tenho mais sonho. Eu não tenho muita coisa pra reclamar da vida.

Agora a gente vai pra segunda parte, tá?

Tá bom. chato fala isso porque...

O que a senhora entende por jornalismo?

Jornalismo seria uma condição que a pessoa adquire devido aos estudos que tem para fazer entrevistas. Não tô sabendo as palavras pra usar do jornalismo porque ele é tão amplo que ele restrito fica ruim... Tomar conhecimento dos fatos, enfim... abrangente demais.

Você costuma se informar através de algum meio de comunicação?

Sim eu gosto de ouvir, eu gostava né de ler e ouvir um pouco de rádio, JB, e ver os programas de televisão que são documentários. Mas agora não posso fazer muita coisa, só faço o que posso, de vez em quando eu dou uma olhada em uma coisa ou outra.

Com que frequência?

Dia e noite praticamente. É... o rádio fica ligado dia e noite.

Você já consumiu alguma notícia que era sobre população de rua?

Ah, várias vezes, passa muito isso. Eles passam um retrospecto de noite e passam todas as notícias às 5 horas.

O que achou?

Comum, realmente parece com aquilo que a pessoa está passando.

Você se sentiu representada nessas notícias?

Me senti.

Já foi entrevistada alguma vez?

Não, não.

Você mudaria alguma sobre relatos sobre pessoa em situação de rua?

Esse slogan "situação de rua" é meio forjado, né? Doado, imposto e até postulado. Mas, eu noto que a pessoa mostrada não é bem como a pessoa gostaria de se ver. Um mendigo, mas sim uma pessoa que está ali por detrás. É uma pessoa que observa, sente, mas as pessoas não têm respeito. Eu não estou dizendo que o jornalismo desrespeita, eu tô dizendo que as pessoas costumam a fazer rótulo.

O que a senhora gostaria de ver em uma tese sobre comunicação que tratasse sobre mulheres em situação de rua?

Aquilo que eu tinha te dito antes, a dificuldade. No caso a mulher em situação de rua seria o ideal tirar ela dessa situação e no caso fazer uma pesquisa pra ela, fazer uma pesquisa com ela. O que eu certamente não veria da mesma forma, eu vi isso lá e vi isso aqui, é individual das pessoas.

Obrigada!

GERALDINO, Gleicyane da Conceição. [9 abr. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

Entrevista com a Gleicyane da Conceição Geraldino. Gleyciane, vai autorizar usar o seu nome real ou você prefere um fictício?

Pode ser Gleyciane.

Sua idade?

24 anos.

Profissão?

Operadora de telemarketing.

Grau de escolaridade.

Nível superior.

Qual curso?

Música.

Em qual universidade?

Uma pública. Escola de música Baden Powell.

É da UFRJ?

Não é da FAETEC, licenciatura.

Sua cor?

Acho que é parda.

Local de nascimento?

São Gonçalo, RJ.

Seu estado civil?

Solteira.

Você possui todos os seus documentos?

Sim, todos eles.

Você sempre morou no Rio?

Cidade foi Duque de Caxias, mas sempre no Rio, nunca em outro estado.

Tem filhos?

Não.

Tem família?

Tenho.

Quem que você tem da sua família?

Meu pai e meus irmãos.

Você tem contato com eles?

Não.

Nenhum deles? Há quanto tempo você não conversa com eles?

Olha, minha irmã eu até tive contato no ano passado, agora meu pai já faz um ano.

Não tem vínculo com a sua família?

Não. Não porque eu fui deserdada pelo meu pai né.

O que aconteceu?

Ah, pelo histórico de violência.

Do seu pai?

É, ele sempre agrediu a minha mãe antes de morrer, meus irmãos e por último eu, que era a mais nova.

Mas, que tipo de agressão?

Agressão física.

Batia mesmo?

Especificamente em mulheres.

Você procurou a polícia?

Eu não, porque eu comecei a ser agredida há pouco tempo. Então, assim, os meus irmãos que eram mais novos, foram agredidos e a minha madrasta deu parte dele, sim.

E a sua mãe também apanhava?

A minha mãe foi bem antigamente porque ela morreu já tem quase 20 anos.

E a polícia fez alguma coisa?

Ele foi, respondeu processo lá, fez a ajuda comunitária, que ele prestou dessa forma. E cumpriu a pena dele, e fico jogado lá. Mas continuou fazendo.

E ele continua batendo na atual esposa?

Minha mãe faleceu, ele conheceu a esposa do meu irmão mais novo e foi essa que ele agrediu, essa foi assim, como é que eu posso dizer, foi bem grave. Ela chegou a sair com ossos quebrados e foi ela que deu parte e contou também que a gente apanhava e tudo mais. Ele ficou bastante tempo sozinho, ficou só eu e ele. Aí, minha irmã ele expulsou de casa, do nada também. Não tinha motivo. Meu irmão mais velho também, aí eu fui crescendo também e só eu e ele, e há pouco tempo ele casou, faz uns 10 anos, casou de novo. E aí ele começou de novo, e ele começou a me expulsar de casa. Só que a família do meu pai tentava me ajudar. Eu fui dada como desaparecida em um desses eventos dele lá, eu fui parar no programa do Wagner Montes, a Globo me chamou pra dar uma entrevista no Fantástico que tava tendo uma reportagem especial de crianças desaparecidas. A da Globo eu cheguei a me negar, não quis me expor, porque ali eles disseram que teriam que ir lá em casa entrevistar e eu teria que aparecer ou com a voz distorcida ou com a imagem escura. Eu preferi não contar a minha história como desaparecimento, porque, na verdade, não é desaparecimento, eu tinha sido expulsa e ele não contou a verdade de uma

situação familiar e acabou chegando ao nível grave da situação. Eu mesma fui, liguei, expliquei e contei como era... meu pai pediu perdão e tudo mais. Aí, eu cheguei a parar em assistente social, porque eu tinha 17 anos e todo aquele processo de querer ficar com meu pai ou não. Eu falei que queria ficar com meu pai porque minha mãe já era falecida e aí aconteceu de novo, ele me expulsou de novo, só que eu já deixei eles bem explicado pra ele: "você é que está me expulsando, espero que não venha atrás de mim de novo com mentira, ainda mais, porque da outras vezes, você me espancou, me expulsou e eu com 17 anos sem ter onde morar, fui pra rua, apareci no jornal e não pedi nada, então não me exponha de novo porque senão eu vou ser obrigada a dar parte, né?". Quando é pai, é realmente de sangue né, direto e tal, célula nossa é difícil a gente rebater. Quando é um estranho, rapidinho a gente procura a polícia, agora quando é pai e a gente sabe que só tem essa pessoa em vida, é difícil a gente mesmo sendo maltratada desonrar.

Você já teve algum emprego formal de carteira assinada?

Sempre. Desde os 17 anos.

Do que você trabalhou?

Eu fui atendente, trabalhei no Bob's, Lojas Americanas, fui auxiliar de loja, operadora de caixa, quando estava saindo a promoção de promotora de vendas, eu me desliguei da empresa, fui caixa de novo. Fui operadora de telemarketing, mas não de certo porque eu estava na casa do meu pai e adoeci, uma doença psicológica... também tudo o que eu tinha que ouvir, o que eu passei também... Dinheiro não faltava, ele me botou em psicóloga e psiquiatra e eu fiquei 5 anos em tratamento. Eu fazia questão de ir certinho e tudo mais nas consultas, eu também trabalhava nesse período. Recebi alta no ano retrasado e tomava as medicações. Hoje em dia eu não tomo mais nada.

O seu pai trabalha com o que?

Meu pai, ele trabalha com ramo de hotelaria, ele é sócio de hotelaria. Classe média. Não é rico, mas também não chega a ser a classe C.

Atualmente, você tem alguma fonte de renda?

Tenho o meu trabalho, somente.

Você trabalha onde?

Eu trabalho na Atento Brasil, na unidade da Penha. Então essa outra empresa foi onde eu peguei experiência quando eu era mais nova e por adoecer e não podia nem falar no atendimento e ai pedi desligamento na empresa e, no ano passado, eu voltei pra essa empresa.

Você já foi presa alguma vez?

Não, não sou fichada.

Internada em hospital psiquiátrico?

Também não. Não cheguei a ser internada.

Sofre de alguma doença?

Não.

Faz ou fez uso de álcool ou outras drogas?

Só... tabaco só. Não bebo.

Como é que você chegou na situação de rua?

Então, nessas intercaladas de 7 anos, eu fui expulsa, sempre ia parar na rua. Só que aí como eles dizem – intermediariamente - não diretamente, que é alguém que corria atrás de algum, de uma amigo, de uma colega, de um parente. Só que no ano passado eu não consegui assim, ninguém. Toda a minha família fechou as portas pra mim, então o meu supervisor conseguiu uma casa pra mim morar de favor por um tempo até eu me ajeitar, com uma menina, da minha idade, mas tinha dois filhos. Ela tinha uma historia bem diferente, ela não morou na rua, mas foi estuprada pelo pai,... uma história bem bizarra. E essa menina voltou pro ex-marido e me deu uma semana para sair de lá, e eu não tinha como ficar. Ela tinha ciúmes, eu até entendo se eu fosse casada, eu também ia ficar com o pé atrás de deixar uma menina nova, eu sou assim, mas eu não sou acaba né? Eu tenho só 24 anos e, por trabalhar, eu me cuido e tenho que me cuidar. E ela pediu pra que eu saísse e arrumasse outro lugar. Quando deu uma semana que foi o prazo que ela me deu, eu falei “não arrumei um lugar pra eu ficar e eu vou pra rua”, e ela falou assim: “eu não posso fazer nada”. Aí eu fui parar na rua. Daí eu estava lá perto de onde eu trabalho e um rapaz estava vindo de carro e o carro dele “morreu” ali. Ele começou a consertar e ele me viu deitava em cima de um resto de sofá. E ele achou aquilo estranho. Ele foi um ex-educador daqui. E mesmo tendo estudado muito, eu não tinha uma ciência que um abrigo também serve pra uma pessoa solteira, que não tem filho, que trabalha e que não tem onde morar. Então, basta você provar que não tem como manter um aluguel, se você não tem família, você também consegue uma vaga dependendo do abrigo e do perfil. E ele me explicou tudo isso e disse que era um ex-educador do Stella Maris

e pediu pra eu vir pra cá, porque nem tinha como ele me trazer porque o carro dele tinha morrido. Eu dei um jeito e vim aqui no domingo, então, eu passei uma noite aqui fora, não fui trabalhar na segunda porque fiquei 8 horas esperando pra ver onde eu ia conseguir vaga e eu consegui aqui. Foi isso.

Então, no total, nessas idas e vindas o tempo total que você ficou em situação de rua?

Ah, não chegou 1 ano não.

Onde que você comia, dormia e tomava banho?

Ah, aí é o que eu falo, quem tem boca... Lá no trabalho eu já conhecia os comerciantes que tinham padaria, restaurante e eu pedia mesmo na cara de pau, falava que eu não tinha onde morar, que eu tava trabalhando e que aconteceu isso, isso e isso, explicava a minha história. Eles me ajudavam. Assim como até aqui eu ganhei quentinha do restaurante ali do lado. Então, é o que eu digo pro pessoal que mora aqui: ser morador de rua ou passar pela rua por um tempo, não justifica você se jogar e você se prostituir. Qual é a pessoa que não vai ter um bom coração de te dar um copo d'agua, de te dar um prato de comida, uma fruta ou um pedaço de pão? Então, assim, não justifica realmente você fazer coisas ilícitas só porque você tá na rua.

Qual o bairro que você dormia?

A primeira vez foi no Méier. Bairro conhecido do Rio de Janeiro e foi ali que eu fiquei a primeira vez, eu fiquei dois meses na rua e fui dada como desaparecida... eu tava lá. Depois, foi Madureira, fiquei ali pela região de Madureira, mas rapidamente consegui um lugar pra ficar com um amigo. Depois foi aqui na Penha, arranjei um lugar pra ficar e depois foi na Penha de novo, foram essas vezes.

Quando você estava na rua, você fazia todas as refeições do dia?

Não. Fazia uma geralmente.

Passava fome?

Com certeza.

O primeiro abrigo que você veio então foi aqui no Stella Maris, como é que você avalia a qualidade do abrigo?

Olha, eu posso dizer que se eu for escolher entre a rua, o abrigo e a minha casa, eu vou escolher a minha casa. Mas se eu for escolher entre a rua e o abrigo, eu vou escolher o abrigo se eu não tiver a minha casa. Então, eu acho que é assim: "cavalo que não se olha os dentes". Mas, tem situações que se eu tivesse o poder para consertar ou para mudar, eu mudaria. Por exemplo,

pessoas lúcidas com pessoas com problemas psicológicos dormindo bem próximas. Pessoas com tuberculose dormindo com pessoas que trabalham, entendeu? Então, assim, eu acho que tem coisas que não podem se misturar. Porque é assim, se você tá querendo ajudar em grande número, você acaba prejudicando um pequeno número porque você está querendo ajudar um grande numero de pessoas. Tem questão de higiene da parte da abrigagem que eu mudaria. Algumas situações na própria refeição: comida estragada e com cabelo. Eu não almoço todo dia, eu só saio daqui com o café e com o pão. Daí quando eu chego aqui, eu já perdi o almoço e já perdi o lanche, então assim, a minha renda é baixa no trabalho, e até o meu lanche, eu não tenho. Almoço no trabalho eu não tenho, o dinheiro pro lanche eu junto para eu sair daqui. Então, assim, se eu tirar o meu dinheiro pra almoçar, em um mês vai dá um dinheiro bom e vai fazer falta. Então, assim, eu não vou juntar o dinheiro todo, então o que ocorre? Onde eu parei? Eu já chego aqui e já não almoço, quando eu vou jantar, eu encontro uma coisa ruim na comida, e então eu já não vou comer. Passo o dia inteiro sem comer! Mas eu não vou reclamar porque eu tenho que agradecer porque eu tenho onde dormir. Mas esse é um ponto que eles deixam a gente falar na direção pra consertar. Tem essa liberdade.

Você já fez isso?

Então, esses dias que cheguei para os cozinheiros e falei: “Olha só, eu achei isso na comida”. E eles dão um outro prato. Só que eu comi de alguém que deixou cair na comida uma vez, eu não como mais.

Como que era a sua rotina quando você morava na rua?

Ah, eu procurava sempre ficar no ponto, eu ficava perto de um posto porque ali eu conseguia ir ao banheiro, eu conseguia beber água, eu não sabia daquele ponto a não ser quando anoitecia. E como era próximo a uma favela, eu já me retirava certos horários, até porque tinha muitas crianças, adolescentes envolvidos naquela bandidagem daquela região que faziam coisas que não era de bom grado ficar vendo. Teve uma vez que eu vi um rapaz novinho sendo espancado pelos outros coleguinhas, aí eu fui, dei uma volta. Então, às vezes, eu ficava andando, eu nunca ficava parada até porque é mulher na rua também não é muito bom, é meio perigoso.

Por estar na rua, você já sofreu algum tipo de preconceito?

Geralmente ninguém pensava que eu era da rua, porque assim, eu tinha coisas comigo, então a minha roupa não era aquela roupa rasgada ou suja, porque eu sempre procurava tomar banho, então, realmente se fosse olhasse pra mim, você não ia achar que eu estava dormindo na rua.

Achavam que eu estava sentada esperando alguma coisa. Eu fui ter esse preconceito no trabalho, quando eu tive que expor que eu estava passando por essa situação, depois tive que expor que eu estava no abrigo. Não era aquele preconceito agressivo, mas um olhar que você sabe que é de preconceito, um comentário pelas suas costas que você sabe que é um comentário de preconceito.

Você já foi impedida de entrar em algum lugar por estar em situação de rua?

Não.

Já entrou em algum lugar e foi ignorada por estar em situação de rua?

Ah, ignorada sim.

Onde, como é que foi?

Em hospitais. Alguns bancos. Porque mesmo estando nas ruas, eu tenho conta bancária. Então assim, já teve dia em que eu não estava tão bonitinha e realmente não mandaram sair, mas me ignoraram.

O que você sentiu?

Ah, revolta. Porque em um país com tanto dinheiro, o que se faz é do nosso bolso, a gente fez aquele Maracanã aqui no Rio e ele foi privatizado. Então, assim, capacidade de dar um Stella Maris pra outros desabrigados nós temos, porque esse aqui não. Mas tem coisas que acontecem aqui e não é divulgada.

Por exemplo?

Crimes. Por exemplo, o último que teve agora foi um deficiente psiquiátrico que tentou estuprar outro deficiente pior ainda, deficiente auditivo e visual. E o outro que é deficiente da perna tentou estuprar uma mulher.

E todo mundo fica sabendo?

Todos.

E o que fizeram?

Ele, até onde eu sei, foi desligado do abrigo. Não sei onde ele está. Também tem outras coisas que, por exemplo, qualquer pessoa da sociedade lá fora da sua casa ia achar um absurdo e ia denunciar pro direitos humanos. Nós temos aqui ratazanas desses tamanho que convivem com a gente. Dizem que é gambá, mas é pra não assustar né. Então assim, realmente tem coisas que... não é divulgado, se for, eu acho que fecha.

Você se considera uma cidadã?

Com certeza, eu voto.

Pelo fato de votar?

Não só pelo fato de votar. Até porque eu tenho direito por ser cidadã a todas as assistências governamentais como segurança pública e a saúde, até porque a clínica da família vem aqui e tudo mais. Então, assim, a partir do momento que eu tenho documentação e sou registrada aqui, eu acho que eu sou cidadã desse país? Até porque eu pago imposto.

Quais são as principais dificuldades de se morar na rua?

Primeiro, a higiene pessoal, alimentação e segurança. Acho que eu nem vejo a segurança porque eu acho que é a mais importante com todos, mas eu sou tão vaidosa que pra mim é a higiene pessoal.

Você já foi abordada pelo Choque de Ordem alguma vez?

Não.

Qual foi a pior coisa que você já presenciou estando na rua?

Não presenciei, também vivi, que foi agressão à mulher mesmo. Eu quase fui estuprada na rua, outra eu fui estuprada realmente, outra, eu fui estuprada na casa de uma amiga. Então, assim, na rua é a pior coisa.

A próxima pergunta seria: você já foi vítima de estupro? Então já... Na rua...

Na rua foi uma pessoa normal. Não era morador de rua, era uma pessoa normal. Quando ele me viu passando, eu era bem nova, e aí ele me pegou, ele estava armado, colocou a arma na minha cabeça e mandou eu deitar no capô do carro sem falar nada. Realmente, eu não ia falar nada.

Essa foi a primeira vez?

É, só que aí eu era bem nova e depois aconteceu...

Quando anos você tinha?

17. Como aconteceu aquela situação eu também fiz um tratamento pra isso. Fiz também todos os exames possíveis e não peguei nada, graças a Deus. A outra foi na casa de uma amiga. Eu estava dormindo e ele abriu o quarto, invadiu e... Eu nem sabia quem era, era um primo dela que foi visitar um dia e tentou. Só que ai eu já era mais esperta, eu já falei que ia chamar a polícia, eu já agredi ele pra tentar afastá-lo e ele não conseguiu. A outra foi por um parente.

Você estava morando na rua?

Não, eu estava morando com o parente. Não foram todas nas rua. O estupro foi na rua, as outras foram tentativas.

Você denunciou na polícia?

Não, não dei. Fiquei traumatizada, mas eu fiz o tratamento psicológico.

Qual a diferença entre ser homem e ser mulher na rua?

A diferença na rua? Bom, primeiro, ser mulher é mais difícil na questão de segurança porque quando você é mulher, você tem que ficar perto de um homem na rua, entendeu? Por mais que você não tenha nada, ou você tem que arrumar um lugar seguro, porque se vir outro homem você não consegue medir a força com ele.

Você ficou perto de algum homem?

Fiquei perto de um casal e ai ele falou que ia ficar de olho pra ninguém mexer comigo, mas antes eu fiquei sozinha e teve muita gente que mexeu comigo nas outras vezes que eu estava sozinha. Mas eu saia fora e dava um jeito de fugir da pessoa. Agora um homem nessa parte da segurança já é mais difícil alguém mexer com ele, mas vai ser difícil uma mulher querer estuprar ele. Agora, na parte de trabalho, se fosse está desempregado na rua, eu acho que o homem vai ter mais chance de conseguir, a mulher é mais difícil.

Por que?

Tem pessoas aqui na rua que não tem documento. Você vai trabalhar de carteira assinada? Você não vai. Agora um homem pode ser um pedreiro, ele pode capinar, poder consertar alguma coisa, uma mulher já não tem muito esses dons. O que ela vai fazer se ela estiver na rua? Suja? Uma babá vai ser meio difícil ela conseguir porque ela está suja. Então, muitas dessas mulheres acabam se prostituindo, a verdade é essa.

Existe alguma vantagem de morar na rua?

Nenhuma. Não desejo isso pra ninguém.

Tem algum problema de saúde?

Só acnase.

Quando você estava na rua, você chegou arrumar algum namorado?

Na rua não. Eu tinha um namorado que ele tinha uma residência.

Você morava na rua e ele tinha uma residência?

Sim. É que quando eu conheci ele, eu morava com o meu pai. Eu entendo assim, ninguém era me obrigado a me ajudar, e ele era só um namorado, e isso foi bom porque se ele realmente gostasse mim, ele ia tentar me ajudar de alguma forma. Ele não tinha obrigação de me ajudar, mas por ser meu namorado, podia tocar no coração da pessoa.

Quais são as melhores lembranças que você de quando você morava na sua casa?

Minha casa? A melhor lembrança é que eu podia escutar musica o dia todo, tocar o meu teclado e ter a minha alimentação e higiene, é o básico.

Você pertence a alguma religião?

Eu fui criada no catolicismo. Sou católica.

Você é formada em Música, né? Qual instrumento?

Piano.

Por que você não trabalha com isso?

Eu já trabalhei. Quando eu morava sozinha, que meu pai já tinha me expulsado uma vez, eu cheguei a dar aula particular. Música, a gente não precisa ter o currículo, né? Acho que é muito melhor você já ter tocado muitos anos, não se pede muito uma licenciatura, uma pós, mas assim, como eu tinha o sonho de ser musicista e não professora e eu tive a tendinite e entortou os meus dedos, eu tive que parar de tocar. Então, se eu tiver que tocar hoje em dia, eu vou tocar o teclado e não piano, que é o que eu aprendi mesmo. Por ser mais pesado as teclas e tudo mais, e também procuro não repetir muito os movimentos pra não agravar a tendinite. E que acontece? Eu seria uma forma de substituir o meu sonho. Já que eu não posso ser musicista, pelo menos eu posso ajudar alguém a ser músico e já fico satisfeita.

Já pensou em tocar aqui dentro para os outros abrigados?

Já, já pensei, mas eu nunca... O que ocorre é uma coisa que tem que ser conversada com a direção, com os técnicos, tem que se os usuários querem participar. Aqui tinha artesanato e não deu certo, então é uma questão complicada, tem que ser trabalhada pra ver e programar direitinho.

O que você espera do futuro?

Meu futuro é ter a minha residência, é ter a minha família, meu esposo e meu filho porque eu sou nova ainda e concluir meu estudos.

O que você quer estudar ainda?

Olha, eu tenho uma grande vontade de fazer advocacia. Sempre quis. Eu fiz UFRJ, fiz UERJ todas as federais que você pode imaginar, depois eu fiz o Enem quando começou a se unificar né, para ganhar bolsas, mas eu não pude fazer.

Agora a gente vai pra segunda parte. O que você entende por jornalismo?

Jornalismo? É a comunicação que dá acesso a outras pessoas à comunicação.

Você costuma se informar por quais meios de comunicação?

Eu prefiro ler jornal.

Qual jornal?

O que eu gosto é o que eu não posso comprar. Eu gosto do Globo.

Por que?

É mais caro. Mas geralmente aqui tem uma pessoa que compra jornal e dá acesso a todo mundo ao jornal, é o jornal comunitário. Geralmente é aquele Extra, o Meia hora. Aqueles jornais mais baratinhos... ou, então, quando eu vou trabalhar, eu leio pelo menos as notícias mais importantes na banca. Porque eu fui dondoquinha, quando eu era mais nova, eu via a Globo News, Band News e esses pra mim são muito diferentes.

Você já consumiu alguma notícia de pessoas em situação de rua?

Engraçado, eu vi uma na tv, somente uma que eu recordo e a segunda eu vi aqui dentro mesmo, nos jornais que ficam aqui nos equipamento. Então, o que acontece, foi um que eu vi na Record, eu estava prestes a ficar na rua e aí eu vi, era um coral de moradores de rua e estava contando as histórias. Uma das moradoras de rua é a historia de um casal, ela é até bem aparentada e ela e o esposo estavam dormindo no chão. E eu vi ela passando por Ramos depois do fim de programa, interessante, né? Eu não sei qual é a historia do fim do programa porque ali tem muitas pessoas que são dadas como desaparecidas e que estão aqui dentro ou estão na rua. Pessoas que fugiram por drogas e por outro motivo. Eu achei interessante porque, às vezes, a família não sabe o que tá acontecendo e no programa dá esse acesso aos parentes deles. Tanto que uma delas que tava grávida voltou pra mãe. A mãe viu ela na tv e ela voltou pra mãe. Ela ficou da menor de idade a maior de idade na rua e teve filho. Então, o programa está dando acesso aos familiares saber o que está acontecendo com essas pessoas. Tem pessoas aqui dentro que estão aguardando os parentes voltar. O meu pai, por exemplo, ele me expulsou, mas ele sabe o que eu to passando? Não. Talvez se ele soubesse, ele me pedia desculpa.

Você voltaria pra casa?

Não. Não porque tem pessoa que não muda e ele teve muita oportunidade de mudar.

Das notícias que você consumiu no jornal, na tv, você achou a forma de representação e o conteúdo adequados?

Sim.

Já foi entrevistada alguma vez?

Não. Esse tipo de entrevista, não.

Você mudaria ou acrescentaria alguma coisa nessas notícias que tratam de população de rua, de mulheres em situação de rua?

Eu mudaria, eu colocaria mais notícias não só uma.

Sobre o que você colocaria?

De mulheres em situação de rua? Por exemplo, pontos que você já tocou, por exemplo, tem muitas que já foram estupradas. Tem uma que saiu daqui, ela era usuária de drogas e foi acolhida pelo abrigo e foi pra médico e tudo mais pra tentar reverter a situação da droga e não adiantou. Ela saia daqui, usava droga e passava a noite fora e depois voltava, ela foi desligada. Aqui, para você passar a noite fora, tem que pedir uma autorização. Se você não pedir essa autorização, você está abandonando, então ela passou várias noites fora e aí uma pessoa me contou que viu ela na rua, drogada e cinco homens se aproveitaram dela. Então, assim, se a gente olhasse em geral não só para as mulheres, mas se a gente olhasse mais a gente, ia ver que tem pessoas que são obrigadas a passar certas coisas, entendeu? Então, assim, ela é usuária de drogas e hoje em dia é considerado um doença, então onde está a sociedade que não olha? Tem pessoas que não sabem o que é isso Ou porque nunca viram ou porque nunca sentiram na pele. As pessoas só olham pra sua vida. Eu vou trabalhar, eu vou estudar, eu quero isso, eu quero aquilo. E o outro?

Na sua opinião, como é que a imprensa poderia colaborar pra melhorar a qualidade de vida de quem mora na rua?

Eu acho que fazendo o que você está fazendo já está melhorando. “Ah, mas ela é só uma”. Mas, de repente, tem outra. Então, assim, eu acho que tem o começo. Eu acho que a comunicação no Brasil ela já é forte, ela se desenvolveu bastante, eu acho. Tanto que ela impõe situações de crime, se mete mesmo, são até agredido muitos jornalista, são até maltratados. Então, assim, eu acho que a comunicação ela já está fazendo essa melhora, só que nesse ponto da rua do morador de rua é não camuflar mesmo é ela passar, isso, isso, isso. É mostrar tudo mesmo, porque no jornal do dia a dia a gente vê o que? E aquela pessoa que tá ali sentada passando fome?

O que você gostaria de ver sobre uma tese sobre comunicação que tratasse de pessoas em situação de rua?

Eu acho que a minha indignação. Eu acho que uma matéria mostrando a renda de uns que é tanto e a de outros... e por isso uns estão na rua e outros em casa de luxo. Seria sobre isso, uma questão de distribuição de renda em relação à moradia.

JESUS, Alessandra Micheli Chthíers Santos de. [9 abr. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora. 20 min.

A entrevista é com a senhora Alessandra Micheli Chthíers Santos de Jesus. A senhora vai autorizar a usar o seu nome real?

É, pode ser, pode.

Qual que é a sua idade?

Eu vou fazer 60.

Profissão?

Doméstica. Eu tava trabalhando em serviço de limpeza nas casa dos outro, fazendo limpeza...

A senhora estudou até que série?

Eu estudei até a 6º série.

Cor?

Branca.

Local de nascimento?

Amazonas

Nasceu no Amazonas? Como é que veio parar no Rio?

O meu pai ele era militar da Marinha, então ele viajava muito pra fora, então ele tinha direito de levar a família, levar a esposa, os filhos e a gente ficava andando assim pelo mundo afora. Ele andou muito, ele ficava querendo trabalhar depois que se aposentou e arrumou outro serviço no sítio e começou a trabalhar a lidar com galinha e ficar no sol quente. A gente não pode pegar sol, eu pelo menos não posso pegar e tive câncer de pele.

Qual é o estado civil da senhora?

Casada.

Casada?

É.

Cadê seu marido?

Foi pra Mato Grosso do Sul, aí houve um problema e eu nunca pude ficar com ele. Eu vou lá pra assinar o negócio de separação...

Divórcio.

É

A senhora tem todos os documentos? Seus documentos?

A identidade, o título...

A senhora mora no Rio há quanto tempo?

Ah, já tem muito tempo, já. Já tem mais de 5 ano de Rio de Janeiro.

Por que a senhora veio morar aqui?

Porque eu pedir toda as minha coisa e não... a assistente social conversou bastante comigo pra mim não ficar na rua e que não era um lugar apropriado e adequado pra pessoa ficar morando na rua.

A senhora tem filhos?

Tenho 3.

E tem contato com eles?

Não, é que eu perdi... com esse negócio da guarda municipal, eu perdi os papel com as foto dos meus filho. Jogaram tudo em cima do caminhão e lá se foi tudo. Número de telefone, tudo.

A senhora não tem contato com seus filhos porque perdeu o telefone deles? Onde que eles moram?

Eles moram em Mato Grosso do Sul.

Junto com seu marido?

É. Eles mora com o pai deles e eu acho que eles ficam mais com a vó e no fim de semana o pai deles vai buscar eles lá prá outra cidade.

Qual cidade que é?

Corumbá.

Por que a senhora não está lá com eles?

Porque eles vive... porque era uma brigaiada demais, queria me bater, aí um dia eu peguei, pra não fazer coisas piores, e coisa e tal, eu peguei e sai fora.

A senhora morava lá em Corumbá?

Morava em Corumbá, aí eu fui até Campo Grande, deixei as criança lá, que eu ia arruma um serviço aqui no Rio e tal. E eu arrumei um serviço aqui no Rio pra mim trabalha, aí eu fiquei doente também e aí deu todos problema, sofri um acidente de carro.

Qual foi a última vez que a senhora teve contato com seus filhos?

Eu não me lembro mais, que eu perdi o endereço e tudo.

Faz mais de ano?

É.

A senhora já teve algum emprego com carteira assinada?

Não, nunca trabalhei com carteira assinada, não.

Atualmente tem alguma fonte de renda?

Agora o bolsa-família.

Quanto que a senhora recebe no mês?

É 70, né? 70 reais.

A senhora já foi presa alguma vez?

Eu não.

Internada em hospital psiquiátrico?

Eu tenho problema de cabeça, assim, de esquecimento. Eu entrei em tratamento pra vê se melhora.

A senhora sofre de alguma doença?

Câncer de pele, muita dor de cabeça. Ah, a tosse. Eu tusso muito. Inclusive amanhã eu ia pro médico, mas diz que... a doutora não tá lá amanhã. E como é que eu vou fazer agora? Eu tô fazendo outro tratamento lá no Andaraí pra isso aqui ó, câncer de pele, mas o Dr. Rodrigo e a Maria Silvia me chamaram e ficou pra daqui 30 dias, agora, agora atrapalha tudo, não vai tá lá amanhã.

A senhora faz ou fez uso de álcool ou ouras drogas?

Nossa, ah não. Eu nunca usei essas porcaria, não.

Quanto tempo que a senhora ficou em situação de rua?

1 ano.

Por que?

Eu queria vê se ia conseguir me levantar pra procurar um lugar. Eu perdi minha casa, tava morando no Costa Barros, mas depois houve um problema lá... essas coisas sabe, de tomar lugar, aí eu precisei sair fora, larguei tudo pra lá e vim embora. Dei sorte e vim pra cá.

E quando a senhora estava na rua, em que bairro a senhora costumava ficar?

Na última vez eu fiquei... no.. Andrade, Andrade Pertence. Fica ali colado no Catete.

Onde que a senhora comia, dormia e tomava banho?

Eu ia lá na casa de uma colega minha pra tomar banho e almoço eu comprava comida lá na D. Rosa, numa pensão.

E dormia onde? Qualquer lugar?

Não, tinha um lugar certo pra mim dormir.

Onde que era?

Lá na rua do Rezende, onde passavam ali pra dar comida pra gente.

A senhora fazia todas as refeições do dia?

Fazia. Comia. Comia bem.

Nunca passou fome?

Não.

Aqui é o primeiro abrigo que a senhora vem?

Não. Eu fui pro Tancredo Neves, aí depois eu sai de lá porque lá é um lugar muito pesado, aí vim pra rua.

O que a senhora acha do abrigo?

Bem, eu acho bom. Não, num é local, mas a gente tá aqui porque a gente tá precisando pra ficar. Onde ficar? No lugar do abrigo pra rua, é melhor aqui. Entendeu? Então, todo mundo me trata bem, não tenho atrito com ninguém aqui dentro, graças a Deus. Quando eu vejo que as coisas tá coisando assim pro meu lado, eu saio fora.

Como que era a sua rotina quando a senhora morava na rua?

Ajudava as pessoa. Ajudava, me oferecia pra levar as coisas, as sacolas pras madames em casa. Eu lavava as calçada, eu pedia pro porteiro de dá a borracha, aí eu lavava e deixava bem limpinho. Eu não gosto de sujeira, eu gosto de limpeza.

A senhora já sofreu algum tipo de preconceito por estar morando na rua?

As pessoas não chegavam perto de mim, eu andava... eu sempre andei assim como eu tô, sempre andei de cabelo cortado. Gostava de tomar banho todo dia de manhã, quando não tinha eu ia lá no CREA de Laranjeiras pra conseguir, eu ia lá tomar banho também.

Já foi pedida de entrar em algum lugar por estar morando na rua?

Já. Inclusive, eu disse pra pessoa, pessoas que é muito metida e eu falei pra ele: “olha, um dia eu subo e você desce, sabe por quê? Por que a pior coisa que tem é a pessoa tá na rua!”. E eu não desejo o mal pra ninguém, jamais eu quero o mal da pessoa, se procurar a pessoa, saber a levar a pessoa, ajudar a pessoa, tudo bem. Agora, eu não vou chegar e botar ela mais pra baixo que a

pessoa já tá. Se você precisa de ir no banheiro e chegava assim: “ah, não pode entrar, não sei o quê”. Aí eu falei: “pois é! Um dia a casa cai. Só quem pode é só quem está gastando? Eu pago imposto”. Pra você tomar uma água, você já tá pagando imposto, se vai tomar um café já tá pagando imposto, não deixa de pagar imposto. Tudo aqui a gente paga imposto, entendeu?

Você já entrou em algum lugar e foi ignorava por estar morando na rua?

Não, só no negócio do banheiro. Mas eu escolhi o banheiro pra evitar de problema eu ia no Mundial, eu ia no banheiro de Laranjeiras ali perto da praça... perto do Bombeiro. Parei muito ali. O pessoal me deu a maior força, graças a Deus. Eu fui muito bem tratada, muito bem recebida.

A senhora se considera uma cidadã?

Ah, sim! Que sai, que pode sair a vontade, ir tranquilamente e voltar né.

Quais são as principais dificuldades de se morar na rua?

Dificuldade? Não pode ter muito excesso de volume na rua senão a fiscalização passa. Eu catava latinha, catava papelão que eu juntava na rua pra arrumar uns trocadinho pra comprar sabonete, tinha outras coisa que eu comprava também, shapoo essas coisas né que eu gostava de tê, até hoje eu gosto.

A senhora já foi levada pelo Choque de Ordem?

Eu fui pelo pessoal lá de Laranjeiras.

Qual foi a pior coisa que a senhora já presenciou na rua?

Ah! Gente ruim de madrugada que queria jogar... nem podia dormir

Queria jogar o que?

Álcool, queria jogar álcool em cima de mim. Eu vi que queria faze isso, aí passou outro moleque e falaram assim, não faz isso com a tia não que ela é gente boa, daí não fizeram nada. Na rua é perigoso.

Qual é a diferença entre ser homem e ser mulher na rua?

Ser mulher é mais perigoso né, corre muito perigo. Homem não. Mas mesmo assim, homem é arriscado.

A senhora já foi vítima de estupro quando estava morando na rua?

Não, não, isso nunca.

Existe alguma vantagem em morar na rua?

A pessoa quando vem morar na rua, ela fica assim andando, procurando um meio de ter uma localidade pra morar. Eu não tinha condições de pagar um quarto e com o bolsa-família também não dá pra pagar, é todo mês 70 reais, aí não dá. Vamo vê agora com esse negócio aí do médico, vamo vê se ele pode me ajudar em alguma coisa.

Você tinha namorado quando morava na rua?

Namorei com um rapaz e esse rapaz tá até doente. Sofreu um acidente e levou duas facadas na coluna. Era só um companheiro. Companheirismo assim, de um sair olhar as coisas, entendeu?

A senhora pertence a alguma religião?

Eu sou católica.

O que a senhora espera do futuro?

Agora... depois que acabar todo esse negócio meu, sair daqui, arrumar um serviço de casa de família pra mim trabalhar, arrumar um dinheiro e alugar um quarto. Agora eu não posso trabalhar por causa disso aqui e eu tô com muita tosse. Apareceu um serviço pra mim, mas a mulher disse que não é porque eu tô morando em um abrigo, não, porque ela conhece esse aqui, mas eu não posso trabalhar porque lá tem criança pequena e, então, não dá.

Agora vamos para a segunda parte tá?

Tá.

O que a senhora entende por jornalismo?

Eu vejo muito jornal toda noite, o jornal da Globo.

O Jornal Nacional?

É.

Todo dia?

Todo dia.

A senhora se lembra de alguma notícia que era sobre população de rua?

Ih, agora... tava falando sobre morador de rua, estava até no jornal, mas não me lembro quando foi, nem me lembro mais.

Como é que o jornalismo poderia colaborar pra melhorar a qualidade de vida de quem mora na rua?

Eu acho... Eu vou falar assim, mostrar que tão fazendo melhoria pra melhorar o lugar por causa do negócio da Copa, aí depois diz que vai tirar o pessoal todo da rua, mas os abrigo não dá pra

isso tudo, entendeu? Não dá. Aí, depois, quando acabar esse negócio da Copa, aí começa aquela bagunça tudo de novo.

Muito obrigada.

MORAES, Neuza de. [19 maio. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

Nome completo?

Neuza de Moraes

Idade?

68 anos

Profissão?

Trabalhei como empregada doméstica e auxiliar de escritório

Cor?

Negra

Grau de escolaridade?

Estudei até o segundo ano do ginásio.

Local de nascimento?

Rio de Janeiro. Nasci no Morro do Jacarezinho.

Estado civil?

Solteira. Morei maritalmente com dois senhores, do primeiro sou viúva, e do segundo, separada porque ele tinha problemas de alcoolismo.

Possui documentos?

Tenho todos os documentos.

A senhora tem filhos?

Não, os dois faleceram.

O que aconteceu?

Ela tinha quatro anos, acho. Acho que foi o Juizado que pegou. Foi na época do Carnaval.

Por que pegaram a sua filha?

Eu não sei!

E o segundo filho?

Também pegaram por causa desse problema meu, que eu faço tratamento psiquiátrico. Então, eu não posso ficar com criança.

O que acontece?

Ih, já fui internada oito vezes, levei dez choques no tempo da Ditadura.

O que o psiquiatra disse que a senhora tem?

É que no meu cérebro falta uma substância para dar o sono, por isso que eu tenho que tomar o remédio. E também por causa da depressão.

O Juizado retirou os seus filhos por causa da depressão?

Eu acho que sim porque eu não tinha condição financeira de cuidar, não tinha casa, não tinha nada. Aí eles pegaram.

A senhora morava onde?

Com uma senhora, porque eu nunca tive casa. Eu morei em muitas casas que eu trabalhei porque eu não tinha onde morar.

A senhora tem contato com a sua família?

O meu pai morreu eu tinha cinco anos. Minha mãe e meu irmão já morreram, um tá vivo, mas não quer saber de mim, não sei por onde anda, não sei onde é a casa dele, nunca fui lá, ele nunca me procurou também. Então, eu sempre vivi em abrigo. Primeiro a Fazenda Modelo, depois o Stella Maris, hoje eu to aqui.

Como a senhora foi parar no abrigo?

Depois que minha mãe morreu, foi um desespero. Aí eu fui seguir minha vida. Eu morava na casa de uma senhora com a Luciana, aí o juiz pegou a minha filha.

E depois, a senhora nunca mais teve notícias da Luciana?

Não. Depois disso que eu fiquei sendo internada, internada, internada, internada, aí fui internada muitas vezes. Fui internada no Pinel quatro vezes, no Instituto de Psiquiatria e até em um hospital em Petrópolis. Eu sofri muito porque eu ficava pelas casas dos outros. Numa dessas internações, eu fiquei sem conseguir fazer nada. Daí essa senhora tinha que me ajudar até a tomar banho.

Quanto tempo durava cada internação?

Um mês, um mês e meio.

Quais suas lembranças dessas internações?

O desprezo, né? Como eu não tinha visita, muitas vezes eu ficava conversando com as visitas dos outros.

A senhora chegou a dormir na rua?

Não, porque quando eu saí de casa de família, que eu respondi mal à patroa, ela me botou eu na rua, mas eu fui direto para a Fazenda Modelo.

Qual a fonte de renda da senhora?

Eu recebi um salário por mês que o governo me dá pela minha doença. Muitas casas recebiam o dinheiro meu e não repassava para o INPS, entendeu? Comecei com 18 a trabalhar de auxiliar de escritório, depois eu saí de lá e fui para casa de família.

O que a senhora faz com o seu dinheiro?

Eu compro minhas coisinhas. Faço meu cabelo, me cuido. Quando precisa comprar remédio, eu compro.

Como foi na Fazenda Modelo?

Eu morei oito anos lá. No primeiro dia que eu cheguei lá, eu fui dormir no chão. Botaram um colchão e eu dormi no chão por, mais ou menos, uma semana, depois eles me deram cama. Eu trabalhei lá, na cozinha. Fazia até comida para os funcionários. Sério! Ajudava, passava manteiga no pão, ia pra lá 5h da manhã. A gente ganhava uma ajuda de custo. Eu gostava, lá eu tinha alguma coisa pra fazer, ainda mais que eu trabalhava na cozinha. Me diziam assim: “Dona Neuza, faz alguma coisa diferente pra gente hoje”. Aí eu fazia. Todo tempo que eu fiquei lá, eu trabalhei na cozinha, oito anos. Eu só não trabalho aqui porque não dá mais pra mim porque eu tenho meus problemas de coluna. Não pode ficar muito tempo em pé, nem sentada porque dói muito.

E como era o cenário da Fazenda Modelo?

O quê? Terrível! (risos). Quando eu cheguei, eu falei assim: “Ih, meu Deus, onde eu fui parar”. Tinha pessoas bêbadas, pessoas drogadas, mas eu consegui viver lá, graças a Deus nunca levei nem um puxão de orelha dos seguranças.

A senhora dividia quarto?

Era um alojamento quase do tamanho de metade de uma quadra. Tinha 20 e poucas pessoas. Do pavilhão D2, eu era monitora e ainda ia para a cozinha trabalhar.

O que tinha que fazer nessa monitoria?

Tinha que tomar conta das idosas. Eu limpava o refeitório. Mas antes de ir para a cozinha, eu lavava o banheiro e deixava tudo limpinho antes de ir para a cozinha.

Depois da Fazenda Modelo, pra onde é que a senhora foi?

Para o Jequitinhonha, no Rio Comprido. Eu fiquei lá uns quatro anos. Do Jequitinhonha, eu fui para o Stella Maris. Lá eu fiquei 5 anos e pouco (risos). Depois do Stella Maris, eu vim pra cá, na Casa do Catete, aqui eu já estou há 5 anos e pouco (risos).

De todos esses abrigos, qual a senhora gostou mais?

Daqui, porque aqui é zona sul, a gente sai aí na frente, tem condução pra tudo quanto é lado. Se você tá com fome e quiser comer alguma coisa, você vai lá fora e tem as lanchonete, entendeu?. Agora, a convivência com as meninas... até que elas não são de mexer com a gente, não, sabe? Só xingam quando xingam elas, né? Tem também idosa que é abusada. Agora eu não, eu sempre me dei com elas, elas sempre me respeitaram. “Oh, dona Neuza, tudo bom? A senhora tá sumida, tá socada lá dentro?”

O que a senhora faz o dia todo?

Varro horta, cuido de planta, viu aquela varandinha lá na frente? Então, aquelas plantas lá sou eu que cuido, eu que molho. E eu já fiz almoço aqui! Sabia? Um dia faltou cozinheira, eu que fui cozinhar. Fiz arroz enfeitado, maionese, assei dois Chester, fritei frango, fiz farofa. Quando foi uma e meia, a mesa estava posta e a comida tava na mesa. O povo adorou!

E qual abrigo a senhora menos gostou?

Quer saber de uma coisa? Eu gostei de todos. Hoje eu tenho meu dinheirinho, dizem para eu alugar um quarto, mas eu não quero morar sozinha porque o remédio que eu tomo, eu apago, não vejo nada. E aí, hoje, com a maldade do mundo...Se eu to lá sozinha, aí entram, me matam. Eu tenho pavor de morar sozinha.

Mas a diretora disse que a prefeitura conseguiu uma casa para a senhora morar...

É, estão conseguindo, mas ainda não saiu, mas não é eu sozinha, não, é eu e dona Sônia.

Como vai ser?

É tipo uma república. Uma casa que vai ser sorteada para os idosos. Nós fomos lá, assistimos às reuniões. Tá pra ir eu e Sônia.

Então, vocês vão sair do abrigo em breve para morar lá?

Isso.

Como a senhora imagina que será a sua casa, sua primeira casa própria?

Tô feliz, mas aí terão outros problemas. Mas vai ter tudo direitinho, a chave. Apesar que eu não sou muito rueira, não, sabe? Mas eu to feliz. Eu vou poder fazer as comidinhas, né? (risos).

Qual é a rotina da senhora aqui?

Aqui, o café da gente é 7h30. Eu acabo de tomar café e deito um pouquinho, porque eu tenho um radinho, aí eu fico ouvindo rádio até umas 8h30, 9h. Depois eu vou varrer a horta, falo que é horta, mas é um espaço de terra. Aí, eu vou ver aquelas pranta lá na frente, aí eu tiro os matinho. Depois eu sempre leio alguma coisa. Tem o horário do almoço, a gente almoça, aí eu deito um pouquinho, depois eu levanto e fico vendo televisão. Três horas tem o café, a janta é 6 horas e depois tem a ceia 9 horas. Eu gosto de ver a novela, né? Mas depois da novela do Manoel Carlos, a gente tem que desligar a televisão. Não pode ver televisão até tarde, não. Às vezes eu vou comprar alguma coisa na rua. Eu gosto muito de suco, né?. Suco de laranja, suco de melancia. Eu vou na lanchonete, tomo um suco.

Tem alguma regra que a senhora não gosta?

Não, eu não ligo, não. Na Fazenda Modelo, eu morava de canto, igual aqui. Então, eu tinha minha televisão 14 polegadas. Eu tinha pote de biscoito, cafeteira, aí eu nem dependia muito da cozinha e trabalhava na cozinha!

A senhora já sofreu algum tipo de preconceito por morar em abrigo?

Se as pessoas souber que a gente mora em abrigo, elas olha a gente meio assim...sabe? Até nas lojas. Uma vez fui comprar meu remédio, aí o rapaz pediu o endereço daqui e eu tive que dar, né? Aí ele me olhava de cima a baixo, porque eu sempre fui arrumadinha, né? O rapaz não acreditou que eu morava em abrigo! (risos).

Qual é a maior dificuldade em se morar em abrigo?

É a convivência com as próprias colegas porque umas já tiveram casas, umas se vai no banheiro, se tá limpo, deixa limpo, mas tem umas que não, que bota papel higiênico dentro da privada. Essas convivências assim.

Cite alguma situação de medo que viveu em abrigo.

Uma vez veio um travesti pra cá (risos). Ele disse que tinha vindo porque tinha batido em uma senhora no outro abrigo. Aí eu ficava constrangida porque ele tinha pênis e com medo também (risos). Eu era curiosa, sempre que ele saía do banheiro, a tampa da privada estava levantada e ele dormia no meio da gente.

E quais são as vantagens de se morar em abrigo?

Olha, meu amor, a gente mora em abrigo porque precisa porque a gente tem que obedecer regras, né? Às vezes se tá com fome, mas tem que esperar o horário da alimentação. Se você tá na sua casa, você faz um negocinho e come, né? Aqui não pode, tem que esperar. Às vezes a comida não é aquilo que você quer comer. Na Fazenda Modelo a alimentação era melhor. Lá era pão francês, tinha 4 hortas. Não tem privacidade. Mas, eu tenho liberdade de ir e vir, só não posso chegar aqui dez horas da noite.

A senhora tem mais alguma doença, além da depressão?

Tenho artrose, dor na coluna, dor nas "cadeiras". Não posso ficar nem muito tempo em pé, nem muito tempo sentada.

Quando a senhora morava em casa de família, quais são as lembranças?

Muitas lembranças: as mesas chiques que eu coloquei! Os chás das 5, muitos jantares. Essas mãos aqui serviu a desembargador, assessor de Ministro da Fazenda, eu trabalhei para o assessor do Delfim Neto, um juiz, um desembargador, trabalhei para uma advogada criminalista, a Dra Raquel. Ih, trabalhei para muita gente. Botava mesa francesa, aqueles pratos lindos! Hoje não tem mais, né?

Do que a senhora sente falta dessa época?

Eu sinto falta assim...da família. Dentro de mim, eu sinto falta de não ter meu marido, meus filhos, minha casa, porque quando a gente tem a nossa casa, a gente tem a nossa história, né? Quando eu me sinto muito amargurada, muito para baixo, eu começo a cantar baixinho "já te dei meu corpo, minha alegria, estanquei meu sangue, quando fervia. A voz que me resta, olha a veia que salta, olha a gota que falta pro desfecho da festa, por favor, deixa em paz meu coração, ele é um pote até aqui de mágoa, e qualquer desatenção pode ser a gota d'água".

E dos abrigos?

Tenho saudade dos educadores que me aguentaram. Das festas juninas da Fazenda Modelo, nunca teve igual! Oba!

A senhora não tem mais contato com nenhum deles?

Ninguém sabe por onde eu ando. Mas se tivesse contato seria uma boa, né? (risos)

A senhora pensa nos seus filhos?

Pensar eu penso, mas, ao mesmo tempo, é uma amargura tão grande porque eu não pude ficar com eles. Um faleceu, Deus levou, o João Marcelo. E a outra, Luciana, deve estar com seus 40 e poucos anos, mas eu não posso ficar com ela porque ela era excepcional, por isso que ficou com

o juizado. Se eu pudesse dar o que eles precisam...mas eu não tenho condição, não tenho onde morar, vivo de abrigo em abrigo. Graças a Deus porque aqui eu tenho um teto. Eu saio, mas tenho endereço para voltar. Tenho minha caminha limpinha, que eu também ajudo a conservar porque eu sou muito limpa, graças a Deus, né? Agora vou ganhar minha casinha, fica melhor ainda. E se não ganhar, continuo em abrigo (risos). Não quero morar sozinha, não. Se for pra morar sozinha, eu prefiro ficar no abrigo porque aqui eu tenho minhas colegas. A não ser que eu morasse com alguma família, aí é diferente. Se eu achasse uma família que me quisesse, eu iria!

Algum sonho que deseja realizar?

Ter a minha casa.

Se a senhora pudesse mudar alguma coisa na sua vida, o que a senhora mudaria?

Tudo! Ia ter minha casa, meu marido, meus filhos, minhas coisas.

1- Extrair dados sobre a vida do entrevistado/situação de rua

- Nome do entrevistado:
- Vai autorizar usar o nome real ou prefere um fictício?
- Idade:
- Sexo:
- Profissão:
- Grau de escolaridade:
- Raça/Cor:
- Local de nascimento:
- Estado civil:
- Possui documentos? Quais?
- Mora na cidade do Rio de Janeiro há quanto tempo?
- Por quê? Qual a motivação para morar no RJ?
- Por quantas cidades já passou?
- Possui filhos/família ou laços familiares?
- Onde eles vivem?
- Tem contato com a família? Com que frequência?
- Já teve algum emprego formal, com carteira assinada? Por quanto tempo?
- Tem alguma fonte de renda? Qual o seu ganho médio semanal/diário?
- Já foi internado em alguma instituição (presídio, hospital psiquiátrico)? Por qual motivo?
- Faz uso de álcool ou outras drogas? Há quanto tempo?
- Há quanto tempo está em situação de rua?
- Por que está em situação de rua?
- Onde dorme, come, toma banho?
- Qual bairro costuma ficar no município do Rio de Janeiro quando dorme na rua? Por quê?
- Faz quantas refeições por dia?
- Utiliza serviços de abrigo público?
- Como avalia a qualidade desses abrigos?
- [Para quem não dorme em albergue] Quais os motivos para não dormir em albergue?
- Qual a sua rotina nas ruas?
- Já sofreu algum tipo de preconceito? Qual?
- Já foi impedido de entrar em algum estabelecimento? Por qual motivo?
- Você se considera um cidadão? Por que?
- [LEITURA DOS DIREITOS DO CIDADÃO: OK OU VIOLADO]
- Quais as principais dificuldades em se morar na rua?
- Já foi “recolhido” pelo Choque de Ordem?
- [Se sim] Qual o horário que isso aconteceu e como foi?

- Pior coisa que já presenciou na rua?
- Qual a diferença entre ser homem e ser mulher na rua?
- Aponta alguma solução (para eventuais problemas)?
- Já foi vítima de estupro?
- Existe alguma vantagem em viver nas ruas?
- Tem ou teve algum problema de saúde?
- Como se trata/se tratou?
- Utiliza preservativo nas relações sexuais?
- Quais as melhores lembranças que você tem de quando morou em uma casa (se foro caso)?
- Pertence a alguma religião?
- Participa de algum movimento, do Movimento Nacional da População de Rua?
- O que você espera do futuro? Tem algum sonho que deseja realizar?

2- Extrair dados sobre as notícias jornalísticas

- O que você entende por jornalismo?
- Você costuma se informar através de algum meio de comunicação?
- Com que frequência?
- Você já consumiu alguma notícia que tratava de população em situação de rua? O que achou?
- Você se sentiu representado nessa notícia?
- Já foi entrevistado alguma vez?
- [Se não] Como você imagina que sejam as notícias sobre pessoas que vivem na mesma situação que a sua?
- O que você mudaria/acrescentaria/eliminaria no relato?
- Na sua opinião, como a imprensa poderia colaborar para melhorar a qualidade de vida das pessoas que moram nas ruas?
- O que você gostaria de ver numa tese sobre Comunicação?

Questionário para pessoas que trabalham com a população de rua

- Nome do entrevistado:
- Vai autorizar usar o nome real ou prefere um fictício?
- Idade:
- Sexo:
- Profissão:
- Grau de escolaridade:
- Local de nascimento:
- Trabalha com a população em situação de rua há quanto tempo?
- Onde? Como?
- Você sente medo deles?
- Quais os desafios de se trabalhar com esse público? (problemas e gratificações)
- Existe alguma diferença (no seu trabalho) na forma de tratar/lidar com as mulheres em situação de rua ou é exatamente o mesmo tratamento dispensado aos homens?
- Quais as principais reclamações das mulheres em situação de rua na sua área?
- Alguma situação marcante no seu trabalho que envolva alguma mulher em situação de rua.
- [MULHERES] Como você imagina que seria a sua vida se você estivesse em situação de rua?
- É a favor ou contra o recolhimento compulsório?

Sobre jornalismo

- Na sua opinião, qual é a função do jornalismo?
- Você acompanha as notícias que saem sobre população em situação de rua?
- Se sim, em qual veículo?
- Há quanto tempo?
- Notou alguma diferença na cobertura jornalística desse tema nos últimos anos?
- Nota alguma diferença na cobertura jornalística desse tema em veículos de comunicação diferentes?
- Você se lembra de alguma notícia que consumiu recentemente sobre este assunto?
- Você se lembra de alguma notícia que consumiu recentemente cujo foco era a mulher em situação de rua?
- Você concordou ou discordou com a forma com que o assunto foi tratado?
- O que poderia ser melhorado (em caso de descontentamento)?
- Em quais pontos a imprensa acerta e erra em relação às notícias sobre população em situação de rua? Mulheres de rua?

- Você já foi entrevistado alguma vez em função do seu trabalho com a população em situação de rua?
- (Se sim) Quando? Qual era a pauta?
- (Se sim) Você se sentiu confortável com a imprensa?
- (Se sim) A sua resposta foi influenciada/norteada por algum comentário do jornalista?
- (Se sim) Você gostou do resultado/da notícia final? Por quê?
- Você acha que mídia e população de rua tem um bom relacionamento? Por quê?
- (Se não) O que poderia consolidar o bom relacionamento entre mídia e população em situação de rua?
- O que pode ser feito para diminuir a quantidade de pessoas vivendo nas ruas? Ou melhorar a qualidade de vida delas?
- De que forma a mídia pode contribuir para isso?
- A mídia é “amiga” (ajuda) ou “inimiga” (atrapalha) dos profissionais que trabalham com a população em situação de rua? Por quê?
- A mídia é “amiga” ou “inimiga” da população em situação de rua? Por quê?
- Se você fosse jornalista, qual pauta gostaria de abordar?